

Disponibilização: Soryu

Tradução e Pré- revisão: Susana

Revisão Inicial: Thay

Revisão Final: Leya Santana

Leitura Final e Formatação: Macris Sá



Josephine Lis

Um Disfarce

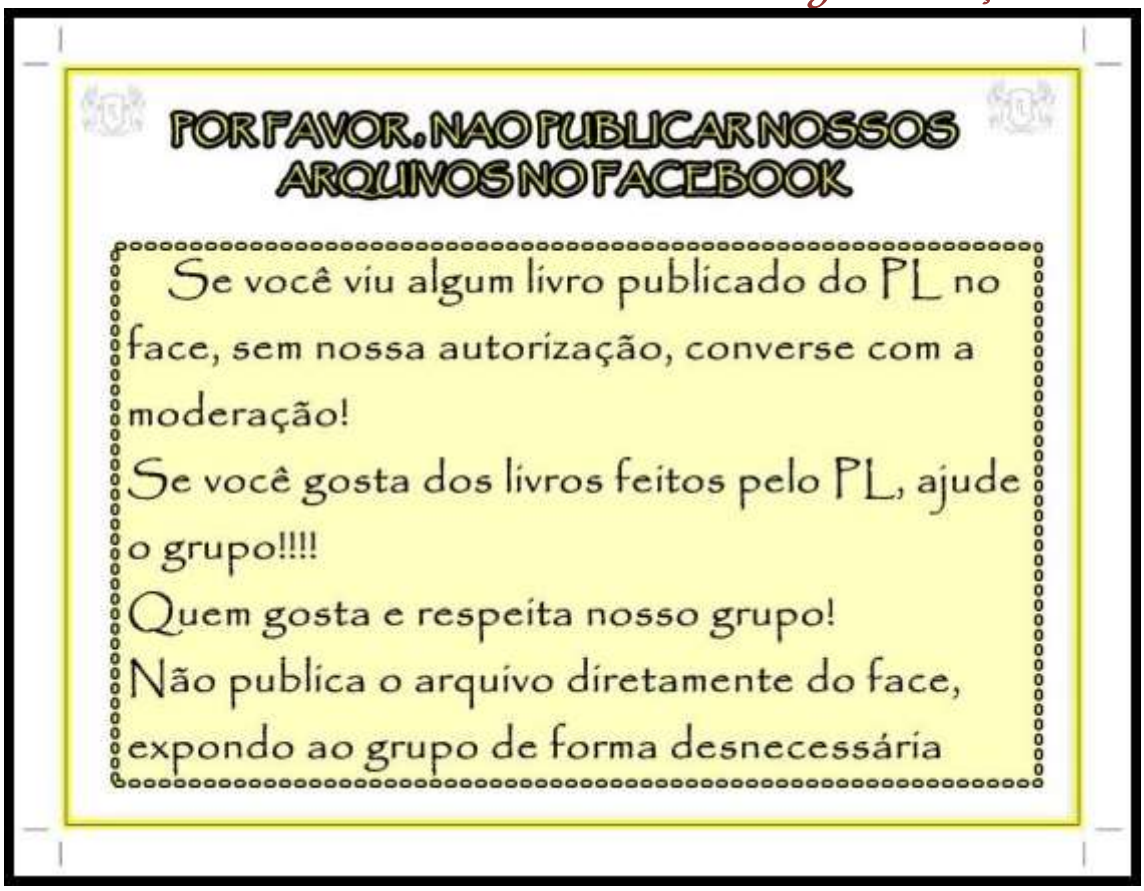
Para Uma Dama

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."


POR FAVOR, NAO PUBLICAR NOSSOS ARQUIVOS NO FACEBOOK
Se você viu algum livro publicado do PL no face, sem nossa autorização, converse com a moderação!
Se você gosta dos livros feitos pelo PL, ajude o grupo!!!!
Quem gosta e respeita nosso grupo!
Não publica o arquivo diretamente do face, expondo ao grupo de forma desnecessária


" Não aceitaremos reclamações sobre as traduções do grupo!, Não gostou, leia o livro no idioma original"
Equipe Pégasus Lançamentos



A minha avó Carmen, a mulher mais valente e boa que conheci.

A meus pais, que são os defensores de meus sonhos.

A minhas irmãs Chelo, Gema e Carmen, que sempre estão ao meu lado.

A minha tia Chelo, que é como minha segunda mãe.

E ao Fran que me ensinou quão belo é amar.

Amo muito a todos.



Argumento

Depois de ter vivido com sua tia Francesca longos anos em Veneza, Emma Bright deve voltar para Inglaterra, sua terra natal, chamada por seu pai que planeja casá-la com um velho duque. Zangada com os planos escusos de seu pai, que nunca a quis e só se interessou por ela quando podia fazer de seu casamento uma atividade lucrativa, Emma decide disfarçar-se para fazer com que seu suposto noivo a rechace. Sua governanta, Kate, uma atriz aposentada, ensinou-lhe as artes da caracterização e como compor um personagem, técnicas que Emma aprendeu a dominar à perfeição. Podia transformar-se em quem se propusesse em questão de minutos.

Logo depois de encontrar-se com seu pai em Londres e dos maus entendidos ocorridos, graças a sua caracterização, o Duque finalmente a rechaça; com os planos de seu pai destruídos, Emma decide escapar, para não ser obrigada a levar uma vida que não deseja.

Em meio a sua fuga, encontra uma jovem criada em apuros e decide ajudá-la. Para isso a envia para Itália com sua tia e Emma toma seu lugar e seu trabalho no Cravencross Park, a residência do Marquês de Stamford. Apresenta-se com uma aparência opaca, para evitar que os homens a notem. Ali conhece Lucien, o irmão rebelde do Marquês, por quem se apaixona perdidamente. Mas ele a rechaça, porque suas maneiras desinibidas não são consideradas apropriadas para educar a família de um Marquês. Entretanto, sua audácia o cativa e não pode deixar de pensar nela mesmo com sua aparência.

Mas o disfarce cai. E Lucien já não é capaz de mentir a si mesmo. Poderá vencer seus preconceitos e aceitar a Emma tal como é?

Prólogo

Londres, 1825.

Lady Vittoria Bright, Condessa de Kensington, passeava pela saleta enquanto sua empregada preparava as coisas para a partida de sua filha Emma.

— Meu Deus, Kate! Como vou poder seguir sem minha pequena?

Mal saíram as palavras de seus lábios, aquietou mentalmente todo desejo, afogando toda dor que sentia ao afastar-se de sua filha. Sabia que era o melhor. Não queria que o futuro de sua pequena fosse igual ao seu. Sob o domínio de um homem como Andrew Bright, o mais inteligente era mantê-la à distância.

Kate, sua empregada há dez anos, parou de dobrar os pertences de Emma para olhar a sua senhora e amiga.

— Vittoria, esforçou-se muito para conseguir que lorde Bright aceitasse deixar Emma partir para duvidar agora.

Vittoria a olhou com ar de resignação.

— Sei, sei. Foi minha ideia e não estou arrependida. Sei que se ficasse aqui, poderia... Oh, Deus, não quero nem pensar no que poderia obrigá-la a fazer assim que se convertesse em uma mulher.

Kate se aproximou de sua senhora e segurou suas mãos.

— Não se preocupe, conseguiremos.

— Sim, deve prepará-la, Kate. Você pode. Instrua-a em suas artes para quando chegar o momento de enfrentá-lo seja capaz de enganá-lo.

— Pode confiar em mim. Ensinar-lhe-ei tudo o que sei.

Vittoria deixou escapar um suspiro como se tirasse um grande peso de cima.

— Obrigada, Kate. Ficarei para sempre agradecida.

— Não diga isso. Sabe que quero a Emma como se fosse minha própria filha. Faria qualquer coisa por ela.

Vittoria sorriu ao escutar as palavras comoventes de sua empregada.

— Quando estiver longe de mim, poderia recordá-la o quanto a amo?

— Vittoria, ela já sabe.

— Sim, mas não sei quanto tempo passará fora e é tão pequena... Não quero que me esqueça. Dirá?

— Todos os dias. — Sentenciou Kate.

— Obrigada.

Vittoria respirou fundo para afastar as lágrimas que teimavam em sair de seus olhos.

— Vou vê-la. Termina de empacotar suas coisas. Não se esqueça de colocar a Hezel em sua mala.

Hezel era a boneca de trapo de Emma. Vittoria a tinha feito quando sua filha tinha só dois anos, que desde então não se separou dela.

— Sim, certamente. — Disse Kate com um sorriso nos lábios. — Eu não gostaria de ter que voltar da Itália por ela.

Kate viu como Vittoria desaparecia pela porta do dormitório de Emma. Gostaria de poder ajudá-la mais. Tê-la tirado daquele inferno que foi seu casamento e lhe devolver assim parte do que fizera por ela, mas isso era impossível. Vittoria Bright lhe tinha estendido a mão quando mais necessitara. Dez anos atrás, quando um acidente lhe deixou sequelas visíveis e a carreira que conquistara com tanto esforço se desvanecia sem que pudesse evitar. Toda a fama que tinha conseguido com sua arte, como atriz do Drury Lane, não serviu para nada e acabou na rua. Isso a levou a andar em companhia de pessoas de reputação duvidosa.

Vittoria a conheceu quando estava a ponto de cruzar a linha. Lady Bright, que sempre tinha sido uma grande amante do teatro e dos clássicos, reconheceu-a quando se dispunha a roubar à duquesa de Winchester. Salvou-a de cometer essa estupidez lhe oferecendo um trabalho como sua criada pessoal. Com o tempo, não só lhe concedeu isso, mas também sua mais sincera amizade. Deu uma lição, a ela, que pensava que tinha visto tudo. Ensinou que ainda existiam pessoas nobres e de bom coração, capazes de preocupar-se com os outros sem esperar nada em troca. No mundo em que ela vivera aquilo era praticamente impensável.



Vittoria se aproximou da pequena cama com dossel situada sob a janela do quarto de Emma. Sorriu ao recordar como sua filha tinha suplicado que a colocassem ali para poder ver as estrelas durante a noite. Aquilo em Londres era bastante difícil, mas a Emma não importava.

Sabia que sua filha estaria bem. Sua irmã Francesca, a única parente que lhe restava, cuidaria dela como a uma princesa.

Francesca sempre fora como um sopro de ar fresco. Impulsiva e rebelde fizera sua infância carregada de risadas e maravilhosas lembranças. Com a morte de seus pais, converteu-se no pilar em que apoiar-se e o ombro no qual chorar. Depois Vittoria conheceu Andrew e não voltou a vê-la. Sentia muita vergonha que sua irmã descobrisse a classe de mulher que se tornou. Agora teria que se inteirar de sua história, não por seus lábios. Mas ao saber que sua pequena estaria a salvo, sentia-se compensada por esse pesar que a embargava cada vez que imaginava a reação de Francesca ao inteirar-se de como tinha sido sua vida.

— Mamãe!

Vittoria se sentou na cama enquanto sua filha, ainda meio adormecida, chamava-a. Com seu rostinho em forma de coração, era o mais bonito que tinha visto na vida. Esse era um dos motivos que a levaram a tomar a decisão. Com então cinco anos, já se podia vislumbrar a beleza de Emma. Não tinha dúvidas de que seria uma mulher muito bela, mas como tudo naquela casa, para seu marido, era uma arma poderosa. Não. Sua filha não seria uma marionete, nunca. Jamais! Antes teria que passar por cima dela.

— Mamãe, é você?

Emma esfregou os olhos com os punhos fechados tentando sair de sua letargia.

Seus cachos de cor vermelha como o fogo se moveram ao virar-se para sua mãe.

— Sim querida, estou aqui.

Emma olhou-a com seus enormes olhos verdes.

— Já é dia, mamãe?

— Não preciosa, mas não falta muito.

— Hoje é quando vamos ver o mar?

— Sim. — Respondeu com a voz estrangulada pela emoção. — Hoje verá o mar, tomará um navio e logo estará em casa de tia Francesca.

— E você não vem?

— Não, meu amor, já lhe disse várias vezes. Mamãe tem que ficar, mas Kate e sua tia estarão contigo.

— Mas por que, mamãe?

— Porque devo ficar e a sua tia terá a companhia maravilhosa da menininha mais doce que existe.

— Essa sou eu. — Disse Emma com uma risadinha.

— Exato. Verá lugares novos, conhecerá outras pessoas. Será

uma aventura e quando estivermos outra vez juntas terá um montão de coisas para me contar.

Emma se jogou em seus braços e foi praticamente impossível aguentar o nó que prendia sua garganta.

— Querida, tenho algo para você.

— O que?

Vittoria tirou o medalhão que tinha pendurado à altura do coração e o estendeu a Emma.

— Mamãe, vai me dar seu medalhão?

— Sim, para que me veja sempre que tiver vontade.

— Mas isso não pode ser. — Disse-lhe Emma, franzindo o narizinho, como se sua mãe houvesse dito a maior tolice do mundo.

— Olhe.

Vittoria abriu o pendente e ficaram à vista duas metades ovais de prata. Em uma delas estava seu retrato em miniatura.

— Mas é você!

— Claro, veja? Pode abri-lo quando o desejar

— E o que é isto? — Perguntou a filha assinalando a outra metade do medalhão.

— É o escudo de seu pai.

— Mas papai não tem um trevo em seu escudo. Eu o vi em cima da chaminé e é uma águia.

"Deus" pensou Vittoria, "como explicar a uma menina que quem acredita ser seu pai não o é em realidade?".

— Emma, este é o escudo de seu verdadeiro papai.

— Então Andrew não é meu papai?

— Não, carinho, mas é um segredo.

— Por quê?

— Porque ninguém deve saber. Só nós duas.

— Kate sabe?

— Sim filha, Kate sabe e algum dia te contará a história.

— Por que você não a conta agora?

— Porque ainda és muito pequena para entender certas coisas.

— Sou maior mamãe, tenho todos estes anos! — Disse-lhe Emma levantando a mão com os cinco dedinhos bem abertos.

— Sim, minha vida, é maior, mas não o suficiente.

— Virá para ver-me, mamãe?

— Espero.

Vittoria abraçou de novo a sua filha consciente de que essa esperança era vã. Beijou-a uma e outra vez aconchegando-a em seu colo e pedindo a Deus que cuidasse dela, porque algum dia sua pequena teria que enfrentar o próprio diabo.

Capítulo 1

Veneza, 1840.

— Maldição!

— O que ocorre?

Francesca di Buorini levantou repentinamente a cabeça do livro que estava lendo ao escutar a maldição de sua sobrinha. Emma tinha um gênio muito vivo e às vezes a boca a traía.

— O que há na carta?

— É de meu pai. Diz que é hora de voltar para casa.

— Para casa? Que casa? Esse homem não sabe o que é isso. Minha irmã viveu e morreu em um inferno. Essa é a única casa que Andrew conhece.

Emma lia uma e outra vez as linhas que lorde Bright lhe escrevera, como se dessa maneira pudesse mudar seu sentido.

— Acreditei que não me faria voltar.

— Eu também. — Disse Francesca, franzindo o cenho.

— Quando sua mãe morreu pensei que te chamaria para que retornasse, mas não o fez. Assim, pergunto-me: por que agora?

— Não diz. Só me ordena que tome o primeiro navio que vá para Inglaterra.

— Pois não irá.

— Sabe que não posso me negar. Até que faça vinte e um anos ele é meu tutor legal.

— Nem sequer é seu verdadeiro pai.

— Pela lei, sim o é. Ninguém sabe a verdade, só você e eu, e assim deve continuar a ser. É meu pai, assim consta em minha certidão de nascimento e, portanto, não se conseguiria nada revelando a verdade, só que o nome de minha mãe acabasse arrastado pela lama.

Em vida minha mãe teve que aguentar que unissem seu nome a um dos piores insultos que uma mulher pode suportar. Sabe do que ele seria capaz se me negasse a retornar a Inglaterra, e não quero que te ocorra nada por minha culpa.

— Não sou uma menina, Emma Bright. Sei me cuidar e seu pai ou o que quer que ele seja não me dá medo, tenho vontade de retorcer seu aristocrático pescoço há muito tempo.

— Sei que não tem medo tia, mas deveria respeitá-lo e não vou arriscar-me. Irei a Londres e farei aquilo para o que Kate me preparou.

— Acredita poder enganá-lo? É muito ardiloso, Emma.

— Eu serei ainda mais ardilosa.

—Deverá ter muito cuidado. Se o que deseja for o que imaginamos, terá que ser muito convincente.

— Duvida?

— Não. — Sorriu Francesca. — Mas, olhe-se no espelho. Sei que não é consciente de sua beleza, mas tem que ver como os homens a olham para compreender o que lhe digo. Vai ter que fazer um milagre para dissimulá-lo.

— Lembra-se da anciã que há dois dias lhe pediu esmola na Praça de São Marcos?

— O que tem isso agora? Juro Emma, que às vezes me desconcerta.

Emma tomou o xale que sua tia levava sobre os ombros e interrompeu com um sinal o que ia ser um protesto.

Dirigiu-se para o espelho e colocou o lenço sobre a cabeça. Depois pegou uns bolinhos que estavam em cima da bandeja do chá e os meteu na boca. Do bolso esquerdo de seu avental de trabalho, que utilizava para pintar aquarelas, extraiu uns pigmentos especiais. Em menos de cinco minutos voltou-se imitando o andar de uma anciã cansada pelo passar dos anos.

Com uma voz rasgada e acento alemão, estendeu uma mão para sua perplexa tia.

— Poderia me dar umas moedas *Fräulein*?

— Pelos pregos de Cristo! — Exclamou Francesca levando a mão ao peito. — É incrível! Foi você?

— Exato.

— Sua própria mãe jamais a reconheceria. Parecia uma anciã que não tinha nem o que comer.

— Ainda pensa que não sou capaz de enganá-lo?

— Não, mas deve ter em conta que não estará uns poucos minutos com ele, mas viverá sob o mesmo teto. Não poderá cometer nem um só engano.

— Não me descobrirá. Tenha fé em mim. Além disso, espero que minha presença ali seja breve. Assim que compreender que não sirvo para seus propósitos me mandará de volta, verá.

Sua tia desviou o olhar que tinha escurecido visivelmente. Emma se aproximou dela e ajoelhando-se tomou suas mãos.

— O que a preocupa, tia?

— Preocupa-me tudo. Esforcei-me para te preparar o melhor possível, mas é jovem e ainda não viu o gosto amargo da vida. Há pessoas que são cruéis, egoístas, ambiciosas, que não temem as consequências de seus atos porque não têm consciência. Minha irmã se casou com uma pessoa assim e me acredite, sua mãe também era uma mulher muito inteligente.

— Mas você mesma alertou-me, tia, preparou-me. Viajei contigo por todo o continente. Sei falar quatro idiomas perfeitamente. Estudei filosofia, ciência, história, literatura e tenho lido tudo àquilo que cai em minhas mãos. Falei com teus amigos, grandes homens e mulheres, cientistas, artistas que modificarão este mundo e Kate me ensinou a arte do transformismo. Ensinou-me a adotar distintas identidades e a

interpretar um personagem como se fosse eu mesma. Tia olhe-me. Não posso estar mais preparada.

— Mas que experiência você tem? Fala-me de teoria, mas o que ocorrerá quando tiver que enfrentar uma situação real, a um homem de carne e osso?

— Posso rezar tia. — Disse Emma sorrindo.

— Não estou para brincadeiras, menina! — Exclamou Francesca.

— Já sei, mas queria que deixasse de franzir o cenho como se quisesse matar alguém. Chamou-me de menina e isso me deixou nervosa. Não o fazia desde que fiz quinze anos e me disfarcei na festa que deu em Bruxelas.

Francesca teve que sorrir a seu pesar.

— Sim, é verdade, mas é que naquele dia tive vontade de lhe dar umas boas palmadas. Fazer-se passar por um jovem Conde francês... Lady Bascombe babou por você durante toda a noite e seu marido esteve a ponto de te desafiar a um duelo quando disse que deveria controlar melhor a essa velha harpia que tinha por esposa. E para rematar discutiu com o coronel Von Friedrich sobre a política do príncipe Klemens Von Metternich-Winneburg.

Emma soltou uma gargalhada ao recordar a cara do pobre Coronel.

— Sim, acreditei que aquele dia teria um ataque. Disse-me que não admitiria críticas ao homem que tinha sido a alma do Congresso de Viena e que restaurou o equilíbrio político. Mas o que eu ia fazer? Estava me fazendo passar por um jovem e impetuoso Conde francês.

— Sim. Tenho que confessar que às vezes incorpora tanto o papel que me dá medo.

— Para lhe dizer a verdade. — Disse Emma com um olhar brincalhão. — Naquele dia não o fiz porque me deixei levar pelo

personagem. Queria irritar o Coronel. Sempre com sua postura imperturbável e seu bigodão... — Emma fez uma careta com os lábios simulando que tocava o grande bigode que Von Friedrich exibia com tanto orgulho.

— Pois conseguiu. Não sabia que esse cavalheiro tinha um tic nervoso no olho direito até aquela noite. A princípio, pensei que estava tentando seduzir a tudo o que usasse saias, com tantas piscadas. Mas, não nos desviemos do tema. Entenda-me Emma, sua mãe a deixou em minhas mãos. Confiava em que eu te cuidaria e te protegeria, e nestes momentos não sinto que esteja fazendo nenhuma das duas coisas.

Emma olhou fixamente sua tia, que se via angustiada. Sempre parecia tão segura de si e tão serena, que vê-la assim a fez duvidar por uns instantes de sua própria determinação. Possivelmente sua tia tivesse razão e ela fosse uma ingênua. Acreditava-se suficientemente preparada para sair graciosa daquela farsa, mas a verdade é que Francesca estava certa. Ao lhe perguntar sobre a experiência que tinha. Apesar de ter viajado, de ter conhecido pessoas fascinantes e de ter atravessado situações que muitas garotas de sua idade nunca teriam considerado possíveis, a verdade era que nunca tinha tido que enfrentar um perigo verdadeiro. Sua tia sempre tinha estado ao seu lado. Inclusive nas ocasiões em que sua própria temeridade a tinha levado a desafiar as convenções sociais e a razão, não havia sentido nenhum temor. Todo esse arrojo que alguns chamavam valentia, e que sua tia denominava estupidez, pela primeira vez lhe fraquejava e, para seu pesar, não sem fundamento. Realmente, saberia enganar ao homem que arruinou a sua mãe? Tentando tranquilizar a sua tia e a si mesma, Emma respirou profundamente antes de falar.

— Tia Francesca, você nunca falhou. Preparou-me e me converteu na mulher que sou e por isso serei eternamente grata. Foi uma mãe para mim e a amo por isso, mas sabíamos que cedo ou tarde

isto aconteceria. Agora só falta levantar o pano de fundo e esperar que a representação seja perfeita.

— Como consegue?

— O que?

— Que tudo pareça tão simples.

— Não sei, mas assim é como vejo e de verdade sinto que tudo vai acabar bem. Confie em mim.

— De acordo. Conte exatamente o que tem em mente.

Emma sorriu.



Um tempo depois, na solidão de seu quarto, Emma olhava as águas do Adriático[1] tentando desterrar a sensação de alarme do momento em que leu a carta de seu pai. Seu pai... Que ironia! Essa palavra que deveria soar bela em seus ouvidos não significava nada para ela, só a deixava vazia. Quando saía de seus lábios conferia um sabor amargo, impossível de evitar e apesar de lembrar-se apenas dele, odiava-o pelo que tinha feito.

Kate só lhe contara retalhos de uma história carregada de dor: a de sua mãe, que tinha sofrido pela ambição desmedida de um homem inescrupuloso. E agora esse cínico reclamava que ela voltasse para lhe dar uma vida da que todos tinham tentado protegê-la, mas a tinham ensinado a defender-se. Havia chegado o momento de fazer uso de todo esse aprendizado.

Seria obrigada a ter a mesma vida de sua mãe? Não permitiria. Sua mãe submetera-se as suas ordens para protegê-la, mas não deixaria que fizesse o mesmo com ela. Não falharia assim a sua

[1] O **Mar Adriático** é uma parte do mar Mediterrâneo, um golfo muito alongado fechado ao norte. Ele banha o norte e o leste da Itália e o oeste da península balcânica.

memória e ao sacrifício que fizera para que ela tivesse uma oportunidade.

Tomou o medalhão que descansava sobre seu colo com dedos trêmulos, como fazia sempre que queria lembrar-se de sua mamãe. Era a única lembrança, apesar de seus esforços para não esquecer, que permanecia fiel em sua memória. Todas as outras tinham se diluído com o transcorrer dos anos sem que nada pudesse fazer para retê-las. As únicas que restaram eram pequenos momentos. Uma canção, um aroma, alguma sensação.

Tinham transcorrido quinze anos, mas algumas vezes ainda se sentia como a menina que procurava os braços de sua mãe para aconchegar-se, sabendo de que nada de ruim poderia acontecer entre seus braços.

Tinha desdobrado todo seu otimismo e segurança ante sua tia, mas calou a pontada de temor que sentia. "Devo ter fé em mim mesma", disse-se pela centésima vez. Podia fazê-lo, devia fazê-lo. Emma sacudiu a cabeça a ambos os lados como se despertasse de um sonho ruim. Mas o que lhe acontecia? Ela nunca tinha sentido medo ante uma provocação, pelo contrário, sempre a estimulava o risco, fazia-a sentir-se viva. "Um momento de debilidade qualquer um tem", pensou.

Correu as cortinas que emolduravam a janela de seu quarto enquanto voltava a repassar seu plano. Olhou para a cama sobre a qual tinha as malas preparadas para a viagem. Já não havia volta e com um leve suspiro terminou de recolher suas coisas.

Londres, algumas semanas depois.

— Estou muito contente de que esteja de novo em casa. Aqui é

onde deve estar. Com sua verdadeira família.

Emma contemplou através de seus enormes óculos ao lorde Andrew Bright, sétimo Conde de Kensington. Essas tinham sido as duas primeiras frases coerentes que seu pai tinha podido articular desde que os dois se sentaram no escritório fazia mais de quinze minutos.

Emma tinha conseguido seu objetivo principal: impressionar a seu pai até deixá-lo mudo. Tinha criado um personagem durante muito tempo só para esse momento, e o resultado não podia ser mais alentador. A expressão de lorde Bright quando a viu entrar não teve preço.

Graças à receita de Kate, sua cor de cabelo tinha passado de vermelho granada a um castanho apagado preso austeramente na nuca. Suas sobrancelhas obscurecidas eram mais largas em sua totalidade até quase as juntar. Os olhos, ocultos atrás dos óculos, eram apenas definíveis. Seu rosto mortalmente pálido e salpicado de sardas completava sem dúvida o quadro que havia fulminado às intenções, fossem quais fossem que tinha seu pai. O vestido, mais folgado que o habitual, não definia sua figura e dava uma falsa sensação de deselegância que não tratou de dissimular.

— Obrigada, pai. — Disse-lhe Emma com uma voz suavizada, apenas audível.

Lorde Bright se mexeu inquieto na cadeira pensando em como uma menina que à tenra idade de cinco anos já despontava como uma futura beldade podia ter mudado tanto e tão desfavoravelmente nos últimos anos. Isso certamente dificultava seus planos, mas com um pouco de sorte e de persuasão não os truncaria.

— A primeira coisa que deve fazer é ir às compras. Esse vestido não é o mais aconselhável para ressaltar suas qualidades. Vejo com certo pesar que sua tia descuidou de sua imagem.

— Não é isso, papai. Tia Francesca foi como uma mãe para mim, mas não me interesso muito por moda. Sempre pensei que uma mulher deve ser prática. Para que esses vestidos? Não são nada cômodos, e tampouco me fazem muita falta porque, aonde vou?

— Sua tia não a levava a atividades sociais?

— Uff, tentou, mas eu sempre tinha muitas coisas que fazer. Entre as causas de caridade, o asilo para os pobres e o orfanato não ficava muito tempo.

— Maldição!

— O que disse pai? — Perguntou-lhe Emma com um tom de voz que fingia escandalizar-se pelo que tinha acabado de escutar.

— Disse "maldição".

Lorde Bright afastou os papéis em cima de sua mesa para demonstrar sua evidente irritação.

— Não deve dizer essas coisas! É pecado!

— Mas Por Deus... O que sua tia fez contigo?

— Por que está zangado?

Emma teve que conter um grito de júbilo ao ver as reações do grande lorde Bright. Estava sendo mais fácil do que pensava, mas tampouco devia exceder-se. Não sabia se tinha exagerado no disfarce e no papel sobremaneira, de momento parecia ter acertado e que o tinha enganado sem que suspeitasse de nada. Além disso, seu pai não se interessara por ela nos cinco anos que esteve vivendo nessa mesma casa, assim por que ia notar algo? Para Andrew Bright as mulheres eram invisíveis até que tivessem idade suficiente para poder utilizá-las.

Era compreensível que não desconfiasse de sua atuação. Partiu sendo uma menina pequena para voltar como uma mulher. Todo mundo sabia que às vezes as grandes belezas perdem todo seu potencial na adolescência depois das mudanças normais da idade.

— Não estou zangado, Emma. – Disse lorde Bright alisando os

cabelos e suavizando o tom de voz, o que recordou a Emma um canto de serpentes.

— Simplesmente me dói ver como descuidaram de sua educação, mas não se preocupe, darei um jeito de acertar as coisas. Agora, quero que saia com Cassie, sua criada de quarto, e que compre algum vestido para amanhã à noite.

Emma contara a seu pai que tinha viajado até Londres com uma velha amiga de sua tia Francesca, daí que não fosse acompanhada por uma criada pessoal.

— O que acontecerá amanhã à noite?

— Não é bom que uma jovem demonstre curiosidade.

Os olhos de seu pai brilharam de tal modo ao dizer isso que Emma sentiu calafrios.

— Mas já que pergunta, amanhã virá um convidado para jantar. Quero que o conheça. É um velho amigo da família, e um grande homem.

Soava-lhe familiar essa situação. Kate a havia descrito em numerosas ocasiões. Tinha-lhe contado o modo como seu pai fazia negócios e como conseguira amealhar uma fortuna dessa maneira. Havia rezado para que essa não fosse à razão de sua volta forçada ao lar, não se enganara. Os planos de seu pai não visavam sua felicidade e sim lucro. Sua farsa, seu disfarce, sua atuação, tudo tinha sido preparado durante um longo tempo para ajudá-la a enfrentar uma situação assim, o que sua mãe, Kate e Francesca tanto tinham temido. Podia equivocar-se, mas seu instinto gritava que não e dava sinais de alarme a todo o momento. O que ele fez a sua mãe, ao utilizá-la para seus mesquinhos fins, humilhando, arruinando, certamente tinha começado com o mesmo comentário: "Vem querida, vou apresentá-la a um amigo". Se acreditava poder enganá-la tão facilmente, teria no final uma grande surpresa.

— Claro pai. — Disse ao recordar que não fizera nenhum comentário a respeito da compra do vestido.

— Se esse for seu desejo...

— É e já que estamos esclarecendo a situação mude seu penteado, agradecer-lhe-ia isso.

— O que tem meu penteado?

— Fará o que ordenei! — Impôs lorde Bright dando um passo para ela.

— Não tentava te contradizer, pai.

Emma baixou a cabeça submissa para não provocar mais sua fúria. Sabia que ele estava contendo-se desde que ela entrou pela porta. Sua paciência, que não parecia ser muita, tinha chegado ao fim. Kate a tinha advertido em numerosas ocasiões, mas ao ver como pulsava a veia torcida do pescoço, a ira que desprendiam seus olhos frios como o aço, as mudanças radicais de humor, ficou nervosa. Devia ser mais cuidadosa e simular que dançava ao som que ele queria tocar. Não devia fazê-lo perder o controle. Não ainda.

O Conde de Kensington voltou a sentar-se atrás de sua mesa e como se ela fosse um insignificante mosquito, despediu-a com um gesto depreciativo.

Emma se levantou e antes de sair do cômodo fez uma última pergunta sabendo que aquilo não era nada aconselhável. Entretanto, não desejava ter um só minuto a mais com ele nesse dia e isso merecia o risco.

— Pai, estou muito cansada. Se não o incomodar, poderia me retirar ao meu quarto?

— Sim. Assim estará mais descansada para amanhã.

Emma fechou a porta do escritório atrás de si e soltou por fim o ar que vinha contendo e que durante todo o dia lhe provocara um nó no estômago até sentir cãibras. Subiu as escadas que levavam ao primeiro

piso e cruzou o corredor até o penúltimo cômodo. Entrou nele sentindo que, por fim, podia relaxar durante um momento. Era o quarto que tinha pertencido a sua mãe. Havia poucas lembranças de sua infância naquela casa, mas aquele dormitório lhe trazia lembranças que nem sequer o tempo tinha podido apagar. Sua mãe escovando a densa cabeleira até deixá-la suave como a seda, o crepitar do fogo na lareira e seu perfume de jasmim que impregnava cada rincão do cômodo. Ainda se lembrava dos momentos em que sua mãe a deixava ficar com ela enquanto se arrumava para assistir aos eventos com seu pai. Fascinava-lhe vê-la. Quando terminava com os últimos retoques e girava para que desse a sua opinião, sempre lhe parecia uma princesa, como as dos contos que Kate lia antes de dormir. Entretanto, algo se repetia sempre naquelas ocasiões, era a tristeza que desprendia dos formosos olhos de sua mãe, impossível de esconder inclusive a uma menina. Só muito depois tinha descoberto o porquê de esse olhar vazio, perdido e derrotado. Com ela não iriam fazer o mesmo. Não permitiria. Sua mãe, Kate, tia Francesca, todas tinham lutado para libertá-la desse destino e não iria decepcioná-las.

Tinha imaginado Andrew Bright de muitas maneiras, mas a realidade era ainda pior. Suas lembranças dele eram nulas, já que nos escassos anos que passou ali apenas o tinha visto a distância. Sempre foi como uma sombra. Não o via, mas notava sua presença quando estava perto. Era como se seu corpo pressentisse o perigo que a acompanhava. Tinha tratado-a como se não houvessem decorrido quinze anos, como se tivesse estado ali sempre. Por aí se via, ele também sabia atuar e era bom nisso. Qualquer pessoa que não conhecesse sua natureza podia cair rendida ante seus falsos encantos; entretanto, havia coisas que não podia esconder como os olhos frios cheios de ambição, a boca apertada em uma linha fina, dura como o mármore, e seu gênio incontrolável que saltava quando não conseguia o

que desejava. Graças a Deus seu primeiro encontro com ele tinha sido curto, porque, embora se sentisse com forças para lutar contra o que lhe tivesse preparado, tinha estado nervosa como uma menina ante sua apresentação em sociedade. Quando chegou a noite, estava tão cansada da viagem e tão esgotada de remoer os possíveis planos de seu pai que foi para cama sem jantar e dormiu imediatamente.

Capítulo 2

Estava mais nervosa que o esperado. Tinha cruzado seu quarto mais de vinte vezes de um lado a outro, e tudo por esse jantar. Estava inquieta. Sempre se gabara de ter os nervos mais firmes do mundo, mas desta vez a estavam traindo. Respirou fundo e se olhou de novo no espelho. Essa manhã tinha ido a Bond Street com Cassie comprar um vestido para o jantar. Seu pai não tinha deixado alternativa. Durante o café da manhã lhe ordenara que renovasse seu vestuário. Ignorá-lo seria como desafiá-lo abertamente e, na verdade, não queria chegar a esse ponto, por enquanto. Não podia deixar seu gênio vir à tona. Para que a farsa funcionasse devia parecer à filha mais devota, inocente e boba que um pai pudesse ter.

Cassie a levou a uma das costureiras mais cotadas do momento. Chamava-se Madame Valentine, embora ficasse claro que de francesa só tinha o nome. Com um terrível sotaque tentava fazer-se passar por alguém que não era. "Igual a mim", pensou Emma com certa ironia. Entretanto, nem tudo era falso porque com as mãos era uma autêntica artista.

Esteve mais de uma vez tentada a escolher um dos fabulosos vestidos que Madame Valentine lhe apresentou. Eram magníficos, mas totalmente inadequados para seus planos. Devia parecer desajeitada, desgraciosa, tinha que dissimular sua figura, não realçá-la.

Quando fingiu desinteresse pelos preciosos artigos que Cassie celebrava com exclamações de júbilo, confessou-lhe entre sussurros que nunca poderia usá-los, pois os achava um pouco escandalosos.

Depois de um bom momento, já desesperada, mostrou-lhe um vestido de musselina cinza. Quando o viu, Emma pensou que seria perfeito. Era liso, de linhas singelas, e lhe tampava até o pescoço. Só uma pequena franja por cima dos seios e nas mangas evitava que o

pudesse considerar insosso e monótono. Feito para uma matrona. Justo o que necessitava.

Madame Valentine tentou ajustá-lo a sua figura, mas Emma se queixava constantemente da falta de ar que sentia em um vestido tão apertado, enquanto fingia não poder respirar. Ao final, a pobre costureira, com o suor percorrendo o pescoço, optou por deixá-lo um pouco mais folgado, não sem que seu ego sofresse a cada minuto da visita. Não havia dúvida de que a mulher tinha ficado esgotada quando, duas horas mais tarde, abandonou sua loja com o vestido.

Mesmo assim, teria que evitar que Cassie arrumasse seus cabelos. Ao chegar a casa entrou apressada para que não lhe pusesse as mãos em cima. Penteou-se ela mesma, recolhendo o cabelo para trás e soltando pequenos cachos à altura das têmporas. Não podia dizer que tinha melhorado muito seu aspecto, só o suficiente para que seu pai ficasse convencido de que tinha levado em consideração cada uma de suas sugestões. Respirou fundo, saiu do quarto e dirigiu-se ao salão.

Kate sempre lhe dizia que, para fazer uma boa interpretação, primeiro devia esquecer-se de si mesma e segundo desfrutar do que fazia. Entretanto, nesse momento era incapaz de esquecer-se das circunstâncias e menos ainda desfrutar. Sentia que as mãos suavam e que um nó lhe prendia o estômago.

Com aparente serenidade, entrou na sala contigua ao salão onde seu pai e o misterioso convidado esperavam sua chegada. Imediatamente detectou um reflexo no olhar de seu pai, que se aproximou dela com gesto decidido, inclinando-se ligeiramente para lhe dar um beijo na face.

— Boa noite, filha. Não podia ter se arrumado melhor? — Sussurrou com evidente aborrecimento.

Emma não pôde reagir porque seu pai virou-se para o convidado com um grande sorriso, arrastando-a consigo.

— Emma, apresento-lhe o duque de Weston.

— Encantada Excelência. — Disse enquanto fazia de maneira desajeitada a devida reverência.

Seu pai a ajudou a manter o equilíbrio quando pareceu que, de um momento para outro, cairia sobre seu traseiro.

— Emma parece que está um pouco tonta hoje. Sente-se bem? – Perguntou o Conde de Kensington, enfatizando a última palavra.

— É óbvio pai. Só estou um pouco cansada.

— Pobre menina. É normal depois de uma viagem tão longa. Todos sabem que as mulheres são de constituição frágil. Deveria cuidá-la melhor Andrew.

Constituição frágil? As mulheres? Emma pensou que se lhe desse um empurrão, possivelmente esse cavernícola se inteirasse de quem era o fraco.

Até esse momento, o duque de Weston observava-a com seus pequenos olhos sem vida. Seu olhar não tinha expressão nem brilho. "Deve rondar os setenta anos", pensou. Pelo menos era o que aparentava com a cara sulcada de rugas e as mãos trementes, apoiadas em uma bengala, que parecia a ponto de rachar-se a qualquer instante.

O Duque lhe ofereceu seu braço, trocando sua bengala de cor marfim à outra mão.

— Concede-me a honra de acompanhá-la, milady?

Emma aceitou imediatamente. Seu pai a olhava satisfeito. "Para ele tudo está saindo como foi programado, mas a noite será muito longa", disse-se. Teria tempo de sobra para que aquele ancião, que não parecia surpreso por seu aspecto, terminasse decepcionado.

Percorreram os escassos metros que havia até o salão e tomaram assento ao redor da grande mesa cor mogno que dominava a sala. Uns candelabros de prata iluminavam o cômodo e conferiam ao jantar um ambiente mais íntimo. O relógio carrilhão Tompion, um dos

principais fabricantes de relógios ingleses, marcava os segundos como se fossem os batimentos de seu próprio coração. E atrás de si, um suporte sustentava um vaso de porcelana da China, com dúzias de rosas em seu interior, que inundava o salão com sua fragrância.

— Seu pai me falou muito de você e tenho que reconhecer que ardia em desejo de conhecê-la.

Emma detectou uma piscada desagradável nesse olhar que acreditou vazio. Fitava-a como se fosse o primeiro prato daquele jantar. Esse homem devia estar cego! Bom, se não lhe importava seu aspecto possivelmente reparasse em seu comportamento.

— É muito amável milorde.

— Chame-me Latham. Afinal, sou um velho amigo da família.

— Não acredito que seja correto.

— Por quê?

— Porque acabamos de nos conhecer.

— O Duque lhe deu permissão Emma. Não seja descortês.

A voz de seu pai foi dura e as narinas expandiram-se como se fosse um cavalo furioso.

— De acordo. Chamá-lo-ei Latham se esse for seu desejo.

O Duque passou a língua pelo lábio inferior como um gato que se lambe quando contempla o leite.

— É meu desejo. Que não haja dúvida disso. E agora, por que não me conta como era sua vida em Veneza? Que tal é a sociedade?

— Pois não poderia lhe dizer. Não conhecia muita gente.

— Não saia, querida?

Emma deixou a deliciosa sopa de pescado que tinham servido como primeiro prato para responder ao Duque olhando-o com toda inocência.

— Oh, não tinha tempo. Entre minhas orações e os pobres que ia visitar, terminava terrivelmente esgotada. Não sou de constituição

forte, além disso, sofro de constantes enxaquecas. Há ocasiões em que passo toda uma semana de cama.

— Tolices! — Bramou o Conde de Kensington.

O Duque também parecia contrariado pelas últimas palavras de Emma e a fúria de seu pai fez que o cenho do velho Duque se franzisse ainda mais. Com um breve tremor na pálpebra esquerda olhou Andrew.

— Disse-me que era uma mulher forte.

— E é Latham.

Emma teve nesse momento a primeira prova de que não errara em suas hipóteses.

— Todos sabem que as mulheres sempre exageram. — Continuou Bright, querendo incentivar seu amigo. — Diga-lhe Emma.

— O quê, pai? – Perguntou, fingindo inocência. — Não entendi bem o que disse. Já sabe que não ouço bem com o ouvido esquerdo.

O Duque levantou de um salto da cadeira como se espetado com um alfinete.

— Está surda?

Emma se apressou a responder, porque seu pai parecia próximo a uma apoplexia.

— Não, milorde, ouço bem com o direito.

— Já basta de dizer tolices, Emma.

Sentiu que lhe arrepiava o cabelo da nuca. Seu pai não tinha gritado. Nem sequer parecia furioso, mas com a fria calma que tinha dito cada uma de suas palavras a fez estremecer.

— Andrew, temo que não cheguemos a um acordo. Não é o que tinha me prometido.

Quando a mandou chamar, suspeitara de suas intenções, o homem só pensava nas mulheres como mercadoria que se permuta e se vende ao maior lance, não lhe importando se fosse sua mulher ou sua própria filha. Entretanto, uma coisa era sabê-lo e outra comprová-lo de

primeira mão. O sabor amargo que deixava o rancor por anos de injustiças acumuladas foi aos seus lábios como a água em um manancial. Tinha aprendido durante anos a conter esses sentimentos, canalizando sua fúria, utilizando-a para ser constante e forte. Para manter-se firme e assim poder cumprir com a promessa feita à mulher que lhe tinha dado a vida.

O Duque de Weston se levantou da cadeira com esforço e indicou desse modo que dava por terminada aquela perda de tempo. Lorde Bright o segurou pelo braço lhe rogando que ficasse. Emma devia imaginar. Todas as serpentes se arrastam.

— Latham, não sei o que se passa com minha filha esta noite. Possivelmente seja o cansaço ou os nervos, mas prometo-lhe que servirá perfeitamente a seus propósitos.

Seu pai não perdia tempo com sutilezas. Nem sequer lhe importava que estivesse ali escutando a tudo. Era tão arrogante que sentiu vontade de estrangulá-lo com suas próprias mãos.

— Não acredito que seja correto falar disto diante de sua filha.

— Não se preocupe. Minha filha é uma dama abnegada e sabe que deverá casar-se logo.

— Sim, certamente, mas pensei que comentaria este assunto em particular, antes de nos conhecermos esta noite.

Emma teve que apertar o guardanapo entre os dedos para não gritar nesse mesmo instante.

— Pai, não posso casar-me. Isso é impossível. Faz anos que decidi consagrar minha vida a Deus.

— Que vai fazer o quê? — Perguntou o duque de Weston, absolutamente perplexo.

Emma fez uma pequena careta com os lábios.

— Vejo que você também sofre do ouvido.

Seu pai a tomou pelo braço com tanta força que soube que

ficariam marcas por um bom tempo.

— Você não vai a nenhuma parte, entende?

— Não, pai. É a primeira notícia que tenho.

Emma viu em seus olhos a vontade que tinha de esbofeteá-la e sabia que se continha devido à presença do Duque.

— Bom preciso partir e quando tiverem decidido essa questão me comuniquem. Entretanto, Andrew, tenho que dizer que não estou nada contente. Não me importa que seja feia, surda ou tola, mas necessito um filho!

O duque de Weston parecia também ter esquecido sua presença.

A maneira de apertar a bengala entre os nodosos dedos demonstrava que tinha chegado ao limite de sua paciência e de seu autocontrole.

Um minuto mais e Emma estava segura de que o velho Duque perderia a compostura.

Lorde Bright se levantou imediatamente e lançou à sua filha um olhar carregado de ódio. Fazendo-a sentir-se como se lhe atravessasse o peito com dez facas. Depois marchou atrás do Duque, desmanchando-se em mil desculpas, enquanto ela pensava que possivelmente tinha exagerado com sua farsa. Tinha provocado muito a seu pai, fazendo-lhe perder as estribeiras. Mas o que podia fazer? Queria casá-la com aquele velho para conseguir quem sabe o que! Além disso, tinha de admitir que uma parte dela houvesse desfrutado muito vendo o grande Conde de Kensington morder língua e quase morrer envenenado.

Levantou-se da cadeira para sair dali e subir a seu quarto. Parecia que estava fugindo, mas, francamente, não acreditava que ficar ali, esperando a volta de seu pai fosse a melhor ideia. Com um pouco de sorte, possivelmente pudesse esquivar-se até que se acalmasse. Sem mais pensar nisto, apressou o passo. Quando já estava subindo a escada, uma voz fria e cortante como a folha de um estilete a deteve

imediatamente.

— Aonde pensa que vai?

Emma levantou o olhar para o teto procurando um pouco de inspiração divina, mas ao que parecia por essa noite não ia receber nada mais. Como se não tivesse acontecido nada especial momentos antes, girou para seu pai com uma expressão de pura inocência no rosto.

— Ia subir a meu quarto. Quer algo, pai?

— Venha aqui.

Emma se aproximou lentamente do homem que se acreditava com todo o direito de dispor de sua vida.

De um metro e oitenta de altura pelo menos, seu aspecto não refletia fielmente sua verdadeira idade. Devia ter ao menos cinquenta anos, mas o cabelo desprovido de fios brancos e o corpo esbelto e atlético que tinha conservado sem dúvida devido ao adequado e constante exercício o faziam parecer muito mais jovem.

Quando chegou perto, deteve-se em seco esperando que fosse suficiente.

— Aproxime-se mais.

Quando tinha dado tão só dois passos, viu-se jogada no chão. Tinha sido tão rápido que a não ser pela dor latente na bochecha e o sabor metálico de sangue nos lábios, não teria podido dizer o que lhe tinha ocorrido.

— Levante-se, puta!

Emma sentiu que tremia como uma folha, mas não se deixou intimidar. Nos momentos em que o medo a encurralava como um sabujo insaciável, devia manter a calma. Levantou-se lentamente, apoiando-se na parede.

— Quem pensa que é? Eu lhe direi isso: não é ninguém. Entende- me? Fará o que eu ordenar! Escutou-me?

Emma elevou o queixo, mantendo a boca fechada. Sabia que com esse gesto o estava desafiando, mas a fúria que sentia fez desvanecer toda sua cautela. Muito tarde se deu conta de que essa demonstração de orgulho a fazia vulnerável. Kate sempre a tinha prevenido sobre isso: "Nunca demonstre suas verdadeiras emoções. Atua". Quando quis incorporar, já se encontrava de novo no chão com a outra bochecha machucada.

— Atreve-se a me desafiar? Se for assim, assim será. Parece que, verdadeiramente, é uma estúpida.

— Milorde?

O Conde de Kensington se voltou com cara de poucos amigos para o velho mordomo que o servia, nessa mesma casa, desde que era apenas um adolescente.

— Livingston, agora não é o momento.

— Sim milorde. — Disse o mordomo como se o fato de que Emma estivesse estirada no chão não fosse algo anormal.

Livingston não se moveu de seu lugar e arrancou com isso um grunhido dos lábios de Lorde Andrew Bright.

— O que ocorre? — Perguntou com impaciência.

— Enquanto estava jantando recebeu esta mensagem, milorde.

— Por que não me disse isso antes? — Esbravejou o Conde.

Livingston permaneceu impassível ante essa amostra de ferocidade. O senhor ordenara que não o incomodasse durante o jantar, sob nenhum pretexto, mas recordar-lhe isso não faria mais que piorar a situação. Já era velho e levara suficiente tempo naquela casa para saber que o Conde sempre devia ter a razão, ainda que dissesse que o sol brilhava de noite.

Passara junto à porta no mesmo instante em que a moça desafiava a seu pai com um gesto intolerável. Tinha que reconhecer que a menina tinha garra. Doeu-lhe aquela bofetada que sabia de antemão

que ganharia, conhecendo aquele homem como o conhecia desde que era um menino de peito. Pensava que já estava muito cansado e alquebrado pela idade para que algo o surpreendesse, mas essa jovem durante uns escassos e maravilhosos segundos o tinha feito sentir orgulhoso. Segundos valiosos para quem tinha tido que viver sob o mandato de um homem sem escrúpulos.

Admirava o valor da jovem, embora do ponto de vista lógico tivesse sido uma tremenda estupidez. Mas que loucura tão bela. Oxalá ele tivesse sido só uma décima parte de quão valente ela tinha sido. Isso o fez sentir-se desconfortável. Já tinha sido vezes sem contas o espectador que fica imóvel, sem fazer nada. Pagara um alto preço por não ter ajudado daquela vez a mãe da moça. Não podia continuar a jogar mais lenha a sua consciência. Nesse momento, soube que devia fazer algo e assim o fez, apressando-se a cumprir com sua determinação quando viu que lady Bright tentava levantar-se de novo. "Que jovem teimosa!", pensou com admiração.

Lorde Bright estendeu a mão e arrebatou de um puxão a nota que o velho mordomo já lhe estava estendendo. Sem olhar para trás, retirou-se a seu escritório, não sem antes deixar umas palavras no ar.

— Livingston, recolhe o lixo do chão antes de se retirar.

Lorde Bright atirou a nota junto às outras, dentro da gaveta da escrivaninha que dominava seu escritório. Estava mais que farto dessas sanguessugas, desses abutres que o rondavam sem cessar esperando a ocasião para cair sobre ele. Os maus investimentos realizados nos últimos anos o tinham levado a uma situação econômica insustentável. Como se atreveu Vittoria a morrer? Tudo tinha ido bem enquanto a teve.

Todas as mulheres eram umas prostitutas, não se podia confiar nelas, mas com uma mão forte para dominá-las podiam ser muito úteis. Vittoria tinha sido. Mandava-a aos dormitórios e ela retornava com

informações: investimentos, política, influências, chantagem. Tivera o mundo nas mãos, e essa maldita teve a desfaçatez de morrer, desgraçada!

Vittoria tinha sido muito formosa. O suficiente para que todos os homens desejassem nada mais ao vê-la. Era divertido comprovar como todos soltavam a língua quando o desejo os cegava.

Sua esposa..., que inocente parecia quando a conheceu. Não se revelou difícil conquistá-la. Depois da desgraçada morte de seus pais, estava frágil e muito vulnerável. A noite de núpcias chorou como uma menina quando a penetrou sem nenhum tipo de preparação. Ainda se excitava quando se lembrava de seus rogos para que se detivesse. Depois de alguns meses, já nem sequer lutava. Mantinha-se quieta enquanto ele procurava alívio, e isso acabou com toda a diversão.

Quando lhe ordenou, pela primeira vez, que seduzisse a um político de um cargo importante, olhou-o com absoluto ódio e desprezo. Mas isso durou muito pouco. Compreendeu quem era que mandava e teve que submeter-se a ele. Ameaçou sua única irmã Francesca, e depois quando chegou Emma tudo foi muito mais fácil. Só precisava olhar para a menina que Vittoria abaixava a cabeça perguntando o que queria que fizesse.

Sim, era fácil. Sabia como manipular as mulheres. Não seria como seu pai, um pobre marido traído que tirou a própria vida por uma mulher adúltera e mentirosa. Uma prostituta que abandonou seu próprio filho para escapar com um de seus amantes e não voltar jamais. Tinha aprendido muito bem a lição.

Fechou a gaveta com tanta força que fez oscilar a luz das velas que iluminavam parcialmente o escritório.

Capítulo 3

Emma soltou uma exclamação muito pouco feminina quando o vestido enganchou na trepadeira que subia até sua janela. A um metro do chão, sentia o frio da noite nas pernas só cobertas por tão delicadas anáguas. Ao levantar a barra da saia, rasgou a prega, mas a soltou para continuar descendo.

Depois que seu pai se trancou em seu escritório, Livingston a ajudou a levantar-se e a acompanhou até o quarto. O velho mordomo não disse nenhuma palavra, mas seu olhar expressava seu pesar pelo que acabara de presenciar. A verdade é que a tinha salvado de uma surra com essa oportuna aparição. Emma o agradeceu com um beijo na bochecha. Livingston tinha aberto os olhos desmesuradamente ante tal atrevimento, mas ela jurava que, quando o velho mordomo deu a volta para retirar-se, um sorriso apareceu nos lábios.

Depois disso, empacotou suas coisas na bolsa de viagem e esperou pacientemente que a casa ficasse no mais absoluto silêncio. Trocou o vestido cinza pérola por um azul marinho. Era o mais escuro que tinha e o mais maltratado. A essas horas da madrugada, convinha-se passar o mais discreta possível.

Antes de chegar a Londres, tinha visitado Adela Main, uma escritora inglesa amiga de sua tia. Ela a colocara em dia sobre a vida de Londres, de sua sociedade moderna e também de seus perigos. E um deles, certamente, era caminhar sozinha pelas ruas da cidade a altas horas da noite. E, mais ainda, se quem se atrevia a fazê-lo, fosse uma mulher.

No caso de Emma, levava sua adaga na bota do pé direito. Isso lhe dava certa sensação de segurança. Ainda se lembrava da cara de sua tia quando descobriu que Ângelo, o professor espadachim, estava instruindo-a na arte da esgrima. Francesca esteve a ponto de lhe

quebrar a cabeça, mas Ângelo com um só sorriso desbaratou todas suas intenções. Ainda não compreendia por que sua tia não se casou com ele, quando saltava à vista o amor que existia entre os dois. Um dia se atreveu a perguntar e ela, com um encolhimento de ombros, disse-lhe que eram felizes assim.

Ângelo sempre lhe havia dito que tinha aptidões e a animava a continuar com seu treinamento. Depois, Roberto, o mordomo de Ângelo e ex-contrabandista, ensinou-a a lançar a adaga e a defender-se com ela, corpo a corpo.

Com o sorriso torcido e o nariz torto, Roberto tinha mais pinta de boxeador que de outra coisa. Emma o perseguiu durante mais de um mês sem lhe dar descanso, até que o pobre Roberto, exclamando que em toda sua vida não tinha conhecido pior tortura que ela, disse com voz lastimosa: "Rendo-me. Se o senhor Ângelo a deixa usar uma espada, não sei por que eu não posso lhe ensinar a utilizar a adaga. É uma arma que, como mulher, poderá utilizar se algum dia precisar defender-se".

Deixando para trás as lembranças, acelerou mais o passo escondendo-se sob o casaco. Devia encontrar logo um coche e sair da cidade. O estalo continuado de rodas sobre os paralelepípedos da estrada foi como música para seus ouvidos.

Teve que convencer o chofer para que a levasse fora da cidade. A princípio se negou, mas quando lhe mostrou as moedas que tilintavam em sua mão, o chofer não pôs nenhuma outra objeção.

Não havia nenhum plano. A única saída nesse momento era que devia afastar-se de Londres e pôr a maior distância possível entre seu pai e ela. Não podia voltar para Veneza. Não no momento. Com toda segurança, em poucas horas o porto estaria vigiado e o próximo navio para Veneza demoraria vários dias para zarpar. Podia tentar algum tipo de disfarce, mas não conhecia a cidade e preferia não arriscar-se. Iria

para o norte até decidir por um lugar onde esconder-se por um tempo. Também tinha que mudar seu aspecto. Assim que chegasse a uma estalagem, descansaria por umas horas, o tempo suficiente para comer algo e meter-se na pele de um novo personagem.

Olhou pela janela do coche um pouco mais tranquila. O sol ainda não despontava pelo horizonte, ainda faltavam várias horas para que amanhecesse. Certamente então já teriam descoberto seu desaparecimento.

Esse era o primeiro momento, desde que deixou a casa de seu pai, em que se permitiu relaxar, recostando-se sobre o banco gasto e fedorento do coche enquanto fechava lentamente os olhos. Ardiam por dentro como se alguém lhe tivesse atirado um punhado de areia. Embora isso não fosse o pior. Tinha as bochechas doloridas. Teve que dissimular com maquiagem a mancha roxa que rapidamente tinha se estendido ao longo do rosto. Os lábios doíam, sobretudo onde os dentes haviam cortado, deixando uma pequena, mas feia ferida.

Fora muito ingênua ao pensar que podia controlar a situação, não que tivesse subestimado o seu pai, pois já sabia do que esse homem era capaz de fazer, mas sim, superestimou a si mesma.

Kate lhe havia dito que sempre esperasse o inesperado e ela, teimosa, tinha acreditado em seu plano, porque quem quereria a uma garota tola e feia? Pois não podia ter estado mais enganada e estava agora, fugindo na noite como uma ladra e com uma confusão descomunal a enfrentar.

Dormiu durante um momento e ao despertar por um buraco nada caridoso descobriu que já tinha amanhecido. Havia dito ao chofer que conduzisse até o amanhecer e então a deixasse na estalagem mais próxima. Em todas elas passavam coches com variados destinos. Com um pouco de sorte, poderia embarcar em algum que se dirigisse mais ao norte. A estalagem mais próxima foi a The Red Rose.

Antes de entrar, despediu-se do condutor lhe pagando um pouco mais do que combinado, para comprar implicitamente seu silêncio.

A estalagem, embora não muito grande, era estranhamente acolhedora.

Seu nome bem podia dever-se ao grande número de roseiras que adornavam ambos os lados do caminho da entrada. Pintada de vermelho, tinha grandes janelas pelas quais filtrava a luz para iluminar as dependências.

A primeira coisa que viu ao atravessar a porta foi o balcão e atrás dele se encontrava um homem grande e robusto, com cara de poucos amigos, que olhava alguns papéis como se fosse seu pior inimigo.

— Linore! Venha aqui!

Emma deu um pulo ao escutar o vozeirão que rasgou o silêncio.

Uma mulher de estatura média e arredondada naqueles lugares que mais atraíam aos homens saiu pelo corredor com as mãos apoiadas no quadril, e o cenho franzido.

— Poderia não gritar? Vai assustar nossos clientes!

— Aos nossos clientes pouco importa o que façamos. — Disse o homem entre dentes.

— Certamente que assim nunca conseguiremos ter classe.

— Classe? Meu Deus! Agora acredita que é a rainha da Inglaterra.

— Bom o que quer? — Espetou a mulher dando batidinhas com a ponteira do sapato no chão.

— Que me diga onde está o pedido de vinho que devia ter chegado esta manhã.

— Não sei. Contente?

O homem lhe mostrou os dentes de tal maneira que a Emma arrepiou os cabelos da nuca. Uma vez viu fazer o mesmo um mastim

antes de deixar ao pobre senhor Cagliani sem parte da calça e com oito pontos de sutura na perna direita.

— O vinho já deveria estar aqui, mas olhando esses papéis, o que encontro?

— É uma pergunta, Will?

— O que te parece?

— Parece que está um pouco alterado.

— Maldição, mulher! Como não vou estar? A folha do pedido continua aqui, não a mandou e te disse que o fizesse na quinta-feira.

— E o que? Será que tenho que fazer tudo?

— Tudo? Linore faz o favor de sair se não quer que perca a pouca calma que me resta e lhe dê a surra que merece.

— Não se atreva a me tocar, porque se o fizer não se deitará nunca mais em minha cama. Entendeu?

Emma pigarreou para se fazer notar, a conversação estava adquirindo um tom bastante íntimo, embora parecesse descortês, ainda assim extremamente divertido.

A mulher, que pareceu notar sua presença, relaxou a postura e com um sorriso deslumbrante se aproximou dela.

— Olá, bom dia e bem-vinda ao The Red Rose.

— Obrigada. — Disse-lhe Emma.

— Will atende à senhorita e se comporte.

Will pôs os olhos em branco ante a blasfêmia. Linore queria classe quando ela mesma falava como um marinheiro em meio a um bordel.

— Deseja um quarto?

— Sim, por favor. – Respondeu Emma em frente ao balcão. — Poderia me dizer se passa algum coche por aqui que vá ao norte?

— Passam alguns, senhorita. Amanhã deverá chegar o que se dirige a York e na sexta-feira o que vai a Norwich. E diariamente

passam coches com destino a Bath e a Londres.

Emma guardou essa informação para analisá-la depois. Primeiro, era impossível que seu pai pudesse localizá-la tão cedo, precisava refrescar-se e descansar um pouco.

A tensão acumulada durante as últimas horas e o fato de mal ter dormido a tinham deixado extenuada. Também o estômago se rebelava ante a falta de alimento.

— Melinda, aproxime-se.

Emma se virou para ver uma moça de pouca idade, magra e vivaz, que se aproximava a passos apressados.

— Sim senhor.

— Acompanhe a senhorita ao quarto de cima, o que está mais afastado no corredor e se assegure que tenha tudo o que necessitar.

Melinda assentiu vigorosamente com a cabeça, várias mechas de uma cabeleira loira platinada quase irreal soltaram do coque.

Emma subiu as escadas depois da moça, enquanto suas pernas protestavam com cada degrau. A posição na carruagem tinha feito com que seus músculos reclamassem. Ao chegar ao quarto se apressou a entrar.

A jovem verificou que tudo estivesse bem e partiu prometendo levar água quente em uns poucos instantes.

Quando ouviu fechar a porta, dedicou uns segundos a contemplar o quarto que lhe tinham dado. Era pequeno, simples e confortável. E nesse momento era um tesouro para seu corpo dolorido. Uma grande janela entreaberta, para refrescar o cômodo, fazia-o maior e luminoso e o dotava de um ar quase acolhedor. Havia uma pequena cômoda situada ao lado da porta e, frente à janela, encontrava-se a cama grande e tentadora. Uns suaves golpes na porta a tiraram de seu estupor. Era Melinda com a cuba de água quente. Teria que ser suficiente para limpar-se um pouco.

— Deseja que lhe traga algo para jantar, senhorita, ou prefere ir ao salão?

Não era bem visto que uma mulher viajasse sozinha e menos ainda que comesse sem acompanhante em uma estalagem.

— A verdade é que estou cansada e preferiria comer aqui.

— Gostaria de um pedaço de bolo de carne?

— Isso parece delicioso, obrigada.

Melinda sorriu exibindo dentes diminutos e um pouco torcidos que lhe davam um ar travesso.

Quando a moça partiu, aproximou-se da janela e deleitou-se com a esplendorosa beleza das roseiras. Manchas de diversos tons vermelhos, brancos, rosados, violetas e amarelos apareciam por cima dos caules como se competissem entre elas estirando o pescoço para poder ver sobre todas as demais, empurrando entre si sem nenhum pudor.

Gostaria de poder se disfarçar de um jovem cavalheiro e ter descido ao botequim da estalagem, mas isso não seria muito prudente. Até que se afastasse dali com um novo aspecto não podia chamar a atenção. Embora sua aparência de governanta a fizesse praticamente invisível, não podia contar com isso, sempre poderia haver alguém observando que pudesse mais tarde reconhecê-la. Quanto menos a vissem, menos se lembrariam quando perguntassem por ela. Confiou demais em sua capacidade uma vez e algo de que podia se vangloriar era de aprender depressa com seus enganos.

Tirou as luvas e as deixou em cima da cômoda. Depois de refrescar-se um pouco, tirou o espelho que sempre levava consigo e analisou seu aspecto, pensando que acertos fazer em seu traje e em suas feições.

Melinda subiu com o bolo de carne, meio copo de vinho e um bolo de frutas. A Emma pareceu um verdadeiro banquete. No jantar da

noite anterior quase não tinha comido nada, estava a quase vinte e quatro horas sem comer. Tentou sossegar os rugidos de seu estômago, mas ao ver e cheirar o aroma da comida, estes se rebelaram em turba. Em apenas dez minutos devorou tudo. Isso era impróprio de uma dama, mas muito oportuno para uma mulher faminta.

Ao contrário de outras garotas de sua idade, não tinha tido que vigiar constantemente seu peso. Sua tia Francesca, a quem um doce fazia estragos nos quadris, sempre lhe recordara a sorte que tinha ao poder comer de tudo sem preocupar-se com os quilogramas a mais. Então pensou que poderia disfarçar-se como gordinha. Isso não seria difícil de conseguir. Com uma coberta grossa debaixo de seus vestidos folgados, rapidamente obteria o efeito desejado.

Com um suspiro entrecortado se sentou na cama, que afundou parcialmente sob seu peso. Era uma tentação que a convidava a aconchegar-se sob seus lençóis para deixar passar as horas. Entretanto, isso devia esperar. Precisava decidir o que fazer. Tinha pensado em viajar a Escócia. Ali conhecia um amigo de sua tia, o velho MacLaren. Era um erudito estranho e boêmio, mas extremamente encantador. Com um pouco de sorte, encontrá-lo-ia em casa e não no continente como era habitual nele nessa época do ano. Sim, tomaria o coche que se dirigia a York e dali continuaria até a Escócia.

Com um plano já esboçado em mente, decidiu dar um pequeno passeio. Fechou a porta com cuidado e atravessou o corredor a caminho das escadas. Um pranto dilacerador proveniente do interior de um dos quartos a fez deter-se na metade do trajeto.

"Não é meu assunto", disse a si mesma enquanto retomava o passo. Não tinha andado nem um metro quando sua consciência a aguilhoou como uma vespa. Parecia que uma moça chorava, e pela falta de vozes e ruídos no quarto, apostaria que estava sozinha. Sua tia Francesca sempre lhe dizia que era intrometida e que tinha um dom

especial para meter-se em problemas; entretanto, por mais que tentasse, não conseguia mudar. O que ia fazer? Era sua natureza.

Sabendo que certamente estava cometendo um engano, levantou a mão enluvada e golpeou duas vezes na porta. Os soluços cessaram imediatamente estabelecendo um profundo silêncio. Durante vários segundos que lhe pareceram séculos, não se ouviu nada do outro lado. Quando pensava que já não obteria nenhuma resposta, uma voz débil e tremula respondeu do outro lado da porta.

— Quem é? O que deseja?

— Olá, meu nome é Emma. Ocupo um quarto próximo ao seu. Ouvi-a chorar e me perguntava se poderia ajudá-la.

— Não, pode ir.

Emma retrocedeu um passo. O que esperava? Que abrisse a porta e lhe contasse sua vida?

— Não quero incomodá-la, mas me pareceu que necessitava ajuda.

— Não me escutou? Disse que desse o fora! Por favor! — Exclamou chorando de novo.

Agora não cabia dúvida de que algo ia mal. A mulher parecia estar desesperada, ou pelo menos isso era o que denotava seu tom de voz. Pela enésima vez disse a si mesma que aquilo não era de sua conta, mas seu instinto a mantinha ali, de pé, quieta olhando a porta, dando-se várias razões que justificassem o que faria a seguir. Tirando um dos grampos que lhe prendiam o cabelo em um coque, agachou-se até ficar à altura da fechadura.

Olhou a ambos os lados do corredor para comprovar que não havia ninguém e respirando fundo se dispôs a cometer um delito. Em menos de um minuto sentiu que a fechadura cedia ante suas mãos que, como uma vez lhe dissera Roberto, eram muito hábeis para uma dama.

Naquela época era uma pupila atenciosa, jamais pensou que seu

aprendizado pouco convencional, ajudaria a entrar no quarto de uma jovem chorosa que não queria que ninguém a incomodasse.

Entrou no quarto em silêncio e fechou a porta atrás de si. Havia uma mulher apoiada no batente da janela tentando abafar seus soluços com a mão. Tremia ligeiramente movendo os ombros como se fosse romper em mil pedaços. Emma sentiu o impulso de aproximar-se dela. Não sabia como, mas na medida do possível, decidiu nesse momento que tentaria ajudar a essa jovem. Por seu aspecto pareciam ter mais ou menos a mesma idade.

— Olá.

A mulher soltou um gritinho muito pouco feminino em seu sobressalto quando ouviu a voz de Emma. Voltou-se para ela com rapidez enquanto levava uma mão ao peito e arregalava os olhos de maneira exagerada.

Emma sabia que devia dizer algo e logo. Alguma coisa para acalmá-la porque parecia que gritaria como uma louca a qualquer momento.

— Não se assuste. — Disse-lhe Emma enquanto dava um passo para perto dela.

A jovem retrocedeu, o que fez com que Emma parasse no ato, estendendo as mãos como se assim mostrasse que não devia temer nada.

— Fui eu quem chamou faz um momento à porta. Sim, já sei que deseja ficar sozinha, mas ouvi que chorava e minha consciência não permitiu me afastar até comprovar que realmente se encontrava bem.

Emma notou que a moça parecia um pouco menos tensa.

— Não pretendia me intrometer, mas parecia tão desesperada do outro lado da porta que...

Se não fosse pelo peito da mulher subir e baixar, inalando e

exalando ar, pensaria que estava ante uma estátua de pedra. Juraria que nem sequer tinha pestanejado. Por uma vez em sua vida, teve que reconhecer que não sabia o que fazer. Balbuciou suas últimas palavras pensando na estupidez que tinha cometido.

Pelo menos, a jovem aparentava estar bem fisicamente, o que a levava pensar que sua angústia se devia a outra coisa. Retrocedia em busca de um lugar onde sentar-se quando uma só palavra da moça a deixou cravada no lugar.

— Não!

— O que? — Perguntou Emma, pensando que estava dizendo que não procurasse onde sentar-se, porque a jogaria dali naquele mesmo instante.

— Não vá, por favor!

Emma compreendeu que aquela jovem de grandes olhos azuis tinha interpretado mal seu gesto, acreditando que partia. Pediu que ficasse. Isso era um avanço. Possivelmente, com um pouco de sorte, pudesse tranquilizá-la.

— Não, claro que não. Só ia sentar-me, se não se importar. Como se chama?

— Emma.

— Veja isso sim que é casualidade! Eu também me chamo assim.

— Emma Greyson. — Respondeu-lhe enquanto fungava pelo nariz e secava as lágrimas que brilhavam sobre suas bochechas.

— Encantada, senhorita Greyson. Eu sou Emma... Emma Dickinson. – Disse, recordando que esse era o sobrenome com o qual se registrou na estalagem.

Nesse momento, a senhorita Greyson pareceu confusa.

— Como entrou? — Perguntou-lhe.

— A porta não estava trancada. — Mentiu Emma, esperançosa

de que a senhorita Greyson em seu estado de angústia não houvesse notado esse detalhe.

— Ah! — Disse como se assim estivesse tudo explicado.

— Quer sentar-se e me contar o que te preocupa? Às vezes contar o que nos perturba nos libera disso ou faz a carga menos pesada. Frequentemente valorizamos demais nossos problemas e os vemos maiores do que em realidade são.

A jovem moveu a cabeça com feroz determinação, negando essa possibilidade.

— Bom. — Disse Emma. — Possivelmente possamos falar de outra coisa. De onde você é?

— De Reading. — Respondeu-lhe a senhorita Greyson rapidamente. — Mas morei alguns anos em Londres.

— Tem família ali?

— N... Não. — Balbuciou Emma Greyson.

Emma tentava manter uma conversa porque desde que entrou pela porta parecia que a estava interrogando e não queria que se assustasse.

— Eu também estive em Londres. — Disse-lhe. — Senhorita Greyson, não quero parecer uma intrometida, mas claramente há algo que a faz sofrer. Se não se sentir com forças deixaremos para falar disso em outra ocasião, mas muitas vezes as coisas não são tão horríveis como parecem.

Emma Greyson levantou o queixo e a olhou com desolação.

— Eu não estou de acordo com você, senhorita Dickinson.

— Já vejo. Você não vê saída porque está muito envolvida, mas, possivelmente uma pessoa alheia ao seu problema poderia ver sua situação com objetividade e oferecer uma alternativa.

Greyson soltou um forte soluço. "Bravo!", disse Emma a si mesma. "Se for assim como vai tranquilizá-la está indo no caminho

errado".

— Não entende! Eu não tenho nenhuma alternativa!

Emma levantou-se, incapaz de vê-la sofrer dessa maneira por mais tempo. Aproximou-se lentamente dela e tomou uma mão entre as suas. Estava gelada.

— Não se desespere, por favor. Não se renda. Não até que tenha falado. Agora vou pedir um chá. Acredito que nos fará bem. Sente-se enquanto isso.

Não demorou mais de uns minutos até encontrar Melinda. Pediu um bule grande de chá e umas bolachas. Quando subiu, a senhorita Greyson parecia mais calma, embora seu olhar permanecesse fixo no vazio.

Melinda subiu logo atrás de Emma. Deixou a bandeja e depois partiu fazendo um pequeno gesto com a cabeça.

Emma serviu duas xícaras de chá e fez que sua acompanhante segurasse uma entre as mãos, animando-a com um leve empurrãozinho a levá-la aos lábios.

O chá quente pareceu relaxar as duas, que suspiraram de uma vez quando beberam o primeiro gole.

— Pode me chamar de Grey. — Disse a senhorita Greyson sem levantar o olhar de sua xícara.

— Grey?

— Sim, isso. Minha mãe se chamava Emma, como a minha avó que vivia conosco. Era uma confusão. Cada vez que chamavam alguma de nós acudíamos todas de uma vez, assim começaram a me chamar Grey, por meu sobrenome, e agora todos me chamam assim.

Emma pôde contemplar como os traços de Grey se suavizavam ao falar de sua família.

— Grey, de acordo. A mim pode chamar Emma.

— Uff... Será difícil recordá-lo.

Emma sorriu abertamente. Grey tinha feito uma pequena brincadeira e isso, nesse momento, era mais do que esperava. Parecia que o pior tinha passado.

— Sei que quer me ajudar e estou muito agradecida por isso, mas não pode. Ninguém pode.

— Não fale assim e deixe que eu mesma decida se posso ajudá-la ou não. Conte o que houve. Eu não posso te pedir que confie em mim sendo que mal nos conhecemos, mas me deixe tentar.

Nesse momento, Grey pareceu tomar uma decisão. Essa mulher que tinha batido a sua porta, incapaz de deixá-la em paz, com sua determinação, amabilidade e otimismo a tinha feito pensar por alguns segundos que sua vida não estava acabada. Isso não era verdade, sabia que não havia volta para ela. Entretanto, a senhorita Dickinson com sua presença lhe dava paz e transmitia confiança.

Não havia contado a ninguém o que aconteceu. Sentia muita vergonha, mas por alguma razão ou porque simplesmente se encontrava no limite de suas forças, algo em seu interior dizia que aquela mulher não a julgaria, e sabia que não podia suportar aquela carga sozinha por mais tempo.

— Eu...

— Sim?

— Eu sou professora. Estou há dois anos trabalhando para a agência Wakefield. É a mais importante de Londres e talvez de toda a Inglaterra. A agência atende as melhores famílias do país que contratam os serviços das professoras para seus filhos. Para mim foi um golpe de sorte. Meus pais tinham morrido. Perdi minha família e tinha escassos amigos. Já sabe! A vida é tão difícil. Ninguém queria se relacionar comigo. Com minha excelente educação e minha procedência me contrataram sem reservas.

Emma viu que Grey suspirava várias vezes como se estivesse

reunindo forças para seguir com sua história.

— Continue, por favor.

— A princípio tudo ia muito bem. Escolheram-me para ser a professora de uma menina de sete anos. Charlotte Wyatt. A filha do Charles Wyatt.

Grey olhou com atenção para Emma como se ela tivesse que reconhecer esse nome.

— Perdão, mas estive fora do país durante muitos anos.

Grey assentiu com compreensão.

— O Duque de Huntington.

— Ah! — Exclamou Emma.

— No começo tudo ia bem. A menina era adorável e pela primeira vez em minha vida me vi desfrutando de meu trabalho. Um trabalho que, a princípio, pensei que seria uma desgraça.

Ao dizer a última palavra sua voz tinha diminuído gradativamente dando a entender que fora exatamente o que tinha ocorrido. Uma desgraça.

— Há poucos meses voltou de Oxford o primogênito do duque, Radley. Em poucas semanas nós ficamos amigos. Eu sabia que isso era inapropriado. Uma empregada jamais deve travar amizade com seus senhores, mas Radley se apresentava na porta da sala de estudo da menina sempre que terminava as aulas, quando saía a dar um passeio ou quando estava lendo um livro no jardim durante meu tempo livre. Parecia tão amável e atencioso que não vi nada de mal em falar com ele. Depois de um tempo, devo confessar que muito a meu pesar, vi-me desejando que chegassem esses momentos e como uma estúpida, apaixonei-me por ele. Sabia que não devia ficar ali por mais tempo, que devia partir, mas enganava a mim mesma dizendo que no dia seguinte falaria com o duque e deixaria o posto. Uma noite... – Exclamou, enquanto começava a chorar de novo.

Emma se aproximou dela tentando consolá-la.

— Fique tranquila.

Mordendo o lábio, Emma lhe fez uma pergunta que era a culminação de todas suas suspeitas.

— Ele te seduziu?

— Não sei, porque como lhe disse estava apaixonada por ele.

— Seduziu. — Disse firmemente Emma sem deixar fresta alguma para dúvida. — O que houve depois?

— Depois nos vimos em segredo várias vezes até que não pude suportar a situação por mais tempo. Poderiam ter nos descoberto a qualquer momento e eu sabia...

— O quê?

— Eu sabia que Radley não me defenderia. Quando comecei a me sentir mal, acreditei que estava morrendo e isso foi exatamente como me senti quando descobri que estava grávida. Disse a ele e me respondeu que pensaria em algo, que deixasse tudo em suas mãos. Esse algo foi seu pai, a quem recorreu sem esperar nem sequer um minuto. O duque me convidou cortesmente a sair de sua casa em troca de guardar silêncio sobre minha conduta libertina. Eu devia me comprometer a não voltar jamais ali, e nem levasse seu suposto neto. A verdade é que depois de tudo isso, vi-me na mesma situação que ocorre a outras garotas. Voltei para a agência e logo me encontraram outro trabalho. Ao que tudo indica não lhes pareceu estranho que não permanecesse em meu posto. Pelo visto, lorde Wyatt já tinha contratado a quatro professoras em um ano. Deram-me uma nova oportunidade e aqui estou a caminho de Cravencross Park, sem saber o que fazer. Em alguns meses meu estado não poderá ser ocultado. Serei demitida e a agência me jogará na rua. Dirão que sou uma prostituta que não soube ter bem fechadas as pernas. Sei perfeitamente, porque o vi com outras garotas da agência. Então estarei desonrada, atirada na rua com um

filho no ventre e sem nada com o que nos manter. Preferiria estar morta.

— Não diga isso!

Grey levantou a cabeça, muda ante a explosão de Emma.

— Deixe-me pensar por um momento.

Emma caminhou ao longo do cômodo enquanto uma ideia começava a tomar forma. Uma ideia louca, mas que atenderia as necessidades das duas.

Capítulo 4

Lucien Fitzpatrick de Clare, nono Conde de Ashford, apoiou a cabeça no respaldo da cadeira enquanto fechava os olhos, tentando acalmar a pontada que sentia nas têmporas. Essa dor de cabeça o estava deixando louco.

Aos cinco anos, caiu de uma árvore ao tentar empurrar seu irmão mais velho e ficou inconsciente durante horas, essas enxaquecas, embora não frequentes, perseguiam-no sem piedade.

Agora, depois das últimas semanas, perguntava-se o motivo de seu reaparecimento estúpido. O estranho era que não se manifestaram antes. Esfregou as têmporas pressionando durante uns segundos, e sentiu um ligeiro alívio.

As badaladas do relógio soaram às onze. Seus sobrinhos já estavam adormecidos. Esse dia nem sequer os tinha visto.

Tinha chegado a conhecê-los bem nos dois últimos anos. Desgraçadamente, o motivo disso tinha sido o falecimento de sua cunhada, Meredith, a esposa de seu irmão e mãe dos meninos. Meredith era uma das poucas mulheres que lhe haviam inspirado um profundo respeito e carinho. Não tinha estado presente quando seu irmão Christopher se casou, mas por suas cartas tinha sabido tudo a respeito dessa relação. Era como se tivesse estado presente em cada momento importante.

Lamentava haver perdido tudo isso, tal como o nascimento de sua primeira sobrinha, mas como segundo filho do Marquês de Stanford teve poucas opções. Dos filhos que não acessavam ao título se esperava que ingressassem no exército ou na igreja. Ele desafiou seu pai e não fez nenhuma das duas coisas. Alistou- se em um navio junto com Richard Flanaghan, companheiro de Oxford. Flanaghan também se encontrava na mesma situação, era o terceiro filho do Marquês de

Crawley.

Ambos, cheios de uma ousadia que beirava a estupidez, decidiram procurar fortuna e forjar seu próprio destino. Depois de dez anos, eram donos de uma pequena companhia naval. Faziam várias rotas com o Oriente, Índia e América. Tinham investimentos nas minas de carvão na Escócia e eram sócios majoritários em uma fábrica têxtil em Yorkshire.

Na fábrica tinham tido que forçar mudanças drásticas quanto ao trato com os empregados e suas condições de trabalho. Tinham reduzido suas jornadas, até então abusivas, proibiram o trabalho de meninos e reuniram capital necessário para que o edifício tivesse condições sanitárias adequadas. Tanto Richard como ele mesmo sempre se sentiram enojados pela maneira de fazer dinheiro de alguns homens a custa da vida e do sofrimento de outros.

Tudo mudou quando seu avô materno morreu sem deixar descendência masculina, salvo ele. O único neto varão. Nunca pensou que acabaria tendo um título nobiliário. Seu irmão mais velho, Christopher, fruto do primeiro matrimônio de seu pai, era o destinado a ser o seguinte Marquês de Stanford, coisa que nunca invejou. A vida de um futuro Marquês era muito mais restrita e rígida que a de um irmão caçula. A Lucien restara abrir seu próprio caminho; ele o tinha decidido por si mesmo, pelo menos até a morte de seu avô materno e a de seu tio Marcus, único filho varão do Conde de Ashford, que faleceu sem descendência reconhecida.

Ao ter que encarregar-se de várias propriedades, sua presença como sócio ativo ficou relegada a de sócio na sombra e Richard ficou como cabeça do negócio. Tudo isso deixara de lado para acudir a Cravencross.

Fazia duas semanas que se mudara para ali, desde que lhe avisaram do grave estado de saúde de seu irmão. Ainda se lembrava do

temor que sentiu durante todo o trajeto até chegar ao Cravencross.

Fazia esse mesmo percurso uma centena de vezes nos últimos dois anos. Suas propriedades estavam relativamente perto. Sempre que podia ia até ali para ver Christopher e a seus sobrinhos, aqueles pequenos que tinham a espantosa facilidade de derrubar todas as suas defesas e lhe chegar direto ao coração. Entretanto, o dia que lhe avisaram que seu irmão estava gravemente doente, à distância pareceu multiplicar-se por dois.

Voltava a sentir as mãos frias ao recordar o semblante de Christopher naquela noite. Como seu irmão sempre tinha parecido tão forte como um carvalho. Jamais esqueceria seu rosto gasto sob a tênue luz das velas, nem suas feições macilentas, magro como nunca, delirando de febre e com a respiração rápida e queixosa.

Nas duas últimas semanas, não tinha se separado dele, sobretudo no princípio, durante os momentos mais críticos pensou que se iria para sempre. Tinha sentido impotência, frustração e raiva pela injustiça da situação. Seu irmão já tinha perdido muitas coisas na vida, sendo a última a mais dolorosa, sua esposa, e tinha ficado viúvo com três meninos pequenos que o necessitavam mais que tudo no mundo.

Durante as noites que passou em vigília junto à cabeceira de sua cama, muitas vezes se perguntou: por que não era ele que estava ali lutando por sua vida? Não tinha que zelar por uma família e não era nem metade do homem nobre e justo ao qual cuidava.

Graças a Deus que não tinha estado sozinho durante esses dias e noites das que agora não parecia ter mais que retalhos confusos na memória. Lady Amélia Bruce e Sarah, tia e prima respectivamente da falecida esposa de seu irmão, ajudaram-no a cuidar de Christopher e se encarregaram dos meninos. Ambas se mudaram para lá após a morte de Meredith, com o objetivo de ajudar temporariamente com os serviços da casa. Nisso já haviam se passado dois anos.

Levantou-se da poltrona e se encaminhou à porta com cuidado, tentando por todos os meios não despertar a dor de cabeça que parecia no momento lhe haver concedido uma trégua.

Subiu os degraus que conduziam ao primeiro andar, onde estavam os aposentos privados da família, para ver como se encontrava seu irmão esta noite. O médico havia dito que por fim estava fora de perigo, mas que sua recuperação seria lenta. Muito lenta para a paciência de seu irmão, que não deixava de queixar-se por estar tão fraco como um bebê.

Abriu a porta e colocou apenas a cabeça para ver se estava acordado.

— Lucien entre. Não precisa ser tão delicado. Não posso dormir.

Lucien sorriu ante o aborrecimento tangível que refletia o rosto de seu irmão. Aproximou-se da cama e sentou na mesma cadeira que tinha usado durante as últimas noites, a mesma parecia ter criado raízes no chão.

— Não tentava ser delicado, só passar despercebido.

— Muito gracioso irmão. — Disse Christopher enquanto elevava uma sobrancelha.

Lucien soltou uma gargalhada.

— Como se sente hoje? — Perguntou já mais sério.

— O que você acha? Estou confinado a esta cama há duas semanas sem poder me mover, porque assim que tento me dou conta de que não tenho forças nem para ir ao banheiro, e isso sem contar que não me peguem enquanto o faço porque se for assim, uff... Amigo, estou encrencado. Napoleão foi um santo em comparação com a tia Amélia e Sarah. Além disso, parecem saber tudo, é como se tivessem espiões pela casa. Digo isso a sério, essas mulheres dão medo.

Lucien estava contendo a risada ao imaginar seu irmão sob os ternos cuidados de tia Amélia.

— Já sabe o que disse o médico, que a recuperação seria lenta. Deve ter paciência.

— Ah, sim, diga-me, o que faria você? Nós dois sabemos que já teria incendiado a casa.

Os olhos de Lucien brilharam em sinal de assentimento. Seu irmão o conhecia bem. Dos dois, Christopher era o que sempre teve mais paciência. Tinha que dar a razão a seu irmão. Se ele estivesse em seu lugar, já teria explodido.

— Sim, isso é verdade, mas pelo que sei, hoje teve a visita de três torvelinhos que terão mitigado em parte sua agonia.

Lucien viu como as feições de seu irmão relaxavam e adquiriam uma expressão doce ante a menção de seus filhos.

— Anthony não parava de me contar tudo o que tinha feito durante estes últimos dias, sem deixar de incluir suas irmãs. Lizzy estava preciosa sentada nessa cadeira com suas pernas debaixo do vestido, rindo de todas as tolices que fazia seu irmão, e Maggie, bem é a mais velha. Algumas vezes penso que é muito madura para sua idade. Olhava-me com seus enormes olhos azuis tentando simular que tudo ia bem; entretanto, não pôde esconder o sofrimento que há neles. Foi a mais consciente da morte de sua mãe e pude perceber sua angústia hoje. É igual a você Lucien. Oculta tudo, sem compartilhar com ninguém o que lhe ocorre, põe sempre os outros diante de si mesma.

— Irmão, nisso não se parece comigo. Sabe de sobra que sou um egoísta sem remédio.

— Claro. Por isso deixou tudo para estar aqui e cuidar de mim, de meus filhos e da propriedade.

— Queria ter uma pausa. — Disse-lhe Lucien com um sorriso. — E não deixei tudo. Assim que passou o pior, fui a Ashford me certificar de que minha propriedade seguia em pé. Assim, como pode ver seus esforços por me fazer parecer um bom samaritano são inúteis.

— Não brinco Lucien.

— Eu tampouco. — Respondeu já mais sério. — É meu irmão. Você e os meninos são minha única família.

Lucien começou a esboçar o sorriso próprio de um menino travesso, pensando em suas próximas palavras.

— Não poderia acreditar que me deixaria com três meninos, tia Amélia e Sarah, verdade? Dou-te minha palavra de que se tivesse estado mais tempo inconsciente, teria me suicidado.

Chris teve que soltar uma gargalhada diante da cara que fez seu irmão. Se Maggie se parecia com ele em sua capacidade para controlar as emoções até o raiar do prejudicial, Anthony parecia ter sua habilidade para fazer de tudo uma brincadeira, sobretudo nos momentos mais difíceis.

— Sarah me disse que não pensa ir a Londres para a temporada como tinha previsto. — Disse Lucien trocando de tema.

Chris franziu o cenho.

— Por quê? Já atrasou muito sua apresentação em sociedade. Veio faz dois anos com tia Amélia para ajudar com a casa e os meninos. Eram bastante pequenos e estavam muito abalados pela morte de sua mãe. Por isso mesmo não disse nada, mas agora Maggie já tem dez anos e Anthony sete. Sarah deve voltar para Londres e gozar da temporada como as moças de sua idade.

— Sarah não é nenhuma menina.

— Sei. — Disse-lhe Christopher. — Por isso mesmo. Perdeu dois anos por minha culpa e não deixarei que se sacrifique mais.

— Ela não pensa que esteja sacrificando nada, Chris. Adora os meninos.

— Sim, eu sei, mas está de acordo comigo de que se não fosse pela morte de Meredith, certamente já estaria casada e esperando um filho.

— Possivelmente não seja isso o que deseja.

Christopher olhou para seu irmão com uma expressão pouco amigável.

Lucien levantou as mãos em sinal de rendição.

— Faz um mês contratei a uma preceptora. Enviei uma carta à agência Wakefield. Tem muito boa reputação. Justo antes de cair doente responderam que tinham a candidata perfeita, que cumpria com todos os meus requisitos.

— E quando se supõe que deve chegar esse modelo de virtudes?

— Deveria ter chegado já.

— Tia Amélia e Sarah sabem?

— Não tive tempo de dizer. Estive indisposto ultimamente. — Disse-lhe Chris fazendo uma careta.

Lucien sentiu que a pontada na têmpora esquerda retornava com maior intensidade.

— Bom, com a professora aqui, Sarah poderá voltar para Londres prontamente. De todos os modos, deveria dizer a elas antes que chegue. Não acredito que achem muita graça ao se inteirar por outra pessoa.

— Sim, tem razão, deves dizer-lhes.

— Eu?

— Sim, claro, eu ainda estou muito doente.

— Covarde...

Chris sorriu de orelha a orelha.

— De acordo, direi, mas que conste que minha opinião sobre você decaiu gravemente. — Levantou-se, caminhou para a porta e quando já estava com um pé fora do cômodo, voltou-se para seu irmão. — Que durma bem, magricela.

Com reflexo incrível, fechou a porta rapidamente para que o travesseiro não o acertasse no rosto. Não havia dúvida de que seu irmão

estava recuperando as forças.

Decidiu descer ao escritório de novo. Richard enviara o balanço dos últimos três meses da fábrica têxtil e da companhia naval, além de um relatório sobre as minas.

Iria dar uma olhada nos relatórios outra vez, já que o sono lhe fugia como se fosse seu pior inimigo, valia-lhe a pena fazer algo útil. Além disso, uma taça do conhaque francês de seu irmão podia fazer maravilhas. Massageando a nuca com a mão esquerda para relaxar a tensão acumulada no pescoço, desceu as escadas até que se deparou com os pés de O'Connell.

O'Connell tinha sido o mordomo da família durante os últimos trinta anos. Seu cabelo grisalho e suas costas ligeiramente curvadas delatavam seu envelhecimento. Mas isso era a única coisa que se diferenciava do O'Connell que ele recordava de menino. Seu olhar, agudo e penetrante e seu perfeccionismo quase doentio no trabalho eram suas qualidades mais representativas. Sempre parecia saber tudo.

Quando menino, seu irmão e ele temiam olhá-lo nos olhos quando cometiam alguma travessura, porque o mordomo parecia poder meter-se em seus pensamentos. Simplesmente lhe punha os cabelos em pé.

Lucien levantou o olhar e se encontrou com os sábios olhos do ancião.

— Algum problema, O'Connell?

— Sim, milorde. Chegou uma senhorita que diz que é a nova preceptora.

— Agora? À meia-noite? — Perguntou com irritação.

— Sim, senhor e por sua indumentária eu diria que a inoportuna hora de chegada é consequência de algum tipo de incidente.

Lucien nunca pôde entender por que O'Connell tinha tendência a carregar as frases dessa maneira.

— Onde está?

— Está na biblioteca.

— Por que não o escritório?

— Pareceu-me que o gesto agradaria a dama. Na biblioteca poderia se restabelecer mais rapidamente da árdua viagem.

— O'Connell...

O mordomo fez uma careta que demonstrava claramente seu aborrecimento.

— As poltronas são mais confortáveis e a lareira está acesa.

— De acordo.

— Digo a Leslie que prepare um quarto?

— Sim, por favor.

— Muito bem, milorde.

Lucien se encaminhou à biblioteca pensando no que poderia ter acontecido para que a professora aparecesse a essas horas. Não tinha muito boas lembranças de suas professoras, mulheres empinadas até o queixo que lhe puxavam as orelhas quando não prestava a adequada atenção. Embora ele não ficasse atrás. A enorme aranha depositada no pescoço de miss Elliot tinha sido o ato mais caridoso que tinha feito a elas. Sem dúvida, a entrevista com a senhorita ou como se chamasse não ia melhorar em nada sua dor de cabeça.

Parecia um verdadeiro lixo. Sim, essa era a palavra que a descrevia à perfeição nesse momento.

Desde que partiu da estalagem nessa manhã, tudo tinha saído ao contrário. Vários obstáculos tinham convertido uma viagem de duas horas em uma interminável de oito.

O cocheiro se sentira indisposto durante o trajeto. Certamente o

aroma de álcool que desprendia tivera tudo que ver com isso. Havia notado quando se aproximou para lhe perguntar a que distância estava Cravencross. Então teve que retroceder vários passos para não cair fulminada por seu hálito, pois parecia que a reserva inteira de uísque de toda Escócia havia passado por sua garganta.

Depois, a roda traseira direita saiu do eixo, acidente que poderia ter acabado com a vida de todos, mas graças a Deus ninguém se feriu, somente alguns nervos abalados como o de uma mulher de uns cinquenta anos que gemeu durante um quarto de hora até que finalmente se calou. Foi um detalhe que todos agradeceram de coração. Como consequência dos contratempos, tiveram que esperar arrumarem o carro sob uma chuva intensa, que em poucos minutos formou grandes atoleiros e um montão de barro no que desgraçadamente afundou até os joelhos. Ainda bem que usava botas de cano longo, já que os cordões fortemente atados lhe impediram de perder o calçado. Teria sido humilhante se apresentar descalça, com o dedo do pé sobressaindo por um enorme buraco que sua meia não podia conter.

Como toque final, tinha chegado a essa enorme mansão, em que supunha devia causar uma boa impressão, à meia-noite e descomposta. Sabia que estava pouco apresentável porque a sobrancelha elevada do mordomo com olhar de "eu sei tudo, não me escapa nada" expressava sem dissimulação alguma.

Certamente há essas horas estariam todos dormindo. Já imaginava que despertariam ao Marquês no meio da noite pela chegada de uma professora. Teriam uma masmorra ali embaixo como nos velhos castelos? Podia imaginar os títulos dos periódicos: "Preceptora recebe justo castigo por perturbar o sono de seu senhor". Seguramente que usariam com ela um pouco de tortura.

O Marquês, sem dúvida, seria um homem emproado e extremamente sisudo. Olhá-la-ia com altivez, encolhendo o nariz como

se tivesse cheirado algo em mal estado e a convidaria, com um gesto apenas perceptível a abandonar sua casa para jogá-la diretamente à rua.

Assim não era como tinha pensado que sairiam as coisas ao pôr em prática o que claramente já se revelava como um plano estúpido. Seu estúpido plano.

Tinha convencido a Greyson de que sua vida não estava acabada. Dera a ela parte de seu dinheiro, o suficiente para comprar uma passagem a Veneza e chegar à casa de sua tia Francesca. Também tinha dado uma carta para que a entregasse a sua tia. Na qual explicava o ocorrido desde sua chegada em solo inglês e sua amalucada ideia para permanecer nele, até estar segura de poder reunir-se a ela.

Sabia que Francesca poria o céu abaixo quando lesse suas palavras, mas ao final compreenderia que tinha sido a melhor solução.

Sua tia acolheria a Greyson e cuidaria dela até que nascesse o bebê e a preceptora pensasse como refazer sua vida. Francesca já tinha ajudado anteriormente a outras mulheres que se encontravam nessa mesma situação, coisa que Emma tinha admirado e compartilhado. Era injusto que as consequências de algo que acontecia entre duas pessoas recaíssem plenamente em uma só quando saía à luz. Enquanto que o homem, no pior dos casos, só recebia uma pequena reprimenda, a mulher acabava desonrada por toda vida.

Enquanto Greyson sulcava as águas do mediterrâneo com a esperança no bolso, ela ocuparia seu lugar como preceptora. A princípio lhe pareceu perfeito, que melhor cobertura que essa para ficar escondida por um tempo? Entretanto, agora tinha certas dúvidas, embora reconhecesse que era o melhor que pudera fazer. Mais arriscado seria sua ideia de ir à Escócia. Era quase seguro que o velho MacLaren estivesse no continente e se fosse assim, teria se encontrado na rua com outro plano para idealizar e sem dinheiro. Desta maneira, estaria

tranquila e segura até que seu pai deixasse de procurá-la e de vigiar os portos. Isso se ficasse ali alguns meses, porque pelo desespero com que seu pai se aferrava à ideia de entregá-la em matrimônio ao Duque, deduzia que não recuaria em seu intento facilmente. Removeria céu e terra para encontrá-la. Só esperava estar equivocada.

Seus pensamentos se dispersaram quando ouviu abrirem a porta. Estava tão concentrada, repassando mentalmente o desastre do dia, que não pôde evitar dar um pulo ante a interrupção. Virou-se para ver o homem que a tinha contratado e por um momento deixou de respirar.

Fechou os olhos. Era o homem mais atraente que tinha visto em sua vida. Seus olhos negros como a noite a estavam observando atentamente. Penetrantes e agudos, resultado sem dúvida de uma afiada inteligência, conferiam a ele uma aura de mistério que a cativava por completo.

Suas largas pestanas suavizavam seu olhar, subtraíam um pouco da dureza e o dotavam de um brilho atrevido. Tinha o cabelo castanho, mais comprido do que a etiqueta mandava, por isso parecia um pirata. Inclusive sua pele estava um pouco bronzeada e, entre seus cabelos, mechas douradas como o sol brilhavam descaradamente. Seu nariz patrício e seus lábios perfeitos o faziam um homem sensual, tentador.

Com seu metro e noventa de estatura, parecia intimidador, sobretudo se o olhasse sentada de uma cadeira. De ombros largos e bom porte, saltava à vista que estava em forma. As calças ajustadas não dissimulavam as musculosas pernas, enquanto que sua camisa de manga arregaçada deixava ver os antebraços fortes e atléticos.

Maldição! Não podia ser feio, torto ou de dentes torcidos e amarelos, em vez de ser uma mescla de guerreiro viking e deus romano? Isto era o que lhe faltava neste bem-aventurado dia!

Lucien parou em seco. Tinha entrado contendo o mau humor que a dor de cabeça e a inoportuna chegada da preceptora lhe tinham provocado. Mas nada disso era comparável com o susto que levou ao vê-la. Por Deus! Essa mulher tinha que avisar antes que a vissem. Não era simplesmente feia, era..., não encontrava as palavras, toda sua atenção se concentrava em uma verruga monstruosa que tinha na comissura dos lábios. E... Essa sombra que tinha debaixo do nariz, era um bigode? Tinham-lhe mandado uma professora ou um estivador do porto de Londres?

Poderia ter os olhos bonitos, mas escondidos atrás de uns óculos grandes e de aumento não havia maneira de saber. O cabelo era escuro, ou pelo menos isso deduzia, porque estava oculto sob um enorme chapéu que parecia ter sido pisoteado por uma manada de cavalos. Estava adornado com uma pluma que caía torcida sobre sua orelha esquerda. O pobre adorno deve ter conhecido tempos melhores; entretanto, desprovido de quase todos seus fios, parecia o esqueleto de uma truta.

Com o rosto pálido e toda molhada. De onde diabos saiu essa mulher? Era barro o que estava colado em seu vestido?

Nesse instante, ficou de pé e deixou uma poça de água no chão, enquanto levantava a cabeça como resposta a seu metódico exame. Teve que admirar esse gesto orgulhoso.

— Boa noite, milorde. Sou a senhorita Emma Greyson, a preceptora.

Lucien não esperava que dessa mulher saísse uma voz tão cálida e sensual.

— Disso não há dúvida. — Disse em tom baixo.

Disso não há dúvida? Emma o tinha ouvido perfeitamente. Sabia que seu aspecto não era o mais agradável, mas esse comentário a espicaçara.

— Eu sou o Conde de Ashford.

— Conde? — Perguntou confusa. Greyson havia dito que trabalharia para o Marquês de Stamford, ensinando a seus três filhos.

— Sim. Está surda, senhorita Greyson?

Essa simples pergunta a tirou do sério. Ficou claro que, por algum motivo, ele não gostou dela. Desde que entrou pela porta a olhara como se fosse menos que uma lesma. Por quê? Se nem sequer a conhecia. Devia ser um desses aristocratas esnobes que se acreditavam superiores ao resto das pessoas.

— Ouço perfeitamente. Fui informada que trabalharia para o Marquês de Stamford.

— E assim é, mas neste momento eu me ocupo dos assuntos de meu irmão.

Ah! Assim que este era o irmão do Marquês, mas por que se ocupava de seus assuntos? E onde estava o Marquês de Stamford? Possivelmente sua hostilidade se devesse por não saber que o Marquês a tinha contratado.

— Seu irmão se dirigiu à agência Wakefield para contratar uma preceptora.

— Isso já sei senhorita Greyson. — Disse-lhe Lucien, enquanto se sentava em um dos braços da poltrona cor mogno e estirava suas largas pernas as cruzando à altura dos tornozelos. — O que gostaria é que me explicasse por que chegou a esta hora inconveniente e com esse aspecto.

Emma não gostou do tom que tinha acompanhado suas últimas palavras. Como se ela de propósito se empanasse no barro impregnando-se até os ossos! Teria sorte se disto não contraísse uma pneumonia.

— Por onde começar?

— Pelo princípio? — Perguntou Lucien sarcástico, enquanto

arqueava levemente a sobrancelha esquerda.

Nesse momento, Emma agradeceu levar uma maquiagem espessa que a fazia parecer pálida e desfigurada, porque sem dúvida debaixo de todo aquele artifício, estava vermelha de fúria. Ele falara como se fosse uma menina pequena e não tivesse a metade de um cérebro. Essa prepotência era insuportável. E ela que a princípio pensou que era um guerreiro viking um deus romano... Sim! Esse homem era o príncipe das trevas.

Olhou de um lado a outro como se a qualquer momento fosse sair fumaça das orelhas. Respirou fundo recordando que tinha que manter o controle.

Contou até dez segurando seu mau gênio, com mais vontade do que acreditava possuir, e lhe relatou os momentos de sua desastrosa viagem.

Notei. Foi a única palavra que disse, assim se o que queria era compreensão e uma tapinha nas costas já podia ficar esperando, esse homem era um grosseiro.

— E pode saber-se o que notou?

Emma soltou a pergunta antes que a prudência lhe fizesse conter a língua.

Uma ameaça de sorriso se estendeu pelos lábios de Lucien e Emma conteve a respiração. Esse sorriso era frio como o aço. Certamente, não encontrou graça em sua rabugice.

— O que noto senhorita, é que não sei como chegou viva até aqui depois de tudo o que me contou. É a cadeia de insucessos mais desafortunados e incríveis que tive a oportunidade de escutar. Imagino que para uma mulher como você terá sido uma experiência perturbadora.

— Acredita que exagero?

— Absolutamente. — Disse olhando-a como se esquadrinhasse

sua alma. — É tão absurdo que tem que ser verdade.

Lucien esperava não ter que vê-la frequentemente. Era preceptora por excelência. Suficiente para sentir compaixão por seus sobrinhos; entretanto, teve que admitir que a mulher possuísse caráter. Estava tensa, com os punhos apertados em ambos os lados de sua indeterminável silhueta, e seu esforço por ocultar o orgulho a estava matando.

Não lhe surpreendia que estivesse zangada, mas sua dor de cabeça, unida à lembrança de seus preceptores, tinha-o posto de um humor endiabrado. Decidiu que por essa noite a pobre mulher já tinha tido suficiente.

Nesse momento, Emma soltou um bufo muito pouco feminino e deu um pulo quando a potente voz de Lucien chamou o mordomo.

— O'Connell!

O mordomo entrou na sala quando a última sílaba saía dos lábios do Conde.

— Sim, milorde?

— Estão preparados os aposentos da senhorita Greyson?

— Certamente, milorde.

Lucien olhou a O'Connell com cara de poucos amigos.

— Acompanhe à senhorita até eles. Agora mesmo.

— Mas... — Começou a dizer Emma.

Lucien levantou uma mão para deter suas palavras.

— Amanhã conhecerá os meninos e ao resto da família. Terminaremos de falar então. Acredito que é melhor que descanse. Parece não poder sustentar-se em pé.

— De acordo. — Disse fracamente Emma.

Desejando boa noite, seguiu ao mordomo. Subiu por umas escadas até o piso superior. Cruzaram um corredor cheio de retratos, sem dúvida de familiares e dobraram à direita. Outro comprido corredor

se abriu ante eles; a porta de um dos cômodos estava entreaberta e por ela se podia ver um cavalinho de madeira. Essa devia ser a sala de jogos dos meninos.

Seguiu adiante até que O'Connell se deteve em seco e de maneira formal abriu a penúltima porta. Logo depois de deixar sua mala no interior, o mordomo lhe fez um breve gesto de assentimento com a cabeça e depois partiu fechando a porta atrás de si.

Estava cansada e a única coisa que não lhe doía de todo o corpo eram as pestanas.

O quarto era pequeno, mas delicado. Estava decorada com um gosto delicioso, ou pelo menos lhe parecia assim.

A janela era grande e estava coberta por umas cortinas de cor bege com motivos florais em tons de malva. A cama estava junto à janela, coberta com uma colcha lilás com ramos em tons marfim. Um pequeno tapete aparecia debaixo dela como se timidamente pedisse permissão para permanecer ali. Quando se levantasse pela manhã, seus pés descansariam sobre sua morna suavidade.

Junto à porta havia uma maciça cômoda de nogueira original do século XVII. Em um canto, uma cadeira acolchoada estilo francês parecia olhá-la com ar régio. Em cima da cômoda, um espelho oval lhe permitia ver claramente seu reflexo. Escutou uma maldição pouco digna de uma dama. Tinha-a balbuciado entre dentes sem poder conter-se ao ver sua imagem. Por Deus bendito, parecia grotesca! Não é que com seu disfarce foi favorecido, mas aquilo era horroroso.

Tirando a roupa, enquanto colocava sua camisola de algodão abotoada até o pescoço, pensou em sua situação. Nada a tinha preparado para encontrar-se com o Conde de Ashford. Punha-a nervosa, e não era só por seu enorme charme, porque era bonito a mais não poder, mas também por sua maneira de olhar, de mover, como um felino selvagem à espreita de sua presa. Desprendia uma segurança em

si mesmo que raiava o insulto e, sobretudo, por cada poro de sua pele emitia uma aura de mistério difícil de ignorar. Era como um desafio para qualquer mulher, um convite para descobrir seus segredos.

Graças a Deus que era um imbecil presunçoso, porque se não, estaria em uma boa confusão. Tinha sido um acerto ter vindo disfarçada. Em parte o tinha feito pela história da senhorita Greyson. Não queria que nenhum aristocrata a perseguisse como um sabujo faminto, mas agora também lhe servia de escudo. Tinha-a feito sentir-se mais segura frente às emoções que esse homem despertava nela. Como era possível que sua respiração se agitasse daquela maneira e que seu coração batesse como um potro selvagem unicamente depois de uns minutos a sós com ele? Devia ser produto do cansaço e da falta de alimento. Sim, certamente era isso. Não terei que lhe dar maior importância.

Vencida pelo cansaço, descobriu a cama e saltou entre seus lençóis. Aquela cama, sua suavidade, seu frescor, devia ser como estar no céu. Sem poder prestar atenção a nenhum de seus outros pensamentos, as pálpebras, cada vez mais pesados, ganharam sua batalha à vigília. Em menos de um minuto, Emma Bright estava profundamente adormecida.

Capítulo 5

Emma acordou ao despontar da alvorada. Apesar do cansaço do dia anterior, não pôde permanecer por mais tempo na cama. Desde que era uma menina, habituou-se a levantar ao amanhecer, e a força do hábito era mais forte que a súplica de seu corpo dolorido.

Revisou seu vestuário, que por certo não era muito amplo, e decidiu usar o vestido azul marinho com pescoço alto. Era um pouco asfixiante, mas nesse dia necessitava a tranquilidade que lhe transmitia. Estava um pouco solto pelos lados, o que lhe dava a oportunidade de seguir dissimulando sua silhueta. Os peitos deviam ser enfaixados como fazia desde sua chegada a Londres. Não os deixava muito grandes, mas sim o suficiente para que seu busto tivesse aceitação entre o gênero masculino. Sabia que para muitos homens, as mulheres só existiam do pescoço para baixo, e até pareciam hipnotizados por essa parte da anatomia feminina.

Maquiou-se ligeiramente, empalidecendo sua tez e dando uma sombra debaixo dos olhos. A ditosa verruga devia estar na comissura dos lábios. Muitas vezes seus pretendentes lhe haviam dito quão deliciosa era sua boca ligeiramente carnuda. Sabia que dessa maneira ninguém se fixaria nela. O cabelo escurecido de um tom castanho escuro, recolhido em um coque, enquanto os óculos lhe ocultavam os olhos. Dessa maneira parecia toda uma preceptora. Grunhiu um pouco quando olhou atentamente o resultado. Não estava tão mal como na noite anterior. Seguia sem ser de aparência agradável, mas tinha suavizado parte de seu disfarce. Por quê? Melhor era não conjecturar sobre a resposta. Certamente de modo inconsciente tinha pensado nos meninos, porque tampouco era questão de que saíssem correndo ao vê-la. Sim, esse era o motivo e não que quisesse estar mais apresentável para certo cavalheiro.

Armando-se de coragem, desceu à sala do café da manhã. O lugar estava concorrido. À mesa estavam sentadas três pessoas. Uma delas era o Conde de Ashford. O olhar irremediavelmente desviava para ele, que monopolizava todo o espaço com sua presença. Com uma xícara de café na mão, lia o que parecia um periódico. A sua direita estava sentada uma jovem de beleza clássica, seu perfil parecia tirado de uma escultura grega. Loira angelical, refinada em seus modos e seus movimentos tinham uma elegância inata. Em frente a ela se sentava uma mulher amadurecida, de olhos vivos e cabelo grisalho. Seu cenho um pouco franzido e seu proeminente queixo davam conta às claras de que era uma mulher com determinação. Nesse momento, girou a cabeça e pousou os olhos nela. Um sorriso travesso se estendeu por seus lábios. Não sabia por que, mas gostou desta mulher.

— Oh querida, venha, sente-se e tome o café da manhã.

Nesse instante, sentia-se como o alvo em um concurso de tiro. Todos os olhares se cravaram nela. O da jovem, receosa, e o do Conde de Ashford, bom, quem sabia o que pensava esse homem. Tinha uma sobrancelha arqueada enquanto tentava atravessá-la com o olhar. Parecia surpreso de que não tivesse saído correndo durante a noite anterior. Ah! Se acreditasse que a intimidaria tão facilmente teria uma desilusão. Não tinha feito nada mais que chegar, mas se ficasse o suficiente ia ser um verdadeiro prazer dobrar esse presumido. Não havia nada mais fascinante que uma boa provocação e um digno competidor, e sentia que tinha ambas as coisas à vista.

— Obrigada.

— Permita-me que a apresente Lady Amélia Bruce. É tia de meu irmão e tia avó dos meninos. — Disse-lhe Lucien enquanto olhava à mulher idosa.

— É um prazer.

— Diz que quer um chá? — Perguntou-lhe lady Amélia elevando

a voz.

— Tia Amélia tem problemas de audição. — Explicou Lucien com um sorriso que fez com que a sala tremesse sob seus pés. — Deve falar mais alto.

— Disse que é um prazer. — Repetiu com maior intensidade.

— Sim, sim, que quer um chá. O'Connell traga um bule para a senhorita.

Lucien sorriu mais abertamente, e estava claro que a sua custa.

— E esta dama é Sarah Bruce, sobrinha de Amélia.

— Encantada. — Disse-lhe Emma.

Sarah assentiu com a cabeça, dando a entender que era mútuo, no entanto, Emma não estava muito segura disso. Olhava-a como se fosse um inseto repugnante de que desejava desfazer-se.

— Esta é a senhorita Emma Greyson, a professora que lhes falei. — Disse Lucien dirigindo-se às duas damas, enquanto se levantava da cadeira deixando o guardanapo branco em cima da mesa.

— Bom, não fique aí, sente-se e tome o café da manhã, depois falaremos.

— Mas... — Indagou Emma a meio caminho de seu assento.

— Tia Amélia e Sarah lhe informarão melhor que eu. Não voltarei até a hora do almoço. Se então ainda tiver alguma dúvida, estarei encantado de poder esclarecer-lhe.

Essa última frase tinha estado carregada com mais pólvora que a que se utilizava nos canhões.

O'Connell apareceu com um bule enquanto os passos do Conde de Ashford ainda ressoavam na habitação.

— Sente-se, por favor. — Emma fez o que Sarah lhe sugeria.

— Sempre está com pressa este moço. O que tinha que fazer? — Perguntou Amélia enquanto franzia o cenho.

— Não sei tia, acredito que ia até Bath, falar com o

administrador.

— Vá! Para que Lucien quererá um pregador?

Sarah fez um gesto a Emma de que deixasse estar. Olhando com uns quentes olhos cor mel, escrutinou-a atentamente. Algo lhe dizia que detrás dessa aparência angelical escondia algum ressentimento. Não teria que ser adivinha para saber para quem seria dirigido. Essa família tinha algo em comum. Sabiam perfurar com o olhar.

— Tenho que confessar que sua contratação foi uma surpresa para todos.

— Não sabiam?

— A verdade é que não. Christopher, quer dizer, o Marquês de Stamford, caiu gravemente doente faz umas semanas. Graças a Deus está fora de perigo, mas sua recuperação será lenta. Devido a isso não comentou nada a seu respeito.

— Lamento se minha chegada lhes causou algum problema, mas não tinha ideia de que o Marquês estivesse doente.

— Problema? Que problema? Falam tão baixo que não entendo nada. — Reclamou lady Amélia com aborrecimento.

— Perdão milady, disse que lamento se minha chegada lhes causou algum problema. Ao que parece não sabiam de minha vinda.

— Moça, não deve desculpar-se. Será um prazer tê-la conosco. Deus sabe que toda ajuda é ainda pouca para os três pequenos.

— Quando poderei conhecê-los?

— Depois de tomar o café da manhã, se quiser. — Respondeu Sarah.

— Isso seria perfeito. Obrigada.

— De onde você é jovem? — Perguntou Amélia entrecruzando os dedos.

Parecia que toda a família tinha tomado gosto pela intimidação? Emma ficou com a torrada meio mordida.

— De Londres.

— Uma cidade formosa e cruel. — Argumentou com um sorriso nos lábios.

— Estou de acordo com a senhora, milady.

— Jovem, agradeço sua amostra de respeito, mas se for viver aqui e vais educar aos meus três meninos, nos veremos muito frequentemente e não acredito que suporte que me chame milady ou lady Amélia, ou qualquer dessas tolices.

— Tolices? — Perguntou Emma, divertida por aquele insólito comentário na boca de uma dama.

— Querida, pensei que a surda de ouvido fosse eu.

Emma sorriu abertamente. Aquela mulher era mais aguda do que parecia e tinha um senso de humor que começava a gostar.

— De acordo, deixaremos de tolices, Amélia.

— Isso está melhor. Bom, e agora se me desculparem, devo ir ver O'Connell. Esse velho ardiloso certamente não haverá dito a Chloe que temos convidados para jantar.

Como depois se inteiraria, Chloe era a cozinheira e também uma mulher de atitudes. Pelo visto, tinha se apaixonado por O'Connell que, com sua retórica, mais que conquistar seus favores, deixava-a louca.

Depois que Amélia se retirou, ficou a sós com Sarah. O silêncio que se instalou entre as duas foi tenso, como uma corda estirada ao máximo.

— Não a agrado, verdade? — Perguntou-lhe Emma, sem pensar duas vezes. Sabia que essa pergunta era inadequada, mas se tinha que ficar ali por um tempo, queria saber onde pisar.

O rosto de Sarah demonstrava surpresa.

— Essa pergunta é muito impertinente.

— Eu diria que tão impertinente quanto sua forma de me olhar. — Respondeu Emma.

Sarah olhou-a perplexa.

— É muito atrevida, senhorita Greyson.

— Tem razão. — Concordou Emma um pouco envergonhada por sua impulsividade. — Mas ao entrar na sala não pude deixar de sentir que não sou de seu agrado. Posso ver em seus olhos e não compreendo a razão de sua relutância para comigo.

Um brilho um pouco parecido com culpa cruzou pelos olhos cor mel de Sarah.

— Não tenho nada contra você. — Disse-lhe, respirando fundo. — Lamento que se sinta incomodada, mas tente compreender, acabo de me inteirar de sua contratação como professora dos meninos. Uns meninos que adoro e aos quais estou cuidando há dois anos.

Emma começou a entender por que Sarah tinha estado na defensiva desde que a viu. Sentia-se ameaçada.

— Imagino que Amélia e você estiveram cuidando dos meninos, e isto lhes terá parecido uma intromissão, mas eu só vim fazer meu trabalho. Não acredito que deva me jogar a culpa por isso.

— Eu não a culpo.

— Mas está aborrecida, não é assim?

— Quero muito a esses meninos, senhorita Greyson.

— Eu não vou ocupar seu lugar, senhorita Bruce. Só serei sua professora, enquanto que você é sua família. Ver-me-ão como a uma maçante sabichona que os aborrece até o limite. Acredite, quererão livrar-se de mim em dois segundos. São muito imaginativos?

— A que se refere?

— A aranhas em minha cama, água sobre minha porta, fantasmas com lençóis brancos...

Sarah sorriu sem poder conter-se. Iluminando-lhe o rosto e brilhando os olhos.

— Acredito que essa é a resposta suficiente. — Disse Emma com

pesar. — Sem dúvida necessitarei de ajuda. Você...?

— Fala a sério?

— Acredito que nunca disse algo com tanta certeza.

— Não quer ir sozinha para que me sinta melhor.

— Não é por isso, mas sim porque os conhece melhor que eu. Confiam em você. Diferentemente do que opinam outras preceptoras, eu considero que a família deve participar da educação das crianças. Minha impressão é que você é o mais parecido a uma mãe para eles. Farei melhor meu trabalho se me ajudar. Necessito que esteja ao meu lado. Assim, poderá me suportar sem sentir vontades de me estrangular?

— Umm, tentarei. — Respondeu. — E como diz minha tia, uma mulher muito sábia, deixe de tolices e me chame de Sarah.

Emma não pôde conter uma gargalhada.

— De acordo Sarah e agora por que não me apresenta a esses três pequenos.



As três crianças a olhavam como se fosse a bruxa do Norte. Suas expressões foram do aborrecimento absoluto à indiferença mais extrema. Certamente, esse sim ia ser um desafio. Sarah a tinha apresentado as crianças depois de lhes dizer que a partir deste momento ela ia ser sua professora. A mais velha das três era uma menina de uns dez anos. Magra e de feições clássicas, tinha olhos azuis da cor do mar enfurecido. Com o cabelo negro e sua postura erguida já parecia uma dama, entretanto, seus olhos estavam cheios de tristeza. Ela sabia reconhecer esse olhar, porque durante anos o tinha visto no espelho quando se olhava nele. Seu nome era Margareth e nem sequer a olhou. O segundo era um rapazinho de sete anos. Parecia com alguém

conhecido e não demorou nem três segundos em dar-se conta de que esse alguém era o mesmo que a perturbara desde sua chegada, o Conde de Ashford. A única diferença era que os olhos do menino eram de um cinza azulado, enquanto que os de seu tio eram negros como um poço fundo. Chamava-se Anthony. A pequena se chamava Elizabeth, embora todos a chamassem de Lizzy. Era absolutamente doce. Com apenas quatro anos, falava até pelos cotovelos e quando permanecia calada seus enormes olhos negros, ávidos de curiosidade, olhavam-na como se pudessem ler a alma. Com cachos loiros que caíam sobre a fronte e uma careta adorável nos lábios, saiu correndo para ela e abraçou as suas pernas.

— Não se preocupe isso é perfeitamente normal. Lizzy abraça a todo mundo. — Disse Sarah ao ver o rosto espantado de Emma. Nesse instante soube que essa pequena lhe tinha roubado o coração.

Margareth se aproximou de sua irmã e com determinação soltou os bracinhos das pernas da professora.

— Já está bem, Lizzy. Não incomode à senhora.

— Não, não me incomoda só que não esperava essa recepção.

— Nos dará aulas? — Perguntou Anthony enquanto elevava uma sobrancelha exatamente igual a como seu tio fazia.

— Sim, isso. Darei aulas de história, matemática, gramática, desenho...

A voz de Emma foi diminuindo ao mesmo tempo em que viu a cara de horror dos meninos.

— Eu não sei ler. — Disse a pequena Lizzy.

Emma se agachou até ficar à altura da menina e assim poder olhá-la nos olhos.

— Vamos solucionar isso e dentro de pouco tempo saberá ler tão bem quanto seus irmãos.

— De verdade? — Perguntou a menina como se aquilo fosse o

maior tesouro do mundo.

— Prometo.

— Pois me parece que essas aulas vão ser um verdadeiro tédio.

— Anthony! — Exclamou Sarah vermelha de vergonha.

Emma se aproximou dele olhando-o fixamente.

— Ah, sim? Então terei que pensar em algo.

— O que? Vai nos castigar?

— Não sei, deixe-me pensar. Não consigo me decidir entre o açoite e as brasas ardentes.

Anthony sorriu deixando ver seus pequenos dentes perfeitos. Então Emma abaixou um pouco os óculos lhe piscando o olho sem que os outros vissem, o menino soltou uma gargalhada. Anthony faria estragos na ala feminina quando fosse mais velho. As covinhas que se formavam ao sorrir lhe iluminavam o rosto dando um aspecto encantador que a toda garota parecia fascinar.

— Por onde começamos? — Perguntou Sarah já recuperada do atrevimento de seu sobrinho.

— Poderia me guiar à sala de estudo?

— Sim claro, é por aqui.

Logo depois de deixar as crianças para que tomassem o café da manhã tranquilas, Sarah a guiou a sala de estudo e ao quarto de jogos, ambos próximos ao das crianças e ao seu próprio.

— O que lhe parece? — Perguntou-lhe Sarah quando terminaram seu percurso.

— Lizzy é adorável e Anthony encantador.

— E Margareth?

— Margareth é outra coisa.

— Você percebeu.

— Sim. É impossível não ver toda a tristeza que há em seus olhos.

— E isso não é tudo. — Disse Sarah com voz cheia de preocupação. — Nem sequer seu pai consegue que essa tristeza se desvaneça. Quando parecia que começava a superar a perda da mãe, Christopher caiu doente. Tornou-se uma menina muito introvertida e muito responsável para sua idade. Sempre está protegendo os irmãos e guarda tudo para si, sem contar nada.

— Isso acontece com algumas crianças que perdem prematuramente a algum de seus pais.

— Já esteve com alguma criança nesta situação?

— Sim, com uma menina. Também tinha perdido a mãe.

— E se recuperou?

— Sim, com tempo, paciência e muito carinho. Quando Margareth estiver preparada falará disso, não antes.

— Compreendo. — Falou Sarah. — Acredito que não vai ser tão mau que esteja aqui.

— Já não tenho que me preocupar que dê ideias às crianças sobre como se desfazerem de mim?

Sarah soltou uma gargalhada.

— Não acredito que necessitem minha ajuda para isso, sobretudo Anthony.

— Sim, esse menino é ardiloso. Vi em seu olhar que a das brasas ardentes lhe pareceu boa ideia.

Sarah já se dobrava em duas de tanto rir imaginando Emma com o cabelo chamuscado.

— Está imaginando isso, verdade? — Perguntou-lhe Emma dando pancadinhas no chão com a ponteira de sua bota de cano longo.

— Basta Emma. Fazia tempo que não ria tanto.

— Pois já era hora. — Disse rindo também.

— O que fazem vocês duas?

Amélia Bruce estava atrás delas olhando-as como se fossem

duas meninas travessas.

— Nada tia.

— Nada? Bom quando tiverem terminado, espero na saleta. E gostaria que me informassem o horário que as crianças vão seguir. Não demorem.

Sem deter-se mais, com o porte de uma verdadeira rainha, lady Amélia deu meia volta murmurando entre dentes.

— Estas jovens acreditam que me enganam. Que não riam de nada, Ha!

Enquanto descia as escadas, Amélia ouviu as gargalhadas que explodiram de novo no piso superior e sem poder conter-se, ela também riu.



Lucien esporeou a Bucéfalos quando faltavam poucos quilômetros para chegar. Adorava fazer o puro sangre correr como o vento. A manhã tinha sido pior do que esperava, pois Vince Grant, o investigador que tinha contratado, não havia descoberto nada sobre a sabotagem. As pistas eram poucas e investigar cada uma delas levaria tempo. Isso era o que lhe havia dito Grant quando viu seu desânimo com o pouco resultado do seu trabalho de investigação. Se Richard estivesse aqui, ele mesmo se encarregaria, mas estava no meio do atlântico voltando de Nova Iorque. A possibilidade de ampliar seus negócios havia sido muito atrativa para deixá-la passar. Não podia contar com seu amigo e sócio por umas semanas, e ele estava amarrado de pés e mãos a Cravencross enquanto seu irmão não estivesse completamente recuperado. Aquele assunto não o agradava. As sabotagens não tinham sido azar, pois foram perpetradas contra dois de seus melhores navios. Um deles tinha perdido a metade da mercadoria e tivera que cobrir os gastos, além de acalmar os clientes sobre a

segurança de futuras transações. O outro tinha chegado com um atraso de mais de um mês. Estranhos acidentes fizeram com que tivesse que permanecer no porto da Jamaica até nova ordem.

Se pensasse bem, não era tão estranho. Richard e ele haviam acumulado alguns inimigos pelo caminho. Durante uma época, tinham trabalhado em segredo para a Coroa, de uma maneira pouco popular entre os cavalheiros. Ser espião não era bem visto entre os homens de honra, mas era um trabalho necessário e valioso. Muitas das informações obtidas por espiões serviram para salvar vidas. Não tinham um contrato permanente, mas em suas viagens pelo continente e enquanto estiveram navegando, complementaram seus interesses com algumas missões.

Outra possibilidade era a concorrência. A companhia Star foi a que mais sofreu danos. Monopolizava o mercado até que eles chegaram, obrigando-a a manter uma concorrência saudável, ou pelo menos isso era o que tinha acreditado até o momento. Eles começaram a oferecer rotas que a Star não tinha, além das condições e a qualidade, que também foram um ponto diferencial. O resultado foi que muitos dos clientes habituais da Star decidiram transferir seus negócios, e Henry Banks, diretor da companhia Star, era muito ambicioso para deixar passar.

Atiçou brandamente o cavalo, pois já via Cravencross no alto da colina. Não tinha comentado com ninguém o problema. Para todos tinha ido a Bath encontrar-se com Regis, o administrador de suas terras. Nessa área, não tinha o que se preocupar, pois tudo corria bem. Regis era muito competente. Tinha conduzido com diligência as melhorias que lhe tinha ordenado, e estas haviam começado a render seus frutos.

Cruzando o pátio, levou Bucéfalos ao estábulo e se encarregou do puro sangue. Depois de uns minutos, subiu as escadas

apressadamente, até que chocou com uma confusão de tecido azul escuro que terminou no chão. Era a preceptora.

Emma decidira dar um passeio antes de comer. Não tinha percorrido ainda os jardins que das janelas da grande mansão pareciam belíssimos para ser verdade. Com sua chegada às tantas da madrugada, não tinha podido contemplar a paisagem que se revelava como um verdadeiro Éden. Durante a manhã, tinha organizado as coisas para começar as aulas no dia seguinte. Havia perguntado a Sarah sobre o nível de cada uma das crianças e tinha discutido com ela o horário, de maneira tal que tivessem tempo para realizar outras atividades. Quando por fim terminaram, decidiu aproveitar a oportunidade de esticar por um momento as pernas. Adorava dar longos passeios e respirar o ar fresco do campo. Amélia a tinha animado dizendo que não queria vê-la até a hora da refeição. Tinha sido irredutível, com essa determinação que já começava a lhe parecer familiar. E então, quando se apressava a sair, chocou-se contra uma parede e foi dar com seu traseiro no chão. Tinha que ter imaginado quem era o muro. Que agora lhe sorria desde seu metro noventa com uma piscada de malicia que a estava matando.

— Não sabe caminhar?

— E você não sabe olhar para onde vai? — Disse-lhe Emma.

— É impertinente, sabia?

— Não, mas já me disseram isso hoje duas vezes.

— Vá, novo recorde.

Lucien não lhe estendeu uma mão como faria um cavalheiro para ajudá-la a levantar-se, mas sim a pegou diretamente por debaixo dos braços e a pôs em pé em menos de um segundo. A Emma, o contato de suas mãos, apesar das camadas de tecido que havia entre os dois, a fez corar até as pestanas. Esse homem tinha um efeito demolidor sobre seus sentidos.

— Está bem?

— Um pouco tarde para perguntar, não lhe parece?

— Sabe, não é só impertinente, mas também um verdadeiro aborrecimento. Dão estágios nessa sua agência sobre como ser insuportável?

— Não, ao que parece é um dom natural.

— E não podia por freio a esse dom?

— Não. — Disse Emma cansada de tanta tolice. — E agora se me permitir...

Emma fez a ameaça de esquivar-se para passar, mas Lucien não permitiu.

— Imagino que tenha conhecido as crianças.

— Sim.

— E por que não está com elas?

— Vamos começar as aulas amanhã.

— Como um sopro de liberdade antes da Condenação? Não imaginei que você tivesse piedade.

— Foi traumatizado por alguma professora, verdade?

— Por que diz isso?

— Não sei, talvez seja só uma suposição de que esse é o motivo pelo qual não me suporta.

Lucien soltou uma gargalhada. A despeito de si mesmo, muito se divertia provocando a senhorita Greyson.

— Não sei como pôde chegar a essa conclusão.

— Umm... — Resmungou Emma, baixinho. — Bom, imagino que não quererá seguir perdendo tempo com uma insignificante empregada, assim se me permite passar, deixá-lo-ei em paz.

— Aonde vai?

Emma teve que morder a língua para não lhe soltar um "e a você o que lhe interessa". Contando até dez para se controlar, olhou-o

tentando não refletir o mau humor que lhe causava sua presença. Estava claro que adorava provocá-la e não estava disposta a lhe dar esse prazer.

— Ia dar um passeio.

— É quase a hora do almoço.

— Ia ser um passeio curto.

— Tem respostas para tudo?

— Sim.

— Outro dom?

— Não, esta virtude surgiu com a prática.

Lucien teve que fazer esforço para não voltar a rir.

Não era uma beldade, mas essa manhã parecia diferente à mulher da noite anterior. Estava ligeiramente melhor. Sacudiu a cabeça tentando concentrar-se. De verdade estava ali na entrada da casa discernindo sobre as sutis mudanças no aspecto de uma professorinha? Já não cabia dúvida de que necessitava um descanso.

— De acordo. — Disse enquanto se afastava de seu caminho.

Emma se apressou a passar ao seu lado antes que mudasse de opinião. Quando estava no final da escadaria, o Conde de Ashford a chamou.

— Senhorita Greyson?

— Sim? — Indagou, voltando-se com evidente aborrecimento.

— Não chegue tarde à refeição. Somos muito restritos com a pontualidade.

A vontade que teve de lhe dizer o mesmo que Anthony havia dito essa manhã a ela: "O que? Se chegar tarde vai castigar-me?" foi descomunal; entretanto, a ideia que lhe cruzou pela cabeça reduziu sua língua ao mais profundo silêncio, porque não queria nem pensar na classe de castigos que ocorreriam a um homem como o Conde de Ashford.

— Desde quando é preceptora?

A pergunta de Anthony encheu o silêncio da sala de estudo.

Subiram depois de um almoço agradável apesar da presença do Conde de Ashford, que observava tudo com ar zombador. Alegrou-se muito ao comprovar que, a diferença de outras famílias da nobreza em que as crianças não comiam com os adultos, na família do Marquês de Stanford essa formalidade não se observava.

Emma tinha decidido que essa tarde lhes falaria de suas aulas e de qual seria sua rotina a partir desse momento. Não tinham decorridos tantos anos desde que ela passara pela mesma fase.

Entretanto, em seu caso tanto Kate como sua tia Francesca tinham tido o cuidado de não fazer de sua educação uma sequência interminável de dados, datas e cifras.

Esperava que os meninos não vissem sua presença ali como uma nova técnica de tortura, mas não devia enganar-se, isso ia ser difícil.

— Faz dois anos que trabalho para a agência Wackfield. Respondeu-lhe.

— Encarregou-se de algum menino perturbador?

Céus era igual ao seu tio, mas com sete anos!

— Disse encarregada?

— Sim, é o jargão dos marinheiros.

— E como você sabe qual é o jargão dos marinheiros?

— Por meu tio Lucien. Contou-me histórias de quando foi parte da tripulação de um navio.

— Não é de admirar-se. — Soltou antes que pudesse conter a língua.

— Sabe? Uma vez lutaram contra piratas. — Disse o menino

com o peito cheio de orgulho.

— E não seria ele o pirata?

Anthony soltou uma risada que a fez sorrir também.

— Não! Mas é lógico que fique confusa, você é mulher e não sabe nada sobre piratas.

— Disso não estaria tão seguro, uma vez naveguei com um.

Os olhos do menino expressaram curiosidade por uns momentos.

— Esta inventando.

— Se não acredita...

Anthony só aguentou dez segundos antes de falar.

— Acredito que deveria escutar sua história para poder julgar por mim mesmo.

— Isso é uma sábia decisão. Você também quer escutá-la, Margareth?

A menina levantou os ombros em sinal de indiferença. Bom, não posso desanimar. Levaria um pouco mais de tempo para que Margareth confiasse nela, mas com paciência tudo era possível. Não poderia esperar conseguir resultados no primeiro dia.

— Eu sim quero. — Disse a pequena Lizzy enquanto tirava um de seus cachos da boca. — Há uma princesa?

— Não, mas há uma formosa dama. — Disse à menina ao ver sua expressão de desilusão.

— Uff, uma dama... Vá história de piratas! — Soltou Anthony.

— Acreditei que esperaria até que a contasse para dar sua opinião sobre ela.

— Sim, mas tenho que te dizer que o princípio deixa muito a desejar.

— Uma história não só se compõe de um princípio, sabe? Também há um desenvolvimento e um desenlace. Às vezes o que

começa de uma maneira pouco convincente pode terminar sendo algo inspirador. Bom, lá vamos.



— Vá, esse Dragão Negro era um pirata! — Exclamou Anthony meia hora depois.

Lizzy a olhava com os olhos como pratos e Margareth na metade da narração tinha desviado seu olhar da janela para escutar atentamente a aventura. Anthony, é obvio, fazia toda classe de perguntas revelando-se um autêntico devorador de histórias.

— O que não consigo entender é por que tanto o Dragão Negro como o capitão DeVille lutaram ate a morte pelo amor de Violet.

— Não se preocupe, quando tiver uns anos a mais entenderá.

— Isso diz meu tio.

Ao menos uma vez estava de acordo com o Conde de Ashford. Para um menino de sete anos, apaixonar-se não era mais que uma estupidez passageira. Uma coisa incompreensível.

— Foi genial, mas a parte em que Violet luta com a espada e ganha do tenente do navio francês é inventada.

— Por quê?

— Porque as mulheres não sabem nada de espadas.

— Quem diz que não?

Anthony a olhou perplexo.

— Ha, agora vai me dizer que você sabe empunhar uma espada.

— Sim, não acredita.

O menino se dobrou em dois, morto de rir. Cada vez que a olhava ria mais forte, enquanto dava pequenos golpes com a mão sobre a mesa de estudo, como se assim pudesse parar de rir.

Emma tirou sua adaga da bota de cano longo e com uma rapidez

espantosa a lançou para cravá-la no mapa que havia ao final da sala.

— Whoo. — Disse Lizzy.

Anthony tinha parado de rir e a olhava como se fosse o próprio Dragão Negro.

— Se te levantar verá que está sobre a Inglaterra.

Margareth foi mais rápida que seu irmão.

— É verdade. Como o fez?

— Questão de prática e habilidade. Anthony crê ainda que não saberia utilizar uma espada?

— Senhorita Greyson, depois disso seria um tolo se lhe dissesse que sim.

Emma se levantou para recolher sua adaga e a guardou fora do alcance dos meninos dentro de sua bota de cano longo.

— Ensinará como utilizar uma espada?

— E me contará outra história? — Perguntou Lizzy.

— Ensinará a não ter medo?

Essa última pergunta saída dos lábios de Margareth foi a que evitou que começasse a flagelar-se por ser tão impulsiva e lhes haver feito a demonstração com a adaga. Tinha sido uma estupidez, mas ao escutar a pergunta de Margareth soube que havia valido a pena.

— Não posso prometer algo assim, mas sim posso te ajudar a descobrir sua própria força.

Margareth assentiu com a cabeça.

— Só lhes peço uma coisa.

— Que coisa? — Perguntaram os três de uma vez.

— Que esta demonstração fique entre nós.

— Certamente. — Afirmou Anthony como se fosse um homem adulto.

— Eu não direi nada. — Corroborou a pequena Lizzy fechando a boca com os dois dedos.

Só ficava Margareth. A menina a olhou e esboçou o sorriso mais belo que tinha visto em sua vida. Essa era sua promessa.



O jantar chegou como um fantasma escorregadio. Antes de dar-se conta, estava se preparando para descer ao salão, onde se reuniria com a família e uns convidados. Gostaria de não ter que estar presente, mas Amélia não lhe tinha dado opção. Com um suave sorriso e um perspicaz olhar, tinha descartado todas suas desculpas. A mulher tinha a exasperante tendência de deixá-la sem argumentos. Mirou-se no espelho e com um gemido nada feminino deu meia volta. Esse dia tinha estado carregado de surpresas. Sentia-se um pouco cansada, mas estranhamente satisfeita. Tinha se conectado a Amélia e Sarah de uma maneira que não acreditara possível. Acabava de conhecê-las, e pareciam antigas amigas que se reconheciam depois de um longo período de ausência. Sentia-se reconfortada por essa acolhida, que havia adoçado em parte o que tinha vivido durante os últimos dias. As crianças a tinham deixado sem palavras. Apesar de sua inexperiência no campo, teve que reconhecer que adorou passar à tarde com eles, abrigavam a refrescante e maravilhosa qualidade de ser diretos e sinceros, desarmavam-na a cada momento com seus olhos cheios de uma inocente sabedoria. Algo diferente era o tio dos meninos. Com ele as coisas se complicaram. Se não, que o dissessem a seu corpo que a traía cada vez que se encontrava em sua presença. Deixava-a nervosa e na defensiva. Nada tinha a ver com que o homem fosse o mais atraente que encontrara em sua vida, ou pelo menos, era o que tinha pensado uma e outra vez durante sua estada naquela casa. Sim, isso devia ser certo porque, como toda mulher que se reconhecia medianamente inteligente, essa falta de controle não podia dever-se à fragrância

sedutora que desprendia esse homem, nem a seu olhar misterioso, nem as suas mãos grandes e perturbadoras... Estava perdida, como tinha chegado a esse ponto? Toda sua inteligência tinha ficado anulada por esse emproado e presunçoso. Não, isso não era verdade, só estava cansada. Decidiu não dedicar nem um segundo mais a esse pensamento e saiu do quarto.



— Contratou a uma professora?

— Sim. — Afirmou Sarah à senhora Fairbank, com um agradável sorriso nos lábios.

Clarice Fairbank era vizinha de Cravencross há mais de vinte anos. Sua propriedade limitava ao norte com a deles e, salvo por sua inata curiosidade, era uma mulher muito agradável. Seu marido tinha sido coronel no exército, mas aposentado a mais de dez anos, fazia concorrência com lady Amélia Bruce quanto a sua extrema surdez. Clarice, às vezes, fazia que todos dessem um salto quando tentava com que o pobre Coronel entendesse algo. Que simplesmente se limitava a olhá-la como se acreditasse que estivesse vendo uma lunática e logo sacudia os ombros para cima e para baixo com absoluta indiferença, ao que a senhora Fairbank sempre respondia: "É tão gracioso meu Roger, sempre com suas brincadeiras".

"Está mais que claro que seu Roger a ignora", pensou Sarah. Ainda bem que nessa noite, Eric o filho dos Fairbank não os tinha acompanhado. Estava farta de que a perseguisse cada vez que tinha oportunidade. Tinha tentado ser amável, mas sempre lhe deixando claro que não correspondia a seus afetos. Seu coração pertencia a um homem desde há muito tempo e sabia com toda segurança que jamais poderia apaixonar-se por outro. Soltou um suspiro quando viu Emma

na entrada do salão. Tia Amélia e Lucien ainda não tinham descido, e a presença de uma alma caridosa que a ajudasse a lutar com a avalanche de perguntas de Clarice era mais que bem-vinda. Não sabia o que a tinha feito baixar a guarda com Emma. A princípio havia resolvido rechaçá-la, mas essa mulher a tinha desarmado em seu próprio campo. Não sabia se tinha sido sua determinação, sua escandalosa sinceridade ou seu humor em momentos de tensão o que a levou a aceitá-la sem reservas, mas se alegrava disso. Seguia tendo suas dúvidas, porque ninguém podia conhecer alguém em tão poucas horas, mas algo em seu interior a levava a pensar que seu instinto desta vez não lhe falharia. Ter de novo uma amiga seria fantástico, porque depois da morte de Meredith às vezes se sentira isolada em seu próprio mundo. Um mundo cheio de perguntas sem nenhuma resposta, um mundo no que a única pessoa com quem compartilhar suas dúvidas e angústias era ela mesma. Nessa casa todos tinham sofrido e não podia sobrecarregá-los ainda mais com seus próprios problemas.

— Senhora Fairbank, deixe que a apresente à senhorita Emma Greyson. — Introduziu Sarah enquanto com um gesto animava a Emma a aproximar-se.

— Oh, é um prazer. — Respondeu Clarice enquanto observava atentamente Emma.

Emma sentiu como se essa mulher lhe tivesse visto as anáguas. Seu escrutínio tinha sido pior do que a cozinheira de sua tia Francesca tinha feito ao pobre Enrico na Véspera de natal. Enrico era o peru que tinha passado os últimos três meses engordando para esse dia.

— O prazer é meu. — Disse-lhe Emma forçando um sorriso.

— Você é maior do que imaginava.

— Sim, é o que me dizem frequentemente, mas já sabe, as professoras envelhecem antes.

— E isso por que, querida?

— Pois é o resultado inevitável do que devemos suportar.

Sarah sorriu sem conseguir conter-se ante a cara de estupefação de Clarice. Ia ser refrescante ter Emma ali.

A senhora Fairbank reagiu imediatamente quando Amélia entrou no salão.

— Oh, querida, está estupenda. — Cumprimentou enquanto se aproximava dela.

— Que estou horrenda? — Disse Amélia.

Clarice ficara outra vez sem palavras; a surdez dessa mulher a desconcertava. Parecia que aquela não era sua noite. O Coronel, por sua parte, estava roncando na poltrona do canto com a cabeça pendurando por um dos lados.

— Já vejo que Roger está tão animado como sempre. — Comentou Amélia enquanto levantava a sobrancelha esquerda. — Vejo que já conheceu Emma.

— Sim, Sarah nos apresentou.

— E não tem nada a dizer? Seria a primeira vez que segura a língua.

— Oh Amélia, o que vão pensar as moças de mim.

— A verdade, que é uma fofoqueira, mas uma boa amiga.

Clarice sorriu. Conhecia Amélia desde que ambas tinham feito sua apresentação à sociedade. Eram velhas amigas que sempre estavam brigando. Essa era a forma de demonstrarem o afeto que sentiam uma pela outra.

— Bom, será melhor nos dirigir ao salão.

— E Lucien? Não janta conosco?

Amélia parou, olhando a sua amiga como se esta acabasse de recordar que se esqueceu do guarda-chuva antes de sair de casa.

Nesse momento, como se ao pronunciar seu nome o fizesse aparecer como magia, Lucien entrou no salão. Para falar a verdade,

agora com sua presença, parecia que o espaço se reduziu, como se o cômodo estivesse mais quente. Emma já não recordava por que usava esse vestido, pois estava claro que a temperatura havia subido de maneira alarmante para essa época do ano.

— Boa noite, senhora Fairbank, senhor... Fairbank. — Disse com expressão um pouco divertida ao ver o Coronel, com meio corpo inclinado pela poltrona.

— Clarice, será melhor que chame a seu marido antes que faça um buraco nos ladrilhos com sua cabeça.

— Roger!

O Coronel deu um pulo enquanto tentava enfocar as pessoas que se encontravam a seu redor.

— Não é... Ou sim, é muito divertido. — Disse como se soubesse do que estavam falando.

— E logo dizem que eu estou mal do ouvido. — Disse Amélia com uma espécie de gemido.

Sarah acompanhou ao desorientado Coronel, enquanto sua esposa falava animadamente com Amélia. Desgraçadamente, só ficavam Lucien e ela. Tentou diminuir o passo para não ir ao mesmo tempo, mas era muito esperar que aquele presumido deixasse a boca fechada.

— Não é de boa educação ignorar as pessoas.

Emma apertou o punho para não estapear a sua bonita face.

— E eu pensava que a falta de pontualidade era pouco menos que um pecado capital para você.

O sorriso que Lucien dirigiu a ela estava destinado a desarmá-la, disso não havia dúvida. Tinha feito com o propósito de deixá-la nervosa.

— Tem boa memória.

— Disse isso esta tarde. Até um mosquito recordaria.

Lucien já não lhe sorria.

— Acredita-se muito graciosa, não é mesmo?

— Oh, aprendo rápido.

— Já percebi. – resmungou entre dentes enquanto entravam no salão.

Lucien sentia vontade de estrangular essa criatura prepotente com suas próprias mãos. Teve que reconhecer que era rápida, além de ter a exasperante qualidade de encontrar respostas para tudo. Ia apreciar colocá—la em seu lugar.

— Sinto ter chegado tarde.

Todos se voltaram ao escutar a voz.

Emma não pôde evitar ver a expressão de aborrecimento no rosto de Sarah ao ouvir o recém-chegado.

— Lamento ter entrado desta maneira, mas já que somos vizinhos há tantos anos, disse a O'Connell que deixasse as formalidades de lado.

— É um encanto o meu Eric, não acha Amélia?

— Sim, como uma urticária. — Murmurou.

Só Emma a escutou, mas entre o gesto de Sarah e o comentário de Amélia, teve uma ideia de quão encantador devia ser esse tal Eric.

— Emma, este é meu filho, Eric Fairbank. — Apresentou Clarice.

Emma deu um passo à frente para saudá-lo, mas o homem, com pequenos olhos de camundongo, deu um passo atrás como se tivesse visto um monstro de duas cabeças.

Lucien não gostou dessa atitude. Nunca apreciara muito o filho dos Fairbank. Tinha sempre no rosto um sorriso falso que o fazia desejar apagá-lo com um murro, e nesse momento mais que nunca. Uma coisa era que ele próprio provocasse a professora e outra muito diferente era que a desprezassem em sua presença.

Capítulo 7

O jantar havia transcorrido enfadonho, entre um maçante discurso da senhora Fairbank sobre as qualidades de seu filho Eric e a falsa modéstia deste ante as adulações de sua mãe.

Lucien tinha mordido mais de uma vez a língua para não dizer o que pensava realmente desse malcriado. Geralmente não prestava atenção a essas tolices, mas essa noite tinha sido diferente. Ao longo dos anos tinha adquirido o dom de manter-se impassível sobre tudo que não considerasse importante, deslizando entre a sociedade com uma naturalidade plácida. A sua indiferença ante seus jogos era bem conhecida entre seus colegas e conhecidos, o que valia as críticas de alguns e as adulações de outros. Realmente lhe era indiferente. Entretanto, essa noite o filho da senhora Fairbank parecia mais insuportável do que nunca. Um ser presunçoso que desfrutava ridicularizar aos outros. Teria que admitir que fosse hábil no que fazia, já que nunca ultrapassava o limite do correto.

Depois de que os Fairbank se foram, todos se retiraram para dormir, menos ele, que se sentia inquieto. A taça de conhaque que tinha entre as mãos não o havia acalmado o suficiente para descansar. Decidiu subir para ver seu irmão, que sem dúvida se sentiria mais inquieto que ele. Tinham conversado na noite anterior. Essa mesma manhã tinha feito uma curta visita para informá-lo da chegada da professora. Seus olhos cheios de indagações se prepararam para obter respostas, mas o deixou com a vontade ao dizer a ele que nesse momento não tinha tempo para seus falatórios, o rugido que escutou de fora do quarto tinha deixado claro que Christopher não achara graça no comentário.

— Boa noite. — Saudou enquanto entrava no cômodo.

— Imagino que agora sim tem tempo, não é? Pois agora estou

cansado e desejo dormir.

— Não se faça de ofendido. Sei que está aborrecido e ansioso para que te conte como vai tudo.

— Às vezes te odeio, sabe?

— Sim. — Disse Lucien com um sorriso que deixava ver seus perfeitos dentes brancos.

— Bem, pois conte.

Lucien ficou calado deixando claro que estava se divertindo.

— Acha divertido me ver sofrer, não é? Vai me fazer suplicar?

— Bem, pensando bem...

Christopher deu um tapa no braço esquerdo de Lucien que o fez soltar um uivo.

— Isso é por ser um imbecil.

Lucien soltou uma gargalhada. Seu irmão estava se recuperando e não havia nada que o fizesse sentir-se melhor do que isso.

— E agora a sério, conte-me como vai tudo. Estas mulheres me mantêm incomunicável. Dizem que tenho que estar tranquilo para que minha recuperação seja satisfatória. E eu digo que uma coisa é estar tranquilo e outra estar morto.

— Sim, nisso te dou razão. E digo mais, agora que encontraram outra aliada, estamos rodeados de mulheres mandonas e irascíveis.

— Está alterado irmão. Isso é algo interessante.

— Não se aproveite porque acha que não posso te dar seu castigo estando convalescente.

— Algo bom teria que resultar em estar aqui acamado. O que é isso de uma aliada?

— A preceptora. Não sei como fez, mas em um dia conquistou todas as mulheres desta casa. Teria que conhecê-la. É um pesadelo de mulher.

— Não sei por que, mas estou começando a apreciá-la também.

Lucien o olhou com cara de poucos amigos.

— E as crianças?

— Hoje apenas as vi, mas Sarah me disse que Emma passou à tarde com eles e que eu saiba não saíram gritando.

— Bom isso é um avanço. Umm, Emma?

— A senhorita Greyson.

— Chama-a Emma? - Perguntou Christopher ironicamente.

— Se a visse, nem sequer perguntaria isso.

— Por quê? É feia?

— É uma professora, arrogante e irritante.

— Sim, imagino que deve ser uma pessoa contraditória para conseguir perturbá-lo em tão poucas horas. Essa mulher goza de toda minha admiração.

— Deixa para lá. E você, como está?

— A recuperação é muito lenta irmão, mas não posso me queixar.

— Bom, é hora de me retirar e deixá-lo descansar.

— Nada disso. Traga o baralho e me dê um pouco desse conhaque que há na biblioteca, que este irmão vai te dar um bom castigo.

— De acordo, mas depois não choramingue quando te deixar limpo.

— Isso vai te custar caro.

— Ah, sim? Quanto?

— Como a preciosa égua que desde esta tarde está nas cavalariças.

— Que égua?

— Aquela que tanto desejava, mas que Martin Henderson se recusava a vender.

— Como conseguiu?

— Dando a ele preferência na compra dos terrenos que quero me desfazer.

— Mas por quê?

— Porque notei sua expressão quando viu esse cavalo.

Lucien ficou mudo.

— Não faça essa cara. Simplesmente não sabia o que te dar de presente em seu aniversário.

— Meu aniversário é dentro de cinco meses.

— Bem, quem se importa?

— Christopher...

— Seu irmão não pode lhe dar algo de presente sem que tenhamos que fazer uma análise do tema?

Lucien sorriu abertamente.

— Obrigado.

— Não acredito que dirá o mesmo quando acabar contigo esta noite. — Disse Christopher tirando a importância do assunto.

— De acordo, fracote, baralho.



Haviam transcorrido vários dias desde sua chegada a Cravencross, e pela primeira vez podia permitir-se pensar que estava a salvo. Fez todo o possível para não deixar nenhuma pista que pudesse levar os homens de seu pai até ela, mas nunca poderia estar totalmente segura de não ter cometido algum engano. Sentia-se contente de estar ali, apesar de a princípio pensar que era a maior estupidez de sua vida. Salvo o Conde de Ashford, quem às vezes parecia que gostaria de lhe arrancar a pele em tiras, os outros a tinham aceito como uma a mais, e era uma sensação reconfortante quando se estava a uma grande distância do lar e das pessoas que amava e tinha saudades.

As crianças tinham começado as aulas e a surpreendiam a cada momento. Eram inteligentes, imaginativas e mostravam uma energia transbordante.

Nessa tarde tinham decidido ir ao lago. Da casa era possível ver suas cristalinas águas, assim Amélia não pôs nenhuma objeção. Convenceram Sarah a acompanhá-los. A princípio se mostrou reticente, mas quando Lizzy agarrou as suas pernas lhe suplicando que os acompanhasse, não teve mais remédio senão ceder. O que não sabia era que eles haviam dito à pequena que fizesse exatamente isso. Era um truque que não falhava. Era para seu bem, desde que ela chegou sempre à via ocupada sem tempo algum nem sequer para passear e Emma estava disposta a arrumá-lo, embora fosse necessária uma artimanha.

— Apostamos uma corrida até o lago? — Perguntou Emma animada.

Sarah a olhou, espantada, como se tivesse proposto ir nua ao baile da rainha.

— Correr?

— Sim isso que se faz pondo um pé diante do outro com velocidade.

— Que engraçada...

— Isso seria genial. — Gritou Anthony com um sorriso nos lábios.

— Para que vamos apostar uma corrida? — Perguntou Margareth.

— Em primeiro lugar, porque é bom fazer um pouco de exercício; em segundo lugar, porque é divertido, e por último e não menos importante, porque seria a oportunidade perfeita para dar um castigo a certo cavalheiro.

Um brilho divertido apareceu nos olhos de Margareth. Limitar a

supremacia masculina de seu irmão, que pensava que a mulher não podia ser superior em nada, agradava-a.

— Está bem.

— Mas eu não posso correr tão depressa como vocês... — Choramingou a pequena Lizzy.

Emma colocou a menina entre seus braços enquanto lhe dava um sonoro beijo na bochecha.

— Não se preocupe preciosa, você irá comigo de cavalinho. Estão preparados?

— Sim! — Gritaram todos de uma vez.

— De acordo. Um, dois e... Três!

Não acabou de dizer a última palavra quando saiu correndo e tirou ao menos três corpos de vantagem dos outros.

Emma pensou que a pequena a estrangularia. Agarrava-se firmemente a seu pescoço, mas ao ouvir sua gargalhada foi impossível deter-se. A primeira a chegar foi Margareth, que não ocultava sua alegria. Depois Sarah e Emma com Lizzy as suas costas. Sarah era todo um espetáculo. Recolheu o vestido com as mãos para assim poder correr sem que a roupa lhe estorvasse, deixando a descoberto seus tornozelos. O cabelo desordenado lhe caía em cascata pelas costas e dava a sensação de ter passado no meio de uma tempestade de neve. Estava rindo, encolhendo-se como uma colegial para poder amortecer a gargalhada. O último a chegar foi Anthony, cheio de barro e cuspindo folhas secas. Sem sombra de dúvida, a explosão de risos de Sarah se devia a ter visto cair o sobrinho sem nenhuma elegância em cima de um grande lamaçal.

— Está rindo de mim, tia?

— Não querido, é que... — Respondeu Sarah enquanto apertava as costelas ante um novo ataque de riso.

— Não tem graça! E não é justo. A distância era longa, e me

cansei na metade da corrida e você, senhorita Greyson, trapaceou.

— Eu sinto que não estivesse preparado. — Disse-lhe, também incapaz de aguentar a risada que provocava o aspecto do menino.

— Buff..., mulheres. — Respondeu Anthony enquanto se afastava para tirar parte da sujeira.

Suas irmãs o seguiram sem deixar de rir as suas custas. Anthony se fazia de ofendido, mas Emma viu aparecer um sorriso em seus lábios quando viu suas irmãs e a sua tia rindo.

Enquanto isso, Sarah e ela tentavam recompor seus trajes, já que pareciam quaisquer coisa menos duas damas.

— Emma, você tem cada ideia!

— Sim, minha tia sempre me dizia que não sabia como me colocava em tantas confusões.

Sarah a olhou fixamente como se quisesse decifrar alguma coisa.

— A verdade é que não dá esse aspecto.

— Qual? A de uma professora louca de pedra?

— Não, o de uma mulher imaginativa e pouco convencional.

— O que eu te disse.

Sarah sorriu abertamente.

— Sabe? Tem um dom. Convenceu-nos em dois minutos e, me acredite, isso é um milagre. Não sei como faz, mas cria uma sensação de segurança e confiança difícil de ignorar.

Emma se sentiu uma impostora. Não é que não fosse sincera em seu trato com eles, mas não era a pessoa que fingia ser. Estava os enganando, e nesse momento desejou com toda sua alma não ter que continuar fazendo.

— A risada fazia falta nesta casa.

— É maravilhoso voltar a vê-los sorrir. — Afirmou Sarah olhando a seus sobrinhos.

— Como está o Marquês?

— Christopher está melhor, embora seja teimoso. Tia Amélia e eu o vigiamos constantemente. Por ele já estaria em pé encarregando-se de tudo. Ainda bem que Lucien está conosco.

— Tenho vontade de conhecê-lo. Parece com o Conde de Ashford?

Sarah soltou uma risada ante essa ideia.

— Não, são muito diferentes. Christopher é um homem transparente, enquanto que Lucien é uma caixa de surpresas.

— É uma cebola?

— O que quer dizer Emma?

— Que se for como uma cebola. Tira uma capa e encontra outra, e outra, e outra...

— Meu Deus, se ele souber que o comparou a uma cebola eu não gostaria de estar em seu lugar.

— Pois é uma das melhores comparações que me ocorreram ao pensar nele.

— Não o admira, não é?

— Não é isso, é que tem a virtude de me fazer perder a paciência.

— Pois possivelmente seja a única mulher no mundo que pensa isso. Todas as mulheres o adoram.

— Não sei por que, mas há algo nele...

— Parece ser um homem duro e não vou enganá-la, pois é, mas tem um grande coração. Há poucas pessoas que o conhecem de verdade, porque está acostumado a usar uma couraça a seu redor; entretanto, quando o surpreende com a guarda baixa, por exemplo, quando está com seus sobrinhos ou quando olha para seu irmão com carinho e admiração, então se dá conta de que há muito mais do que se vê. Assim que soube da doença de Christopher, deixou tudo e veio até

aqui sem perder tempo. Precisava ver, estava totalmente destroçado, entretanto, tinha ânimo para cada um de nós. Passava todo o dia e toda a noite junto a sua cama até que o médico nos disse que o pior tinha passado. Foi a primeira vez que se permitiu sair do quarto. Muita gente pensou que não se davam bem, por que Lucien esteve muitos anos fora e porque eram irmãos só por parte de pai, mas a verdade é que sempre foram muito unidos.

Emma intuía que Sarah tinha razão. Isso não o desculpava ante seus olhos, porque continuava pensando que era um presunçoso, arrogante sabichão, mas com muito mais para descobrir do que ela tivesse desejado. Tinha visto ternura em seus olhos ao olhar as crianças e carinho ao tratar Sarah e Amélia. Sabia esconder muito bem, mas para alguém acostumado a disfarçar-se muitas vezes não era difícil reconhecer outro disfarce.

— Não sabia que seu pai teve duas esposas.

— Todo mundo as conhecia e as admirava. Eram duas damas formosas e únicas. A mãe de Christopher era Virginia Wilton. Amélia diz que era uma mulher serena e elegante. Casou-se muito jovem com o Marquês. A mãe de Lucien era Vallerie de Clare, filha única do Conde de Ashford. — Sarah deu um suspiro antes de continuar. — O mais maravilhoso é que ambos os matrimônios foram por amor.

— Como faleceram?

— Virginia dando a luz e Vallerie de uma febre. Foi um duro golpe para ambos, porque Vallerie tinha criado aos dois. Quando aconteceu, Christopher tinha 15 anos.

— Então Lucien era só um menino.

— Sim. Por isso quando Christopher ficou doente...

— Sim, imagino.

Emma podia fazer uma ideia do medo que sentiu Lucien, a possibilidade de perder seu irmão da mesma maneira que a sua mãe.

Prostrado em uma cama consumido pela febre.

— Estou melhor?

Anthony tirou ambas de seus pensamentos enquanto esfregava o queixo com a manga de sua camisa.

— Querido, não tem jeito. — Disse Sarah contendo o sorriso.

— Anthony, não corra, pois quero ver como tira o barro das orelhas. — Gritava Lizzy enquanto tentava segurar a mão de seu irmão.

— Pequena fada. — Disse-lhe Anthony levantando-a nos braços.

O céu começou a escurecer com nuvens carregadas que ocultavam a luz do sol. Em menos de um minuto, estavam a caminho de Cravencross.

Capítulo 8

Emma deitou cedo. Tinha jantado tranquilamente com Amélia e Sarah. Não via o Conde de Ashford desde a tarde em que ele saiu para visitar alguns dos arrendatários.

A verdade é que a conversação vespertina com Sarah a tinha feito pensar e não queria isso, porque esse homem já a deixava bem nervosa, tal e como estavam as coisas. Tinha diminuído isso graças à fúria em que a deixava cada vez que estava por perto, mas se começava a acreditar que depois de tudo o Conde de Ashford tinha coração, então teria um sério problema.

Estava a uma hora lendo *A Odisséia* sem que o sono a vencesse. Muitas coisas em que pensar e pouca vontade de fazê-lo. Estava para fechar o livro e ficar a revirar na cama, quando um gemido parecido com um pranto chegou até ela. Aguçou o ouvido para comprovar que o que ouvia não era fruto de sua imaginação, quando de novo um som lastimoso a fez levantar-se, colocar seu robe e sair do quarto. Menos mal que não havia tirado ainda a maquiagem.

Agora que estava no corredor, o gemido se ouvia mais claramente. Provinha de um dos quartos das crianças. Andou vários passos até que se encontrou frente à porta do quarto de Margareth e Lizzy, e a abriu sem mais demora. Deixou a vela que levava em sua mão em cima da mesa que separava as camas das meninas e olhou ambos os lados. Lizzy estava dormindo como um anjinho enquanto que Margareth começava a gritar enquanto sonhava.

— Por favor, mamãe, por favor, não me deixe. — Emma se sentou na beira da cama e com muito cuidado moveu a menina chamando em um sussurro.

— Margareth, acorde..., É um pesadelo. — Margareth abriu os olhos olhando-a fixamente. — Acalme-se, foi um pesadelo, está bem? —

Emma tentou fazer a menina reagir. Parecia tão assustada e indefesa, com seus enormes olhos olhando sem compreender, que antes de pensar a abraçou fortemente. Margareth começou a dizer: "Sinto muito, sinto muito", enquanto uns soluços dilaceradores saíam de sua garganta.

— Shh..., tranquila, já passou.

— Ela estava ali caída e tão pálida, e eu a chamava, mas não me respondia. Queria que me perdoasse.

Emma sabia que estava falando da morte de sua mãe.

— Por que queria que te perdoasse?

Margareth a abraçou mais forte.

— Por minha culpa ficou doente.

— Isso não é certo.

A menina se separou de Emma sem poder olhá-la nos olhos.

— Margareth, olhe para mim, por que pensa isso?

A menina negou com a cabeça energicamente.

— Nós lhe rogamos que nos levasse a casa da senhora Milton.

Emma se sobressaltou ao ouvir a voz de Anthony a suas costas.

— Ela não queria ir, mas no final cedeu porque lhe pedimos uma e outra vez que nos levasse. Nós só queríamos brincar com seus filhos.

Nesse momento, Anthony lhe pareceu um homem e não o menino de sete anos que era. A expressão sempre risonha que fazia brilhar constantemente seus olhos tinha desaparecido para dar lugar a uma tristeza que encolhia seu coração. Sabia que Anthony ainda não tinha terminado. Não queria interrompê-lo quando, por fim, parecia que ia dizer tudo que lhe vinha corroendo a alma há muito tempo, e que consumia sua infância em um profundo pesar.

Anthony se aproximou de sua irmã, segurou sua mão e olhou para Emma.

— A criada da senhora Milton estava doente, com uma febre. Em

poucos dias, mamãe adoeceu.

— E acreditam que a culpa foi de vocês?

— Se não a tivéssemos feito ir lá, ela não ficaria doente. — Murmurou Margareth enquanto tentava reprimir um soluço.

— Pelo amor de Deus, são crianças. Não podiam saber que a criada estava doente, nem o que poderia acontecer depois. Além disso, quem disse que sua mãe se contagiou dessa mulher? Pode ter se contagiado em qualquer outro lugar. Inclusive vocês poderiam ter ficado doentes e então, sua mãe também teria que se sentir culpada por tê-los levado ali? Estou segura de que lhes queria mais do que tudo no mundo, e sofreria enormemente se soubesse como se culpam por sua morte. O que acha Anthony? Acha que sua mãe gostaria de ver como se castiga pelo que aconteceu? Ou ver como ama a vida que tem adiante aproveitando para se tornar o homem que sempre esperou que fosse? Como a honraria mais? E você, Margareth, o que acha? O que ela preferiria?

— Mamãe sempre estava alegre. Dizia que deveríamos saborear a vida a cada dia corno se fosse uma grande taça de chocolate. — Lembrou-se Anthony esboçando um sorriso.

— Vê?

— Emma. — Murmurou Margareth quase em um sussurro. — Então você acredita que ela nos perdoou?

— Acredito que não tem nada que perdoar. Vocês eram sua vida e por nada no mundo lhes culparia pelo que aconteceu. Foi uma desgraça que nada teve a ver com vocês. Na vida essas coisas acontecem. São dolorosas e frustrantes, e sempre tendemos a procurar um culpado porque nos custa entender que algo assim possa acontecer, mas vocês não são culpados, entenderam? E agora, venham aqui e me deem um abraço.

— Ai, ai, ai! — Disse Anthony levantando uma sobrancelha,

fazendo com que sua irmã sorrisse.

— Eu sim quero um abraço. — Resmungou a pequena Lizzy, esfregando os olhos com os nódulos dos dedos.

— O que faz acordada?

— Não paravam de falar.

— Sim, é verdade. Vem aqui, querida.

Emma a pegou nos braços enquanto lhe ocorria uma ideia.

— Já que estamos todos acordados e pelo que vejo com pouca vontade de dormir, por que não fazemos uma travessura?

— Como o que? — Animou-se Anthony que sempre aprontava de tudo.

— Quando não conseguia dormir, minha tia sempre me levava à cozinha e preparava um chocolate bem quente.

— Mas é meia-noite e não haverá ninguém. — Disse Margareth.

— Mas é essa a diversão. — Respondeu Anthony.

— Então, entramos no perigoso mundo do desconhecido?

Anthony fez uma reverência com uma elegância incomum para sua pouca idade.

— Certamente, minha capitã.



— Este chocolate está delicioso. — Disse Margareth que tomava sua segunda xícara.

Levara mais de um quarto de hora para encontrar o chocolate e um recipiente para prepará-lo, mas valera à pena. Todos cooperaram como se o fato de fazer algo indevido realçasse o sabor desse chocolate até convertê-lo em um delicioso manjar.

— Todas as professoras são como você? — Perguntou Lizzy.

Anthony olhou a sua irmã caçula enquanto segurava a tigela que

a menina não podia levantar.

— Não acredito.

— Por quê? Você não gosta de como sou? — provocou Emma, divertida.

— Claro que eu gosto senhorita Greyson, apenas acho que se todas as professoras forem como você, então não entendo por que Tony e Margareth não queriam que ficasse.

A Anthony escapou a tigela de Lizzy, com isso manchou a camisola de sua irmã do pescoço até os pés.

— Lizzy nunca aprenderá a manter a boca fechada.

— O que fiz agora?

Margareth tocou a mão de Emma para chamar sua atenção.

— Senhorita Greyson isso foi antes, quando não a conhecíamos, mas agora nos alegramos de que esteja aqui.

Anthony assentiu com a cabeça, enquanto tentava limpar Lizzy.

— Obrigada. — Disse Emma emocionada. — Anthony me deixe levar a menina. Isto não está certo, será melhor subirmos, já deveriam estar dormindo.

Todos saíram da cozinha atravessando o corredor que levava até o vestíbulo. Anthony escorregou enquanto corria atrás delas e a descoberta o fascinou.

— Veja senhorita Greyson, por aqui se pode patinar.

Rapidamente, todos estavam deslizando sobre o fino piso lustrado no caminho das escadas.

Lucien piscou várias vezes para certificar-se de que não estava tendo visões. Tinha tentado chegar para o jantar, mas o moinho do velho Dickins havia quebrado um eixo e o atrasara terrivelmente. Ao

chegar já era meia-noite e todos pareciam estar dormindo. Parou no escritório uns minutos para beber uma taça de conhaque e poder descansar um momento antes de subir a seus aposentos quando ouviu uns sons de risadas entrecortadas do salão. Acreditando que algum criado paquerava abertamente com uma das faxineiras, levantou-se e foi até a porta, viu seu sobrinho de camisolão, deslizando pelo chão enquanto fazia dramalhões com os braços em um intento desesperado para não se chocar contra o corrimão da escada principal. Com uma rápida reação, correu e evitou que o menino se chocasse contra a madeira.

Antes de poder dizer alguma coisa, Margareth e Lizzy se chocaram contra suas costas, sobressaltadas ao se darem conta de quem as tinha descoberto em plena ação.

— Mas o que...?

Não pôde terminar a frase porque a professora, a que devia ser modelo de disciplina e autoridade para seus sobrinhos, estava de camisola patinando atrás dos meninos como uma colegial.

— Lá vou, meninos...

Emma segurou a respiração. Ali adiante, a poucos metros, estava o Conde de Ashford olhando-a primeiro com estupefação e depois com uma frieza extrema. Fez todo o possível para frear, mas foi inútil. Chocou-se contra ele, perdeu o equilíbrio e ficou escancarada no chão junto a seus pés. Queria que a terra a tragasse e de boa vontade se encarceraria em um calabouço escuro e frio e jogaria a chave fora.

Lucien estava controlando-se para não gritar ali mesmo. Deixou Anthony no chão, respirando lentamente para acalmar a vontade que tinha de estrangular aquela mulher. Passou a mão pelo rosto sentindo que algo viscoso descia pela bochecha.

— Mas que demônios...?

— Chocolate. — Disse Anthony em um sussurro. A voz

diminuindo de volume ao ver a expressão de seu tio, até ficar finalmente calado.

Emma viu como a pálpebra do Conde começava a tremer. Nunca tinha visto um vulcão em erupção, mas podia imaginar que seria um pouco parecido com isso.

— Crianças, subam e vão dormir. A senhorita Greyson ficará um momento. Ela e eu precisamos nos falar.

As palavras de Lucien tinham sido pronunciadas com uma calma que arrepiava os cabelos da nuca. Cada sílaba cortava o ar como uma espada bem afiada. As três crianças ficaram olhando-a como se esperassem dela uma decisão, o que fez a outra pálpebra do Conde começar a tremer sem nenhum controle.

— Façam o que ordenou seu tio. Depois subirei para vê-los.

— Não contem com isso. A conversação que manterei com a senhorita Emma será longa. — Disse Lucien entre dentes.

As crianças subiram as escadas até o piso superior enquanto a olhavam com pena, como se fosse uma condenada a morte, em seus últimos minutos de vida. Emma sentia ao longe o rufo do tambor à espera do sinal. Ou escutava os batimentos de seu coração? De toda maneira, não se intimidaria, porque embora tivesse cometido uma imprudência que a levou a sofrer a pior humilhação de sua vida, tampouco era para que a olhasse como se ela sozinha tivesse provocado uma crise política. Emma olhou a Lucien de lado. Estava apoiado na porta do estúdio esperando que ela entrasse. Ficava claro que não iria deixá-la passar. A verdade era que a ideia de fugir passara pela sua cabeça, a escada estava tentadoramente perto, mas, era grande à distância até seu quarto para cobrir sem que a alcançasse. E caso se atrevesse, não acreditava que o Conde seria gentil. Certamente a arrastaria de novo até lá embaixo, onde lhe daria o sermão do século.

Ela era uma mulher adulta e não uma menina de dois anos

recordou, para infundir-se segurança. A mesma segurança que começou a fraquejar quando o Conde de Ashford soltou uma blasfêmia ao olhar no espelho que havia em frente ao estúdio.

A verdade é que tinha o rosto manchado de chocolate, o que fazia sua imagem parecer um pouco menos feroz. Emma não pôde evitar sorrir ante sua cara de aborrecimento enquanto tentava tirar as manchas marrons com um lenço. Nesse momento a olhou e fez seu sorriso engasgar. Estendendo seu braço esquerdo para o interior da sala, disse parecendo um bule a ponto de transbordar.

— Passe ou não respondo por mim.

Emma teria jurado que inclusive tinha gaguejado na parte final. Isso era mau sinal. Passou para o interior do escritório tentando manter distância do homem das cavernas.

Lucien sabia que não era para tanto, mas essa mulher tinha algo que o fazia perder as estribeiras de uma maneira alarmante. Tinha que reconhecer que era muito boa nisso. Fitou-a por um longo momento antes de pedir que se sentasse em uma das poltronas perto da mesa. Ela teve a ousadia de negar com a cabeça. Era o cúmulo. Parecia gostar de contrariá-lo. Teria sido a arma perfeita para Napoleão Bonaparte. Certamente seus inimigos se renderiam para não ter que suportá-la.

— Sente-se já.

— Estou melhor de pé, milorde.

Lucien deu um passo à frente e antes que pudesse saber o que tinha acontecido, encontrava-se sentada, com o Conde a escassos centímetros de seu rosto, apoiando as mãos nos braços da poltrona e cobrindo a frente com seu corpo.

— Escute-me bem, senhorita Greyson. Hoje já ultrapassou sua quota de tolices. Uma mais e a estrangulo.

— Deduzo que está zangado.

— Que perspicaz! Tanta observação me deixa aflito. Como terá podido dar-se conta?

Estava claro que isso não era uma pergunta, simplesmente estava sendo sarcástico e percebia perfeitamente bem.

— De acordo, está zangado. E o que quer que eu faça? Que me ponha de joelhos e peça perdão?

Um sinistro sorriso se desenhou nos lábios do Conde.

— Nem pense nisso.

Emma conteve o fôlego só uns segundos antes de continuar. Sabia que o Conde de Ashford tinha toda a razão do mundo para estar zangado. Não era normal ver seus sobrinhos as altas horas da noite brincando de correr pelo vestíbulo, e menos ainda, acompanhados pela professora.

— Sei que cometi um engano e lamento. Só posso prometer que não voltará a ocorrer.

— Um engano! O que foi exatamente um engano? Que as crianças estivessem de farra de madrugada ou que sua preceptora parecesse uma louca?

— As duas coisas?

— Emma, não estou brincando.

O som de seu nome em seus lábios teve um efeito nela difícil de ignorar. Era a primeira vez que a chamava assim. Até esse momento sempre se dirigiu a ela como senhorita Greyson, um sobrenome que não era o seu, e sim o da mulher cujo papel estava representando, entretanto, ao escutá-lo dizer seu nome...

— O que houve? Ficou muda de repente?

Emma teve que reconhecer que parte do encanto se dissipou. Não era a primeira vez que a chamava pelo nome e sim porque estava zangado, a ponto de que lhe saltassem as veias do pescoço?

— Não, é que eu não queria dizer algo que faça sua veia estourar

em mil pedaços. — Lucien fechou os olhos um momento pedindo ao céu que lhe desse a paciência necessária.

— Por favor, arrisque-se.

— De acordo, mas poderia me dar um pouco de espaço?

Lucien se afastou uns passos e se sentou na poltrona em frente, apoiando-se nos joelhos e inclinando levemente para frente.

— Margareth teve um pesadelo. Eu já estava em minha cama tentando dormir quando a ouvi queixar-se. Fui ao quarto, despertei-a e conversamos.

— E...?

Emma hesitou e Lucien começou a desesperar-se.

— Como demônios acabou aqui embaixo com as três crianças?

— Anthony e Lizzy despertaram com os gemidos de sua irmã. Depois, como não conseguiram dormir, ocorreu-me que um chocolate bem quente lhes faria conciliar o sono.

— Diga-me. — Disse Lucien levantando uma sobrancelha. — Beberam o chocolate ou o atiraram por cima?

— Isso foi um acidente. A pobre Lizzy não conseguiu segurar a xícara...

— Está bem, esqueça!

— Você quis que explicasse. — Emma viu que Lucien apertava os dentes enquanto levava uma mão à cabeça para logo abaixá-la até o pescoço. Quando a olhou foi como se a luz o incomodasse. Durante a conversação tinha feito isso várias vezes, mas pensava que era produto do aborrecimento... Agora não estava muito segura.

— Está bem?

— Sim, perfeitamente. É muito tarde, assim vá dormir. — Emma levantou e desejou boa noite, disposta a abandonar a sala. Da porta o olhou e suas suspeitas se confirmaram. O Conde de Ashford segurava a cabeça com ambas as mãos esfregando as têmporas. Era uma

enxaqueca e das fortes. Sabia reconhecer porque, durante toda sua vida, tinha convivido com as de sua tia.

Sem saber por que, angustiava-se ao vê-lo assim. Sua tia utilizava um remédio caseiro à base de ervas. Francesca era desatenta, sempre se esquecia do chá e Emma adquiriu o costume de levar várias em sua bolsa. Subiu a seu quarto o mais rápido que pôde esperando que, desta vez, não as tivesse deixado para trás. Olhou em sua bolsa e suspirou ao ver que ali estavam. Fez uma infusão com elas e voltou para estúdio, Lucien tinha jogado a cabeça para trás apoiando na poltrona, em um intento de acalmar a insistente dor. Essa enxaqueca o tinha apanhado de surpresa. Geralmente começava com um leve mal estar, que às vezes passava sem mais e outras lhe produzia a enxaqueca que tanto odiava. Não ia jogar a culpa na professora, mas estava claro que seu embate não tinha feito nada para acalmar a dor, era uma mulher irritante que tinha a coragem de lhe enfrentar. Muitos homens haviam se sentido intimidados pelo seu olhar, enquanto que a senhorita Greyson se atreveu a brincar sobre sua evidente irritação. A seu pesar, teve que sorrir porque essa mulher exasperante, impertinente e inconsequente, no fundo, intrigava-o, como estava começando a descobrir, havia coisas nela que não eram o que pareciam. Ficou chocado ao vê-la deslizar só de camisola pelo vestíbulo. Meu deus e só estava ali há uma semana!

— Tome isto.

Sobressaltou-se ao ouvir a voz da senhorita Greyson. Ao abrir os olhos a viu ao seu lado lhe oferecendo uma xícara com um líquido de cor verde de não muito bom aspecto.

— Tenta me envenenar?

— É uma boa ideia, mas não. Não acredito que ficaria muito bem em minha carta de recomendação.

— Muito graciosa. O que é?

— É para sua enxaqueca.

— Como soube que...?

— É fácil. Turva os olhos, massageia o pescoço e as têmporas.

— Entendo.

— Minha tia sofria fortes enxaquecas e nada lhe servia até que um farmacêutico lhe deu umas ervas. Não cessará de tudo, mas lhe aliviará a dor.

Lucien pegou a xícara com dois dedos e levando à boca bebeu de um gole.

— Espero que isto funcione senhorita Greyson, porque é a coisa mais horrível que provei em minha vida.

— Sim. — disse Emma rindo. — Minha tia sempre diz isso.

O Conde a olhou fixamente durante uns segundos antes de apoiar novamente a cabeça no respaldo da poltrona.

— Desde quando sofre estas enxaquecas? — Lucien fez uma careta ao recordar a travessura infantil.

— Quando era menino sempre estava andando atrás de Christopher. Um dia quis fazer o mesmo que ele e subi em uma árvore. Caí de uma altura considerável e após esse acidente tenho estas dores.

— Tem sorte. Poderia estar morto.

— Sim, isso mesmo disse meu pai. Primeiro me abraçou, depois deixou que me recuperasse e quando o médico lhe disse que estava bem... Nunca esquecerei seu rosto ao me levantar do chão. Nunca o tinha visto tão assustado.

— Devia amá-lo muito.

Lucien percebeu uma nota de pesar em suas palavras. Olhou-a fixamente. Com a camisola ajustada, sua silhueta era quase deliciosa. Nunca teria imaginado depois de vê-la com esses vestidos largos e sóbrios. Seus olhos, que ocultava atrás de grossas lentes, pareciam querer esquivar os seus em um intento de não lhe deixar ver algo que a

fazia vulnerável. "Nisso nos parecemos", pensou enquanto começava a sentir uma estranha necessidade de saber mais coisas sobre ela.

— Imagino que seu pai a mimaria.

Emma afastou o olhar. Esse homem parecia ler em seus olhos.

— Não cheguei a conhecer meu pai.

— Lamento.

— Não importa. Não se pode sentir falta de algo que nunca teve.

— Eu acredito que sim. — Disse brandamente.

Parecia que a compreendia mais do que ela pudesse esperar e isso a assustava. Até interpretando um papel, Lucien parecia poder ver a verdadeira Emma.

— Lamento sinceramente o ocorrido desta noite. – Desculpou-se tentando trocar de assunto. — Não tinha a intenção de montar o número de patinação, apenas tentava fazer com que as crianças se sentissem melhor. Sabia que se culpam pela morte da mãe?

Lucien se inclinou para ela prestando toda sua atenção.

— Não, não sabia. Por que se culpam?

— Quero que me prometa que isto não sairá daqui. Essas crianças confiaram em mim e não quero que acreditem que as traí.

— Então, por que me conta isso?

— Anthony o admira e Margareth sempre está atenta as suas palavras. Não conseguem contar ao pai que se culpam. Possivelmente Margareth poderia dizer a Amélia ou a Sarah, mas Anthony não. Quer se fazer de forte tanto por ele como por suas irmãs. Precisa falar com alguém e acredito que você seria a pessoa adequada.

— Falarei com ele.

— Obrigada. Sabe que estivemos mais de um minuto sem discutir?

— Sim, e isso me leva a perguntar, que diabos havia nessa infusão?

Emma não pôde evitar soltar uma gargalhada.

— Deveria rir mais. — disse Lucien em um sussurro. — Não pareceria tão severa.

— Vejo que as ervas estão começando a surtir efeito.

— Verdade. — Respondeu com um sorriso nos lábios.

— Devo voltar à cama. Espero que descanse bem.

Ao passar por seu lado, Lucien segurou sua mão. Emma sentiu como todo seu corpo estremecia com esse contato.

— Obrigado.

— Pelo que? — Perguntou Emma.

— Pelas ervas.

— De nada. Boa noite.

Antes de um segundo, já subia as escadas para o primeiro andar como se fosse defender sua própria vida. Já não podia mentir a si mesma. Tinha um sério problema.

Capítulo 9

Na noite anterior no intervalo de alguns minutos, permitiu-se baixar a guarda com o Conde de Ashford, devia ter mais cuidado do que nunca. Começava a descobrir nesse homem coisas que tornavam cada vez mais difícil manter sua firme determinação de ignorar sua presença. Ao contrário de tudo que tinha decidido fazer encontrava-se, na hora das refeições, olhando-o furtivamente quando ele estava descuidado, analisando seus gestos, e prestando atenção a cada uma de suas palavras. Era pior do que tinha imaginado.

Durante toda a noite em que deu voltas na cama sem poder conciliar o sono, chegou à lastimosa conclusão de que o que sentia pelo Conde não era exatamente antipatia e muito menos indiferença. A cada momento lembrava-se do modo que a tinha observado durante sua conversa, como se pudesse despi-la com seu intenso olhar. Isso punha em perigo sua estada ali e devia pôr fim a todo contato com ele. Ainda sentia seus dedos sobre sua pele, o breve instante em que segurou sua mão foi como andar descalça sobre a grama, sentindo-se mais segura e assustada do que nunca.

Essa manhã tinha decidido não voltar a ficar a sós com ele. Não iria expor-se a sentir algo mais do que começava a admitir. Vestiu-se um pouco mais austeramente que de costume, se é que isso era possível, com um vestido marrom escuro de gola alta e cintura larga. O cabelo, do tom escuro sem brilho que tanto lhe custava conseguir, prendeu-o em um coque e usou a maquiagem de sempre, com umas olheiras mais pronunciadas, que por uma vez não teve que fingir.

Esse era seu dia livre. Não haveria aulas com as crianças, estava com total liberdade para sair. Alguns dos empregados utilizavam esse dia para ir ao povoado, outros para visitar seus familiares e outros para estar junto a seu cônjuge. Ela não podia fazer nenhuma das três coisas.

A família estava muito longe, igual aos seus possíveis pretendentes, que não tinham sido muitos. Assim que conheciam sua veia rebelde e sua afiada língua desistiam logo. Pelo visto, ser uma mulher inteligente e capaz de defender-se por si mesma não era muito bem visto. Quanto ao povoado, era muito longe para ir, além de arriscado. Seu pai podia ter colocado anúncios sobre seu desaparecimento e embora ninguém que a visse pudesse relacioná-la com a moça de umas semanas atrás em Londres; o surgimento de alguém novo na mesma data poderia despertar suspeitas.

Podia fazer outras coisas como ler, caminhar pelos jardins da propriedade e escrever a carta que estava protelando a Fräulein Strauch, uma velha amiga de sua tia. Vivia em Viena, embora como Francesca sempre viajando de um lado a outro. Confiava nela para que comunicasse a sua tia que estava bem e que não tinha tido nenhum problema em seu trabalho. Francesca entenderia a que se referia e ficaria mais calma.

Depois de um tranquilo café da manhã com ovos e presunto, deixou Sarah e Amélia, que junto com as crianças foram ao povoado fazer compras. Tentaram convencê-la a acompanhá-los, mas ao final desistiram, não sem antes lhe fazer prometer que a próxima vez iria com eles.

Quando caminhou pelo atalho que rodeava a parte posterior da casa, inspirou profundamente para encher seus pulmões do ar limpo do campo e da assombrosa e deliciosa fragrância das flores que se estendiam além da vista. Um movimento atrás de uma sebe lhe fez reduzir o passo. Inclinando-se para um lado para ver melhor, observou a um homem que tentava recuperar o fôlego deixando-se cair contra uma árvore. Parecia respirar com dificuldade, enquanto se dobrava lentamente para frente apoiando uma de suas mãos no joelho esquerdo.

Era um homem relativamente jovem e desconhecido para ela.

Usava calças de cor marrom que estavam largas, como se fossem de outra pessoa. Uma camisa branca arregaçada nos braços e aberta no pescoço completava sua indumentária. Estava inapropriadamente vestido, mas estava claro que pertencia à alta sociedade. Suas roupas eram da melhor qualidade. Uma suspeita se instalou como um raio em sua mente e fez que se apressasse a ir junto a aquele homem. Se não estava equivocada, e algo lhe dizia que não, esse desconhecido não podia ser outro senão o Marquês de Stamford.

— O senhor está bem?

O homem levantou a cabeça olhando-a fixamente nos olhos. As marcas da enfermidade ainda lhe refletiam no rosto, muito anguloso e pálido para um homem são.

— Sim. — Disse muito rápido e muito brusco, para depois de um suspiro de desânimo lhe dizer.

— Não, a verdade é que estou mal.

— Isso me pareceu. — Disse Emma, enquanto se aproximava.

— Se prometer não me morder, ajudá-lo-ei a sentar naquele banco.

O Marquês a olhou divertido, esboçando um amplo sorriso.

— Você deve ser a preceptora.

— Sim e você o Marquês de Stamford.

— Sim. De acordo, ajude-me a sentar antes que passe o pior vexame de minha vida desmaiando no meio do jardim.

Emma o acompanhou até o banco de pedra lhe oferecendo o braço para que Christopher se apoiasse nela, o suficiente para que seu orgulho não ficasse de todo machucado.

— Não é cedo para dar um passeio? — Disse uma vez que estavam sentados.

— Pareceu-me detectar um tom de recriminação em sua pergunta.

— Sinto muito. — Respondeu Emma desejando morder de vez a língua. — É que Sarah e Amélia me disseram que ainda não estava bem para levantar-se, mas que você não compartilhava dessa opinião.

— Sim, é o modo que têm de dizer que sou teimoso.

— Não acredito que elas... — Christopher a olhou com uma sobrancelha levantada.

— Está bem, sim, queriam dizer isso. — Afirmou Emma com expressão divertida.

— Não as culpo. Estou muito fraco para poder dar sequer uma volta. — Rilhou entre dentes.

Emma pôde sentir em suas palavras a frustração que lhe causava esse fato. Com segurança, por sua compleição, antes de sua enfermidade devia ser um homem forte e robusto. Deve ter perdido ao menos dez quilos. Pelo menos isso era o que denotavam suas calças três números maiores e sua camisa folgada. O que a enfermidade não tinha podido destruir era seu atrativo, porque era um homem bonito. Não tanto como Lucien, nem tampouco com essa aparência perigosa que tão nervosa a deixava, mas sim um dos homens mais bonitos que tinha conhecido.

— Esperou que elas saíssem para poder sair da casa, não é?

— A qualquer pessoa soaria patético. Um homem de minha idade e posição fazendo travessuras como se fosse um pirralho, mas se conhecesse Sarah e Amélia, compreenderia que era minha única opção. Estando como estou, sem força, não posso enfrentar as duas sem sair claramente derrotado.

Emma riu abertamente, o que fez o Marquês também esboçar um sorriso.

— Acha engraçada minha situação?

— Não, é que Anthony usa essa mesma expressão quando não consegue o que quer.

A só menção do nome de seu filho fez com que os olhos do Marquês brilhassem com luz própria.

— Esse pequeno lhe dá muitos problemas?

— Não, é um encanto, igual à Margareth e Lizzy. O senhor tem filhos encantadores.

— Sei. Eles também falam maravilhas de você.

Emma se engasgou pensando no que teriam contado as crianças.

— Tinha minhas dúvidas quando fui à agência, mas depois de ver meus filhos e escutá-los, sei que tomei a decisão acertada. Soube ganhá-los e não são nada fáceis. Agradeço.

— É meu trabalho, milorde.

— Não creio. Meu irmão e eu tivemos preceptoras que eram mais parecidas com um general de cavalaria que mulheres amáveis e cultas.

— Sim, isso me ficou claro.

— Soube por Lucien?

Emma não pôde evitar fazer uma careta ante a menção de seu nome, que fez o Marquês de Stamford soltar uma gargalhada.

— É um grosseiro, não?

— Eu não diria tal...

O Marquês voltou a levantar uma sobrancelha. A esse homem tampouco lhe escapava uma.

— Sim é. — Disse Emma totalmente resignada de que o Marquês a despedisse por falar mal do seu irmão.

Contrário a isso, voltou a soltar outra gargalhada.

— Parece divertido?

— Não, é que acredito que por fim Lucien encontrou alguém que lhe faça frente. Conheço meu irmão, senhorita Greyson e sei que às vezes pode ser autoritário, intimidador e extremamente rude. — Emma teria acrescentado à lista mais algumas qualidades. — Mas é o melhor

homem que conheci em toda minha vida.

Emma sentiu na alma a veemência com que o Marquês havia dito a última frase. Sarah lhe havia dito que Lucien amava e admirava a seu irmão mais velho. Agora estava em posição de afirmar que o Marquês de Stamford sentia o mesmo em relação seu irmão caçula.

— Acredito que ele sente o mesmo que o senhor.

Seu rosto adquiriu uma expressão cálida.

— Sim, esse turrão me é muito caro. Tenho sorte.

— Não tenho certeza se isso é ter sorte. — Disse Emma com um brilho de maroto em seus olhos.



Antes que Christopher pudesse responder a isso, uns passos enérgicos encheram o silêncio que os envolvia e os obrigaram a virar a cabeça.

Lucien apareceu pelo extremo do jardim com cara de poucos amigos e soltando faíscas por seus olhos negros. Quando chegou junto a eles, parecia ter perdido a pouca paciência.

— Que demônios está fazendo de pé?

— Não aguentava nem um minuto mais deitado na cama. Além disso, por que essa cara?

— Fui aos seus aposentos e não estava. Procurei-o por toda a casa e tampouco estava. Ninguém sabia onde tinha se metido. Aí...

— Entendo o que quer dizer, mas lembre-se que já sou bem crescidinho para tomar decisões sem consultar a ninguém. — Argumentou Christopher enquanto levantava uma mão em sinal de desculpa.

Emma se moveu no banco, o que fez com que Lucien a olhasse.

— Devia imaginar que você estaria envolvida.

— Eu não tenho nada a ver com isso.

Lucien a olhava fixamente como se pudesse transpassá-la, arqueando uma sobrancelha com incredulidade.

— Não sei como o faz, mas cada vez que há algum problema está metida no meio. E agora quer que acredite que isto ocorre por acaso. Não sou imbecil, senhorita Greyson.

A situação estava começando a irritá-la. O fato de que a culpasse por algo que não fez era injusto.

— Neste caso tenho que me defender. — Retrucou Emma levantando-se energicamente e colocando-se frente a ele com o queixo bem alto e os punhos apertados em ambos os lados de seu corpo. — Isto é ridículo. O senhor é um imbecil.

Lucien estava perplexo. Essa mulher que não chegava nem em seus ombros o estava desafiando. E, além disso, insultava-o. Não pôde mais que sorrir.

— E pode se saber por que ri agora? — Perguntou Emma, no limite de seu autocontrole.

Lucien olhou a seu irmão e ambos explodiram em gargalhadas.

Emma bateu o pé no chão de modo muito pouco feminino e os deixou ali plantados, não sem que antes a escutassem amaldiçoá-los. Quando Emma sumiu de sua vista, Lucien se sentou junto a seu irmão.

— Acreditei que ia explodir. — Disse-lhe Christopher com o intento de não voltar a rir.

— Sim, tem muito mau gênio.

— Lamento ter perdido esses dias. Vocês teriam me divertido muito.

— Não o duvide. Essa mulher me tira do sério.

— Já percebi, embora em sua defesa tenha que dizer que parece ter o mesmo efeito sobre ela.

Lucien fez uma careta enquanto ficava olhando a seu irmão.

— Não volte a fazer isso.

— O que? — Perguntou Christopher como se não entendesse do que estava falando.

— Sair por aí sem que ninguém saiba. Sabe que não está de todo recuperado. Sei que está farto, mas deve ter paciência. Tentando bancar o valente a única coisa que conseguirá é uma recaída, e se isso acontecer juro que eu mesmo o mato.

— De acordo.

— Está bem, voltemos para a casa. Começa a refrescar.

— Não me trate como se fosse uma velhinha adoentada. — Rilhou Christopher entre dentes.

— Certamente é o que merece.

— Lucien.

— Diga-me.

— A senhorita Greyson não mentiu. — Disse enquanto soltava outra gargalhada.

— O que quer dizer?

— Porque ela não teve nada a ver com isso.

— Explique-se.

— Estava dando um passeio quando, tenho que confessar, o cansaço... Apoiei-me nessa árvore para descansar. Foi então que me viu e ajudou a me sentar. Também me censurou por haver levantado.

Lucien olhava a seu irmão, que parecia divertido ante a situação.

— E por que não disse nada?

— Não queria estragar o momento. – Disse, enquanto passava ao seu lado piscando um dos olhos. — Sabe Lucien? Terá que pedir desculpas.

— Quando o inferno congelar.

As gargalhadas de seu irmão lhe mostraram que isso era

exatamente o que pensou que diria.



Depois de deixar Christopher em sua cama para que descansasse, Lucien foi ao escritório para terminar de examinar o correio e as contas da propriedade. Entretanto, no momento, isso ia ser um tanto difícil, já que a senhorita Greyson o esperava. Observou-a enquanto fechava a porta. Ao contrário de outras vezes, parecia nervosa ou ao menos dava essa impressão pelo movimento de suas mãos, que não parava de retorcer sobre seu colo. Quando o viu, levantou-se dando um passo em direção a ele.

— Quero que saiba que recolherei minhas coisas e irei. Só lhe peço que deixe me despedir das crianças e de Amélia e Sarah.

— De que demônio está falando? — Perguntou-lhe Lucien, aproximando-se dela.

Emma desviou o olhar do Conde, baixando a cabeça em uma tentativa desesperada de terminar o quanto antes, e seguiu falando como se não houvesse escutado a pergunta de Lucien.

— Lamento profundamente meu comportamento de alguns minutos atrás. Não tenho desculpa possível. Insultei-o e diante de seu irmão. Esqueci por um momento meu lugar nesta casa e isso é algo imperdoável. Eu...

Lucien estava perplexo. Emma Greyson, uma mulher decidida e segura, estava arrependida. Sabia o quão difícil era pedir perdão. Alguns minutos atrás havia dito a seu irmão que se desculparia diante de Emma quando o inferno se congelasse, entretanto, ela sim o estava fazendo, inclusive castigando-se além do que ele tivesse imaginado. Sempre o surpreendia e isso começava a lhe agradar, e muito.

— Não diga tolices, Emma. Você não vai a lugar algum.

— Mas não posso ficar depois do que disse!

— O que me disse? Que sou um imbecil? Não se preocupe, neste caso tinha razão.

Emma fechou a boca que ficara aberta ao escutar as últimas palavras do Conde de Ashford.

— De qualquer maneira, mesmo que tivesse razão, não devia dizer nunca. Eu sou a preceptora e devo me comportar segundo minha posição.

— Acredita realmente no que me diz? Porque se for assim, decepciona-me. Não vou mentir dizendo que às vezes não me tira do sério, que é irritante e mandona. — Emma se colocou mais erguida do que nunca para ouvir essas palavras, enquanto seu pé tinha começado a dar pequenas batidas no maravilhoso tapete de Aubusson[2] que decorava o piso do escritório. — Mas nem por isso se vai. As crianças necessitam de sua presença, e Amélia e Sarah iriam sentir sua falta. É verdade que tem que rever a maneira de expressar sua opinião, sobretudo quando fala comigo, mas quanto ao resto não tenho nenhuma objeção.

— Está certo disso?

— Sim.

— Obrigada.

Emma já se retirava quando Lucien a chamou.

— Emma.

— Sim?

— Obrigado por ajudar Christopher.

Emma assentiu com a cabeça. Lucien a tinha surpreendido. Não só reconheceu ante ela que tinha sido injusto, mas ainda lhe pediu que ficasse apesar de não suportá-la. Esse homem podia ser muitas coisas,

[2] http://www.casanovaonline.com.br/index.php?option=com_virtuemart&Itemid=74

mas era um homem nobre. Que Deus a ajudasse, porque essa era outra qualidade que nunca teria desejado descobrir nele.



Lucien revisou as contas até tarde. Tinha tentado se ocupar para não pensar nas notícias que tinham chegado de Londres. Outro de seus navios tinha sido sabotado sem nenhuma pista da origem do incidente. Richard deveria chegar nos próximos dias. Seria obrigado a ter paciência. Assim que seu amigo retornasse, ele se encarregaria de fiscalizar e investigar o assunto. O que o deixava mais nervoso era não poder encarregar-se pessoalmente da situação, mas o que ocorreu essa manhã tinha demonstrado que seu irmão ainda o necessitava. Havia escrito uma carta ao detetive para que lhe mandasse um relatório sobre o que descobrira até então. Possivelmente se o estudasse atentamente pudesse encontrar algo que tivesse passado despercebido. Estavam investigando a Star, e Vence Grant estava na pista de vários homens que por uma ou outra razão podiam querer vingar-se tanto de Richard como dele.

Um sorriso veio aos seus lábios quando pensou nisso. Certamente a senhorita Greyson encabeçaria essa lista. Sabia que não podia nem vê-lo e isso o irritava. O que não entendia era por que o fato de que a preceptora, uma mulher desgraciosa e atrevida, pensasse o pior dele o enfurecia tanto. Era algo ilógico, mas a questão é que tinha um caráter que apreciava. Não era bonita nem doce como a maioria das mulheres que conhecia. A verdade é que carecia de encantos, mas era abrir a boca e fasciná-lo. Cativava-o seu engenho, a forma direta e sincera de dizer as coisas, tão oposta aos enganos e artimanhas que estavam acostumadas a utilizar a maioria das moças. Apesar de fazê-lo

perder a paciência, muitas vezes a desafiava só para ver como deixava de lado sua fachada de inalterável preceptora para converter-se em uma fera. Parecia ser uma mulher apaixonada. Ao pensar neste último, olhou à taça de conhaque que tinha em cima da mesa. Devia ter lhe subido à cabeça, porque era impossível que estivesse refletindo sobre a natureza dessa mulher.

Saiu do estúdio e foi descansar, porque o esgotamento estava começando a afetá-lo; de outro modo, não poderia explicar como uma mulher que ocupava a maioria de seus pensamentos fosse uma altiva, irritante e feia professora.

— Emma.

— Sim?

— Está distraída, escutou o que disse?

— Não, sinto muito Amélia, mas é que hoje estou um pouco cansada.

— Não dormiu bem, querida?

— A verdade é que não.

— Um copo de leite antes de deitar faz milagres. Bom, disse que na sexta-feira estamos convidadas para o baile da senhora Fairbank, e queremos que venha conosco.

— Mas Amélia, não poderia, não seria nada apropriado.

— Não diga tolices. Na cidade talvez não, mas aqui no campo as normas não são tão restritas. A própria senhora Fairbank a incluiu no convite, e tanto Sarah como eu insistimos que venha.

— Mas Amélia...

— Não se fala mais nisso.

— Sabe que é você muito obstinada?

— Já sei que está encantada, mas não me agradeça.

Emma pensava que lady Amélia Bruce tinha uma surdez seletiva. Sempre parecia não ouvir aquilo que não lhe convinha. Havia observado e tinha notado certas coisas que não se ajustavam com a surdez que ela sustentava padecer. Não se inclinava para frente movendo a cabeça para ouvir melhor, nem tampouco tentava olhar nos lábios como faziam muitas das pessoas cuja audição estava abaixo do normal. Algumas vezes parecia ouvir um sussurro enquanto que outras não ouvia um grito. Era algo bastante suspeito. Convencida de que nada faria com que Amélia mudasse de opinião, decidiu não discutir mais. Essa mulher era impossível.

— Como vão as crianças?

— Muito bem. Nesta manhã começamos com geografia e nos divertimos bastante.

— Ah, sim?

— Sim, dei-me conta de que as crianças prestam mais atenção quando as lições se mesclam com temas que para elas são fascinantes.

— Como é isso?

— Disse-lhes que cada uma fizesse uma rota da viagem que sempre desejaram. Deviam procurar informação a respeito de como era a cultura, o território e o clima dos lugares que fossem incluir.

— E isso os fascina?

— Sim, tinham que contar uma história dessa viagem que eles mesmos deviam inventar.

— Entendo. — Sorriu Amélia. — E falando de histórias, tem algo para me contar?

Emma tentou dissimular sua reação ante as palavras de Amélia. Será que tinha descoberto? Mas como? Tratou de não parecer alterada enquanto lhe sustentava o olhar.

— Não sei de que fala.

— Do que ocorreu ontem. Inteirei-me que Christopher foi ao jardim quando saímos. Esse moço vai nos matar de susto. Não está recuperado ainda e fica fazendo tolices como um pirralho.

Emma soltou o fôlego que estava contendo.

— Deve ser difícil para o Marquês estar tanto tempo prostrado em uma cama.

— Não discuto isso, mas Christopher não pode permitir-se uma recaída e se continuar assim é o que vai acontecer.

— Preocupa-se muito com ele, não é mesmo?

Amélia disfarçou a tristeza que apareceu em seus olhos com um tênue sorriso.

— É um bom homem, Emma. Minha sobrinha não poderia ter escolhido melhor quando se casou com ele. Fez dela uma mulher muito feliz e isso me basta. Meredith era como uma filha para mim e quando vi quão feliz estava e quanto a amava seu marido, Christopher ganhou meu respeito e meu afeto. Depois, quando o conheci melhor, compreendi que não só era um cavalheiro, mas também uma grande pessoa.

— Deve ter sido horrível para ele perdê-la.

— Sofremos terrivelmente: o pai de Meredith, que é meu irmão Alan; Sarah, os meninos, eu, mas Christopher foi o que ficou pior. Encerrou-se na biblioteca durante dias sem deixar que ninguém entrasse. Jamais tinha visto um homem tão abatido. Houve um momento em que pensei que ficaria louco. Já não sabíamos o que fazer. Ainda bem que Lucien chegou. Entrou na sala com ele e esteve ali durante horas. Não sei o que lhe disse, mas foi o único que o fez reagir. Depois disso, tudo melhorou.

— É horrível quando se perde alguém a quem se ama. — Amélia a olhou fixamente como se tentasse descobrir algo.

— Você também perdeu alguém, não é? — Afirmou Amélia.

— Sim, mas era muito menina. Deve ser mais difícil quando se é adulto.

— Não, pequena. — Consolou Amélia com doçura. — Não é.

Durante um momento os olhares de ambas se cruzaram, reconhecendo uma na outra a verdade dessas palavras e a dor que continham.

— Bom. — Disse Emma tentando mudar de assunto. — Acredito que já é hora de subir com as crianças.

— Emma?

— Sim? — Respondeu-lhe quando ia a caminho da porta.

— Não busque nenhuma desculpa porque irá a esse baile.

— Você é terrível Amélia.

— Sei querida, mas o que vou fazer?

Emma fechou a porta com a sensação de que o baile não ia ser uma noite nada doce e tranquila, como Amélia havia descrito.

Quando Emma chegou à sala de estudos, encontrou uma cena dramática. Lizzy estava chorando desconsoladamente enquanto Anthony, pendurado na janela, tentava soltar-se de Margareth, que o puxava pelas calças com toda sua força para o interior da sala.

— Mas o que está ocorrendo aqui?

Ao vê-la, Lizzy saiu correndo para ela e abraçando suas pernas começou a chorar ainda mais forte. Emma a afastou delicadamente enquanto corria para a janela. Tirou Margareth e com um puxão colocou Anthony para dentro.

— Posso saber o que estava fazendo pendurado na janela? Podia ter se matado!

— Tentava salvar a meu pequeno. — Fungou Lizzy.

— O que?

— Seu gato. — Disse Margareth assentindo com a cabeça.

— E ainda posso se vocês duas me deixar. — Resmungou Anthony com o cenho franzido.

— Nem pensar. — Disse Emma enquanto colocava a cabeça fora da janela para saber exatamente onde se encontrava o ditoso gato.

O bichano estava em um dos galhos mais altos da árvore que dava para janela da sala. O gato, que só era uma cria, movia-se inquieto e bastante assustado para poder descer dali por si só.

Emma se virou para as crianças e os grandes olhos de Lizzy a olharam suplicantes e inocentes, como se pusesse toda sua fé nela para trazer a salvo seu pequeno mascote. Isso foi maior que toda sua lógica e sensatez. Fazia muito tempo que não subia em uma árvore, mas sempre foi boa nisso. Sem pensar mais, e para assombro de seus tutelados,

passou a barra posterior de seu vestido para frente enganchando-o a cintura, fazendo com que a saia ficasse parecida a uma calça.

— Não me diga que você vai subir para procurar o gato. — Margareth a olhou como se houvesse ficado louca de repente.

— Isso mesmo.

— Senhorita Greyson, cada dia me assombra mais. — Admirou-se Anthony com um brilho de respeito no olhar.

— Obrigada, senhorita, obrigada. — Gritava Lizzy enquanto dava pulinhos.

Emma pensou em todas as tolices que havia cometido desde que tinha chegado ali, e a que estava a ponto de fazer era sem dúvidas a maior.

— Vamos lá.

Passando a outra perna pela janela, ficou sentada olhando para fora. O tronco da árvore estava justo ao seu lado, à altura de seus joelhos. Pelo menos seria relativamente fácil subir por ele. A teoria foi mais fácil que a prática. Basta dizer que as crianças contiveram a respiração varias vezes e que Anthony lançou uma exclamação muito pouco alentadora. Ao final, conseguiu se aproximar do gato, que não parava de amontoar-se junto ao tronco para não ficar encurralado por ela.

Tentou agarrá-lo com a mão, mas o animal, assustado, arranhou-a sem piedade, o que fez que perdesse momentaneamente o equilíbrio... E seu sapato esquerdo. O rugido que ouviu abaixo de si cortou a maldição que seus lábios iam proferir. Seu engano foi olhar para baixo, porque Lucien Fitzpatrick segurava seu sapato em uma mão, enquanto esfregava a cabeça no lugar exato onde parecia ter aterrissado. Também foi um engano pôr os olhos nele, porque seu olhar gélido como as águas do oceano Antártico a estavam perfurando sem nenhuma compaixão.

— Desça imediatamente dessa árvore! Quer se matar?

— Ninguém pediu sua opinião! — Gritou Emma enquanto tentava de novo pegar o gato. Uma de suas pernas escorregou, o que a fez ficar por uns instantes pendurada no galho.

— Maldição. Não se mova! — Ouviu Lucien gritar.

Emma não obedeceria. Não teria perdido o equilíbrio se o Conde não a assustasse. Estava sendo tratada como se fosse uma inútil quando ela já subia em árvores muito maiores que essa à tenra idade de sete anos.

Por fim o gato se deixou pegar aconchegando-se em seu colo. Emma colocou o animal em um bolso do vestido. Deu meia volta e se encaminhou de novo à janela. Esteve outra vez a ponto de cair. Ali plantado estava o Conde com as mãos apoiadas no batente da janela e uma expressão mais que intimidante no rosto.

Certamente desta vez não toleraria semelhante arte. Lucien estava alucinado. Sabia que a senhorita Greyson não era uma professora comum, mas daí que fosse uma louca havia um limite. Tinha tido que piscar várias vezes para certificar-se de que não estava tendo alucinações quando o sapato caiu em cima de sua cabeça. A princípio se negou a acreditar que a confusão de anáguas equilibradas sobre tão precária superfície fosse à preceptora, mas rapidamente teve que se render ante a evidência porque, dado os antecedentes da mulher desde que tinha posto os pés na casa, que outra pessoa teria capacidade de fazer semelhante estupidez? Havia-lhe dito que se mantivesse parada, mas tinha escutado por acaso? Não! A senhorita o tinha ignorado com uma tranquilidade espantosa. Quando viu que não esperaria que a ajudasse, subiu as escadas a toda velocidade tentando chegar antes que aquela arrogante acabasse no chão em pedacinhos. Ao entrar, passou junto aos sobrinhos que se amontoavam na janela tratando de animar a que deveria ser o exemplo da correção e da sensatez. Mandou

as crianças para o quarto e foi à janela para ajudá-la, já que só faltava meio metro para chegar até ele. Quando esteve ao alcance de suas mãos, Lucien a segurou sem cerimônias e a colocou com um puxão na sala.

Emma só teve tempo de contar até três antes de escutar a explosão do Conde.

— O que pretendia? Matar-se?

Emma tentou falar, mas Lucien a cortou.

— Nenhuma palavra! Agora vai escutar! O que fez foi à coisa mais estúpida que pude ver em toda minha vida e me acredite que vi muitas coisas. Se voltar a fazer algo remotamente parecido, juro a você que não respondo por mim. Entendeu?

Emma se fixou na mandíbula do Conde, que se contraía sem dissimulação apertando os dentes tentando controlar seu mau gênio. Pensou que nesse momento era melhor não dizer nada que o fizesse perder a escassa paciência que restava.

— Sim, milorde.

Esse foi o momento que o gato escolheu para tirar a cabeça de entre as saias de Emma. Tinha arriscado sua vida para resgatar a um bichano! Lucien achava cada vez mais difícil conciliar a imagem da professora com aspecto recatado e doentio com o da mulher orgulhosa, teimosa e vital que às vezes deixava transparecer. Era um enigma que não estava disposto a ignorar.

— E agora vá dar o gato a Lizzy. Chorava como uma condenada quando a mandei, com seus irmãos, para o quarto. — Avisou Lucien com um brilho perigoso nos olhos.

Emma estava paralisada pelo olhar do Conde. Nesse momento parecia um animal selvagem, entretanto, sabia com absoluta certeza que não devia ter medo. Sabia que jamais lhe faria mal por mais que franzisse o cenho e por mais que lhe fizesse perder o controle.

— Na verdade estava preocupado comigo ou não queria ter que recolher meus pedacinhos do chão? — Perguntou Emma com um intenso desejo de saber sua resposta.

Só a menção de que caísse da árvore fez com que algo dentro de Lucien se contraísse de medo. Isso o surpreendeu e o irritou sobremaneira.

— Teria detestado ter que contratar outra professora.

Emma sorriu para si mesma, essa era a resposta que tinha estado esperando. Era sua maneira de lhe dizer que se preocupou com ela.

— Amélia me disse que virá conosco ao baile. — Especulou Lucien mudando de assunto.

— Sim. Lady Bruce não me deixou muita opção. Você vai?

— Agora sim.

Emma viu um brilho nos olhos de Lucien que fez que tragasse como se formasse um bolo na garganta.

— Amélia me disse você não gosta desse tipo de reunião e que quase nunca vai a elas. — Disse Emma tentando convencer-se de que Lucien não iria.

— É verdade, mas esta eu não perderia por nada no mundo.

— Por quê? – Indagou, consciente de que não ia gostar nada da resposta.

— Nunca vi uma professora dançar.

O sorriso que se estendeu pelos lábios de Lucien a fez suspeitar de seus verdadeiros motivos. Se o que queria era rir a custa dela, não o permitiria.

— Nem o verá, milorde. — Respondeu em tom cortante e brusco.

Lucien cruzou os braços à altura do peito descansando seu peso em uma de suas largas pernas. Nesse dia estava tremendamente atraente. Usava calças de montar ajustadas, de cor marrom escura. A

camisa arregaçada com um par de botões abertos permitindo ver como o cabelo encrespava levemente no pescoço. Emma sentiu a tentação de enredar seus dedos neles.

— Do que tem medo senhorita Greyson?

A pergunta de Lucien a tirou de seus devaneios.

— Se está insinuando que tenho medo de você, devo dizer que sua hipótese não pode ser mais equivocada.

— Alegro-me disso Emma.

A forma que pronunciou seu nome entre os lábios, como se fosse um pouco proibido a fez estremecer da cabeça aos pés. Nunca teria imaginado que as palavras pudessem ter tanta força quando eram ditas pela pessoa adequada.

Lucien a olhou de uma maneira muito estranha antes de partir, como se soubesse algo que ela desconhecia. Teriam que a arrastar a força para fazê-la dançar, prometeu a si mesma.



Lucien acabava de descer as escadas quando O'Connell lhe informou que Richard estava esperando-o no escritório. Por fim havia chegado dessa viagem interminável.

Quando entrou e fechou a porta atrás de si, seu amigo se levantou da poltrona com cara de preocupação.

— Fui a sua casa e me informaram que estava aqui. Também me disseram que seu irmão está doente.

— De fato. Por uns dias tememos por sua vida, mas já está fora de perigo. E a recuperação é lenta. Um teste para sua paciência.

— Imagino. Sempre foi muito teimoso. — Disse Richard mais relaxado. — Deve ter sido muito difícil.

Lucien não teve que dizer nada. Richard o olhou nos olhos e assentiu com a cabeça. Eram amigos há tanto tempo que se conheciam o suficiente para não necessitar de palavras.

— Alegro-me que, por fim, esteja de volta. — Disse Lucien aproximando-se de Richard e lhe dando uma forte palmada nas costas.

— Deveria viajar com mais frequência, assim me daria mais valor.

— Veja isso? Começou com a ladainha. Por isso não digo nada.

Richard soltou uma gargalhada. Alegrava-se de que Christopher estivesse bem. Sabia que para Lucien seu irmão significava muito.

— A viagem foi um êxito. Encontrei-me com Archer e tenho um contrato para transportar sua madeira.

— Isso é perfeito.

— Perfeito? Vamos Lucien, é incrível. Qualquer companhia estaria encantada com esse contrato, enquanto você não parece muito entusiasmado.

— Não é isso, é que em sua ausência tivemos problemas.

— O que quer dizer? Que tipo de problemas?

— Sabotagem. Em três de nossos navios.

— O que se sabe?

— Nada. Comecei a investigar, mas pouco depois Christopher ficou doente assim não tive outra alternativa e contratei um detetive. O melhor de Londres, mas até agora não há nenhuma pista. Estava desejando que chegasse para que se encarregasse disso. Eu ainda não posso sair daqui.

— Entendo. Não se preocupe. Encarregar-me-ei disso amanhã mesmo. Mas vai ser difícil. Acumulamos uma lista nada desprezível de inimigos que desejariam nos ver fracassar. Além disso, a empresa Star teve muitas perdas desde que nós entramos no mercado.

— Sim, eu disse o mesmo ao detetive. O diretor da Star encabeça

minha lista. O nome do detetive é Vence Grant e me informou que se ausentaria alguns dias da cidade para comprovar uns dados.

— Está bem. Aproveitarei esse tempo para investigar por minha conta. Mantê-lo-ei informado.

Lucien sabia que Richard estava preocupado, mas havia algo diferente nele, notou, sobretudo quando falara sobre o empresário americano. Essa cara de embevecido que tinha somente podia significar uma coisa.

— Bom, conte-me. — Especulou Lucien tentando mudar de assunto.

— Não sei do que está falando.

— Conheço essa expressão que fez ao falar do senhor Archer. Deduzo que tem uma filha ou algum familiar feminino que o fez perder um pouco a cabeça.

— Sabe, às vezes te odeio.

Lucien soltou uma gargalhada ao ver a cara de aborrecimento de seu amigo.

— Sabe que cedo ou tarde me inteirarei do assunto.

— De acordo, conheci uma mulher.

Lucien levantou uma sobrancelha diante da cara enjoativa de apaixonado de seu amigo.

— E agora me dirá que é a mulher de sua vida. Uma criatura angelical. Um modelo de virtudes.

— O sarcasmo nunca lhe assentou bem amigo. Mas é verdade. É tudo isso e mais.

— Sabe quantas vezes me contou o mesmo nos últimos anos?

— Esta vez é diferente Lucien. Ela é diferente. Nem todas são como Elinor.

Lucien endureceu sua expressão ao ouvir o nome dessa mulher.

— Sinto, não deveria tê-la mencionado.

— Não, não deveria.

Richard lamentou não ter mordido a língua a tempo. Sabia que aquela mulher tinha deixado algumas cicatrizes em seu amigo. Logo após, Lucien teve muitas aventuras, mas sempre com a mesma classe de mulheres. Aquelas que não lhe exigiam nada, salvo o efêmero prazer de uma noite. Richard sabia que Lucien só tinha admirado a uma mulher, a esposa de Christopher, a quem quis como a uma irmã. Só podia esperar que algum dia alguém pudesse atravessar a couraça que seu amigo tão zelosamente tinha construído em torno de seu coração. Oxalá alguém lhe fizesse perder a cabeça e esse autodomínio que às vezes tanto o tirava do sério. Lucien merecia ser feliz.

— Bom, possivelmente tenha razão e ela seja diferente. — Argumentou Lucien. — Embora não sei o que terá visto em você. Deve estar cega.

Richard soltou uma gargalhada.

— Sou um homem afortunado.

— Mas vai dizer como se chama?

— Melissa.

— E?

— Sabe, estar rodeado de mulheres está te convertendo em um fofoqueiro.

Lucien elevou uma sobrancelha em sinal de protesto.

— Se não fosse por saber que sua mente está transtornada pelos efeitos do amor, fá-lo-ia engolir essas palavras.

Richard soltou o ar que tinha inalado com certa brutalidade como amostra de rendição.

— Está certo, conheci-a na residência dos Archer. Estava de visita. É a segunda prima da esposa do empresário e é inglesa. Viemos no mesmo navio.

Lucien soltou um assobio.

— O que significa isso?

— O que?

— Esse assobio.

— Nada.

— Como nada? Vamos, conheço-o.

— É que já estou te vendo caminhando para o altar.

— Acredito que é muito tolo para dizer algo assim. Estamos nos conhecendo. — Respondeu carrancudo.

— Vai me convidar, não?

— Quer se calar Lucien?

— Sempre me assentou bem o negro, acredito que comprarei um traje para esta ocasião.

— Às vezes tenho vontade de torcer o seu pescoço.

Lucien soltou uma gargalhada. Sempre fora fácil irritar Richard.

— Quando conhecerei a afortunada?

— Quando vier a Londres. Mas o advirto: nada de desdobrar esse teu encanto que faz as mulheres se jogarem a seus pés.

— Eu não faço nada para que isso aconteça, acredite.

— Sim e por isso é odioso. Ainda não perdi a esperança de que alguma mulher consiga que babe por amor.

Lucien o olhou com ironia.

— Antes verá os porcos voarem. – Assegurou, enquanto um sorriso se estendia por seus lábios.

Capítulo 11

O baile da senhora Fairbank era nessa noite e não sabia o que usar. Todos os seus vestidos eram de uma feiúra impossível de superar. O único um pouco mais passável era o que comprou em Londres para o jantar com seu pai e seu velho prometido. Sem dúvida, o vestido não lhe trazia boas lembranças, mas era o único decente para a ocasião.

Prendeu os cabelos em um coque, como de costume, deixando soltas algumas mechas ao lado das têmporas, o que fazia sua expressão suavizar-se levemente. De resto, não poderia fazer grande coisa, sentia falta de ser ela mesma. Em muitas ocasiões representara diversos papéis, mas só por poucas horas. Depois das quais recuperava sua própria vida. Este era o personagem mais difícil de interpretar, não se permitia baixar nenhum momento a guarda, seus sentimentos estavam entrelaçando-se sem poder evitar com os membros dessa família. Não tivera consciência disso até que foi muito tarde para recuar. O desejo de ser quem realmente era, fazia-se cada vez mais intenso, golpeando sem piedade sua consciência. A farsa que era obrigada a manter a fazia cada vez mais prisioneira de seus sentimentos, intensificados pela necessidade de mantê-los em silêncio. Era como se tivesse que interpretar dois papéis, o da preceptora e o da mulher que finge diante de si mesma que nada mudou. Mas essa era a maior de suas mentiras e sua representação mais audaz. Sabia que estar ali já a tinha afetado. Sabia que o dia que deixasse para sempre aquela casa, seu coração sofreria intensamente. Todos eles, desde Amélia até O'Connell ganharam seu afeto em somente algumas semanas.

Sarah lhe brindara com sua amizade, não como aquelas mulheres da alta sociedade que entre sorrisos, frases carregadas e gestos eram apenas uma vitrine para obter mais influência; um puro teatro no qual o final de uma função sempre coincidia com o início de

outra. Uma conduta aprendida e aperfeiçoada que todos faziam sua segunda pele. Sarah era sincera, sem subterfúgios nem artimanhas. Uma verdadeira amiga.

Depois estavam as crianças. Esses pequenos sim a conquistaram com suas travessuras, seus sorrisos e seu carinho, que lhe entregavam sem que ela esperasse. Tinham-na surpreendido com sua espontaneidade, seu desinteressado afeto e sua confiança.

E..., havia Lucien. Jamais pensou que sentiria algo assim por um homem. Não sabia exatamente que nome dar a esse sentimento, porém era muito perturbador para ignorar por mais tempo sua existência. Aceitava o que a fazia sentir quando estava perto, embriagando seus sentidos como uma inexperiente debutante que bebe pela primeira vez uma taça de champanhe. O que a assustava mais era não poder controlar essas sensações, que pareciam intensificar com o passar dos dias, levando a um terreno totalmente desconhecido que a assustava e excitava ao mesmo tempo.

Devia tomar cuidado com todos os sentimentos que ameaçavam fazê-la esquecer por que estava ali.



Quando desceu, todos estavam preparados para partir. Inclusive o Marquês que sentado na biblioteca, criticava o irmão por ter que ir a um baile, onde a maioria das mulheres o perseguiriam por pertencer à lista dos solteiros de ouro, coisa que Lucien não achou muita graça.

Foram de carruagem até a propriedade da senhora Fairbank. Amélia e Lucien em um assento e Sarah e ela compartilhando o outro.

Sentiu os olhos de Lucien vigiando-a durante todo o trajeto. Essa noite ia ser muito longa. Ainda não sabia como se deixou arrastar

até ali. Aquele não era seu lugar. Uma professorinha, e ainda por cima com seu aspecto, em meio a um baile, não havia dúvida de que seria o foco das fofocas.

A austeridade das normas que regiam a sociedade londrina era ignorada no campo, mas continuava a sentir-se deslocada. A teimosia de Amélia a tinha colocado nessa confusão. Estava claro o que deveria fazer. Entraria no salão, veria como se acomodavam as velhas matronas e se sentaria ao lado para passar discretamente durante toda a noite. Seria como se não estivesse ali.

A casa, que se via de longe, era uma enorme construção que parecia tirada de uma das novelas góticas da senhora Radcliffe. Na entrada, um criado abriu a porta da carruagem. Lucien desceu primeiro e ajudou as damas. Quando tocou sua mão, Emma sentiu um formigamento de calor que subia pelo braço até lhe intumescer os seios. Rapidamente retirou a mão, como se tivesse queimado, fazendo com que o Conde a olhasse com uma interrogação nos olhos negros.

A entrada da mansão estava franqueada por enormes colunas coríntias que a faziam sentir-se devorada pelas mandíbulas de algum mítico animal.

A senhora Fairbank os recebeu com uma efusividade desmedida, enquanto os convidava ao salão. Emma ficou fascinada com a decoração daquele local enorme. Quase todos os convidados já haviam chegado dada à quantidade de pessoas que enchiam a sala e que se detinham a cada passo para falar com outros convidados, como se fosse uma dança de antemão preparada. Em uma das laterais, a orquestra começava seu concerto, e no centro da parede oposta, as portas se abriam para o jardim e deixavam entrar a brisa noturna, assim como o embriagador aroma das flores que, misturado com o perfume das damas, criava uma maravilhosa essência.

Grandes candelabros de cristal pendiam do teto iluminando o

salão como se fosse dia. Os espelhos que cobriam as paredes multiplicavam por dez as pessoas que por eles passavam, por isso o espaço se dilatava dando a sensação de ser muito mais amplo. Grandes vasos com flores exóticas se encontravam estrategicamente situados para engrandecer visualmente o entorno com seu colorido.

As damas vestiam à última moda, muito diferentes da recatada e antiquada professora que ela representava. Amélia lhe havia dito que ia ser uma reunião aborrecida e singela. Além de teimosa, teria que acrescentar mentirosa a sua lista de qualidades. Certamente, aquilo não tinha nada de singelo e, pela quantidade de convidados, estava claro que além de vizinhos havia também quem provinha de Londres.

— Sente-se bem? — Perguntou-lhe Sarah apoiando uma mão em seu braço. — Está mais pálida que o normal.

Sarah estava deslumbrante essa noite. Tinha visto o brilho de reconhecimento nos olhos de Christopher antes que saísse de casa e o rubor nas bochechas de sua amiga quando o Marquês lhe havia dito que estava encantadora. Tinha notado algo estranho na conduta de Sarah cada vez que estava perto do Marquês, mas até essa noite não tinha compreendido a razão. Isso era algo que devia analisar com atenção.

— Estou bem, não se preocupe, é que não estou acostumada a participar deste tipo de reunião.

— Querida, sempre achei que há muito mais dentro de ti. Não me decepcione esta noite. — Disse Amélia aparecendo como por arte de magia a seu lado.

Emma a olhou com receio. Amélia sempre fazia comentários que a deixavam ressabiada, como se soubesse que escondia algo.

— Tentarei estar à altura. — Respondeu com um sorriso.

Amélia piscou um olho antes de perder-se entre os convidados.

Lucien estava a alguns passos atrás delas falando com o senhor

Fairbank, que pelo visto não pensava em soltá-lo. Era o centro da atenção de muitas das mulheres que se encontravam no salão. Emma sentiu que se enfurecia. Todas aquelas mulheres o devoravam com o olhar como se fosse um doce. Juraria que mais de uma, nesse momento, estavam babando, e muito a seu pesar não as culpava, porque ela mesma era vítima de sua felina atração, mas era tão evidente que babavam por ele! Acabaria ela olhando-o da mesma maneira? Não, isso era impossível.

Endireitou-se, e elevou o queixo com determinação. Estava pensando demais nesse Conde que parecia deixar embevecida a toda mulher que lhe punha os olhos.

— Senhorita Bruce, que prazer vê-la.

Eric, o filho da senhora Fairbank, tomou a mão de Sarah antes que ela pudesse sequer reagir. Emma não sabia por que, mas além de parecer um mequetrefe presunçoso, sentia que esse homem não era sincero. Olhava a Sarah com evidente lascívia, como se a despisse no meio do salão. Sua amiga reagiu soltando sua mão o mais rápido que pôde e distanciando-se dele alguns passos.

— Espero que me conceda uma dança esta noite.

— Infelizmente já estão todas comprometidas. — Disse-lhe Sarah com o intento de livrar-se de sua companhia.

— E não pode declinar alguma e me conceder esse prazer?

— Isso não seria correto, senhor.

— E é mais correto deixar feito em pedaços o coração de um homem? Você não pode me deixar assim, Sarah. — Disse deslizando o nome em seus lábios como se fosse uma ordem. — Peço que reconsidere.

Emma estava perdendo a paciência com esse imbecil. Estava claro que desagradava a Sarah, mas era tão correta que não se atrevia a desprezá-lo. Se fosse ela, Fairbank já teria recebido seu castigo.

— Perdão, mas não tinha dado conta de que você estava surdo igual ao seu pai. — Arrematou Emma com uma representação muito teatral. Sarah não pôde evitar soltar uma risada ante o atrevimento de Emma e a cara de poucos amigos de Eric Fairbank.

— Do que está falando? — Perguntou-lhe o homem entre dentes.

— De sua surdez. Como, se não, explicar-se-ia que não a tenha escutado dizer duas vezes que não dançará com você? Francamente é uma lástima, tão jovem...

— Eu não estou surdo, senhorita Greyson.

— Ah, perdoe, então deve ser outra coisa.

— Posso saber quem a convidou, senhorita?

Sarah ficou tensa ante a clara insinuação do filho da senhora Fairbank de que Emma não era bem recebida.

— Há algum problema com o fato que a senhorita Greyson nos tenha acompanhado? — As palavras de Lucien retumbaram nos ouvidos de Eric como uma advertência. Olhava-o como um falcão que voa direto em sua presa esperando que faça um movimento em falso para cair sobre ela impiedosamente.

— Não, claro que não.

Eric Fairbank não fazia mais que tragar saliva. Acabava de baixar a crista e Emma não pôde deixar de se alegrar por isso.

— Então peça desculpas por ter sido tão grosseiro. — Ordenou Lucien com uma calma arrepiante.

— Eu não teria me expressado melhor. — Emma agradeceu a Lucien num sussurro.

— Não caibo em mim de gozo ao saber que conto com sua aprovação. — Provocou Lucien com um sorriso nos lábios que fez Emma sorrir por sua vez.

Eric ficara escarlate, não dava para saber se era de fúria ou de vergonha ante o intercâmbio de comentários debaixo de seu nariz,

entretanto, diante de um homem como Lucien, a retirada era a saída mais inteligente.

— Sinto havê-la ofendido, senhorita Greyson.

— Aceito suas desculpas, senhor.

Fazendo uma suave inclinação, Fairbank desapareceu entre os convidados sem o atrevimento olhar de novo para Sarah.

— Esse homem não se dá por vencido, é tão insistente.

— Da próxima vez seja mais firme e o recuse abertamente. — Disse Emma a sua amiga esquecendo, por um momento, seu papel.

Sarah a olhou com a boca aberta, enquanto Lucien soltava uma gargalhada.

— Eu adoraria ver isso, Emma. — Disse-lhe o Conde olhando-a fixamente nos olhos. — A verdade é que as professoras estão cheias de recursos que eu desconhecia por completo.

Emma tinha detectado um tom de admiração em suas últimas palavras. Não podia explicar por que, mas que ele pensasse assim a fazia sentir-se maravilhosamente bem. Essa noite estava muito atraente. Ali plantado com suas pernas musculosas vestidas nessa calça negra e seus largos ombros sem artifício algum na jaqueta para realçá-los, era uma figura imponente e inquietante. A profundidade de seus olhos negros a estremeciam. O que se ocultaria atrás deles? Como seriam quando olhassem com ternura? E com paixão? Ela nunca saberia. As mulheres o admiravam e os homens o respeitavam, escutando-o falar atentamente. Esse era o efeito que causava a tremenda segurança que desprendia.

— Tudo está no manual. — Disse Emma com ironia, ecoando as últimas palavras de Lucien.

— Existe um manual para preceptoras? — Perguntou Sarah inocentemente.

Lucien soltou outra gargalhada, o que fez com que vários dos

convidados voltassem sua atenção para eles.

— Posso saber do que riam? — Inquiriu Amélia aproximando-se deles.

— A senhorita Greyson estava ilustrando sobre as infinitas qualidades que deve possuir alguém de sua profissão.

— Lucien, juro que cada vez o entendo menos. — Disse Amélia com uma careta.

— Pois somos duas. — Murmurou Emma entre dentes.

Nesse momento, Amélia sorriu a uma senhora que tentava manter o pescoço ereto apesar do enorme penteado que levava na cabeça.

— A senhora Decket está delirando. Acredita que ainda é uma jovem e a única coisa que vai conseguir é um torcicolo. — Disse em um sussurro já que a senhora em questão estava se aproximando.

— Amélia, que prazer vê-la! Está estupenda. E você Lucien, moço, há muito tempo que não aparece.

Emma estava surpresa diante da aparência dessa senhora. Com um gesto incansável de mãos, gesticulava como se fosse à apresentadora de um espetáculo. As rugas nos olhos, cansados pelo tempo, mas faiscantes ainda, evidenciavam seus anos. Não seguia as diretrizes da moda, mas preferira o traje de uma jovem. Amélia não tinha exagerado com o penteado, era monstruosamente alto. Dificilmente podia circular pelo salão sem que alguém saísse machucado. Lucien tinha sorrido ao vê-la, apesar de que o tinha chamado "moço". Devia conhecê-la bem, porque francamente, não imaginava alguém com suficiente ousadia para referir-se a ele dessa maneira e sair ileso. A mulher o puxou pelo braço lhe dando umas palmadas.

— Quando vai acabar com esse estado de celibato?

— Senhora Decket não acredito que isso ocorra logo. Não

conheci ainda à mulher que seja capaz de me suportar.

— Isso é evidente.

Essas palavras saíram de seus lábios com volume suficiente para que quatro pares de olhos a olhassem sem pestanejar. Os de Lucien não se desviaram. Nunca havia sentido a necessidade de querer ser invisível até esse momento.

— Quer dizer... — Disse Emma tentando salvar a situação. — É evidente que a futura esposa de lorde Fitzpatrick de Clare deve ser paciente, doce e atenta.

A ironia brilhou nos olhos do Conde.

— Acredita nisso, senhorita Greyson? Porque uma mulher assim me aborreceria até a medula.

— Nenhum homem quer uma mulher que o enfrente. — Argumentou Emma um pouco agitada.

— Parece esquecer uma coisa Emma, eu não sou qualquer homem.

— Isso está claro. — Afirmou à senhora Decket avaliando a tensão que se instalou entre eles em apenas uns segundos.

Emma teve que lhe dar razão. Ele não era qualquer homem. Era o homem que a enfurecia a tal ponto que a fazia esquecer seu papel, suas maneiras, e que balançava seu autocontrole sem o menor esforço. Era o homem que estava despertando nela sensações que a faziam sentir-se vulnerável, alegre, estranha, excitada e tremendamente confusa. Era o homem que a fazia sentir-se viva e segura.

— Se vier a Londres, encarregar-me-ei de lhe apresentar a algumas jovens maravilhosas. — Incentivou a senhora Decket lhe piscando um olho.

— Prudence, não acredito que Lucien seja tímido com as mulheres. — Disse Amélia à mulher, que não soltava o braço de Lucien.

"Disso também não duvido", pensou Emma. Desta vez não

expressou seus pensamentos em voz alta, embora tivesse que morder a língua para evitar.

— Senhora Decket, a senhora é muito amável, mas acredito que é melhor que eu mesmo me encarregue de encontrar a minha futura esposa. — Sorriu Lucien repousando sua mão sobre a dela, o que fez com que a dama se ruborizasse como uma debutante.

Céus será que não havia uma só mulher que não caísse rendida aos seus pés? Será que somente ela conhecia seu lado cínico e pretensioso?

Depois de uns minutos mais de conversa corriqueira, Amélia conseguiu arrancar à senhora Decket do lado do Conde. Lucien convidou Sarah para uma dança, e ela, com a desculpa de tomar um pouco de ponche, escapuliu para um canto onde havia uns assentos livres, ao lado de uma enorme palmeira, era o refúgio perfeito para observar sem ser vista.

Que diferente era esta situação da que vivera tão só alguns meses atrás. Em Veneza tinha ido a muitas das mais célebres festas da cidade. Fora como Emma Bright, vestida como uma jovem de sua idade e rodeada de admiradores e pompa.

Muitos daqueles flertes foram considerados pelo que eram, caprichos sem nenhum sentimento profundo que os respaldasse, entretanto, um deles fora diferente e tinha sofrido ao ter que rechaçá-lo. Era de um moço belga não muito mais velho que ela, seguiu-a em todos os bailes, soirées e eventos aos que estivera presente. Tinha-a esperado fora, sob uma chuva incessante durante horas para lhe dar flores em pleno inverno. Era um bom amigo, mas não despertara nela nenhum sentimento de mulher, nenhuma emoção além de um sincero afeto. Aquilo lhe ensinou que o amor não entende de razões. Jean era um homem sincero, terno, e seus sentimentos para com ela tinham sido verdadeiros. Então, por que não pudera corresponder? Por que não

sentiu atração por ele e sim por aquele homem que não fazia nada mais que desafiá-la? Cada vez estava mais convencida de que o coração era cego. Era como navegar no meio do oceano sem bússola, nem estrelas, totalmente à deriva, esperançosa e confiante de que o instinto conseguisse levá-la a um bom porto. E isso, para uma mulher que tentava controlar todas as situações, era como pedir que viajasse à Lua.

— Acredita que se escondendo aqui vai evitar que a convide para dançar?

Emma sentiu que arrepiavam os cabelos da nuca. De onde tinha saído? Não estava dançando com Sarah? Como demônios a havia localizado tão rápido?

— Não estou me escondendo, não tenho por que fazê-lo, e desde já, antecipo-lhe que não vou dançar. — Respondeu Emma olhando-o por trás de suas grossas lentes.

Lucien não estava disposto a deixá-la escapar. Tinha-o desafiado e todo mundo sabia que nunca dava as costas a um desafio. Além disso, não sabia por que e não tentaria entender a essas alturas, mas fazer com que Emma expusesse constantemente seu mau gênio o divertia muito. Seus embates verbais com a professora estavam se tornando um vício.

Nesse momento era um prazer observá-la. Estava enrijecida, com o queixo levantado e o nariz erguido, desafiante.

— Deveria aceitar que mais cedo ou mais tarde, nesta noite, dançará comigo.

— Mas o que pensa? Fez uma aposta ou algo assim? Ou você também é cego? Não entendo esse interesse de que dance.

— Nunca serei descortês com as damas que acompanho. Seria uma falta de cortesia dançar com Sarah e Amélia e não fazê-lo com você.

Um sorriso enganador apareceu nos lábios de Emma, o que fez

Lucien elevar uma sobrancelha.

— Não se preocupe, eu o libero de tal sacrifício. Pode dedicar seu tempo ao resto das damas deste salão, que por certo parecem desejosas de sua companhia.

— Está ciumenta, senhorita Greyson? — Perguntou-lhe Lucien com ironia.

— De forma alguma. — Disse entre dentes. — Só realmente não entendo o que veem em você.

— Isso doeu. — Provocou Lucien pondo uma mão no peito de maneira teatral.

— Não o suficiente.

— Você é muito dura, o que me faz pensar que talvez esteja na defensiva. Do que tem medo? Não sabe dançar?

— É óbvio que sei dançar. — Irritou-se Emma ficando em pé de um salto. — Meu deus, você é exasperante!

Emma tampou a boca tentando fazer desaparecer o que acabara de dizer. Lucien, por outro lado, em vez de parecer escandalizado por sua expressão, ria tanto que se dobrou em dois e segurou o corrimão para não cair no chão.

Emma estava estupefata. Jamais o tinha visto rir dessa maneira e, muito a seu pesar, tinha que reconhecer que adorou. Parecia um garoto. Seu rosto estava relaxado e seus olhos faiscavam com magia própria. Sua risada era rouca e fluída e a fazia sentir cócegas no estômago. Era a música mais bonita que tinha escutado em muito tempo. Mas estava zangada com ele, repreendeu-se mentalmente, tentando esquecer o que a fazia sentir.

— Venha aqui. — Intimou Lucien quando parou de rir.

— Nem em sonhos. — Esquivou-se Emma.

— O quanto pode enganar-se? — Perguntou Lucien com a mesma expressão que usava Anthony quando estava idealizando

alguma de suas travessuras.

— Com você é impossível contar, mas se não lhe incomoda, pode apontar uma mais. Não dançarei com você.

— Meu Deus! Acaba de assinar sua sentença.

— De morte? — Perguntou Emma com brincadeira.

Antes que tivesse sequer tempo para pestanejar, foi apanhada entre os braços de Lucien, que a segurava com força suficiente para não mover-se.

— Solte-me, cretino. — Disse entre dentes.

— Pensei que não fosse uma covarde.

— E não sou.

— Então demonstre.

— Oh, está bem, mas me solte primeiro.

Lucien a soltou devagar. Embora não fosse nada graciosa, o corpo que sentira sob suas mãos não encaixava com quem usava esses vestidos largos e toscos que estava acostumado a ver. Percebera curvas inquietantes, bem delineadas e esbeltas. Este joguinho com a professora devia acabar, pois começara a afetá-lo, se não, como entender que estivesse pensando no corpo dessa mulher?

Emma lhe ofereceu a mão com delicadeza quando as notas de uma valsa começaram a ecoar pelas portas do terraço.

Lucien estreitou sua mão com a dela e posou a outra sobre sua cintura.

— Ponha a outra mão sobre meu ombro, Emma.

— Sei como se dança uma valsa. — Respondeu enquanto colocava sua mão sobre a dele. Nesse momento percebeu que a jaqueta não tinha nenhuma ombreira, dessas que os homens estavam acostumados a usar para que as costas parecessem mais largas. O que ela apalpava eram seus músculos fortes e atléticos, que se desenhavam sob sua palma com cada movimento.

Lucien começou a deslizar pelo terraço ao som da música, levando Emma em volteios em cada giro. Um sorriso triunfal surgiu em seus lábios, o que fez com que Emma soltasse um gemido pouco feminino. Antes que se conscientizasse de que não devia ficar tão tranquila, enquanto ele se vangloriava de sua vitória, Emma lhe deu um pisão com sua bota de cano longo que o fez ranger os dentes.

— Oh, perdão. — Pediu com fingida consternação.

— Não há o que perdoar. — Disse Lucien entre dentes, tentando conter a dor que se estendeu por todo o pé. Mas essa mulher o que usava no sapato, uma prancha de ferro?

Lucien imprimiu mais velocidade em cada volta, o que fez Emma ficar enjoada ao término da valsa. Permitiu-se apoiar um momento nele, enquanto recuperava o equilíbrio.

— Oh, perdoe, fui muito rápido. — Resmungou Lucien repetindo o tom da desculpa que ela dera anteriormente.

O cretino não estava arrependido absolutamente, mas sim desfrutava.

Emma tomou impulso e lhe pegou um chute na tíbia. Lucien amaldiçoou em três idiomas diferentes antes de voltar a apoiar o pé no chão.

— Apreciei demais dançar com o senhor. — Emma falou a uma distância segura.

— Desta não vai livrar-se tão facilmente, Emma.

— Isso veremos, milorde. – Respondeu, levantando a cabeça.

— Sim, isso veremos. — Confirmou Lucien em um sussurro, enquanto um sorriso ia a seus lábios.

Capítulo 12

Quando aprenderia a segurar a língua? Emma não deixou de fazer-se essa pergunta, durante o percurso de volta a casa. Agora estava segura de que seu mau gênio a tinha metido em uma boa confusão. Sentia que Lucien a observava do assento da frente e mesmo sem olhar sabia que estava arquitetando uma maneira de fazê-la pagar, coisa que sem dúvida não se tardaria.

Não queria fazer-se notar, mas isso era impossível se cada vez que o fitava ele a desafiava dessa maneira. E como lhe dera um chute na tíbia? Encolheu-se em seu assento ao pensar em sua temeridade. Ele podia ter reagido. Não, isso não era verdade, porque algo em seu interior lhe dizia com certeza absoluta que apesar de ser um homem perigoso e com um gênio de mil demônios, seria incapaz de lhe fazer mal.

Louca, só podia estar louca para ser tão insolente e atrevida, e agora deveria aceitar as consequências que sem dúvida não seriam nada agradáveis. Lucien parecia o tipo de homem que não deixava nenhuma dívida sem cobrar.

Quando chegaram, Lucien as ajudou a descer. Emma não perdeu tempo e começou a subir as escadas da entrada seguida por Sarah e Amélia. Ambas as mulheres tinham estado toda a viagem de volta comentando a festa e trocando as fofocas mais recentes de Londres, que os convidados da cidade estavam desejosos de difundir.

Ao entrar na casa, Emma desejou boa noite e se dirigiu às escadas.

— Senhorita Greyson, se tiver um minuto eu gostaria de falar com você.

Emma sentiu que seu castigo estava a ponto de ser imposto.

Amélia e Sarah olharam Lucien com expressões interrogativas.

— Não pode esperar até manhã? A senhorita Greyson deve estar esgotada. — Disse Amélia com condescendência.

— Senhorita Greyson? — Intimou Lucien em um tom que desprendia uma sutil ameaça.

Emma se voltou para ele e viu a determinação em seus olhos. Estava claro que se ela não cedesse a seu comando, a coisa seria pior. Além disso, Amélia e Sarah não demorariam a perguntar o que ocorria e a última coisa que lhe faltava era que esse arrogante relatasse os acontecimentos dessa noite.

— Sim, claro.

Emma se obrigou a esboçar um sorriso doce e encantador que fez com que Lucien desejasse lhe entregar um prêmio por sua interpretação.

— Amélia, Sarah, prometo-lhes não reter por muito tempo à senhorita Greyson. Desejo-lhes boa noite.

Ambas as mulheres ficaram atônitas quando Lucien fechou a porta diante de seus narizes.

— Pode-se saber o que está acontecendo? — Perguntou Amélia quando pôde fechar de novo a boca.

— Tia, não faço a menor ideia, mas é bem estranho, não lhe parece?

— O que me parece é que seria mais fácil se cada um fosse quem realmente é.

— O que quer dizer? — Perguntou Sarah sem entender o comentário de Amélia.

— Que estou muito velha para o jogo dos jovens.

Dito isso saiu em direção a seus aposentos depois de desejar boa noite a sua sobrinha, e deixá-la ainda mais confusa.

Emma se manteve no outro extremo da biblioteca, enquanto Lucien fechava a porta e se apoiava comodamente sobre o suporte da

chaminé. Com os braços cruzados sobre o peito, Emma começou a pensar em qual seria a melhor maneira de sair dali sem seu orgulho ferido. Deveria saber que isso não seria nada fácil.

O silêncio fazia cada vez mais tensa a situação, o que levou Emma ao extremo de seu autocontrole. Estava deixando-a nervosa e sabia que ele estava divertindo-se com isso.

— Poderia deixar de me atormentar e me dizer qual será meu castigo?

— Emma. — Falou Lucien enquanto passava uma mão pelo queixo como se, em vez de meditar sobre sua vingança, tivesse que decidir se declarava guerra à França.

— Somos pessoas adultas. — Começou a dizer Emma antes de fixar-se em como a sobrancelha esquerda de Lucien arqueava significativamente. — E, portanto, devemos agir como tal. — Continuou dizendo não sem tragar saliva ao ver a outra sobrancelha do Conde arquear para cima acompanhando a anterior. — Oh, está bem, reconheço que o pisão foi de propósito e lhe peço desculpas.

Lucien apoiou seu peso no outro pé, enquanto continuava em silêncio esperando que ela continuasse.

— E... Reconheço que o ato foi vergonhoso para uma mulher de minha posição. Foi uma criancice e por isso também lamento.

Lucien sabia que com o orgulho que corria pelas veias da senhorita Greyson essas desculpas lhe haviam custado anos de vida.

Lucien se endireitou e caminhando para a porta, abriu-a para que Emma passasse.

Emma se dispunha a sair depois de atravessar lentamente a sala, quando Lucien a pegou pelo braço. Ela viu que o regozijo brilhava em seus olhos.

— Não foi tão difícil, foi Emma?

— É você... — Emma se calou a tempo, recordando-se que

depois de tudo não se saíra mal no final.

— Assim está melhor. — Disse-lhe Lucien com um sorriso, para depois lhe bater a porta no nariz.



Emma decidiu tomar um banho. Era tarde e devia estar na cama, mas com a fúria ainda borbulhando em seu interior seria impossível conciliar o sono. Pensou que a água quente faria maravilhas em seu estado. Acalmaria e a ajudaria a relaxar. Tirar o disfarce que continuamente usava podia ser, nesse momento, o melhor remédio. Lavaria o cabelo, pensou, saboreando o momento em que se viu livre de todas as presilhas. Quase não lembrava a verdadeira cor de seu cabelo, já que sempre que o secava tinha que voltar a aplicar a horrível tintura. Esse dia não o faria. Dormiria como Emma Bright, com o cabelo solto e rosto sem maquiagem.

Encheu a banheira que tinha em seu quarto. Quando chegou a aquela casa, a instalação de encanamentos foi o que mais a surpreendeu. Não era preciso levar baldes cheios de água até a banheira para enchê-la, pois a água caia diretamente sobre ela.

Despiu-se, tirando as ataduras que aprisionavam seus seios e que os deixavam tão doloridos.

Sem pensar duas vezes, entrou na água soltando um gritinho ao sentir como os músculos foram relaxando, uma vez que o líquido os cobria.

Deu-se de presente o prazer de permanecer rodeada por sais aromáticos que jogara na banheira enquanto seu cabelo, depois de uma primeira lavagem, deslizava suavemente pelas costas, sentindo que a cabeça descansava da tensão e da pressão das presilhas que

permaneciam em seu cabelo o dia todo.

Quando ouviu que o relógio do corredor batia uma hora, saiu a contragosto da água, cobrindo sua nudez com uma toalha. Secou-se sem pressa, enquanto o fogo crepitava na lareira e amortecia seus sentidos. Colocou a camisola e se aproximou do calor para desembaraçar o cabelo. E como era muito comprido tinha dificuldade em escová-lo. Agora mais do que nunca deveria cortá-lo. Sua tia a mataria, mas devido ao disfarce, o trabalho com seu cabelo se multiplicou por dois.

Que alívio ser outra vez ela mesma, embora fosse às escondidas e só por umas horas!

Um chamado na porta fez que voltasse para a realidade. Não pensou em nada mais quando a voz de Anthony lhe revelou que algo não estava bem.

— Emma, por favor, abra Emma.

— Sim, um momento. — Respondeu Emma colocando um robe.

— É Lizzy, está doente.

Emma sentiu uma pontada de temor. Anthony não era dos que se assustavam por nada.

Emma abriu imediatamente a porta antes da razão se impor. Quando o viu de pijama, descalço e com os olhos abertos como pratos se deu conta de que o menino não estava vendo a professora e sim Emma Bright, e era evidente que ficou sem palavras. Já era muito tarde para amaldiçoar-se por cometer a estupidez de sair antes de se disfarçar de novo, mas ao perceber a urgência na voz de Anthony nem sequer tinha pensado em seu aspecto.

— Sou eu Anthony, o que houve?

O menino piscou duas vezes antes que uma exclamação saísse de sua boca de maneira espontânea. Depois do susto pareceu recordar por que estava ali.

— Lizzy está muito quente e delira. Só diz que quer você ou Sarah, mas tia Sarah não responde.

Emma não se surpreendeu por Sarah não ter ouvido o chamado. Depois de beber o ponche da senhora Fairbank, era impossível não cair fulminada na cama e Sarah tinha bebido mais de um, pois ao retornar à casa estava um pouco embriagada.

— Por favor, senhorita Greyson, não sabemos o que fazer.

Emma saiu de seu quarto e junto com Anthony se dirigiu às acomodações dos meninos. Quando entrou viu que Margareth estava lívida enquanto sustentava a cabecinha de Lizzy que não parava de vomitar.

Emma se aproximou dela.

— Margareth, deixe-me ver como está sua irmã.

Os olhos da menina refletiram um imenso alívio ao vê-la ali.

— Lizzy, querida, não se preocupe, verá como logo se sentirá melhor. — Disse Emma querendo tranquilizar não só à pequena, mas a todos que estavam ali com ela.

Tocou a fronte da menina e efetivamente estava quente, embora não tanto como pensara a princípio.

Recostou Lizzy sobre os travesseiros quando parou de vomitar.

— Dói aqui? Perguntou Emma lhe tocando o abdômen.

A careta de dor no rosto da menina foi suficiente resposta.

— O que jantou? — Questionou a Margareth enquanto cobria Lizzy com uma manta.

— O mesmo que nós, pescado com cenouras.

— E não comeu nada mais?

— Não. — Margareth moveu a cabeça para que sua resposta fosse mais categórica

— Não... Espere. — Disse Anthony recordando algo.

— Esta tarde quando fui ao piso inferior, vi Lizzy sair da

cozinha. Quando a chamei escondeu as mãos nas costas e tinha a boca cheia de chocolate. Acho que se meteu lá quando não havia ninguém e fez uma festa com as bolachas.

— Não jantou bem esta noite, não tinha fome. — Afirmou Margareth, agora um pouco mais tranquila ao descobrir a origem do mal-estar de sua irmã.

— Então o que tem é uma indigestão. — Tranquilizou-se Emma, enquanto mandava Anthony umedecer um pano para fazer compressas.

Começou a fazer massagens no abdômen de Lizzy enquanto cantava suavemente. Pôs o pano úmido na cabeça da menina, pensando em descer até a cozinha a fazer uma infusão que ajudasse a acalmar o estômago da pequena.



Lucien subia as escadas de dois em dois ansioso por chegar o quanto antes a seus aposentos e cair na cama. Depois da conversa que tivera com a senhorita Greyson, pôs-se a analisar os contratos que Richard havia trazido de Nova Iorque, e apesar de não estar cansado, o sono que lhe fugira durante as últimas semanas pareceu conceder uma trégua.

Começou a cruzar o corredor quando uma doce voz chegou do outro extremo. Aproximou-se atraído pelo belo som.

Provinha do quarto das crianças. Um facho de luz clareava o cômodo, que tinha a porta entreaberta, criando sombras na parede do corredor. Acelerou o passo para descobrir por que as crianças estavam acordadas há esta hora.

Quando abriu de todo a porta e entrou, teve que conter a respiração ao ver-se frente a frente com a mulher mais bela que tinha

visto em sua vida. Esta tinha saltado como uma mola ao ouvi-lo entrar e agora o olhava como se fosse uma ladra em meio a um delito.

Deus, era magnífica! Seu cabelo como o fogo lhe chegava até a cintura, ondulando-se sobre sua deliciosa figura que se empenhava em ocultar fechando o robe com pudor. Seus enormes olhos cintilavam em meio à penumbra. Apostaria que eram verdes, desses que um homem podia perder-se para não querer voltar jamais.

Devia ser alguma criada nova que não tinha visto, embora fosse impossível que uma criatura assim passasse despercebida.

— Emma, pode cantar um pouco mais?

Emma fechou os olhos à espera da explosão de Lucien, que parecia olhá-la como se tivesse visto um fantasma.

Lucien sentiu que um calafrio subia por sua espinha dorsal ao escutar as palavras de Lizzy. Não podia ser certo, era impossível.

— Emma?

Emma ficou calada como se assim pudesse enganar ao destino que parecia estar enfurecido com ela.

— Não é incrível, tio? — Disse Anthony, ficando junto a ela.

Lucien sentiu que uma fúria cega lhe percorria o corpo.

— Sim, é incrível. — Disse com um tom tão frio que Emma sentiu que as mãos gelavam.

— Lizzy está doente. — Alertou Margareth a Lucien. A menina parecia haver-se dado conta da tensão que havia entre os dois adultos.

— O que esta acontecendo? – Perguntou, olhando diretamente a Emma.

— É uma indigestão. — Respondeu a meia voz.

Os olhos de Lucien procuraram a cama onde a pequena estava deitada e se aproximou dela.

— Como se sente meu bem? — Perguntou-lhe com uma voz tão doce que comoveu a Emma.

— Agora estou melhor. — Disse a menina enquanto segurava uma das mãos.

Lucien se assombrou uma vez mais de quão pequenas eram as mãozinhas de sua sobrinha entre as suas. Um impulso protetor se apropriou dele enquanto contemplava seu rosto cinzento em meio aos travesseiros.

— Que esteve comendo?

A menina fez uma careta encantadora que provocou sorrisos em seus irmãos.

— Comi bolachas. — Disse com um sussurro, como se tivesse confessado um pecado mortal.

— Bom, logo se sentirá melhor.

— Desde que Emma chegou me sinto melhor.

Lucien ficou tenso como o mármore ao escutar o nome.

— Seus irmãos ficarão contigo um momento, enquanto eu falo com a senhorita Greyson.

— Está bem, mas depois pode ficar comigo?

— Já veremos. — Disse Lucien com um sorriso, enquanto lhe dava um beijo na fronte.

— Margareth, chame a sua tia Sarah para ficar com Lizzy.

— Não acredito que seja necessário, eu posso ficar. — Disse-lhe Emma.

— Minha senhora, você não vai fazer nada até que nos falemos. — Intimou Lucien atravessando-a com o olhar.

Emma sentiu que suas horas naquela casa estavam contadas.

Lucien a puxou pelo braço quando ela resistiu em segui-lo, e a obrigou a sair do quarto com ele. Emma começou a sentir temor de verdade quando viu que não se dirigiam ao piso de baixo, mas sim seguiam pelo corredor para os aposentos do Conde.

Lucien abriu a porta de seu dormitório e a fez entrar.

— Não espera que falemos aqui?

— Este é um lugar tão bom como outro qualquer. — Retrucou enquanto desatava o laço de sua camisa entreabrindo-a no pescoço e arregaçando a manga.

— Minha reputação será feita em pedaços se me encontrarem aqui. — Argumentou Emma entre dentes.

— Se você fosse uma dama estaria de acordo, mas agora só tenho certeza de uma coisa. Você é uma impostora, uma mentirosa que não duvidou em enganar a todos os que confiaram em você. Assim não me fale de reputações, porque aqui está em jogo algo muito mais importante que sua honra.

Emma passou ao seu lado procurando sair dali, mas Lucien foi muito mais rápido. Segurou-a pelos braços e, quando Emma quis soltar-se, ele estava preparado para frustrar seu intento.

— Pequena harpia, fique quieta. – Ordenou, enquanto a sustentava com mais força apertando-a contra seu corpo.

Lucien estava irritado pela maneira que reagia diante daquela mulher. Desde que a tinha visto se achava em um estado de excitação difícil de controlar, mas agora que a tinha entre seus braços, rodeando sua deliciosa figura, sentindo seus seios firmes e esbeltos contra ele, a urgência de seu desejo era premente. Recorrendo a todo seu autocontrole, olhou os enormes olhos verdes que o olhavam com uma fúria evidente e lhe falou o mais calmo possível.

— Se não deixar de retorcer-se, perderá sua reputação em todos os sentidos.

Lucien soube o momento exato em que Emma captou o significado de suas palavras. Um rubor próprio de uma debutante se estendeu por sua face e fez que seus olhos brilhassem com mais intensidade.

Emma ficou quieta. Olhou-o nos olhos e viu algo diferente neles

que a afligiu.

— Solte-me, por favor. — Pediu-lhe.

Lucien a soltou a contragosto. Emma encaixava perfeitamente entre seus braços e isso o pegou de surpresa.

— Sente-se nessa poltrona e comece pelo princípio, e para seu bem que seja toda a verdade. — Disse com um tom que não admitia discussão.

Emma sabia que devia ser convincente. Não podia lhe contar a verdade, pelo menos a sua, mas poderia lhe oferecer a verdade de Emma Greyson e de outras tantas garotas que tinham sido tratadas injustamente. Greyson tinha sido seduzida e abandonada sem possibilidade de encontrar um emprego, em Veneza sua tia Francesca tinha ajudado a mais de uma garota a que homens influentes tinham forçado e que depois tinham despedido por falta de moralidade. Era repugnante, mas sua história bem podia ser a de todas elas.

— Meu nome é Emma Greyson e sou professora.

Emma viu que Lucien ia objetar algo e antes disso levantou a mão para que a deixasse continuar. O Conde assentiu com a cabeça.

— A única coisa que não é verdadeira é meu aspecto, mas me vi obrigada a isso.

— Por quê?

— Porque tinha medo.

— De que?

Emma começou a improvisar tentando ser o mais verossímil possível. Tinha que continuar mentindo, não podia lhe dizer a verdade. Se contasse o verdadeiro motivo de sua presença na Inglaterra, não sabia como reagiria. Seu pai era um homem respeitável e encantador para toda a sociedade, apenas algumas pessoas sabiam de sua verdadeira natureza. Possivelmente, inclusive Lucien ou Christopher o conhecessem ou tivessem negócios com ele. Seu pai poderia convencê-

los de que era uma mulher amalucada e difícil que tentava deixá-lo em evidência. Não podia arriscar por mais que desejasse contar tudo e deixar de levar esse peso sobre suas costas.

— Na casa que trabalhei antes que me mandassem aqui, o filho do homem que me contratou tentou me seduzir. Não me deixava em paz e me disse que cedo ou tarde conseguiria o que queria.

Lucien contraiu a mandíbula ao escutar essas palavras. Não sabia se mentia, mas não era um segredo que muitas jovens, criadas e damas de companhia tinham sofrido abusos por parte de seus empregadores. Desgraçadamente, essas histórias se repetiam continuamente sem que ninguém pusesse freio a essas injustiças.

Emma pensava que com isso bastaria para que Lucien fizesse uma ideia de sua situação, mas estava enganada. Seu silêncio era sinal de que esperava mais. Não se contentaria com só uns retalhos.

— Chegou a maltratá-la?

— Tentou. — Murmurou Emma sentindo uma pontada de remorso por tecer essa mentira.

A verdade é que não era de todo mentira. Tinha tido que disfarçar-se para escapar de um homem. Não um que tentou seduzi-la, mas um que tratou de vendê-la para poder obter em troca dinheiro e poder. Um homem que lhe tinha feito mal e que tentara destruí-la. Um homem que tinha matado pouco a pouco a sua mãe enterrando-a em vida e que pretendia fazer o mesmo com ela.

— Demitiu-se?

Emma tentou recordar o que lhe havia dito Grey.

— Não, despediram-me.

— Porque não quis aceitar suas demandas?

— Sim.

Lucien sabia como era o caráter de Emma, seu gênio e sua natureza combativa. Era uma mulher que não se deixava amedrontar e

podia imaginar como tinha feito frente a aquele bode, entretanto, apesar de sua indomável natureza esse homem podia prejudicá-la ou algo pior.

— Seu nome. — Intimou Lucien com uma contundência que não deixava alternativa alguma.

— Não. — Replicou Emma. — Se lhe dissesse como se chama, não voltaria a trabalhar nunca mais.

— Sua situação neste momento é bem delicada, assim só vou perguntar só mais uma vez. Qual é seu nome?

Emma sabia que estava brincando com fogo, mas não tinha alternativa.

— Se quer me demitir compreendo, se quer me denunciar à agência também, mas não espere que lhe dê seu nome.

— Por quê?

— Porque quando se é um empregado, depende-se de uma reputação e do silêncio para ganhar o sustento. Aprende-se a não escutar nem ver o que acontece ao seu redor. Aprende-se a esquecer pelo próprio bem e a guardar segredos. — Respondeu Emma olhando-o diretamente nos olhos.

— Pois aqui não necessitou de nenhuma dessas coisas. — Argumentou Lucien, enquanto sustentava o olhar de tal maneira que parecia tentar ler sua alma.

— Aqui é diferente.

— Por quê?

— Porque vocês são diferentes. — Emma respirou fundo, antes de soltar um suspiro. — Quando me despediram, ocorreu-me a ideia do disfarce. Algumas das outras moças da agência tinham passado pelo mesmo e nem todas saíram ilesas. Sabia que cedo ou tarde eu podia ser uma delas. Uma das moças foi violada pelo filho de um Marquês e, sabe o que aconteceu? — Perguntou Emma com fúria. — A jogaram na rua. E a mãe daquele desgraçado disse à agência que a preceptora era uma

prostituta e a agência a jogou também. Sabe o que acontece a essas garotas? — Gemeu com lágrimas nos olhos. — Se encontram sozinhas com um filho no ventre e sem nada do que viver. Imagino que um homem de mundo como você possa imaginar o resto.

Sim, desgraçadamente Lucien sabia perfeitamente o que acontecia a essas garotas. Tinha escutado mais de uma vez homens da alta sociedade gabar-se disso.

— Eu pensei que se parecesse uma mulher velha e feia ninguém me notaria e poderia fazer meu trabalho sem ter que me preocupar com o senhor da casa.

Lucien podia entender por que Emma tinha decidido fazer o que tinha feito, mas ainda o irritava sentir que enganara a todos. Pegou uma das cadeiras e se sentou em frente. Suas pernas ficavam mais próximas das de Emma ao aproximar-se mais dela.

— Disse que aqui era diferente, por quê?

— Por que...

Lucien tomou o queixo para levantar o rosto e que assim o olhasse nos olhos.

— Pela primeira vez. — Começou a dizer Emma quase em um sussurro. — Esqueci-me de que era só uma empregada. Amélia, Sarah, as crianças, todos me receberam tão bem, com tanto carinho, que às vezes me sentia como se fosse parte desta família. Já sei que digo tolices, mas me fazem sentir em casa. Estava tão a vontade que às vezes me deixava levar.

— Sim, disso tenho certeza. — Disse Lucien com um sorriso.

— Sim, e lamento. Com você fui uma harpia, sei, mas é que me tirava do sério com uma facilidade que...

Lucien soltou uma gargalhada.

— Do que ri? Estava me desculpando, sabe?

— Sim, dizendo-me quão rabugento sou.

— Bom, é que o é. Decididamente faz de propósito.

— Que coisa?

— Irritar-me.

— Bom, tenho que confessar que me divirto bastante vendo como perde as estribeiras.

— É você...

— Shh, Emma, tranquilize-se, só estava brincando. – Disse, enquanto lhe colocava uma mecha de cabelo por detrás do ombro.

O roçar de seus dedos, apesar do robe e da camisola, produziu-lhe um formigamento inquietante na pele.

— Amanhã recolherei minhas coisas. — Informou Emma, decidida.

Lucien franziu as sobrancelhas, enquanto a segurava pelos braços.

— Não vai a nenhuma parte, Emma.

— Mas Amélia, Sarah, seu irmão...

— Compreenderão.

Emma estava muito cansada para continuar discutindo. Lucien interpretou seu silêncio como se estivesse pensando no que fazer.

— Aqui ninguém vai maltratá-la.

Emma levantou o olhar rapidamente.

— Isso eu sei. – Afirmou lhe tocando inconscientemente o braço com uma mão.

Lucien estava seguro de que Emma não se deu conta desse gesto, mas ele sim. Havia dito que ninguém iria magoá-la, que ficaria segura ali, e isso era certo, mas não estava tão claro era como ia conseguir comportar-se como um cavalheiro quando seu único pensamento era despi-la e beijar cada centímetro de seu corpo.

— Então não há mais que falar. Agora deve descansar. Amanhã conversarei com a família.

Emma assentiu com a cabeça, enquanto ficava em pé.

— Antes vou ver como está Lizzy.

— Quase não se mantém em pé. Não se preocupe, eu irei vê-la e Sarah ficará com ela.

Emma ia discutir, mas a sobrancelha levantada de Lucien indicou que nem o tentasse.

— Oh, está bem.

Lucien não pôde deixar de sorrir quando teve que obrigá-la a seguir pelo corredor em vez de deixá-la entrar no quarto das crianças. De uma coisa não havia dúvida. Essa bela, teimosa, e incorrigível professorinha era toda mulher.

Capítulo 13

Emma fechou os olhos enquanto a brisa lhe acariciava o rosto e o sol lhe esquentava timidamente o corpo. Tudo o que ocorrera no dia anterior e nessa mesma manhã a tinha deixado exausta. Só nesse instante começava a sentir a tensão que a acompanhara durante as últimas horas diminuindo para dar lugar à calma que tanto tinha tentado conquistar.

A família aceitou bem o fato de que ela se disfarçou. Lucien os tinha reunido e exposto a situação. Graças a Deus, fora cuidadoso ao explicar as razões de sua mentira.

Tinha estado presente na conversa. Havia dito a Lucien que preferia estar presente diante de todos, porque era o correto. Ainda podia recordar a surpresa do Marquês quando a viu entrar, assim como a exclamação de Sarah, que se sentou ao saber que era a mesma Emma Greyson com a que convivera durante as últimas semanas.

A que mais a surpreendeu foi Amélia. Olhou-a como se tivesse visto uma antiga amiga, com igual intensidade que se acreditaria estar vendo um fantasma. Depois, como se nada tivesse ocorrido, piscou-lhe um dos olhos e se sentou junto aos outros.

Ao terminar de falar, as expressões dos presentes se alteraram. Sarah a olhava com lágrimas nos olhos, o Marquês, com compreensão, e Amélia como se tentasse recompor um quebra-cabeças ao qual faltassem as principais peças. Ficaram em silêncio uns instantes e depois começaram a falar todos de uma vez, pondo-se a rir em uníssono pela confusão que estavam fazendo. A verdade é que a tinham surpreendido. Ninguém a reprovou pelo feito e, ao contrário do que podia ter imaginado, acolheram-na com sua aceitação e seu entendimento como se nada tivesse acontecido.

Sarah ficou com ela depois que cada um voltou para suas

obrigações. Tinha-a abraçado e dito que só lamentava que não tivesse tido a confiança suficiente para contar a verdade.

As crianças, com os quais falara no café da manhã, não voltou a vê-las até a tarde quando foram ao lago para dar um passeio. Elas se comportaram como sempre, sem fazer nenhuma referência à evidente mudança. Na noite anterior tinham sido os primeiros a vê-la como era, descobrindo seu disfarce e, salvo a surpresa de Anthony, não tinham dado amostras de estarem zangadas ou magoadas por seu engano.

Agora tranquila, sentada sobre a espessa erva, via as meninas correrem tentando apanhar Anthony, que tinha tirado o chapéu de Margareth e ameaçava atirá-lo à água para ver quanto tempo levava para afundar.

O ar fresco da tarde começou a ficar cada vez menos sutil, e o sol, que há alguns momentos coloria o céu, começava a retirar-se a passo lento, mas firme pelo horizonte.

— Vamos, crianças, temos que voltar. — Gritou Emma rindo ao ver Lizzy pendurada nas pernas de seu irmão com a intenção de segurá-lo para que Margareth pudesse alcançá-lo.

— Anthony devolva o chapéu a sua irmã e retornemos. Parece que chega uma tormenta. — Disse Emma enquanto observava as nuvens escuras que, com rapidez, cobriam o céu.

Ainda estava olhando às nuvens quando ouviu o grito de Anthony. Ao que parecia, em sua incessante luta por desembaraçar-se de suas irmãs, tinha escorregado e caído no lago.

— Maldição. — Exclamou Emma antes de pôr-se a correr para tirar o menino da água.

Sem pensar nem um segundo, e diante do olhar aterrorizado das meninas, Emma saltou à água ao lado de onde Anthony chapinhava com seus braços, espalhafatosamente, tentando manter-se a tona. Segurou o menino por debaixo dos braços e começou a nadar para

cobrir a escassa distância que os separava da borda. Ainda bem que estavam próximos a margem, porque se tivessem sido vários metros, a roupa de Emma que começava a pesar como bigorna os levaria ao fundo. Uma vez fora, Emma abraçou Anthony, que não deixava de cuspir água. Ainda levava fortemente agarrado em sua mão direita o chapéu de Margareth.

— Estou bem, senhorita Greyson. — Disse Anthony em um sussurro. — Sinto muito.

— Não se preocupe Anthony.

— Você nos disse para não nos aproximarmos tanto da margem e não me dei conta.

— O importante é que está bem. — Murmurou Emma sem poder deixar de abraçá-lo. Não tinha dado tempo para refletir sobre o que podia ter ocorrido, mas agora que revisava os últimos instantes sentia que um medo atroz contraía cada um de seus músculos. Sentiu tiritar o menino entre seus braços. Ela mesma sentia como a frieza de suas roupas molhadas ia introduzindo-se em seu interior até chegar aos ossos.

— Vamos, temos que nos aquecer antes que adoeça.

Margareth, que até então tinha estado calada, ajudou-os a levantarem, enquanto Lizzy abraçava choramingando a seu irmão como se não pudesse se separar dele.

Relâmpagos cruzaram o céu. Seria um milagre se chegassem a casa antes que começasse a chover. Emma levantou Lizzy em seus braços, enquanto Anthony com o xale de Emma sobre suas costas tentava deter os tremores que o sacudiam. Margareth olhava preocupada seu irmão e a Emma, que dissimulava o frio que sentia assim como o bater de seus dentes. Ao entrar no vestíbulo, O'Connell os recebeu com assombro. Reagindo com presteza diante do quadro começou a distribuir ordens a torto e a direito.

Amélia, que descia as escadas junto a Sarah, soltou uma exclamação ao vê-los.

— Virgem santa, mas o que é o que aconteceu?

— Anthony caiu no lago. — Falou Emma enquanto colocava Lizzy no chão.

— Onde? — Perguntou Sarah alterada.

— Mas como pôde acontecer?

— É minha culpa. — Admitiu Emma sentindo que tinha falhado com as duas mulheres.

— Isso não é certo, tia. — Apartou Anthony entrecortadamente.

— A senhorita Greyson nos disse que não nos aproximássemos da borda e não nos demos conta. Foi um acidente. Ela se lançou ao lago para me tirar da água. Se não tivesse sido por ela...

Emma viu a expressão de angústia que as últimas palavras de Anthony tinham provocado em Amélia e Sarah.

— Anthony está ensopado e é necessário que tome um banho quente imediatamente se não quisermos que adoeça. — Disse Emma a Amélia.

— Sim, claro. O'Connell!

— Milady. — Respondeu o mordomo que se encontrava a escassos passos delas falando com uma das criadas.

— Faça que preparem um banho quente para...

— Já está preparado milady, assim como as lareiras estão acessas nos quartos e mandei preparar chocolate bem quente para todos.

— Perfeito, O'Connell.

Sarah levou às meninas enquanto que Amélia e Emma acompanharam Anthony até seu quarto.

— Sinto muito, Amélia. Não há desculpa. Não devia afastar os olhos deles nem por um instante.

— Não deve se mortificar dessa maneira, Emma. Foi um acidente e graças a Deus não há nada para lamentar. Poderia acontecer com qualquer um. Eu sei o que sente pelas crianças e sei quanto se preocupa com eles. Sei, com certeza, que não houve negligência alguma de sua parte em seu cuidado. Além disso, se você não estivesse lá não sei o que teria acontecido. Salvou Anthony e isso é o que conta.

— Obrigada Amélia.

— De nada. — Respondeu apertando sua mão com carinho.

— Meu deus, está gelada e encharcada. — Disse de repente olhando-a com reprovação.

— Será melhor, minha jovem, que você também tome um bom banho quente antes que congele de frio.

— Mas Anthony...

— O menino está bem, não se preocupe. Suba e tire essa roupa molhada. É uma ordem.

Emma sorriu antes de deixar o cômodo, ia sentir muito quando tivesse que deixá-los.



— Que fez meu filho?

— Não levante a voz, Christopher. — Disse-lhe Amélia franzindo o cenho.

— Diz que Anthony esteve a ponto de afogar-se esta tarde e quer que fique tranquilo!

Estavam todos, exceto Emma e as crianças na saleta contígua ao salão, esperando que O'Connell lhes avisasse que o jantar estava preparado.

— Seu filho está bem.

— Mas poderia não estar. Que estava fazendo Emma enquanto

Anthony caía no lago?

— Não jogue a culpa nela. — Ralhou Amélia em tom cortante.

— Havia dito que não se aproximassem da margem, mas você melhor que ninguém sabe quão rebelde é seu filho. Foi um acidente, e se não fosse por Emma se atirar no lago e o tirá-lo, tremo só em imaginar.

Lucien, que ficara calado enquanto Amélia narrava o acontecido, aproximou-se de seu irmão, que permanecia sentado em uma das poltronas da saleta.

— Amélia tem razão. Meu sobrinho não é dos que fazem caso de advertências. Poderia ter acontecido com qualquer um de nós. Lembre-se daquela vez que o proibiu de saltar com o potro e foi à primeira coisa que fez quando deu as costas.

Christopher sabia que Lucien estava com razão, mas o medo que sentira ao saber do ocorrido desta tarde o tinha abalado.

— Como está Emma? — Perguntou Chris a Amélia.

— Está bem. Chegou ensopada e gelada, mas a sua única preocupação era saber se Anthony recebia os cuidados necessários. Faz um momento que passei em seu quarto. Disse que estava bem, mas muito cansada, que se deitaria cedo.

— De acordo, amanhã falarei com ela.

— Chris. — Disse Lucien em tom de advertência.

— Não se preocupem. — Retrucou o Marquês levantando uma mão como trégua. — Não vou reprová-la, só agradecerei por ter salvado meu filho.

Emma sentia que doíam todos os ossos e que a cabeça era martelada sem piedade. Ela nunca adoecera, mas ali estava deitada na

cama debaixo de várias mantas tiritando de frio e amaldiçoando o teto que não parava de dar voltas. Era frustrante. Tinha mentido a Sarah quando fora vê-la, não queria que se preocupasse e, além disso, pensava que se descansasse essa noite, pela manhã estaria como nova. Já não estava tão segura disso.



Lucien apareceu no quarto de Anthony para ver que seu sobrinho dormia placidamente. Depois do jantar falou com seu irmão sobre a propriedade. Quando Christopher se retirou para dormir, permaneceu alguns momentos mais na biblioteca lendo com atenção a carta que tinha recebido de Richard. Seu amigo comunicava que não houvera grandes progressos na investigação, mas, acreditava que em breve poderia esclarecer o misterioso assunto. Isso só podia significar que Richard tinha alguma suspeita sobre o acontecido, mas que preferia assegurar-se antes de compartilhar com ele, porque até esse momento, as pistas tinham conduzido a becos sem saída.

Fechou a porta do quarto do sobrinho brandamente para não perturbar seu sono. Havia sentido a necessidade de comprovar que Anthony se encontrava bem. Nos últimos dois anos, e sobretudo nas últimas semanas, os meninos se converteram em uma parte muito importante da sua vida.

Caminhando a seu dormitório, ouviu suaves gemidos. Aguçou o ouvido para descobrir de onde procediam, e se aproximou do quarto de Emma quando compreendeu que o som vinha do interior. Entrou no aposento e foi até a cama. A luz da lua que entrava pela janela lhe permitiu vislumbrar a figura de Emma encolhida na cama, tremendo sem parar.

— Maldição. — Resmungou entre dentes, quando ao tocá-la comprovou que estava ardendo.

Acendeu a vela que havia em cima da mesinha. O rosto de Emma estava avermelhado pela febre, enquanto segurava as mantas com a mão tentando controlar o frio que a invadia.

Lucien pegou a bacia de porcelana, em que verteu água fresca. Umedeceu um pano e o colocou na fronte de Emma enquanto ela se queixava. Sentiu uma onda de ternura tal ao vê-la assim que o deixou sem palavras. Teve necessidade de protegê-la, de cuidar dela. Esse era um sentimento novo para ele, desconhecido e surpreendente. Durante boa parte da noite, permaneceu sentado ao seu lado, aplicando-lhe compressas frias para baixar a febre.

Quando parou de queixar-se, Lucien deitou junto a ela atraindo-a para si e estreitando-a em seus braços. Pouco a pouco, os tremores que a sacudiam foram desaparecendo até que caiu em sono profundo. Sua respiração lenta e regular assim indicou.

Lucien afastou uma mecha de cabelo da bochecha. Pousou os dedos sobre a pele dela, assombrado por sua suavidade e tepidez. Sem poder evitar, seus olhos pousaram nos lábios e imediatamente se sentiu tentado. Estavam parcialmente abertos, convidando a saboreá-los até deixar um homem louco. Tampouco o ajudava a manter a prudência ter plena consciência de seu corpo.

Junto a ela podia sentir todas suas curvas. Essa ia ser uma das noites mais longas de sua vida. Se havia um inferno, estava claro que seria algo como aquilo.

Agora que a tinha entre os braços, recordou o dia em que a viu pela primeira vez. Tinha enganado a todos com seu disfarce, inclusive a ele, que conhecera o lado mais amargo da vida e do ser humano e pensava que nada mais poderia surpreendê-lo. Entretanto, havia algo que Emma não pudera omitir, não conseguira esconder, sua verdadeira

personalidade. Apesar de todo seu autocontrole, pensou Lucien sorridente, tornava-se uma fera diante de suas provocações, esquecendo seu papel de preceptora por alguns momentos e o enfrentando como nenhuma outra mulher tinha feito. Conquistara o carinho de toda a família, contradizendo a imagem de uma professora fria e insossa que tanto se esforçou em representar. Tinha que reconhecer seu engenho, e um caráter de mil demônios, mas também podia ser a ninfa mais doce e render seu coração ao mais necessitado. Essa combinação o enlouquecia e tornava difícil afastá-la de sua mente. Era um mistério e ele estava decidido a resolver. Emma disse algo em seu delírio que o arrancou de seus pensamentos.

— Sossegue carinho. — Murmurou enquanto aproximava os lábios a sua fronte.

A febre baixara. Esse era um bom sinal. Amélia lhe disse que Emma se atirou no lago para salvar Anthony. Certamente tinha permanecido com as roupas encharcadas até assegurar-se de que o menino recebia todos os cuidados. Só conhecendo sua veia teimosa para compreendê-la. Torcia para que fosse apenas um resfriado.

Emma soltou um suspiro enquanto encontrava no ombro de Lucien o melhor travesseiro. Cruzou uma perna sobre as coxas dele e o Conde soltou uma maldição.

Já não havia dúvidas de que Emma Greyson o deixaria louco.

Emma pensou que se tivesse sido atropelada por uma carruagem não estaria pior. Sentia seu corpo dolorido e débil. Ao tentar abrir os olhos, uma dor aguda atravessou a cabeça e sentiu que algo pesado sobre sua cintura a impedia de se mover.

Nesse instante tomou consciência que um braço rodeava sua

cintura e o que sentia junto a ela era um corpo morno, forte e agradável. Obrigou-se a abrir os olhos, que enfocaram com rapidez o rosto da pessoa que a abraçava. Quando compreendeu que não estava sozinha na cama esteve a ponto de armar um escândalo, ao ver que era Lucien quem a abraçava esteve a ponto de ter o primeiro desmaio de sua vida. Como tinha chegado ali? O que tinha ocorrido? Emma tentou concentrar-se na noite anterior. Lembrava-se de estar doente e de haver ido para cama. Também se lembrava do frio que sentia e da dor palpitante nas têmporas, mas como demônios Lucien fora parar em sua cama? Fechou os olhos forçando a memória. Sabia que tivera febre e que alguém entrara em seus aposentos. Alguém que colocara algo úmido em sua cabeça e que lhe tinha sussurrado palavras tranquilizadoras. Alguém que a tinha abraçado e mantido longe os tremores de frio. Teria jurado que havia sido somente um sonho, mas agora sabia com certeza que tinha sido real. Que Lucien, em algum momento da noite, entrara em seu quarto e cuidara dela.

Aparentemente adormecera abraçando-a. Nesse momento era mais que consciente de seu corpo. Ela tinha uma mão em cima de seu peito que abaixava e subia lentamente com cada respiração. As pontas dos dedos podiam captar a dureza de seus músculos e a força de seu corpo. Tinha uma perna em cima das coxas dele, sobre seu quadril. Ruborizou-se pela posição muito íntima e perturbadora. Estava claro que a febre alta baixara sua guarda, no entanto agora que se sentia muito melhor não se decidia a acabar com esse abraço. Era muito tentador. Desde que era uma menina tinha aprendido a estar alerta e a manter a distância com estranhos até que demonstrassem ser confiáveis. Apesar de conhecer muita gente, só uns poucos contavam com sua amizade e com seu afeto, e isso tinha levado tempo. Entretanto, com Lucien tinha bastado somente poucas semanas para que suas defesas caíssem como se de um castelo de naipes se

tratassem.

Olhou seu rosto e sentiu que seu coração estremecia. Assim dormindo parecia tão jovem. Tinha o rosto tranquilo, sem essa tensão que com frequência dissimulava atrás de seu irônico sorriso. Uma mecha dourada deslizou até sua fronte e lhe dava um aspecto rebelde, impossível de não adorar. Suas largas pestanas lhe subtraíam a dureza das feições e o faziam parecer quase angelical. Tão diferente do homem que era acordado, um homem que tinha vivido muito e sofrido em silêncio. Um homem que destilava ironia e que mascarava com o humor as afrontas da vida. Um homem que parecia não se importar com nada, mas que por seu irmão e seus sobrinhos daria a vida.

Levada por um impulso tocou-lhe a face com os dedos, em um intento de romper o feitiço que cada vez se abatia com mais intensidade sobre ela. Esse homem estava fazendo estragos em seu autocontrole, em suas ordenadas emoções. Era verdade que tinha aceitado os riscos e que era como sua tia Francesca lhe dizia uma e outra vez: uma rebelde, mas jamais fora impulsiva nem valente com o coração. Sabia qual era o preço dessa loucura e tinha aprendido a lição. Vinte anos de aviso contínuo eram mais que suficientes para não querer arriscar-se. Sabia que nem todas as relações eram assim. Sua tia Francesca tinha conhecido o amor e tinha sido feliz, entretanto, Emma era avessa a deixar-se levar por essas emoções. Quando sentia que algum homem podia captar seu interesse se distanciava, sem pensar duas vezes. Mas, pela primeira vez, isso parecia impossível. Era como se Lucien fosse um ímã e ela não pudesse resistir a sua atração.

A face estava áspera pela incipiente barba. Deslizou os dedos seguindo o curso de sua garganta, onde a noz sobressaía ligeiramente. Sentia-se fazendo algo proibido e perigoso, e achava natural o contato de seus dedos contra a pele dele.

Viu-o mover os olhos como se estivesse a ponto de abri-los.

Sentindo-se como uma imbecil por acariciá-lo, fingiu que ainda dormia.

Em poucos segundos, ele despertou. Passou um momento sem que se movesse, o que a deixou nervosa. Podia sentir o olhar fixo nela, observando-a, como antes tinha feito com ele. Escutou-o suspirar com força e notou como sua mão pressionava sua cintura para estreitá-la mais a seu corpo. Depois, com uma ternura que desconhecia nele, roçou-lhe a fronte com os lábios. Sua mãe quando era menina fazia o mesmo para saber se tinha febre. Essa era uma das poucas lembranças que não esquecera. Entretanto, a resposta de seu corpo ao sentir os lábios de Lucien não tinha nada de inocente. O estômago tinha dado um tombo enquanto o calor se estendia para seu ventre.

Amélia tinha insinuado que Lucien era um homem duro que atava com mão firme suas emoções e que se acreditava desprovido de nobres sentimentos. Ali tinha a evidência de que essa afirmação era absolutamente errônea.

Depois de uns minutos, Lucien levantou com supremo cuidado e a cobriu com a maior das delicadezas.

Estava em uma boa confusão. Se antes tinha medo de apaixonar-se por Lucien Fitzpatrick de Clare, agora não duvidava de que isso terminaria ocorrendo.

Capítulo 14

Sarah saiu do quarto de Anthony depois de ver que o menino estava bem. Graças a Deus não tinha febre, embora fosse melhor que ficasse esse dia na cama. Não sabia como ia conseguir isso com esse menino inquieto. Perguntaria a Emma o que tinha planejado para esse dia. Era possível que alguma de suas atividades pudesse ser feita no quarto de Anthony e assim distrair o menino. Achou estranho que Emma não tivesse levantado ainda. Era sempre uma das primeiras a aparecer no salão, no entanto já eram nove da manhã e não havia sinais dela. Possivelmente estivesse indisposta. A noite anterior quando foi ao seu quarto, notara-a pálida, mas era normal depois do acontecido.

O'Connell apareceu pelo corredor com passo firme.

— O'Connell!

— Sim?

— Viu à senhorita Greyson esta manhã?

— Não, senhorita, mas lorde Fitzpatrick de Clare me comunicou que a senhorita Greyson está indisposta e que não deve ser incomodada hoje.

— E como...? Bem, obrigada, O'Connell.

— A seu serviço. — Respondeu o mordomo para depois seguir seu caminho.

Como sabia Lucien que Emma estava doente? Provavelmente se encontraram pela manhã, ambos despertavam cedo e se encontraram no café da manhã. Sim, essa era a resposta.

Ainda seguia com seus pensamentos quando ouviu uns passos seguidos de ofegos nas escadas.

Virou-se para ver quem chegava tão cansado e abafou uma exclamação ao ver Christopher parado na escada, apoiado no corrimão

e tentando respirar. Sarah subiu com presteza os degraus que os separavam e ficou ao seu lado.

— Está bem?

Chris levantou o olhar com rapidez ao escutá-la. Parecia não ter dado conta de sua presença até esse momento. "Sempre igual!", pensou Sarah, "nunca me vê!", e isso era algo que lhe doía muito.

— Estou bem, Sarah. — Falou com voz entrecortada.

— Ainda não está de todo recuperado.

— É uma recriminação? — Perguntou Chris com um sorriso. Sarah sentiu, como cada vez que ele sorria dessa maneira, que os joelhos lhe tremiam.

— Não, não é uma recriminação. Só que me preocupo.

Chris a olhou fixamente antes de desviar o olhar. Por uns instantes, Sarah acreditou ver algum tipo de emoção, mas claramente era imaginação dela. Uma mulher apaixonada está acostumada a ver o que deseja e não a realidade. Devia resignar-se, voltar para Londres e fazer sua apresentação à sociedade, mas isso era cada vez mais difícil. Em primeiro lugar estava Christopher. Só de pensar em não o ver, dava um nó na garganta. E havia os meninos, dos quais não podia separar-se, pois se tornaram uma parte essencial de sua vida.

— A verdade é que estive dando um passeio pelos arredores com Lucien, que esta manhã estava muito madrugador. Meu irmão queria uma caminhada curta, mas já sabe como teimoso sou às vezes. Não lhe diga nada, mas no final já não podia mais. Subir as escadas foi à gota que encheu o copo.

— Quer que o ajude?

— Não, já que cheguei até aqui, farei a façanha completa.

— De acordo, mas fico contigo no caso de mudar de opinião. — Argumentou Sarah com o cenho franzido.

Chris começou a subir devagar com Sarah a seu lado. Podia

sentir a mão dela a poucos centímetros de seu braço, preparada se por acaso ele sentisse a necessidade de apoiar-se. Quando fizesse sua apresentação à sociedade, iria assegurar-se de que seus pretendentes fossem adequados. Sarah era muito terna e inocente para dar conta das intenções de alguns que eram tudo menos cavalheiros.

Ao chegar à porta de seus aposentos, virou-se para ela com um sorriso.

— Bom, ao que parece não estou tão mal.

Sarah não pôde compartilhar seu sorriso.

— Está bem melhor, mas deveria ir com mais calma. Já sabe o que disse o doutor. A recuperação é lenta. Não deve se exceder e arriscar uma recaída.

— Isso não vai acontecer. — Disse Chris olhando-a fixamente.

Durante uns segundos, um tenso silêncio se instalou entre os dois. Chris parecia estar refletindo sobre a melhor forma de lhe dizer alguma coisa.

— Eu gostaria de falar com você sobre sua apresentação em Londres. — Disse mais sério. — Acredito que já atrapalhei demais sua vida. Faz dois anos que está nos ajudando, agora deveria pensar em seu futuro.

— Se esperei dois anos, não importam uns meses a mais. Ainda não está bem e os meninos me necessitam. — Opinou Sarah energicamente.

— De acordo, mas não serão uns meses, apenas algumas semanas. Assim que esteja recuperado quero organizar a apresentação.

E antes que Sarah pudesse replicar alguma coisa, Chris entrou em seus aposentos.

— Entre. — Disse Emma da cama.

Sarah apareceu no vão da porta.

— Posso entrar?

— Claro. — Falou Emma com a voz rouca.

— Sente-se bem?

— Na verdade passei uma noite horrível. Acredito que tive febre, mas agora estou melhor.

Sarah se apressou a lhe tocar a fronte com a mão.

— Está um pouco quente. Por que não me avisou?

— Pensei que se repousasse passaria.

— Graças a Deus não é grave. Parece ser um resfriado. Ontem ficou muito tempo com a roupa molhada.

— Como está Anthony?

— Está bem. — Sorriu Sarah enquanto se apropriava da cadeira que havia perto da mesa e se sentava junto à cama.

— Deveria me levantar.

— Nada disso. Hoje fica na cama.

— O dia todo? — Exclamou Emma como se a tivessem condenado a trabalhos forçados.

— É pior que Anthony ou ele é pior que você. Não sei, mas não conheci duas pessoas mais inquietas. Não vai custar nada descansarem hoje. E se encontrar algum dos dois fora da cama não respondo por mim.

Emma sorriu diante das palavras de Sarah.

— Tem coragem. Já sabia que a tinha bem escondida.

Sarah soltou um gemido.

— Se mostrasse quando é preciso, não me sentiria às vezes como uma estúpida.

Emma franziu o cenho. Parecia que Sarah estava aborrecida.

— Aconteceu algo?

— Não, por quê?

— Porque me deu a sensação de que você gostaria de dizer um par de coisas a certa pessoa.

— Não tem importância.

Emma não precisou perguntar mais, porque ao cabo de uns segundos começou a falar sem parar.

— Não posso acreditar que queira que me vá. Agora! Como se de repente tivesse pressa por me perder de vista.

— Quem? — Perguntou Emma totalmente perdida.

— E ainda por cima diz. — Seguiu Sarah como se não a tivesse escutado. — Que atrasou o suficiente minha apresentação em Londres e que devo pensar em mim. Como ele pode saber o que é melhor para mim?

Emma não necessitou mais informação para compreender de quem estavam falando. Tinha notado o nervosismo de Sarah cada vez que estava perto do Marquês. Esse tipo de coisa que só uma mulher pode compreender.

— O Marquês lhe disse que precisava ir a Londres?

Isso sim chamou a atenção de Sarah.

— Como sabe que estou falando dele?

— Vi como o olha.

— E o que tem isso?

— Se não quiser conversar sobre isso compreendo, mas sei que sente algo por ele.

Sarah ficou sem palavras. Depois de uns momentos de assombrado silêncio, baixou os ombros em sinal de rendição.

— Tão evidente assim?

— Não.

— Mas você notou.

— Eu sou muito observadora e, além disso, sou mulher. Mas não deve preocupar-se porque ninguém adivinharia.

— Não importa que me diga que sou uma estúpida por abrigar estes sentimentos, não posso evitar. Fiz o possível para não sentir nada por ele, e a cada vez que me propunha fracassava de maneira absoluta. Possivelmente tem razão e o melhor seja que me afaste desta casa e dele.

— Isso é o que deseja? — Perguntou Emma mexendo-se na cama até ficar sentada.

— Claro que não. — Respondeu-lhe Sarah com um toque de desespero. — Sei que ficarei desesperada no momento em que sair desta casa. Os meninos são muito importantes para mim e quanto a Christopher, já sabe o que sinto, seria muito difícil tirá-lo da minha vida.

— Está completamente apaixonada, não é?

— Sim, e muito, mas temo não ser correspondida.

— Então lute. — Disse Emma com paixão.

— Como? Se ele nem sequer me olha. Quando estamos na mesma sala, sou totalmente indiferente a ele, e quando me vê é para me falar como se fosse sua irmã pequena.

— Não acredito que seja isso.

— A que se refere?

— Não conheço o Marquês tão bem para fazer uma avaliação correta, mas, se meu instinto não me engana, há algo mais que amor fraterno em seu trato contigo.

— No que te apóia?

— Não posso lhe dizer algo concreto, mas vi como a olha quando pensa que ninguém o observa. Possivelmente não seja amor, mas sei que não lhe é indiferente como mulher.

— Mas isso não me serve Emma. Se algum dia ele vier a sentir

algo, não faria caso desse sentimento.

— Por quê?

— Porque, depois da morte de Meredith, disse que jamais voltaria a casar-se. Queria-a muitíssimo. E eu o compreendo. — Lamentou Sarah totalmente derrotada.

— Isso não significa que não possa voltar a apaixonar-se, Sarah. Claro que disse que não voltaria a casar-se! Nesse momento acabava de perder a sua mulher que amava profundamente. Essa reação é totalmente normal.

— Não quero ter ilusões, Emma.

— E por isso desiste antes de tentar? Ou é o medo de que ele possa chegar a sentir algo por você?

— Claro que não, mas não sei o que fazer.

— Eu a ajudarei se quiser.

— Como?

— Para começar, faremos que seja impossível não notá-la. Recorda que sou uma artista no disfarce.

— Está me dando medo.

— Não seja exagerada. Não estou falando de tornar-se outra pessoa, só realçar seus pontos mais atraentes.

— Como quais?

— Seu penteado, por exemplo. Se cortássemos algumas mechas para que emoldurassem seu rosto suavizaríamos sua expressão.

— Também poderíamos fazer algo com minha roupa.

— Sim. — Disse Emma enquanto pensava nas cores que valorizariam Sarah. Agora usava um azul claro que a deixava muito pálida.

— Poderíamos aproveitar que Demétria vem amanhã e lhe encomendar vários vestidos.

— Quem é Demétria?

— É a costureira do povoado. É muito boa com as mãos. Muitas mulheres de Londres invejariam suas criações.

— E diz que virá amanhã?

— Sim, Lucien mandou um bilhete para que venha. Quer que te faça vestidos novos.

— A mim?

— Mais é claro. Já que não tem necessidade de continuar disfarçada, não pode continuar usando vestidos largos e, perdoe-me, francamente horrorosos.

— Mas ele não me disse nada!

— Disse que não queria ter que brigar com você quando se negasse a aceitar.

— Há, ele falou isso?

— Exatamente.

— É um presunçoso.

— Vejo que conhece sua faceta mais encantadora. — Sorriu Sarah.

— Não há dúvida.

— No fundo é um bom homem.

— Muito no fundo. — Arrematou Emma.

Sarah soltou uma gargalhada.

— Começo a pensar que você gosta de Lucien.

Emma a olhou como se a tivesse insultado.

— Não diga isso nem de brincadeira.

— Bem, era só uma ideia.

Depois que Sarah saiu de seu quarto, Emma soltou um suspiro. Devia tomar cuidado se não queria que começassem a suspeitar de seus verdadeiros sentimentos por Lucien. Isso ia ser difícil, já que cada dia descobria que suas emoções iam adquirindo força sem que nada pudesse fazer para evitar. Será isso o amor? Um calafrio lhe percorreu

as costas. Meteu-se embaixo das mantas e tratou de pensar em outras coisas.



No dia seguinte, tal como dissera Sarah, apareceu Demétria Garrick. Era uma mulher miúda com um aspecto frágil, mas nada mais longe da realidade. Com uma energia transbordante, indicou vários modelos e cores para que pudessem escolher. A Sarah recomendou a seda amarela e o tafetá de cor rosa. Emma quis escolher um marrom escuro e um azul marinho, mas ambas as mulheres negaram. No final as convenceu do azul marinho, mas só se aceitasse o de seda verde esmeralda para as ocasiões especiais.

Demétria prometeu a Emma enviar nessa mesma tarde o vestido azul, já que ao vê-la com seu traje fora de moda esteve a ponto de ter uma apoplexia.

— Querida, é um verdadeiro pecado o que faz usando este tipo de vestido. Com a figura que tem, deveria exibi-la e não ocultar debaixo desse saco.

— Senhora Garrick, tenho certeza que com seus vestidos veremos uma nova Emma. — Sorriu Sarah enquanto piscava para sua amiga.

— Isso nem duvido. Estará absolutamente maravilhosa. — Incentivou a senhora Garrick, enquanto tomava as medidas de Emma.

Estiveram discutindo sobre o corte dos vestidos. A senhora Garrick queria baixar os decotes já que, segundo ela, era o que estava na moda, enquanto que Sarah e Emma terminavam subindo um par de centímetros. No final o vestido verde esmeralda de Emma e o rosa de Sarah seriam confeccionados segundo o critério da senhora Garrick.

Depois que Demétria partiu, Sarah e Emma voltaram para suas

atividades.

Emma passou o resto da manhã com as crianças, embora as aulas desse dia fossem flexíveis, já que nem Anthony nem ela se encontravam de todo recuperados. Ao chegar a tarde, estava ligeiramente cansada, algo que não era habitual nela. Não tinha visto Lucien o dia todo e isso estranhamente a desgostava.

— No que está pensando? — Indagou Sarah enquanto levava uma xícara de chá bem quente aos lábios.

Ambas descansavam tomando o chá e observando através das janelas a fina chuva que caía sem piedade.

— Que estou um pouco fatigada e não estou acostumada a me sentir assim.

— Mas isso é normal depois dos eventos de ontem. O que temo é que Amélia ao voltar para casa pegue um resfriado. Não parou de chover a tarde toda.

— Podia ter ido com ela.

— E a deixar aqui com as três crianças e doente?

— Já estou recuperada. Diga a verdade, o que não queria era ver a senhora Fairbank.

— Bem o que não queria mesmo era ver o seu adorado filho.

— Sim, esse homem parece embevecido por você.

— Não o entendo.

— O que? Que possa despertar admiração em um homem? — Questionou Emma enquanto mexia o chá com a colherinha.

— Não, o que não entendo é o que faz aqui Eric Fairbank. — Gemeu Sarah olhando fixamente pelas janelas.

— Como sabe que está aqui?

— Porque acabo de vê-lo passar com seu cavalo.

Nesse momento, O'Connell bateu na porta.

— Senhorita Sarah, o senhor Eric Fairbank deseja vê-la.

Sarah fez uma careta de aborrecimento.

— Diga que não pode atendê-lo. — Disse Emma com um gesto.

— Isso seria uma descortesia.

— Mais descortesia é a dele ao apresentar-se aqui sem ter sido convidado e sem ter avisado previamente.

— O'Connell, diga-lhe que a senhorita Greyson e eu o receberemos encantadas.

— Não exagere. — Arreliou Emma com uma sobrancelha levantada.

— Emma, por favor, é nosso vizinho.

— E também um presunçoso prepotente.

— Sim, já sei, mas tente dissimular.

Nesse momento Eric Fairbank, completamente molhado, entrou na sala com passo enérgico.

— Minha querida senhorita Bruce, que prazer ve...

Fairbank ficou parado no meio da sala quando seus olhos pousaram em Emma.

— É a senhorita Greyson, a professora. Vocês já se conhecem. — Falou Sarah com presteza.

— Não pode ser.

— Surpreendente, não? A senhorita Greyson se disfarçou porque tinha medo de que não a contrataríamos por ser tão jovem.

— Vejo. — Disse Fairbank olhando-a de cima abaixo com um brilho de apreciação nas pupilas.

— Tenho que lhe dizer que é uma mulher muito formosa para ocultar-se.

— Obrigada, senhor Fairbank. — Disse Emma com um grunhido.

Eric pareceu sair nesse momento de um sonho e voltou a olhar a Sarah.

— Estará perguntando-se o porquê desta visita.

— Pois não. — Disse-lhe Sarah inquieta. — Sente-se senhor Fairbank.

— Senhoras. — Começou a dizer enquanto tomava assento em frente a elas.

— Depois de amanhã minha mãe oferecerá um concerto em nossa casa. Com Sienna Mangieri. A grande atriz e cantora italiana. Ficaríamos honrados com suas presenças.

— Não sei. Minha tia foi justamente esta tarde visitar sua mãe e ainda não retornou. Imagino que ela já nos tenha convidado.

— Ah, perfeito. Então peço perdão por incomodá-las, embora deva confessar que não me arrependo, pois assim tive o prazer de sua companhia.

Sarah e Emma puseram o melhor de seus sorrisos.

— É muito amável, senhor.

— Só digo a verdade. — Arrematou Fairbank enquanto tomava a mão de Sarah para beijá-la.

Nesse momento, a porta da biblioteca se abriu e pôs fim ao tenso silêncio que se instalou entre os três.

— Sinto interromper. — Falou o Marquês de Stamford no vão da porta. — Não sabia que tínhamos um convidado.

Emma notou que ao Marquês tampouco agradou a presença de Fairbank. Seu sorriso sumiu ao ver o convidado e, sobretudo, pensou Emma, ao ver como segurava a mão de Sarah. O olhar fulminante que lançou a Fairbank foi suficiente para estremecer a Torre de Londres. Eric soltou a mão de Sarah com rapidez, gaguejando ao iniciar a frase.

— Eu... Estava convidando às damas a um concerto em casa de minha mãe.

— E para isso deve tomar a mão da senhorita Bruce? — Perguntou o Marquês de Stamford entre dentes.

— Não, claro.

Emma jamais tinha visto um homem ficar de pé com tanta velocidade. Sarah a olhou com preocupação ao ver como Christopher encarava Eric, como se quisesse lhe partir a cara. Emma tentou pensar em algo que acabasse com o nervosismo de Sarah e que evitasse que Fairbank saísse dali com um olho arroxeado.

— Senhor Fairbank. — Acenou enquanto ficava de pé com um sorriso encantador. — Imagino que esteja muito ocupado, assim por que não me permite acompanhá-lo até a porta?

Eric aceitou e em seguida ofereceu seu braço para sair da sala.

Mas o Marquês parecia não estar disposto a deixá-lo partir tão facilmente. Só se afastou da porta depois de uns tensos minutos nos quais Emma juraria que sentiu o senhor Fairbank tremer.

Uma vez que chegaram ao vestíbulo, Eric pareceu contrariado.

— Acredito que esse homem toma muitas precauções no que diz respeito à Sarah.

— É lógico. — Argumentou Emma olhando-o fixamente. — Sarah vive sob seu teto e era prima de sua falecida esposa. Por ambas as razões é sua obrigação cuidar de seu bem-estar.

— E o seu também?

— A que se refere?

— Tomou muitas precauções para esconder sua aparência e me pergunto por que.

— Sarah já lhe explicou.

— Ah sim. — Respondeu com um sorriso muito malicioso.

— De qualquer forma isso não é assunto seu.

Fairbank se deteve de repente para olhá-la fixamente. Seus olhos brilhavam com lascívia e Emma soube, nesse instante, que aquele homem não era o que aparentava.

— Isso não está nada bem. Uma professora faltando com o

respeito a um superior. Deveria estar agradecida por me dignar a notá-la.

— Notar-me?

Ele tentou lhe acariciar seu rosto com a mão, mas Emma deu um passo para trás evitando a tempo.

— Pensa que desconheço quais são seus planos. Conheci a outras aventureiras como você, que fingem serem damas, mas que quando cheiram o dinheiro abrem as pernas como uma prostituta vulgar.

Emma sentiu que uma fúria incontrolável lhe fervia as veias.

— E você presume ser um cavalheiro quando só é um enganador vulgar que não merece nem que o ignore.

Fairbank soltou uma gargalhada.

— Ah... Tem gênio. Melhor. Tem uma aventura com o Marquês? Ou é o Conde quem te esquenta a cama?

Emma o esbofeteou sem pensar. A mão lhe doía terrivelmente, mas tinha valido a pena. O rosto de Fairbank perdeu o sorriso prepotente e zombador, agora a olhava com perplexidade e ódio.

— Esta conversa não acabou.

— Eu creio que sim. — Falou Emma abrindo a porta para que se fosse.

Fairbank a olhou uma última vez com uma promessa nos olhos antes de partir. Ao fechar a porta, Emma deixou escapar o ar que estivera contendo sem poder evitar sentir um desagradável calafrio.

— Esse mequetrefe toma muitas liberdades contigo.

Sarah ficou estupefata. Jamais teria imaginado que Christopher tivesse aversão a Eric Fairbank. Sua reação ao vê-lo ali tinha sido

desmedida. Será que estava preocupado com ela? Claro que estava, mas como um irmão recordou-se com pesar.

— Não tem que se inquietar, Fairbank não pensa em mim dessa maneira.

Christopher se aproximou mais dela e sentou-se na poltrona em frente.

— Acredite em mim, Sarah, esse homem pensa em ti de muitas maneiras e nenhuma boa.

— Como sabe?

— Porque também sou homem e vi como a olha.

— Pode ser que suas intenções sejam honrosas.

O olhar de Christopher se endureceu mais.

— Duvido disso, mas se caso o desejar, ele a agrada?

— Não.

Christopher soltou o ar que tinha estado preso nos pulmões. Enfureceu-se sobremaneira ao entrar na sala e ver Fairbank tocar em Sarah, embora só fosse à mão. Nunca sentira simpatia por esse homem. Era um rapaz mimado e egoísta. Se pretendesse alguma coisa com Sarah, não acreditava que fosse amor, pelo menos não o tipo de amor que ela merecia. Fairbank a trataria como uma aquisição com a qual desfrutar até que a emoção pelo brinquedo novo acabe, e estava certo de que isso não demoraria muito em acontecer, Sarah merecia alguém que não só fosse seu marido, mas também seu amigo, amante e companheiro. E estava certo de que Fairbank não poderia oferecer nenhuma dessas coisas.

— Não me interessa o senhor Fairbank como pretendente. — Informou Sarah ao ver que o silêncio se prolongava entre os dois.

— Não quero que me entenda mal Sarah. Desejo que seja feliz, que se case com um homem que lhe ofereça tudo aquilo que merece, que a trate com amor e carinho e que todos os dias se dê conta de quão

afortunado é por tê-la ao seu lado.

Sarah quis gritar: "Por que esse homem não pode ser você?", mas em vez disso apertou os punhos enquanto uma sensação de perda se estendia por todo seu corpo. Ele queria encontrar o homem adequado para que fosse seu marido, mas isso jamais aconteceria porque o homem ao qual ela amava com todo seu coração era ele mesmo. Não podia saber o dano que suas palavras lhe causavam. Ao tentar lhe dar esperança e afeto, fazia-a mais consciente do quão distante estava de seu amor e do muito que ela desejava que a amasse. Dizia-lhe que era maravilhosa e isso lhe cravava uma adaga, porque pelo peso de suas palavras continuava não sendo o suficiente para que ele a amasse. Dizia-lhe que desejava que encontrasse alguém que reconhecesse o quão afortunado era por tê-la a seu lado, e ela só podia chorar porque esse homem não era ele.

— Não deve preocupar-se por isso Christopher. Não vou me casar.

— Do que está falando? Claro que se casará.

Sarah o olhou com fúria contida.

— Não, não me casarei.

Christopher não podia acreditar no que ouvia. Desde quando Sarah não queria se casar e ter uma família? Meredith uma vez lhe confessou que sua prima desejava ter um casamento como o deles e ter um montão de filhos para que enchessem a casa com suas risadas e seu carinho. O que tinha mudado?

— Terá que me dar uma razão para isso.

— Por quê?

— Porque dentro de umas semanas você será apresentada a sociedade.

— Sinto muito, mas tampouco desejo me apresentar à sociedade.

Christopher começava a perder a paciência.

— Se não me disser por que, de repente, tem aversão pelo casamento, não vou permitir que um capricho passageiro a impeça de desfrutar daquilo que sempre sonhou.

Sarah começava a compreender a impulsividade de Emma. Deveria ter a coragem de sua amiga e dizer umas verdades a Christopher!

— Não sou uma menina caprichosa nem frívola. E me entristece que possa pensar assim.

— Então me explique isso.

— Não posso. — Murmurou.

— Não confia em mim?

Sarah levantou o olhar em um segundo.

— Claro que sim, como pode duvidar disso?

— Então o que é o que a impede de me contar isso?

— Não sei se entenderia.

— Experimente.

Sarah se sentia encurralada. Sabia que Christopher não retrocederia um milímetro. Era um homem tenaz, que não se deixava ludibriar.

— Não posso me apaixonar por ninguém, porque há algum tempo amo a um homem.

Christopher tinha esperado mil coisas menos isso. Como estava apaixonada por alguém? Quem era esse imbecil?

— Quem é? — Indagou entre dentes.

— Não o conhece.

— Quem é Sarah?

— Morreu. — Sarah havia dito uma meia verdade. Todos os que conheciam Chris sabiam que tinha morrido um pouco ao perder sua esposa.

Christopher a olhou com o coração doído. Sabia o que era perder uma pessoa a quem amava, mas Sarah era muito jovem para enterrar-se viva. Ele não podia avaliar a intensidade dos sentimentos dela, mas de qualquer modo esse amor tinha que ter sido algo platônico, ou não? Ele acreditava conhecê-la, mas e se estivesse enganado? E se tivesse entregado-se a um homem e ao morrer este sem fazê-la sua esposa viesse a acreditar que estava desonrada e sem possibilidade de casar? Ao vê-la ali, sentada na poltrona, com o rosto pálido e os punhos fortemente apertados, pareceu-lhe tão frágil como um cristal. Ficou enfurecido ao escutar que era incapaz de voltar a amar a alguém. Entretanto, a possibilidade de que fosse outro o motivo de seu medo, como o de ter deixado de ser inocente, era uma questão que precisava conhecer para ajudá-la a conseguir a vida que merecia. Se o homem a amasse não importaria que Sarah não fosse virgem, mas reconhecia que eram muitos os que seguiam essa regra social, embora fosse injusta e discriminatória.

— Esse homem de que fala comprometeu-te?

Sarah sentiu que corava.

— Não, nunca fez nada parecido e sinto, mas não quero continuar falando disto. — Argumentou sem olhá-lo nos olhos.

Christopher não estava seguro de se havia dito a verdade. "Deixarei passar no momento", disse a si mesmo, "mais cedo ou tarde descobrirei o que aconteceu".

— Está bem. — Afirmou enquanto se levantava da poltrona.

— Sarah?

— O que?

— Jamais a julgarei por nada do que faça.

Dito isto, Christopher saiu da sala e a deixou em meio a um turbilhão de emoções.

Capítulo 15

Lucien deixou Bucéfalus nas mãos de Ben, o moço encarregado das cavalariças, e com passo lento se dirigiu a entrada lateral da casa que dava acesso ao estúdio. Tinha sido um dia muito longo já que saíra cedo para sua propriedade. Desde que seu irmão adoeceu, não visitara suas terras. Não se preocupava, já que tinha um excelente administrador de sua confiança que cuidava de tudo. Jack Regis tinha sido cozinheiro, marinheiro, vendedor e um sem-fim de coisas mais. Lucien o tinha conhecido durante uma de suas viagens. Ambos eram partes da tripulação do navio em que se alistaram. Quando soube da história de Jack, acreditou que era uma mentira. Diziam que fora um rico homem de negócios que em uma só semana foi extorquido por seu sócio e enganado por sua mulher, que o abandonou para escapar com esse sócio ladrão. Perdera uma fortuna e ficara na rua somente com a roupa do corpo e que o cérebro desse plano sórdido tinha sido sua esposa, pela qual estava totalmente apaixonado.

Ficaram amigos quando Jack salvou sua vida em uma tormenta em alto mar. E quando Richard e ele se estabeleceram fundando a companhia naval, Jack deixou sua vida de faz tudo para aceitar o trabalho que lhe ofereceram. Administrava a propriedade de Lucien e os ajudava com a companhia. Tinha um dom para as finanças que logo os levou a lhe oferecerem sociedade nos negócios. Jack se negou sem dar mais explicação e seguiu com seu trabalho, que para ele, era mais que suficiente.

Era um homem com cicatrizes, com um passado, mas no qual se podia confiar.

Ao entrar no escritório, um ruído lhe chamou a atenção. Era seu irmão que, sentado na poltrona, tentava ler um livro, embora por sua expressão, sem muito êxito.

— Não está de muito bom humor.

Christopher levantou o olhar e ao vê-lo franziu o cenho.

— Perdeu o jantar.

— Aconteceu algo interessante?

Christopher fechou o livro de uma vez, o que fez Lucien levantar a sobrancelha esquerda.

— Decididamente algo aconteceu. Devo me preocupar? — Indagou enquanto se apoiava sobre a mesa e cruzava as pernas à altura dos tornozelos.

— O senhor Eric Fairbank esteve hoje aqui.

Isso chamou a atenção de Lucien.

— E o que queria?

— Nos convidar ao concerto que sua mãe dará depois de amanhã. — A Lucien não passou despercebida a expressão de seu irmão ao mencionar o convite.

— Já sei que Eric Fairbank não é de seu agrado, acredite que compartilho sua opinião, mas não acredito que esteja assim só por sua visita.

Christopher soltou um suspiro. Não podia enganar a seu irmão. Conheciam-se muito bem, não adiantaria dissimular diante dele.

— Quando entrei na biblioteca, Fairbank segurava a mão de Sarah entre as suas. Não confio nesse homem. Sarah merece algo melhor.

— Estavam sozinhos?

— Não, Emma estava com eles e pelo modo que olhava a Eric acredito que pensa como nós.

Lucien esboçou um sorriso. Sabia que Fairbank desgostaria a Emma. Era uma mulher observadora e perspicaz, não se deixaria enganar por esse mequetrefe.

— Eu diria que a Sarah tampouco agrada.

— Sim, mas ela é muito doce e inocente. Certamente não sabe como frear o interesse de Fairbank.

— Não se preocupe se tiver alguma dificuldade virá a nós.

— Eu não estou tão certo disso. — Resmungou Chris entre dentes.

— A que se refere? — Perguntou Lucien, enquanto se afastava da mesa e se sentava em frente a seu irmão.

— Hoje me disse que não deseja apresentar-se a sociedade.

Lucien se manteve impassível diante da notícia.

— Não parece surpreso.

— Já lhe disse uma vez que possivelmente isso não fosse seu desejo.

— De acordo, se sabe tanto, explique.

Lucien não pôde evitar uma risadinha.

— Ela gosta de estar aqui, junto a ti e aos meninos. É um lar para ela e deve ser difícil separar-se de vocês. Não a condene.

— Então o que sugere? Ficar aqui até que seja uma anciã e renunciar a ter uma vida própria?

— Não, Chris, o que estou dizendo é que fale com ela.

— Já o fiz e quase teve um ataque.

— O que quer dizer?

Christopher se aproximou de seu irmão, inclinando-se para frente.

— Diz que não quer casar. Nunca.

— Sério?

— Sim, mas isso não é o pior.

— Há mais?

— Sim. Não quer casar porque diz estar apaixonada por alguém que está morto.

Lucien tentou não sorrir. Sarah parecia contagiada pela audácia

de Emma. Ele suspeitava, já há algum tempo que Sarah tinha certos sentimentos para com seu irmão e que esse era o motivo de sua relutância em deixar a casa, mas jamais imaginara que a tímida moça que conhecia enfrentasse seu irmão dessa maneira. Gostaria que Chris também se interessasse por Sarah. Era uma mulher carinhosa e sincera. Entendia a dor de seu irmão pela perda da esposa Meredith, mas tampouco queria que renunciasse a refazer sua vida. Christopher era muito diferente dele. Seu irmão acreditava no casamento e no amor, e negar-se a isso pelo resto da vida era algo que sem dúvida Meredith jamais concordaria. Ela havia sido uma mulher extraordinária que tinha amado Chris mais que tudo no mundo. Até ele, que sempre fora um cético, sentira uma pontada de inveja ao ver como sua cunhada olhava a seu irmão com ternura e amor. A ele mulher alguma tinha olhado daquela forma. Nos olhos das mulheres que conhecera tinha visto paixão, lascívia, receio, inclusive medo, mas nunca amor. E não é que ele não o buscasse. Em tenra idade tinha aprendido a lição. Uma experiência que lhe custou um preço alto, que foi romper definitivamente a relação com seu pai e perder a oportunidade de reavê-la antes de sua morte.

Imaginou Sarah de frente a Chris dizendo que não se casaria. Teria que admitir: A história de que seguia apaixonada por alguém que estava morto tinha sido muito teatral.

— Disse quem era?

— Não. — Respondeu Chris franzindo o cenho.

— E o que está me escondendo? — Perguntou Lucien, pois sabia que seu irmão lhe estava ocultando algo.

— Às vezes é um verdadeiro tormento.

Lucien sorriu diante da careta que Chris fazia ao dizer essas palavras. Parecia chateado, mas por conhecê-lo tão bem, seus olhos diziam outra coisa. Expressavam alívio.

— Temo que não queira ir a Londres e nem casar-se, não só porque continua a amar um homem morto, mas sim porque talvez propiciasse um escândalo que machucaria a sua família e sobretudo a si mesma.

— Está me dizendo que Sarah se entregou a esse homem?

— Sim, acho.

Lucien pensou que a situação estava complicando. Entretanto, seu irmão parecia querer torcer o pescoço de alguém e isso era muito encorajador.

— Sinceramente Chris, eu não acredito.

— Então devemos ajudá-la a entender que tem que seguir com sua vida.

— Devemos?

Chris levantou uma sobrancelha, claramente irritado.

— De acordo. — Emendou Lucien enquanto sorria.

— Alegro-me que ache graça na situação.

- Não é isso, é que deveria ver a sua cara. Parece que a situação de Sarah o afetou muito. – Disse, espaçando as últimas sílabas.

— Já sei o que está pensando e se não fosse meu irmão, apagaria esse seu sorriso em um segundo.

— Bem, posso estar enganado.

— Está enganado.

— Se você diz...

Chris saiu da sala amaldiçoando baixo, o que fez Lucien soltar uma gargalhada assim que a porta se fechou.

Por que não a tinham deixado em casa em vez de obrigá-la a ir a esse concerto? Para ser sincera, não tinham obrigado; não lhe tinham

posto uma adaga no peito, mas fizeram chantagem emocional. Depois que Sarah contou sobre sua conversa com o Marquês, Emma a consolou enquanto lhe dizia que não tinha se saído tão mal. Pelo menos, não havia dito a Christopher que o homem por quem estava apaixonada e que supostamente tinha passado desta para a melhor, era ele mesmo. Entretanto, Sarah parecia descontrolada. Suplicara que a acompanhasse ao concerto, já que a última coisa que queria era ficar a sós com Fairbank. Nisso Emma teve que lhe dar razão, não só porque esse homem era um presunçoso, mas também um desavergonhado. O ruim era que conhecia a Sienna Mangieri. Era uma velha amiga de sua tia e não sabia como faria para que não a descobrisse entre os convidados. Aquilo não seria uma festa comum em que seria fácil esconder-se de alguém durante toda a noite. Estaria sentada frente a ela, bem visível, boa parte da noite. Só podia rezar para que não notasse sua presença e depois, quando houvesse a recepção, tentar passar despercebida entre as pessoas. Essa noite ia ser um pesadelo se não tomasse cuidado.

Atraída como se fosse um ímã, levantou o olhar e encontrou com o de Lucien. Ia todo vestido de negro, salvo pela camisa branca, atada simplesmente, mas com um impecável estilo que desprendia uma distinta elegância. Além de ser muito bonito para qualquer mulher, tinha essa aura de mistério e esse toque felino e perigoso que o tornavam um homem tremendamente atraente. Seus olhos, fixos nos dela e obscurecidos pela escassa iluminação do interior do coche, pareciam brilhar, o que a fez corar. Ainda bem que havia essa penumbra, ele não podia perceber que, com um só olhar, podia despertar nela sentimentos e produzir reações que jamais teria sonhado. Era perturbador e a fazia sentir-se vulnerável. Algo ao qual não estava acostumada e que a irritava sobremaneira. Nunca tinha imaginado que um homem pudesse reduzir seu autocontrole a cinzas e

isso ocorria cada vez que Lucien estava por perto.

Lucien viu como as faces de Emma se ruborizavam, não era tão imune a sua presença. Certamente descobrira em seus olhos o desejo que se instalou em seu interior ao vê-la descer pelas escadas com o vestido de seda verde que tanto declinara em aceitar. Recordou como tinha falhado a respiração ao vê-la ali, parada frente a ele, com os ombros parcialmente nus e o cabelo caindo sobre o colo. Era irresistível para qualquer homem. Tivera que frear o impulso de roçar sua pele com as pontas dos dedos para comprovar se era quente e macia, não de porcelana como parecia. Entretanto, só teria que olhá-la nos olhos para compreender que, longe de ser uma mulher fria, era apaixonada e de caráter. Ao colocar os olhos nela podia ver a chama que brilhava em seu interior. Tinha-o tomado de surpresa o desejo selvagem que percorria suas veias ao tê-la perto. Chegara a ser doloroso. Nunca seu autocontrole se viu açoitado com tanta intensidade e de maneira tão definitiva. Isso o tinha enfurecido e o deixara perplexo. Sua necessidade por ela era perigosa e isso o fez amaldiçoar entre dentes durante todo o trajeto. Por isso a olhava dessa forma, queria que ela não estivesse tão tranquila enquanto ele lutava internamente para restaurar anos de controle sobre seus instintos.

— Isto parece um funeral. — Criticou Amélia enquanto alisava várias dobras de seu vestido. — Há algo que eu deva saber?

— Nada, tia. — Respondeu Sarah com um sorriso nos lábios.

— Então por que estão todos tão calados?

— Estamos guardando forças para o concerto. — Disse Lucien com ironia, o que fez Amélia olhá-lo como uma mãe a um menino pequeno que acaba de fazer alguma travessura.

Emma não pôde evitar sorrir. Lucien podia tirar do sério a qualquer um.

Sarah olhou pela janela os jardins que rodeavam a casa dos

Fairbank. Essa noite desejava estar em seu quarto, colocar a cabeça debaixo dos travesseiros e chafurdar em sua miséria, já que era impossível esquecer o quão estúpida tinha sido. Não poderia ter sido mais estúpida durante sua conversa com o Christopher. Cada vez que fechava os olhos, via a expressão de Chris enquanto dizia que estava apaixonada por um homem. Essas palavras tinham escapado dos lábios antes de pensar na confusão em que se meteria. Se sua intenção fosse manter Christopher a distância, agora sabia que não o faria. Tinha visto em seus olhos. Ele queria respostas e não se contentaria com menos. Inclusive chegara a pensar que ela podia ter ficado comprometida! Antes a via como uma dissimulada e agora pensava que era uma perdida. Apesar de Emma lhe haver dito que não era tão ruim a situação, queria sentar e chorar.

Amélia olhava a sua sobrinha tentando elucidar o que a deixava tão pensativa. Parecia estar a ponto de chorar a qualquer momento. Definitivamente algo tinha ocorrido, isso não se estenderia por muito tempo. Se Sarah continuasse desse jeito, falaria com ela. Não suportava vê-la assim. Sabia que sofria em silêncio por Christopher. Durante os dois anos que viveram ali, tivera tempo suficiente para compreender que sua sobrinha estava apaixonada pelo moço. Talvez outra pessoa não percebesse, mas ela conhecia Sarah como se fosse sua própria filha e tinha visto o desejo em cada olhar, cada suspiro, no silêncio e em cada sorriso. Sabia que, enquanto tinha estado fora visitando a senhora Fairbank, Sarah havia conversado com Christopher, e era muito estranho que sua sobrinha tivesse mudado de comportamento. Se seu instinto não falhasse, algo tinha ocorrido entre eles. "Bem, pouco posso fazer no momento", disse a si mesma enquanto lançava um olhar a Lucien. Este era outro que estava mais estranho. Estava com a mandíbula tão apertada que se partiria em pedaços a qualquer momento. Certamente estava custando a reconhecer que havia, sobre a

face da terra, uma mulher capaz de fazê-lo perder o autocontrole que regia todas as suas reações. Bem, já era hora de alguém despertá-lo, de deixar de pensar que se apaixonar era uma enfermidade mortal, e de que esquecesse Elinor. Esse rapaz tinha um coração de ouro do qual nem sequer ele mesmo era consciente e merecia ser feliz. Dificilmente poderia ser indiferente a Emma. Era uma mulher muito formosa, não só pela aparência, mas também pelo seu caráter. Era inclusive mais formosa que sua mãe. Vittoria tinha tido uma natureza mais sossegada, enquanto que Emma tinha fogo nas veias e um caráter endiabrado. O que não se explicava era o que fazia a filha de uma Condessa se disfarçar de professora. Sabia que era uma questão de tempo saber a resposta e ela era uma mulher muito paciente. Se não fosse por ser o retrato vivo de sua mãe, salvo pela cor de cabelo e seus maravilhosos olhos verdes, podia ter pensado que era uma mera coincidência. Possivelmente a idade lhe pregando uma peça, mas não acreditava. Podia haver muitas explicações para a semelhança quase total com a finada Vittoria Bright, mas nenhum tão convincente. Sabia que Vittoria tinha tido uma filha e que quando ainda era pequena a tinham enviado para viver com sua tia. Comentava-se em sociedade a falta de interesse maternal por parte de Vittoria. Ela nunca tinha acreditado nas idiotices que diziam, porque, apesar de conhecê-la pouco, sempre tivera a sensação de que era uma mulher que vivera em circunstâncias pouco felizes.

Sabia que há muito tempo, seu irmão Alan e Vittoria se sentiram atraídos. Sim, lembrava-se como se fosse ontem. Vários anos depois que Alan enviuvou, ela o convidara para passar uma temporada em Londres. Recordava a primeira festa que compareceram e como seu irmão se sentiu atraído por Vittoria. Depois disso passou a ser frequente vê-los dançar e falar durante horas. Se houvera algo mais, ela desconhecia, e apesar do que outros pudessem pensar, sentiu que seu

irmão estava mais feliz e para ela era o que bastava. Era evidente que Vittoria não era feliz em seu casamento. Bastara olhar nos olhos de seu marido, o cortês e amável Conde de Kensington, para saber que esse homem não era o que aparentava. Por isso ela nunca censurou Vittoria apesar do que se dizia dela, como a quantidade de amantes que se cochichava que tinham passado por sua cama. Bom, de qualquer forma, seu irmão terminou voltando para Edimburgo e Vittoria seguiu com sua vida, teve uma filha e continuou a ser o centro das fofocas e censuras por parte da sociedade.

O coche se deteve bruscamente e a sacudiu, o que a trouxe de novo ao presente.

— Este homem quer me mandar à tumba antes do tempo. — Reclamou entre dentes enquanto se certificava de que seu penteado seguia intacto.

— Não acredito que isso seja tão fácil. — Ralhou Lucien com um sorriso.

— É um emissário do diabo, mas com um sorriso precioso. — Respondeu Amélia, piscando-lhe um dos olhos.

Lucien as ajudou a descer, tomou a mão de Amélia e a colocou por debaixo de seu braço para se apoiar nele. Emma ficou um pouco mais atrás com Sarah, nenhuma das duas se sentia muito disposta a suportar aquela noite.

— Ainda está remoendo a conversa que teve com o Marquês de Stamford?

— Sim. — Respondeu-lhe Sarah elevando uma sobrancelha. — Não posso tirar da cabeça sua expressão quando disse a ele que estava apaixonada por alguém que está morto.

— Sim e o que faremos?

— Emma! Você disse que talvez não fosse tão ruim e que poderíamos usar isso a nosso favor, talvez ele descubra que sou a

mulher de sua vida.

— Não se preocupe. Faremos com que veja o que está perdendo ao não se interessar por você.

— Devo ser realista. Christopher jamais me verá dessa maneira.

Emma se deteve e olhou fixamente.

— Não se renda antes de começar. Se for verdade que ele não sente nada por você, então poderá seguir adiante com sua vida, mas já não terá que se perguntar, nunca mais, o que aconteceria se tivesse tentado.

Sarah mordeu o lábio inferior enquanto pensava nas palavras da amiga.

— Obrigada, Emma.

— Pelo que?

— Por ser uma boa amiga.

Lucien e Amélia se achavam na porta a ponto de entrar quando se deram conta de que Emma e Sarah ficaram para trás.

— Estas jovens tramam algo e acreditam que não me dou conta.

Lucien sorriu ao ouvir o comentário. Era verdade que a Amélia não escapava nada. Ao contrário de sua surdez, que convenientemente ia e vinha, sua inteligência e picardia eram muito mais agudas de que deixava aparentar. De um gênio vivaz e um temperamento que faria tremer até o guerreiro mais valente, Amélia era uma das mulheres que mais respeito inspirava.

— Conhecendo a senhorita Greyson, será algo imprevisível.

— Ah, terei ouvido certo tom de admiração?

— E isso é o que temo Amélia. — Disse Lucien sentindo que essa confissão o tomava de surpresa.

Amélia lhe deu carinhosamente vários tapinhas no braço, enquanto o olhava nos olhos com algo próximo ao alívio.

— Já era hora.

Nesse momento, Emma e Sarah se aproximaram e sem mais demora, todos entraram na casa em que teriam uma noite que temiam ser muito longa.



— Esteve magnífica. — Disse Sarah a Emma enquanto todos os convidados passavam ao salão onde se serviria os refrescos, e a música da orquestra que se localizava no extremo da sala, animava a reunião.

— Sim, é muito boa. — Respondeu Emma tentando mesclar-se ao resto dos convidados para assim passar despercebida, isso seria ter muita sorte, pensou quando viu a senhora Fairbank aproximar-se delas com Sienna Mangieri a seu lado.

Enquanto Amélia e Lucien também se aproximavam pelo outro extremo, tornavam a situação ainda mais desastrosa. Olhando para os lados em busca de uma escapatória, viu as portas do terraço abertas e mesmo com a noite fria, suportaria até uma pneumonia, para não ser descoberta ali mesmo por uma das melhores amigas de sua tia, apesar de ser cantora e atriz, não conseguia dissimular suas reações.

— Vou tomar um pouco de ar fresco.

— Agora? — Espantou-se Sarah como se Emma lhe houvesse dito que ia correr nua pelo salão.

— Sim, me sinto um pouco enjoada.

Ante o olhar de alerta de Sarah, Emma tentou suavizar sua afirmação.

— Estou bem, Sarah, não se preocupe, não estarei muito tempo fora.

E antes que sua amiga pudesse dizer algo mais e que a aproximação de Amélia e Lucien tornasse impossível à retirada, dirigiu-se com passo ligeiro para o terraço.

Eric Fairbank passara a noite sentindo como seu membro endurecia cada vez que olhava a preceptora. Fora uma surpresa descobrir que a jovem era formosa e sensual. Sem dúvida acreditava que o enganava com esse porte e esse olhar capaz de gelar qualquer intenção por parte de um homem. Entretanto, ele sabia que isso não era mais que uma pose. Ela tinha plena consciência de que assim era até mais desejável. Pensava que podia fazer-se de inocente quando ele sabia que estava esquentando a cama do Marquês, até que este se cansasse. Ou talvez pensasse que ele era muito pouco importante, mas na realidade deveria estar agradecida por tê-la notado, pois estava mais que disposto em lhe oferecer um acordo quando o Marquês de Stamford a expulsasse de sua casa. Eric deixou de apoiar em uma das colunas do salão quando a perdeu de vista. Onde tinha ido? Olhou para todos os lados, até que conseguiu divisar um redemoinho de seda verde que transpassava as portas do terraço.

Emma sentiu o ar fresco da noite no rosto, e por instantes a tensão que tinha acumulado se dissipou como por magia. Aproximando-se da balaustrada, observou o delicioso jardim que rodeava a casa. A lua cheia parcialmente coberta por travessas nuvens fazia com que as sombras criassem estranhas formas no jardim. Nesse momento, as copas das árvores se inclinaram como dois amantes que desejavam um beijo, o que lhe produziu um leve calafrio.

— Gostou da apresentação, senhorita Greyson?

Emma se sobressaltou ao escutar a voz de Eric Fairbank. Só o tinha visto na sua chegada e a distância, o que a fez confiar de que não voltaria a incomodá-la. Entretanto, agora se dava conta de que tinha esperado demais.

— Sim, é obvio. — Afirmou Emma em um tom frio e cortante. — E agora se me permite vou entrar, de repente faz bastante frio aqui fora.

Fairbank deu um passo à esquerda bloqueando a passagem.

— Há uma conversa pendente entre nós, senhorita Greyson.

Emma o olhou nos olhos com fúria contida. Era incrível que falasse como se não tivesse acontecido nada.

— Eu não tenho nada a falar com você.

— Pois eu acredito que sim, sabe? Seja qualquer um dos dois, o Marquês ou o irmão o que se meta debaixo de suas saias, cansar-se-á logo e a jogará na rua. Os nobres são assim, minha querida senhorita, e lhe digo isto porque admiro sua persistência, embora tenha que lhe advertir que vai se sair mal. Entretanto, eu estou disposto a fazer um trato com você, um muito vantajoso para os dois. — Argumentou enquanto levantava uma mão para tocá-la.

— Não se atreva a me tocar. — Disse entre dentes.

— Quem vai me impedir? — E antes que Emma pudesse reagir, Fairbank a tomou fortemente pelos braços impondo seus lábios sobre os seus com uma crueldade insaciável. Emma se sentiu encurralada e tentou livrar-se de suas mãos e de sua boca lutando com todas suas forças, mas isso só fez que Fairbank soltasse uma risada e a apertasse ainda mais fortemente. Em meio ao pânico que começou a apoderar-se dela, lembrou das instruções de Roberto: “Se quiser derrubar um homem, dê-lhe uma joelhada entre as pernas”. Sem duvidar nem um segundo, levantou o joelho e o lançou com toda a força. Fairbank soltou um gemido de dor e a soltou imediatamente. Emma perdeu o equilíbrio momentaneamente ao ver-se livre dele. Recuperando-se

imediatamente, recolheu suas saias com a mão e saiu correndo para as portas que comunicavam com o salão. Quando faltavam poucos metros, um puxão na parte de trás do vestido a jogou no chão.

— Vem aqui, puta. — Resmungou entre dentes Fairbank, enquanto se aproximava dela ligeiramente curvado.

Emma, do chão, levantou a saia até as coxas e da liga esquerda tirou a adaga que tão fielmente a acompanhava. Fairbank, sem dar-se conta, equilibrou-se sobre ela só para ficar a escassos centímetros da ponta da arma que Emma lhe apoiou na garganta.

— Direi só uma vez. Se voltar a aproximar-se de mim ou de Sarah, juro que não me tremerá a mão na hora de lhe fazer um novo orifício no corpo. Expressei-me com suficiente clareza?

Fairbank que de repente estava mais pálido que um lençol branco, tragou com dificuldade antes de deixar sair um som entrecortado que podia ser entendido como um sim.

Emma se levantou pouco a pouco, sem deixar de apoiar a arma contra o pescoço de Fairbank, enquanto o forçava a levantar também.

— Agora vá e não volte à cabeça nem sequer para me olhar.

Fairbank deu a volta e se afastou andando, perdendo-se pela lateral da casa.

Agora que tudo tinha passado, Emma guardou a adaga enquanto tentava controlar os tremores que começaram a percorrer seu corpo.

— O que faz aqui sozinha?

Emma girou sobressaltada por essa voz conhecida.

Lucien só teve que vê-la para saber que alguém a tinha atacado. Tinha o cabelo revolto e o vestido rasgado na lateral.

— Quem foi? — Rugiu Lucien enquanto se aproximava dela em dois passos.

— Caí. — Disse-lhe Emma tentando parecer convincente,

embora sem conseguir.

Lucien segurou com delicadeza seus braços, e isso foi suficiente para que Emma soltasse um gemido de dor ao sentir seus dedos no mesmo lugar onde Fairbank a tinha agarrado.

Lucien a levou para a luz para examinar o dano. O olhar de fúria que apareceu em seus olhos a deixou gelada.

— E isto também aconteceu ao cair? — Indagou enquanto lhe mostrava o braço, onde se viam com clareza as manchas que em forma de dedos foram surgindo em sua delicada pele.

Emma não estava preparada para aquilo. Tinha mantido o controle durante toda aquela noite, inclusive quando colocara a adaga no pescoço de Fairbank, mas o olhar penetrante de Lucien e sua ira contida eram mais do que podia tolerar. Sentindo que de um momento para outro poderia vir a chorar, tentou livrar-se de Lucien. Este não o permitiu e como se pudesse ler sua alma a abraçou estreitando-a contra o peito.

Lucien tentava controlar a raiva que sentia. Vê-la alterada, com os olhos úmidos e, carregados de lágrimas sem derramar, tentando manter a compostura com uma força de vontade admirável foi muito. Doeu-lhe vê-la nesse estado, e toda sua ira inicial foi deixada em segundo plano frente a sua preocupação por ela. Sentiu que precisava tê-la entre seus braços para poder comprovar que estava bem, para tentar acalmar os terríveis tremores que pareciam dominar seu corpo. Ouviu-a soltar um soluço enquanto se apertava mais contra ele.

Emma não queria que esse abraço terminasse nunca. Jamais se sentira tão segura como nesse instante. Aconchegou-se entre seus braços tentando encher-se dele. Parecia que seus sentidos não tinham o suficiente e desejavam seu contato mais que tudo no mundo. Sentiu os lábios dele sobre seu cabelo, acariciando-a com uma ternura tal que a levou de novo a beira das lágrimas. Levantou a cabeça para encontrar

seu olhar, que a apanhou em um instante com essa força e calor que a fazia querer mais. Queria o que esses olhos prometiam e escondiam no segundo seguinte. Queria-o.

Lucien estava usando todo seu autocontrole para não assustá-la mais essa noite. Ele sabia que depois do que acontecera ali, o que menos Emma necessitava era que outro homem se atirasse sobre ela e isso era mais difícil de fazer quando ela o olhava desse modo. Sabia reconhecer o desejo nos olhos de uma mulher, mas sabia que o que Emma acreditava sentir nesse momento era fruto de tudo o que tinha passado. Quando o medo cessa, deixa os sentidos aturdidos e aguçados, o que leva a fazer coisas que de outra maneira nunca fariam. Mas apesar de tudo, ele era só um homem e a desejava mais do que nunca tinha desejado a nenhuma mulher. O que mais o assombrava não era esse desejo devastador que corria por suas veias, mas sim a necessidade que sentia de protegê-la, de cuidá-la e amá-la.

Rendendo-se a esse impulso, aproximou seus lábios dos dela roçando-os em uma leve carícia. Sentiu como Emma relaxava em seus braços, enquanto timidamente abria a boca. Lucien não necessitou maior incentivo. Introduziu a língua entre seus lábios e Emma estremeceu. Saboreou o interior de sua boca lentamente, parecia tão doce como o néctar. Quase sem atrever-se, Emma roçou a língua de Lucien com a sua, o que o fez soltar um forte gemido de aprovação enquanto aprofundava o beijo. Emma acreditou que as pernas não a sustentariam. Enredou as mãos no cabelo de Lucien para segurar-se nele, sentindo que cada centímetro de seus corpos se tocavam. Jamais teria imaginado que um beijo pudesse fazê-la sentir assim. Queria ser mais atrevida, desejava mais, desejava acalmar o calor que estava se estendendo por seu ventre e que começava a umedecê-la. Podia sentir a excitação dura e crua de Lucien através das capas de roupa que os separavam, e isso a fez se sentir audaz. Copiou os movimentos de

Lucien e inventou alguns novos deixando-se levar pela paixão que corria sem medida por seu interior.

Lucien sentia o coração pulsar como um potro selvagem. Emma, que a princípio tinha sido tímida e docemente inexperiente, estava acabando com os poucos vestígios de controle que ainda tinha. Sua paixão igualava a dele, mostrando uma mulher sensual que despertava com um desejo delicioso. Suas línguas estavam enredadas em uma dança selvagem onde cada um queria entregar-se por completo ao outro. Tinha todos os sentidos embriagados dela. Seu aroma de flores silvestres, seu sabor doce e aditivo, seu corpo quente e formoso ao qual suas mãos não podiam deixar de tocar e sua imagem cravada a fogo na mente. Muito perturbador para um beijo, sobretudo para um homem que sabia muito da paixão e de como agradar a uma mulher, mas nada do amor. Muito para alguém que tinha jurado não se apaixonar nunca.

Emma não queria que aquele beijo acabasse. Sentia-se vulnerável, descontrolada, excitada e desejada. Para alguém como ela, que não queria perder as rédeas de suas emoções, era muito perigoso; entretanto, a prudência tinha feito suas malas lhe deixando o coração como único companheiro de viagem. Seu instinto lhe dizia que deveria arriscar-se, que se deixasse levar pelo que não podia evitar. Tinha lutado contra essa atração com todas suas forças, mas sem êxito, porque sua batalha já estava perdida desde o começo. Do primeiro momento em que o viu.

Lucien terminou o beijo antes que sua vontade ficasse reduzida a cinzas.

— Devemos ir antes que alguém a veja nesse estado.

— Tão mal estou? — Ofegou Emma.

— Está horrível. — Brincou Lucien com um sorriso e uma suavidade nos olhos que desmentiam suas palavras.

Emma o olhou em silêncio e desejou que voltasse a tomá-la em

seus braços e lhe permitisse esquecer de todo o resto. Seu pai, seu disfarce, Eric Fairbank e a certeza de que seu coração ficaria com ele quando tivesse que partir, porque sabia que cedo ou tarde esse dia chegaria. De todos os modos, deixou que Lucien a conduzisse até o coche, onde esperou que se despedisse da senhora Fairbank e desse a Amélia e a Sarah uma desculpa plausível para sua partida. Quando voltou para junto dela, trazia seu casaco e a capa, que lhe colocou sobre os ombros com deliciosa ternura. Sentando a seu lado, atraiu-a para seus braços e Emma por fim teve que admitir para si a verdade: estava profundamente apaixonada por Lucien, o Conde de Ashford.

Capítulo 16

Andrew Bright olhava, com impotência, como sua grande esperança de acabar com o poço de dívidas que o vinha acossando há tempos se desvanecia entre seus dedos. Tinha sobre a mesa um relatório do investigador particular contratado para encontrar sua filha. Devia ter tomado precauções, mas quem imaginaria que o camundongo assustado que tinha chegado a sua porta, vindo da Itália, tinha garras para desafiá-lo?

O relatório não era muito promissor, havia poucas pistas. Tinham interrogado aos criados e a todos os serviços de carruagens de Londres. Nessa noite tinham viajado sozinhas mais mulheres do que podia imaginar. Vários condutores tinham levado damas a altas horas da noite, embora só três pudessem se ajustar à descrição de Emma. A primeira tinha ido à parte leste da cidade, outra tinha alugado um carro para que a levasse a um povoado próximo de Londres e a última tinha terminado sua viagem na estalagem The Red Rose que estava a uns quilômetros fora da cidade. Ao que tudo indicava essa mulher tinha perguntado pelos coches que passavam por ali em direção ao norte.

A primeira tinha sido descartada já que se comprovou tratar-se de uma prostituta de luxo. As outras duas pareciam ter desaparecido por arte de magia, pois os homens ainda não as tinham localizado.

Ultimamente as coisas não saíam nada bem. De um lado, Emma empreendera fuga, o que frustrava a melhor possibilidade de acabar com suas dívidas e voltar a entrar no jogo. Também as coisas foram mal no negócio que tinha investido o grosso de seus bens. As ações da Star, a companhia naval que antigamente tinha sido a empresa mais lucrativa no setor, cada vez apresentava lucros mais baixos devido a muito dura concorrência da companhia de lorde Fitzpatrick de Clare e seu sócio Richard Flanaghan. Esses jovens empreendedores tinham

monopolizado o mercado sem que a sua companhia pudesse evitar. Como sócio majoritário na Star, suas perdas durante os últimos anos constituíam o motivo principal de sua desastrosa situação financeira. A única coisa que lhe restara era tentar fazer com que as ações da companhia subissem e as vender ao melhor preço. Mas para isso, a concorrência devia sofrer sérios danos. Com esse propósito tinha contratado a Lacroix, um homem sem escrúpulos capaz de vender a sua irmã por umas moedas. Era profissional em afundar empresas rivais e fazer desaparecer a homens até mais perigosos. Apesar disso e de três sabotagens nos navios de Flanaghan, seus concorrentes continuavam sendo os mais solicitados. Restava-lhe pouca paciência e tempo. Devia encontrar Emma antes que o Duque perdesse o interesse e com isso a importante soma de dinheiro que iria parar em suas mãos. Depois diria a Lacroix que fosse mais criativo, pois necessitava que Flanaghan afundasse e logo.



Lucien a esperava no escritório. Isso era o que lhe havia dito O'Connell com cara de "se eu fosse você, sairia correndo", o que não fazia nada para tranquilizá-la. Na noite anterior, depois de voltar da casa da senhora Fairbank, Lucien lhe desejou boa noite e a acompanhou até seus aposentos, onde se despediu com um beijo abrasador, excitante e abertamente carnal. Isso a impediu de conciliar o sono até o amanhecer. Ainda não podia entender o que tinha acontecido para jogar-se nos braços de Lucien. Era um homem tremendamente atraente, disso não havia dúvida, e muito perturbador para não se ver afetada por ele. Mas daí a perder totalmente o controle de seus sentidos... Porque foi isso o que tinha ocorrido. Havia sofrido uma espécie de loucura transitória que a tinha levado a comportar-se de

maneira licenciosa e atrevida. Não tinha dúvida de que Lucien era um ótimo professor na arte da sedução, pelo menos com ela. Só olhando-a nos olhos fazia que lhe enfraquecesse as pernas e que o estômago revolvesse, cheio de borboletas. Comportava-se como uma menina que suspira em cada esquina pelo príncipe de seus sonhos. E Lucien não era nenhuma ilusão e, sim um homem de carne e osso que, apesar de toda sua arrogância e dureza, podia ser terno e encantador, embora se esforçasse continuamente por abafar essas qualidades. Mas, nada justificava que ela se deixasse enredar em sua teia de aranha. Sabia que logo deveria abandonar a casa e comprometer seu coração mais do que já estava faria sua partida muito mais dolorosa. Além disso, sabia que, se sua vida fosse outra e livre para decidir, Lucien não seria o tipo de homem com quem se comprometeria. Isso se deduzia claramente por seu estilo de vida, pelos comentários de Amélia e Sarah, e pelo sorriso irônico que ia a seus lábios cada vez que alguém falava do amor ou de matrimônio. Em uma ocasião em que Sarah lhe contou do compromisso de um antigo amigo da família com uma jovem apresentada esse ano na sociedade, Lucien só disse que esperava que o pobre não estivesse apaixonado. Sem dúvida, para Lucien apaixonar-se era sinônimo de estupidez. Lucien procurava o prazer e, embora custasse reconhecê-lo, ela começava a entender o porquê. Embora só tenha vislumbrado o princípio de algo que desconhecia, na noite anterior tinha desejado mais, tinha ansiado alcançar algo que não entendia, mas que seu corpo pedia a gritos. Sentia que apenas isso não bastava. Não seria suficiente, pois seu sentimento para com Lucien ia mais à frente. Com um forte suspiro, saiu de seu quarto a caminho do escritório.

Christopher se sentia cada vez mais forte, embora ainda lhe custasse dar um passeio sem que seus pulmões parecessem a ponto de explodir. Se tudo continuasse assim, em um mês poderiam ir a Londres e, embora a ideia não lhe agradasse muito, devia a Sarah e Amélia. Sarah poderia ter sua apresentação à sociedade longamente adiada e Amélia poderia reatar as velhas amizades que há tanto tempo não desfrutava. Também poderia liberar a seu irmão da carga que levava às costas desde que ele adoeceu. Ele se encarregara das propriedades, da contabilidade e de todos os problemas que implicavam. Cuidara da casa zelando de todos, incluindo ele mesmo, não se separando da família em nenhum momento. Lucien podia dizer o que quisesse, mas ele o conhecia bem. Tinha visto seu rosto ao sair daquela horrível febre. Lucien tinha sorrido, mas não pode dissimular a palidez nem as olheiras de preocupação, que o faziam aparentar mais dez anos dos que realmente tinha. Não havia dito nada, mas Amélia lhe contara que o tinha acompanhado durante sua convalescença e que ficou ao lado de sua cama sem deixar que ninguém mais passasse as noites inteiras em vigília.

— Outra vez fazendo das tuas?

Christopher levantou a cabeça diante da voz conhecida.

— Bom dia Amélia.

— Não sei se será um bom dia. — Disse com uma careta que desmentia seu aborrecimento, com um brilho de ironia nos olhos.

— Sabe que é encantadora quando se zanga?

— É igual ao seu irmão. Creem que com adulações irão me abrandar, mas eu não me deixo convencer facilmente. Mas realmente acha que estou encantadora?

— A mulher mais formosa.

— Aí mentiroso, mas que diabos, gostei de ouvi-lo.

Christopher soltou uma gargalhada.

— Fez um passeio muito longo? — Questionou Amélia enquanto se sentava junto a ele em um dos bancos de pedra que davam ao jardim.

— Uma hora.

— Hora, isso é maravilhoso, embora deva se lembrar de não fazer tolices, já sabe o que disse o médico, um pouco de cada vez.

— Não se preocupe. Com tanta vigilância é impossível fazer exageros. Além disso, já sabe que sou o irmão mais equilibrado.

— Sim, se tivesse sido Lucien teríamos que atá-lo. Esse moço é muito inquieto. Embora tenha que reconhecer que me surpreendeu. Parece mais tranquilo e comedido que antes de partir. Certo que quando se foi era somente um garoto e agora é um homem. O que não consigo entender é por que foi tão precipitadamente.

Christopher olhou para frente, pensativo.

— Meu pai queria coisas para ele que Lucien não compartilhava, e ao ser os dois tão teimosos, sabiam que nenhum daria o braço a torcer frente ao outro. Lucien tomou a decisão para ambos.

— Sim, mas tanto tempo... Acreditei que tinha sido por uma mulher.

Amélia se deu conta de que tinha passado dos limites quando viu endurecer a mandíbula de Christopher em um gesto de raiva contida.

— Sinto muito, fui muito curiosa, mas já sabe como são as velhas, nos metemos em tudo. — Garantiu Amélia com um sorriso.

Christopher a olhou com um brilho zombeteiro no olhar, sem rastros da tensão que momentos antes havia sentido.

— Não é velha Amélia, parece uma adolescente.

Amélia soltou uma risada enquanto passava sua mão pelo braço de Christopher. Queria a esse moço como se fosse seu próprio filho.

— Não ria de mim, porque se continuar dizendo essas coisas

pensarei que a enfermidade fez algo mais que te deixar debilitado.

— Isso foi um golpe baixo.

— Essa é a vantagem da idade avançada, moço, nos solta a língua.

— Decidi que vamos a Londres dentro de umas semanas. — Informou Christopher trocando de assunto.

— Quem?

— Os meninos, você e Sarah. Quero que Sarah desfrute da temporada social. Já esperou o suficiente.

Amélia assentiu com compreensão.

— E crê que seria conveniente submeter-se a toda essa agitação? Podemos deixar para mais adiante.

Christopher a olhou fixamente.

— Amélia, estive doente, mas não morri. Por Deus, tenho só trinta e cinco anos, e me falam como se fosse um ancião.

Amélia sorriu abertamente.

— Só nos preocupamos com você. Tendemos a lhe proteger, mas você faz o mesmo com todos nós.

— Isso é diferente.

— Eu diria que não. Já comunicou isso a Sarah? — Indagou depois de ver como Christopher elevava a sobrancelha esquerda.

— Sim e não ficou muito entusiasmada.

— Imagino.

— O que? — Especulou Chris.

— Nada, só digo que é normal. Acostumou-se à vida no campo e aos meninos. Mas agora a cidade, Londres, as festas e as soirées. Pode ser perturbador. — Disse Amélia tentada a morder a língua.

— Se só fosse por isso... — Insinuou Chris.

— O que? — Perguntou Amélia.

— Nada, digo que talvez tenha razão, não tinha pensado em

tudo isso. Entretanto, não pode ficar encerrada aqui para o resto de seus dias. Tem toda uma vida pela frente e não vou permitir que a desperdice.

Amélia calou-se depois das palavras de Christopher.

Ele tinha toda a razão se não fosse por um pequeno e insignificante detalhe, Sarah estava apaixonada por ele. E teria que fazer muito mais que levá-la a Londres para fazer sua sobrinha esquecer o homem que amava.



Lucien a olhava fixamente, o que a fazia sentir-se vulnerável. Após a noite anterior, afetava-a o dobro esse dom com que parecia poder adivinhar os pensamentos de outros. Agora mais que nunca recordava a um predador que vigia atentamente a sua presa antes de convertê-la em seu jantar. E francamente a situação mais que aterrorizá-la, fazia-a estremecer.

Lucien pareceu dar-se conta de sua reação porque franziu o sobrecenho.

— Apesar do que possa pensar, não vou te morder.

Emma não pôde deixar de sorrir, assim ele também esboçou um maravilhoso sorriso.

Antes que pudesse dizer algo, Lucien avançou até ela e tomou uma de suas mãos. Começou a acariciá-la enquanto a olhava nos olhos, tentando ler mais neles do que ela queria deixar ver. Ruborizando a seu pesar pelo desejo que viu em seus olhos, baixou o olhar, tratando de afastar a mão sem que ele permitisse.

— Jamais pensei que fosse tímida. – Murmurou, enquanto lhe levantava o queixo com a mão para que voltasse a olhá-lo.

— E não sou. — Reagiu Emma erguendo o queixo.

Lucien teve que reprimir outro sorriso. Emma não sabia dissimular suas emoções. Isso era o que mais gostava nela. Não era capaz de fingir, de mentir sem que notasse. Sabia que não tinha contado tudo a respeito do que tinha ocorrido antes de chegar ali, mas era paciente e com o tempo sabia que confiaria nele. Na noite anterior seu rosto tinha sido um livro aberto. Sabia que se sentia atraída por ele, como nesse momento, embora tentasse dissimular com todas suas forças. Seu rubor não deixava de ser uma agradável surpresa. Muitas mulheres fingiam essa ingenuidade, essa reação inocente e doce que nunca lhe tinha atraído, mas que em Emma fascinava. Nela era algo que despertava a necessidade de protegê-la e de mimá-la. Duas coisas que nenhuma mulher tinha provocado nele, mas que ultimamente pareciam vibrar em seu interior cada vez que a tinha por perto. Provocara-a com seu atrevimento só para ter a satisfação de vê-la reagir, e não o tinha decepcionado. Adorava esse gênio que ia tão bem com a cor de seu cabelo e que fazia seus magníficos olhos verdes brilharem com intensidade. Uns olhos verdes que o atraíam como um ímã.

Aproximando-se mais dela até que pôde sentir seu fôlego no rosto, olhou atentamente seus lábios, que devorava em sua imaginação. Nada o impediria de beijá-la até que se rendesse à verdade, mas queria que ela aceitasse antes. Sentiu que a respiração de Emma se tornava cada vez mais trabalhosa e que começava a balançar um pouco sobre a ponta dos pés, olhando atentamente seus lábios. No mesmo instante, Lucien lhe soltou a mão e deu a volta como se não tivesse acontecido nada, com um sorriso que ela não pôde ver.

Emma ficou em primeiro lugar estupefata e depois zangada. Olhara-a como se fosse à única mulher na terra, suas pernas fraquejaram e o coração palpitou o dobro de seu ritmo normal, tinha

fixado os olhos em seus lábios até fazê-la sentir-se tentadora e irresistível, e a tinha feito desejar ser beijada até deixá-la sem fôlego. Estava a ponto de jogar-se em seus braços e ele, que fazia? Deu meia volta como se estivessem falando do tempo e deixava-a plantada no meio da sala com o corpo tremendo em expectativa. Era um, um...!

— Eu gostaria que me dissesse por que requisitou minha presença. Hoje tenho muitas coisas para fazer. — Disse Emma, tentando controlar a vontade de atirar algo em seu bonito rosto e apagar a expressão de complacência.

— Gostaria de falar do que ocorreu ontem à noite.

Emma não pôde dissimular outro rubor que fez até arder à face.

— Não me referia a isso, embora também tenhamos que discutir esse assunto. — Argumentou Lucien sem afastar os olhos dela. — Mas quero que me conte, exatamente, o que aconteceu na casa da senhora Fairbank.

Emma o mataria no mesmo instante em que ele disse saber que aquilo no que pensava era nos beijos da noite anterior. Era um presunçoso e, nesse instante, não podia lembrar por que acreditava haver sentido algo por ele em algum momento. Olhou-o com fúria sem poder se conter por mais tempo. Se achava que ia dizer algo do que tinha ocorrido com Eric Fairbank equivocava-se. Nem com a pior das torturas lhe tiraria algo.

— Não tenho nada para contar.

— Pois então temos um problema, porque não vai sair daqui até que me dê uma explicação que me convença.

Emma começou a bater no chão com a ponteira de seu sapato.

— Vai ser assim?

— Exato. — Respondeu Lucien com um gesto intimidador.

Emma deu meia volta para sair daquele cômodo.

— Eu pensaria antes de sair, a não ser que queira que vá buscá-

la e a traga arrastada.

Emma soltou uma imprecação que fez Lucien levantar as duas sobrancelhas. Emma cruzou o estúdio até ficar a poucos centímetros dele, com o queixo levantado e o cenho franzido.

— Se por acaso não se deu conta, milorde, sou adulta. Se houve algum problema, é assunto meu, e quanto ao que aconteceu ontem à noite, só tenho a dizer que resolvi o problema e que não voltará a se repetir nunca mais.

Lucien, que estava descansando sobre a escrivaninha, incorporou-se até ficar só a um suspiro do corpo de Emma.

— Deixemos uma coisa bem clara, senhorita Greyson, você trabalha nesta casa, e sua segurança é responsabilidade de meu irmão, e minha. Se algo lhe ocorre tenho todo o direito de saber e a obrigação de cuidar de seu bem estar.

— Eu o eximo dessa responsabilidade. — Provocou Emma com a respiração entrecortada não só pela discussão, mas também pela proximidade do corpo de Lucien, que a fazia sentir-se confusa e aturdida.

— Não pode. — Respondeu Lucien antes de tomá-la em seus braços. — É a mulher mais teimosa que conheci em minha vida.

— E você o homem mais presunçoso e prepotente e...

— Sedutor?

— Sim. — Disse Emma com um sorriso. — Incrivelmente arrogante, sabichão, autoritário...

Emma calou ao escutar a gargalhada de Lucien, que a olhava de novo com desejo.

— Não se atreva a me olhar assim.

— Como?

— Como se estivesse faminto e eu fosse à refeição mais saborosa do mundo.

Lucien soltou outra gargalhada. Não podia evitar rir das tiradas de Emma. Fazia muito tempo que não ria desse modo e, embora a princípio sua própria risada lhe soasse estranha, tinha que reconhecer que o fazia sentir— se muito bem.

— A verdade é que tenho muita fome.

— Pois já sabe onde fica a cozinha. — Murmurou ela cada vez mais baixo. Seus olhos não podiam afastar-se dos lábios do homem que a abraçava, aprisionando-a contra seu corpo musculoso e fazendo-a perder o pouco de controle que ainda ficava sobre seus sentidos.

Lucien se aproximou de seus lábios e ela veio a seu encontro. O beijo não tinha nada como o da noite anterior. Este foi desesperado e febril. Abriram suas bocas devorando-se mutuamente com um anseio mal contido. Emma gemeu, e Lucien acomodou a cabeça sobre seu braço para poder saquear sua boca com prazer. Sua língua exigia dela uma total rendição e ela não duvidou em entregar-se. Rodeou o pescoço de Lucien com os braços, estreitando-se ainda mais em seu corpo. Enredou os dedos em seu cabelo e sugou seu lábio inferior como se fosse o mais delicioso dos manjares. Ante essa ousadia, Lucien lançou um grunhido de aprovação e suas mãos começaram a mover pelo corpo dela até fazê-la sentir que as chamas a consumiam. Lucien lhe acariciou um seio por cima do vestido, brincando com ele até que o mamilo se endureceu rendido a essa doce tortura. Isso fez com que Emma ofegasse na boca dele e o fizesse perder o escasso controle que tinha. Um sentimento de posse tão antigo como o princípio dos tempos o golpeou e o deixou totalmente perplexo.

Nesse momento, Emma lhe apoiou uma mão no peito e separou seus lábios dos dele, olhando-o como se a paixão dos dois nunca tivesse existido.

— Esteve bem, mas tenho muito trabalho a fazer, assim se me desculpar.

E antes que pudesse reagir, Emma saiu pela porta e, se não havia visto mal, com um sorriso nos lábios. Sem poder evitar sorrir teve que reconhecer que Emma era a mulher mais fascinante, formosa e inteligente que tinha conhecido. Dera-lhe uma lição, em seu próprio terreno, e a admirava por isso. Entretanto, a partida não tinha terminado e já estava impaciente pelo próximo encontro. Tentara enganá-lo, mas vira a paixão que lhe nublava o olhar. Sua entrega tinha sido total e o tinha transtornado. Enquanto a tivera em seus braços, havia sentido que ela não resguardava nada para si, brindava-o com uma generosidade tal que ele tinha querido embriagar-se dela. Não ficara satisfeito e pensava que jamais poderia ficar. Sempre que tinha estado com uma mulher, ambos sabiam as regras do jogo e nunca uma mulher depositara toda sua confiança nele como fazia Emma. Sua inocência e sensualidade estiveram presentes em cada beijo, em cada carícia, e ele os havia sentido como nunca antes. A suavidade de Emma estava penetrando pouco a pouco em sua couraça, empurrando com uma força implacável. Devia tomar cuidado, embora algo lhe dissesse que possivelmente já era tarde.

Emma tinha apelado a todos seus anos de preparação para fingir durante uns segundos que os beijos de Lucien a tinham deixado indiferente, quando na verdade mal podia respirar e sustentar-se em pé. Tinha sido maravilhoso e excitante. Tivera que recorrer a toda sua força de vontade para afastar-se dele quando a única coisa que desejara era ficar entre seus braços, mas queria lhe retribuir na mesma moeda e não trocaria por nada do mundo a cara de incredulidade de Lucien quando o deixou no escritório. "Isso lhe ensinará que comigo não se joga", disse com resolução. Entretanto, quando as pernas fraquejaram ao subir as escadas teve que admitir a verdade. Não poderia voltar a escapar de seus braços porque a pouca vontade que guardara havia sido esmagada pelos beijos, carícias e pelos olhos de Lucien.

Capítulo 17

— Destruam! — Exclamou Anthony com uma venda como tapa olho de pirata e um pedaço de madeira preso ao joelho como perna de pau. — Rende-se, miserável?

— Terão que acabar comigo antes que eu lhes entregue meu navio. — Respondeu Emma com um olhar penetrante enquanto alisava com os dedos o grande bigode que usava.

— Se assim deseja, com supremo prazer te farei picadinho.

— Mas, Tony, você é o mau, não pode ganhar. Emma tem que me salvar porque eu sou a princesa. — Afirmou Lizzy com uma expressão encantadora.

— Não se preocupe Lizzy, Emma dará um bom castigo em nosso irmão. — Disse Margareth enquanto levantava a pequena e a sentava em seu colo.

Emma estava encantada com a mudança que Margareth sofrera nas últimas semanas. O mérito certamente não era somente por sua influência, mas se em algo tinha contribuído para que os olhos da menina não refletissem mais tanta preocupação e que seu sorriso fosse mais frequente, então se dava mais que satisfeita.

— Este patife acredita que pode me vencer, mas não sabe quem sou eu! — Exclamou Emma com voz grave e forte acento francês.

Anthony tirou um pau de madeira de uma corda que tinha atada à cintura, simulando uma espada.

— Esta bem, deixe de tanto falatório e saque sua espada milorde. — Gritou Anthony com ironia.

Emma tirou também sua espada e ambos se enredaram em um baile de pés fingindo que lutavam bravamente para salvar suas vidas.

As espadas chocavam entre si enquanto os gritos de Lizzy para animar Emma faziam que Margareth risse estrepitosamente.

Lucien que subia a seu quarto depois de passar a manhã inspecionando umas terras da propriedade, ouviu a risada de sua sobrinha o que provocou a sua curiosidade. Nada o tinha preparado para o espetáculo com o qual se deparou. A pequena Lizzy saltava sobre sua irmã animando Emma a ganhar o que parecia ser uma luta entre seu sobrinho pirata e uma mulher com o maior bigode que tinha visto em sua vida. Apesar do chapéu e da indumentária, estava mais bela do que nunca. Concentrada na brincadeira de seu sobrinho tentava permanecer séria, sem conseguir.

— Renda-se, não pode fazer nada contra mim. — Gritou Anthony com um sorriso radiante e lançando uma estocada no corpo da Emma.

— Nunca subestime um adversário. — Riu Emma enquanto evitava a estocada em seu corpo, e Anthony caía para frente. — Na verdade, pirata, não tenho o dia todo.

— Oh! — Exclamou Lizzy com os olhos abertos como pratos.

— Isto vai lhe custar caro, francês. — Respondeu Anthony.

Uma gargalhada fez com que todos ficassem imóveis e voltassem os olhos para a porta.

Emma tirou com um puxão o bigode quando viu de quem se tratava.

— Não, por favor, não tire isso. — Implorou Lucien ainda rindo. — Está linda.

Emma franziu a sobrancelha ainda mais, com a pronúncia do linda.

— Tio Lucien! — Gritou Lizzy levantando os braços para ele.

Lucien pegou à menina enquanto esta não parava de tagarelar.

— Emma é um cavalheiro e eu sou a princesa a quem tem que salvar e Anthony é um pirata mau que me fez prisioneira. — Disse Lizzy com cara de asco.

— E quem é Margareth?

— É minha dama de companhia.

— Ah, mas claro, uma princesa não pode ficar sem dama de companhia. — Argumentou Lucien enquanto piscava maroto.

Lizzy assentiu com a cabeça aprovando o raciocínio de seu tio.

— Deseja algo? — Perguntou-lhe Emma com os dentes apertados.

— Não, só senti curiosidade pelas lições de meus sobrinhos.

— Não estamos em aula neste momento, à tarde é livre e estávamos nos divertindo.

— Isso já vi. — Disse Lucien com um intenso olhar que a fez ruborizar.

— Tio Lucien, por que não fica conosco? Íamos dar um passeio até o lago. Poderia nos acompanhar. — Convidou Margareth com um sorriso que iluminou por completo o rosto de menina.

— Imagino que seu tio estará muito ocupado. — Apressou-se a dizer Emma.

— Na verdade não há nada que apreciasse mais do que ir dar esse passeio. — Informou Lucien com tom de advertência, em um claro desafio para que Emma o contradissesse.

— Estupendo. — Disse Anthony enquanto tirava a perna de pau.

— Então nos vemos no vestíbulo dentro de meia hora. — Avisou Lucien, e Emma voltou a franzir o cenho.

— Senhorita Greyson, eu gostaria de me trocar se não fosse pedir muito. Estive fora todo o dia.

— Claro. — Respondeu Emma ruborizando-se. Tinha que começar a controlar esses rubores. Lucien a olhava com malícia.

— Estaremos a sua espera. — Disse-lhe Emma tentando afastar da cabeça a imagem de Lucien trocando-se. Suas fantasias começavam a ultrapassar o bom senso sem que pudesse evitar, e isso estava

começando a ser um sério problema.

Meia hora depois, tal e como tinham combinado, foram a caminho do lago. Os meninos, sorridentes; Lucien, despreocupado e Emma, mais que furiosa, e tudo por culpa desse homem arrogante que a desarmava com só um olhar. Quando via esses olhos pousados nela, sentia que as pernas falhavam, que o ar faltava nos pulmões e que toda sua moderação desaparecia como por arte de magia. Era como dar voltas em si mesma, cada vez mais às pressas, até perder o domínio dos sentidos, sem poder determinar aonde ia nem como deter-se.

— Não está muito contente, acaso a desgosta que tenha vindo? — Disse Lucien com um meio sorriso que a pôs ainda mais furiosa. Não ia lhe dar o gosto de acreditar que influenciava seu estado de espírito.

— Francamente não faz diferença alguma.

— Sabe? Não lhe cai bem mentir.

Os meninos estavam vários metros a frente deles, por isso ela podia falar abertamente.

— E como chegou a essa conclusão? Ah, já sei. Supõe-se tão encantador e irresistível que nenhuma mulher poderia evitar a tentação de estar em sua companhia. Pois me deixe esclarecer uma coisa, eu não sou esse tipo de mulher.

— É certo, e isso é o que mais eu aprecio. — Disse-lhe Lucien sério.

Emma sentiu seus olhos fixos nela. Algo em seu interior lhe gritava que não o olhasse, mas não pôde evitar. A promessa que viu neles deixou-a sem fôlego. Estavam carregados de uma emoção primitiva e selvagem que a fez tremer da cabeça aos pés. Teve que admitir que ele fizera de novo. Deixava-a sem fôlego só com umas

palavras. Emma tentou procurar algum tema de conversa que a fizesse esquecer o que acabava de dizer.

— Seu irmão está cada vez melhor. Imagino que logo retomará suas obrigações e você poderá voltar para as suas.

— Já quer desfazer-se de mim?

— Não, eu... Oh, já sabe ao que me refiro.

— Sim, sei. — Arrematou Lucien com um sorriso. — Chris está quase recuperado. Está ansioso para voltar a tomar as rédeas e se não o fez antes é porque Amélia e Sarah ainda estão preocupadas com uma possível recaída. Entretanto, não acredito que espere muito, e sim, logo voltarei para meus assuntos. Meu irmão quer ir a Londres dentro de umas semanas. Eu ficarei lá depois de seu retorno.

Lucien se deu conta de que Emma parou bruscamente quando não a viu ao seu lado. Ao olhá-la, estava pálida e parecia angustiada.

— Qual o problema?

Emma girou para Lucien e viu o gesto de preocupação que tinha no rosto. Quando mencionou Londres havia sentido como se tivessem dado um golpe seco na boca do estômago. Algumas semanas... Quantas? Duas, três, um mês?

— Nada, estou bem.

— Não minta, está pálida.

— Não, de verdade, foi uma leve tontura, mas já estou bem.

A Emma custara ter que fingir, mas não podia fazer outra coisa. Não podia lhe dizer que a ideia de ter que deixá-los tão logo a abalara, seria impossível ficar com eles em Londres.

Lucien a ajudou a sentar debaixo de uma árvore enquanto dizia a seus sobrinhos que não se afastassem da vista. Depois sentou e a olhou sem que a preocupação desaparecesse totalmente de seu rosto. Enquanto os meninos brincavam a uns metros lhes oferecendo certa intimidade, Emma tratava de tranquilizar-se, logo estaria longe deles.

— Está certa de que se sente bem? — Perguntou Lucien em um tom de voz mais duro.

— Sim. — Falou Emma com um meio sorriso.

Essa era uma das coisas que tinha descoberto sobre Lucien e da qual teria saudade. Apesar de sua aparência externa de total indiferença, era claro que era tudo menos indiferente diante do que acontecia a seu redor e às pessoas que o rodeavam. Sua preocupação por seu irmão, seus sobrinhos, Sarah, Amélia, e por ela mesma, não fazia mais que evidenciar sua natureza protetora, algo que a fazia sentir segura e criava em seu interior um desejo absurdo e infantil. Nesse momento queria que a segurasse com seus braços, apoiar a cabeça em seu peito e fechar os olhos a todo torvelinho existente em seu interior, e ao irracional pânico que se apoderava dela cada vez que pensava em não voltar a vê-lo.

Lucien daria uma fortuna para saber o que estava pensando Emma nesse momento. Tinha visto o sem-fim de emoções que cruzavam seus feiticeiros olhos verdes, que o fazia perder o fôlego cada vez que os olhava. Sabia que ocultava algo. Não conseguira esconder sua reação ao dizer que iriam a Londres. Seja o que for que estava ocultando, tinha origem na cidade. Possivelmente o homem do qual falou, aquele que tinha tentado seduzi-la à força. Fá-la-ia compreender que nada lhe aconteceria enquanto estivesse com ele. Que não deixaria que ninguém voltasse a machucá-la.

Emma viu um brilho de diversão nos olhos dele.

— No que está pensando?

— Estava recordando à primeira vez que a vi. Se alguém me dissesse que a mesma mulher desse dia brincaria com meus sobrinhos, fantasiada de pirata e princesa, dando saltos enquanto fingia bater em duelo com uma espada de pau, mandá-lo-ia diretamente ao manicômio.

— Não mudei tanto. — Negou Emma franzindo o cenho.

— Sim, isso é verdade. Segue sendo uma resmungona.

Emma o sacudiu no braço sem pensar duas vezes, e Lucien riu baixinho.

— Bom, e o que me diz de você? Eu tampouco imaginaria que o homem mal educado e grosseiro que conheci nesse dia pudesse ter alguma qualidade aceitável. — Resmungou pronunciando entre dentes o final da frase.

— E posso perguntar a que qualidade se refere?

— Já sabia que ia perguntar isso. — Murmurou Emma apenas em um sussurro.

Lucien soltou uma gargalhada.

— Acha-me engraçada?

— Não, de forma alguma. — Disse Lucien sem poder evitar soltar outra gargalhada.

— Bem, esqueça de que tem alguma qualidade aceitável, porque na verdade não tem nenhuma!

Nesse momento, Lucien uivava de rir. Seus sobrinhos se aproximaram para ver o que ocorria e os olhavam boquiabertos, sorrindo também como se nunca tivessem visto nada igual.

Parte do aborrecimento de Emma se desvaneceu nesse instante. E antes de saber o porquê, estava rindo junto com as crianças e Lucien.

A tarde passou mais rápido do que desejara. Antes de dar-se conta, já estavam de volta. Entretanto, Lucien a surpreendeu pedindo que desse um passeio com ele pelos jardins enquanto as crianças entravam na casa.

— Pensei que estaria farto de minha companhia depois desta

tarde. — Falou Emma com um sorriso.

Lucien a olhou fixamente, enquanto rodeavam o extremo da casa dirigindo-se ao roseiral que tia Amélia cuidava com tanto zelo.

— Está procurando adulação, senhorita Greyson?

Deus! Esse homem conseguia irritá-la tão rápido quanto atraí-la para seus braços. Como podia pensar que procurava elogios? Talvez fosse esse o tipo de mulher ao qual ele estava habituado. Frívola e superficial, mas ela não ia seguir o jogo.

— Acredito que já terminamos o passeio, milorde. — Afirmou com toda a calma que pôde. Deu meia volta e com determinação iniciou sua volta a casa. Entretanto, não chegou muito longe, pois quando dera dois passos Lucien a segurou pelo braço.

— Solte-me ou não respondo por mim.

— Por que se zangou tanto?

— Nem você pode ser tão tolo.

— Viu, já estava demorando a aparecer seu encanto natural. — Respondeu com um sorriso enquanto a agarrava pelos braços e ficavam a escassos centímetros de distância um do outro.

— Mas o que...?

Não pôde acabar a frase. Lucien a calou com sua boca, apertando-a contra ele como se disso dependesse sua vida.

— Nem sequer sabe reconhecer uma brincadeira, hein? — Perguntou Lucien a deixando respirar só para voltar a beijá-la desta vez sem compaixão. Emma não podia recordar a razão de estar tão zangada. Para ser sincera, mal se lembrava de onde estava. Só tinha consciência da boca de Lucien, de sua língua abrasadora que a fazia estremecer e de seu corpo duro e musculoso que parecia tocar cada centímetro dela. Gemeu sem que nada pudesse fazer para detê-lo. Nesse preciso instante nada importava mais que permanecer entre seus braços.

Lucien estava a ponto de perder o controle. Essa mulher o enfurecia, o fazia rir e fazia arder seu sangue, mais do que nenhuma mulher tinha conseguido. Fazia todo o possível para tirá-la da sua cabeça para depois encontrar-se seguindo cada um de seus passos, desejando, embora nem que fosse, vê-la à distância. Parecia um pirralho apaixonado incapaz de deixar de sonhar. Não sabia como conseguira, nem quando, mas lhe tinha penetrado no sangue, correndo por suas veias a cada minuto do dia e da noite. Amaldiçoava-a a cada instante por converter seu cinismo em uma grande mentira. Mas que suave era... Encaixava perfeitamente em seus braços e era impossível soltá-la, quando por fim a tinha entre eles.

Quando jovem, fizera uma promessa. Não confiar jamais em uma mulher. Entretanto, quebrara uma vez essa promessa e o que lhe restara fora seu orgulho ferido. Sua efêmera paixão roubara os últimos anos de seu pai, sua estima e a possibilidade de fazer as pazes com ele antes que morresse. Toda a raiva que sentiu diante das mentiras de Elinor voltou contra seu pai, porque acreditara nelas. Depois foi muito tarde. Durante todos esses anos, alimentando seu cinismo com sentimentos fúteis e orgulhando-se disso. Simplesmente não queria tal sentimento. Mas, agora Emma estava sendo todo um desafio. Apesar de sua determinação, encontrava-se rendido diante de seu encanto. Desejava seu sorriso, o cenho franzido, o modo que tinha de segurar o vestido com o punho quando estava irritada, sua voz sensual e profunda quando pronunciava seu nome, seus lábios carnudos e, sobretudo, seus feiticeiros olhos verdes capazes de expressar em um instante toda a gama de emoções existentes. Adorava o que via neles quando o olhavam. Isso o perturbara mais que qualquer olhar sensual de mulher mais experiente. Agora o estava deixando louco com seu perfume, com seu sabor doce e inocente. Rodeou-lhe o pescoço com os braços, brincando com seu cabelo sem ter consciência de que isso o

estava matando. Sua língua roçou timidamente a sua quando aprofundou o beijo e fez que o suspiro de prazer que escutou de Emma provocasse um grunhido de desejo mal contido.

Emma sabia que devia deter aquilo, mas não tinha forças para isso. Os joelhos não a sustentavam. Estava perdida, absolutamente perdida. Nesse momento, nem sequer um terremoto a afastaria dele. A mão dele sobre suas costas e cintura a queimavam através do vestido e só podia desejar que esse tecido que se interpunha entre eles desaparecesse. Queria desesperadamente sentir esse fogo sobre sua pele.

Lucien interrompeu o beijo deixando uma sensação de perda difícil de ignorar. Aquele não era o momento nem o lugar, mas o que tinha ocorrido entre eles, deixava claro que essa não ia ser a última vez que isso aconteceria.

Algo primitivo e selvagem corria por suas veias, só moderado pela ternura inesperada que Emma despertava em seu interior e que o empurrava a protegê-la sem que nada pudesse fazer para evitar. Deu-se conta disso no dia da festa na casa dos Fairbank. Havia sentido uma fúria cega ao vê-la depois que alguém, por mais que ela quisesse negar, atacou-a. Desejara golpear e destruir quem a tinha agredido e, embora não houvesse insistido, isso era um assunto pendente. Mais cedo ou tarde descobriria. Não sabia como, mas a professora que a princípio o tinha enfurecido deslizou sob seu sólido escudo e sem esforço algum estava derrubando uma a uma suas defesas.

Nesse instante, os dois tinham a respiração entrecortada enquanto se olhavam nos olhos como se não houvesse nada mais a seu redor, só eles dois.

— Isto não pode voltar a ocorrer. — Avisou Emma em um sussurro, rompendo assim o feitiço que parecia ter caído sobre os dois.

Lucien endureceu sua mandíbula.

— Sabe que isto é inevitável. Não negue.

Emma desejava gritar que não, mas sabia que isso seria uma grande mentira. Não podia olhá-lo nos olhos porque se o fizesse não seria capaz de falar com sensatez.

— Não posso negar que me sinto atraída, mas nem por isso posso permitir que essa situação continue.

Lucien a segurou no queixo com suavidade e ternura, para não evitar seu olhar e sentiu que sua determinação fraquejava por alguns momentos.

— Do que tem medo? – Perguntou, enquanto lhe acariciava a bochecha com a mão fazendo seu corpo todo estremecer.

— De cair precisamente naquilo que sempre tratei de evitar.

Um brilho de fúria cruzou os olhos de Lucien.

— Pensa que sou um dos que seduzem as suas empregadas, aproveitando-se delas para depois jogá-las na rua?

Emma escutou a frieza com que tinha pronunciado essas palavras. Sabia que podia lhe dizer que sim, que pensava o pior dele e com isso conseguir levantar um muro entre ambos, mas não podia pronunciar essas palavras. Algo em seu interior lhe dizia que a Lucien poderia entregar seu amor e jamais lhe faria mal deliberadamente.

— Não, não acredito. — Disse Emma sentindo em suas palavras uma nota de derrota. — E isso é o pior. Se fosse um desses homens então saberia como enfrentá-lo, mas diante desse sentimento, não sei como me defender.

Ao ver a expressão dela ao dizer essas palavras, Lucien amaldiçoou baixinho. No que estava pensando? Tinha prometido a ela que estaria segura, a salvo dos homens que se aproveitavam da vulnerabilidade de suas empregadas, e ali estava ele, enfurecido por não poder ter aquilo que tanto desejava. Nem sequer sabia como chegara a esse estado, por que precisava tê-la tanto ou mais que o ar que

respirava. Aquilo do que tão ferozmente tinha escapado o tinha apanhado como uma aranha em sua teia. Não podia ceder diante desse impulso, diante dessa mulher, ante aquilo que sentia e que não queria admitir. O melhor para ambos era esquecer o que tinha ocorrido. Esquecer a atração que os envolvia cada vez que estavam juntos.

— Acredito que isto chegou muito longe. — Afirmou Lucien com firme determinação. — Não era minha intenção colocá-la em uma situação incômoda. Não voltará a acontecer. E agora será melhor que entremos. Começa a fazer frio aqui fora.

Emma levantou a cabeça ao escutar suas palavras. Algo mudara nele. Seu olhar era frio e o sorriso de sua boca ainda mais frio.

Emma o seguiu até o interior da casa, repetindo uma vez atrás da outra que era melhor assim, envolver-se com ele só faria mais difícil sua partida, que o Conde de Ashford era um homem magnífico, encantador e maravilhoso, mas que nunca a amaria. Que depois de sua viagem a Londres, ela desapareceria de sua vida, para voltar para Veneza, para casa e a sua própria vida, seria loucura lhe entregar mais do que já entregara. Apesar de todas estas razões, não pôde evitar a sensação de perda. Apaixonou-se por um homem com o qual jamais poderia ficar.

Capítulo 18

— Você quer parar de uma vez? Parece um gato enjaulado. Não ficarei surpreso se até o final do dia houver surgido uma estrada no tapete.

— Não seja tão exagerado. Só estou estirando as pernas. — Disse Lucien a seu irmão enquanto andava para sentar-se em frente a ele.

— Vai me contar o que houve ou vou ter que tirar isso a golpes?

— Muito engraçado Chris.

— Durante meia hora caminhou pela biblioteca como se fosse uma alma penada. Alguma coisa aconteceu.

— Aborrece-se tanto que não tem outra coisa para fazer mais que vigiar aos outros? — Rilhou Lucien entre dentes. Chris esboçou um sorriso.

— Se não fosse impossível, eu pensaria que todo esse mau humor é por uma mulher, mas claro, como já disse, isso é impossível, pois meu hermético irmão jamais se deixaria enfeitiçar por ninguém. Não, é ele quem seduz e depois parte.

— Jamais seduzi a uma mulher que não queria ser seduzida, e sempre ficou claro o que ambos desejávamos desse encontro. Não enganei a nenhuma com falsas promessas.

— Sim, isso é verdade, o que não significa que mais de uma não tenha ficado com o coração quebrado. Nem que parte das senhoras disponíveis suspirem por você a cada vez que entra em um salão.

— É um cretino, sabia?

— Sim, mas por isso lhe sou tão caro. É parte de meu encanto.

Lucien teve que sorrir a contragosto. Seu irmão estava recuperado. Ganhou um pouco de peso e as profundas olheiras que o acompanharam durante sua enfermidade eram agora, leves sombras.

Mais algumas semanas poderia ir a Londres tranquilo. Relegara durante muito tempo os problemas que tinham surgido na companhia naval. Richard lhe tinha mandado informação sobre sua investigação e, embora nas últimas semanas não tornasse a surgir nenhum outro incidente, os dois estavam desejosos de descobrir quem andava por trás dessas sabotagens.

— Decidiu já a data da partida a Londres? — Perguntou Lucien.

— Essa é sua forma de me dizer que não vai responder a minha pergunta?

— Não, essa é minha forma de te dizer que sua pergunta não tem nenhum cabimento. Além disso, se falarmos de mulheres não é a mim a quem deveríamos olhar.

— O que está insinuando?

— À expressão em seu rosto a cada vez que Sarah entra em uma sala.

— Não sei do que está falando. Preocupo-me com ela. Não quero que lhe façam mal.

Lucien sabia que isso era verdade. Seu irmão era tremendamente protetor com aqueles que estavam sob sua responsabilidade. Uma qualidade que compartilhavam e que nele ultimamente se havia aguçado com respeito a certa pessoa.

— Disso estou seguro. Eu tampouco quero que lhe façam mal, entretanto, não franzo o cenho a cada vez que a vejo.

— Eu não franzo o cenho. — Disse Chris com cara de aborrecimento.

— Sim o faz.

— Sabe como arruinar o bom humor de qualquer um.

Lucien sorriu. Pelo menos durante uns minutos se esqueceu da cena no jardim. No que estava pensando? Emma não era como as demais mulheres que conhecera e isso o atraía como um ímã. Não era o

tipo de mulher superficial e experiente com que ele estava acostumado a relacionar-se, nem tampouco uma moça inocente e insegura que sentia medo com só um olhar. Ela era uma mescla afrodisíaca que embriagava seus sentidos. Era inocente e apaixonada. Inteligente e cautelosa, terna e impulsiva. Enfurecia-o como ninguém, e o fazia rir no momento seguinte. Mas não devia pensar mais nela. Era o melhor para os dois. Em sua vida não havia espaço para uma mulher assim.

— E agora, quem está franzindo o cenho? — Atacou Chris, levantando uma sobrancelha.

— Está bem, abaixemos as armas.

Chris assentiu antes de partir.



Emma abriu os olhos quando ouviu batidas em sua porta. Era seu dia livre e, embora estivesse acostumada a levantar-se cedo, esse dia preferiu ficar na cama, colocar a cabeça debaixo das mantas e se recriminar por ser a mulher mais idiota que existia no mundo inteiro. Pela enésima vez recordou que logo teria que partir. Em duas semanas, todos partiriam para Londres. Havia dito Amélia no dia anterior, depois que tivera aquela discussão com Lucien.

— Emma, está acordada?

Emma tirou a cabeça de entre os lençóis e olhou para a porta. Sarah estava tentando vê-la.

— Sim Sarah, entre.

— Está bem?

Emma reprimiu a vontade de dizer que não. Que sentia como se tivesse perdido algo muito valioso e que a sensação de vazio a estava matando.

— Sim, por quê?

— Não sei, é que são dez horas e, embora seja seu dia livre, sempre é uma das primeiras a se levantar.

— Hoje tive vontade de descansar.

Emma se deu conta de que Sarah tinha uma expressão peculiar no rosto.

— O que houve?

— É lady Haston.

— Quem?

— Uma velha amiga de minha tia. Ela e sua filha chegaram esta manhã. Pelo visto estão a caminho de Edimburgo e decidiram nos fazer uma visita.

— E? — Especulou Emma, sabendo que tinha algo mais para que Sarah estivesse tão ansiosa em falar com ela para subir a seu quarto.

— É uma harpia. Não deixa boneco com cabeça. E sua filha, que ficou viúva há poucos meses, é exatamente igual. Ridiculariza a todos aqueles que, segundo ela, não estão a sua altura. Gosta de meter-se na vida dos outros e o faz com um descaramento absoluto.

— Em resumo, é um modelo de virtudes. — Gemeu Emma fazendo mentalmente uma ideia de como seria a mulher. Para desagradar a Sarah, que era um anjo, tinha que ser uma péssima pessoa.

— Sei que não deveria falar assim dela, mas você não a conhece. A última vez que me viu tive que aguentar suas desagradáveis indiretas sobre ser solteira e que se continuasse assim acabaria sendo uma velha ermitã. Que, sem dúvida, teria que ser menos exigente já que não podia aspirar a mais com o meu físico e minha beleza, que segundo ela era muito clássica para despertar admiração em um homem. Jamais contei isto à tia Amélia porque é uma velha amiga dela.

Emma se irritou. Mas quem se achava essa bruxa? Que Sarah não podia despertar atração nos homens? Devia ser cega ou extremamente invejosa. Qualquer pessoa podia ver que era uma jovem bela e nobre, com suficiente encanto para pôr de joelhos a metade dos homens de Londres. Estava claro que os comentários tinham sido fruto de uma profunda inveja.

— Sabe se vão ficar por muito tempo?

— Ao que parece até sexta-feira, quer dizer três intermináveis dias.

— Bom, não se preocupe, antes que dê conta já se foram.

— Espero. Tinha que ver como lady Mansfield, a filha, olhava Lucien nesta manhã.

— Como o olhava? — Indagou Emma com uma sobrancelha levantada.

— Como se fosse um bolo de framboesa. Lucien sempre provoca essa reação entre as mulheres e pelo que se vê lady Mansfield não vai ser uma exceção.

Emma apertou os punhos sobre os brancos lençóis. Se essa mulher se sentisse atraída por Lucien que importância tinha? Como bem havia dito Sarah, ele estava acostumado a despertar essa reação entre as mulheres. Entretanto, a possibilidade de que ele correspondesse a essa atração era o que a fazia sentir uma fúria interior como nunca antes havia sentido. Seriam ciúmes? Não, simplesmente era a conclusão lógica do que tinha ocorrido entre eles. Só decorreram algumas horas desde que se beijaram apaixonadamente e não queria saber que ele já tinha esquecido. Sim, era isso. Quem sofria era seu amor próprio, não seu coração. Suspirou profundamente, já mais relaxada. Sem dúvida os dias seguintes não seriam os mais tranquilos.

Emma odiava ter razão. Lady Haston e sua filha lady Mansfield eram pior que uma dor de dente, e ela estava a ponto de perder a paciência. Assim que as conheceu concordou com a opinião de Sarah. O olhar que lhe lançou lady Haston de cima abaixo, era depreciativo, acentuou-se quando a apresentaram como a preceptora das crianças. Os narizes das duas mulheres empinaram como se tivessem cheirado algo podre. Pelo visto, acharam que ela era muito pouca coisa para prestar atenção. A opinião delas pouco lhe importava, mas o que não tolerava era a falta de cortesia que também destinavam a Sarah. Tinham muito cuidado em não mostrar seu desprezo diante de Amélia, mas assim que esta dava as costas, as duas se mostravam mais que ansiosas em fazer Sarah sentir-se insignificante. Não lhe custou muito descobrir a razão. A inveja e a possível concorrência da jovem, que parecia estar à caça de um novo marido. Sem dúvida o Marquês de Stamford ou o Conde de Ashford eram presas mais que desejáveis.

O Marquês de Stamford não passava além da cortesia. Via-se claramente que só as tolerava. Simulava uma debilidade que já não tinha, sendo visto em raras ocasiões. O Conde de Ashford, entretanto, não tomara uma posição tão clara. Parecia compartilhar a opinião do irmão sobre as convidadas, mas ao contrário do mesmo era visto frequentemente em companhia de lady Mansfield, que parecia perseguí-lo sem trégua.

O que em princípio seria uma visita de três dias já se prolongava a cinco.

— Querida, essas crianças já deveriam estar em seus quartos, não acha?

Amélia olhou por cima de sua xícara a mulher que em outro tempo tinha sido uma das mais belas da Escócia, mas a quem a cobiça e a amargura tinham deixado rastros em sua beleza. Com o cabelo

escuro e extremamente magra, sua amiga de infância se tornou uma mulher fria e altiva que ela suportava somente pela lembrança de seus dias em Edimburgo e por cortesia.

— Se fosse por você, já as teria encerrado em uma masmorra.

— Por Deus Amélia, sabe que eu gosto das crianças, mas não são bem educadas. Parece mentira que tenham uma preceptora. Pelo visto, essa moça não é competente. Melhor seria demiti-la logo que possa. Se quiser posso recomendar uma professora de confiança.

Amélia a olhou com o cenho franzido.

— Esta ficando velha, Harriet. Meus sobrinhos netos são muito bem educados e Emma é uma excelente preceptora.

— Se você diz... — Afirmou lady Haston, enquanto olhava com um brilho malicioso nos olhos para a porta pela qual nesse momento entrava Sarah.

— Querida, está muito pálida. Deveria tomar um chá. — Disse a recém-chegada.

— Não obrigada, lady Haston. É muito amável, mas só vim dizer a minha tia que Emma e eu vamos dar um passeio.

— Acredito que é o mais certo. Por que não levam as crianças?

Amélia reprimiu o impulso de atirar a xícara de fina porcelana na cabeça de Harriet. Era um verdadeiro espinho no pé.

— Não se preocupem, as crianças vêm conosco.

Quando a sobrinha saiu da sala, Amélia olhou atentamente sua amiga.

— Eu não gostaria que nossa amizade se desfizesse por seu comportamento com aqueles a quem quero, Harriet.

O rosto de lady Haston demonstrou surpresa.

— Do que está falando, Amélia?

— De sua falta de delicadeza com minha sobrinha para começar. Ela é muito boa para se queixar, mas sei que a incomoda. Deixe-a em

paz.

Essa última frase deixou lady Harriet com a boca aberta, consciente de que quando Amélia se irritava não havia quem pudesse detê-la.



Emma não desejava ter que descer para jantar. Na verdade estava farta das duas mulheres e suas indiretas. Mais que tudo, tinha medo de si mesma. Conhecia-se o suficientemente bem para saber que não ia suportar muito mais tempo sem dar a resposta que mereciam.

Colocou seu vestido de musselina verde. Era discreto e elegante. Suas linhas ressaltavam sua figura, embora o decote alto não deixasse seus encantos à vista. Quando desceu estavam todos na saleta.

— Já estamos todos aqui. — Disse o Marquês de Stamford com o sobrecenho franzido.

— Passemos ao salão de jantar.

Emma se aproximou de Sarah, que com seu vestido azul marinho estava encantadora. O sobrecenho franzido de lady Haston assim indicava. Parecia odiar quem pudesse obscurecer sua filha. Lady Mansfield, com seu vestido amarelo e um grande decote tentava chamar a atenção de todos os presentes, sobretudo o sexo masculino. Especificamente a atenção de Lucien, com quem, com um sorriso absolutamente superficial, entrou de braço dado no salão.

Emma se disse pela enésima vez que não se importava absolutamente com quem se relacionasse o Conde. Sem dúvida alguma, não era de sua conta, e mesmo por que logo sairia de sua vida para não voltar a vê-lo nunca mais. Mas, a cada vez que a via junto de Lucien tinha vontade de armar uma cena. Certamente era uma reação pouco apropriada e nada alentadora para alguém que insistia em dizer a si

mesma que devia esquecer esse sentimento. Convertera-se em uma mentirosa no que se referia a si mesma. Sarah tampouco estava à vontade com os sorrisos que Lilian dedicava a Christopher cada vez que tinha oportunidade.

O Marquês de Stamford se sentou na cabeceira da mesa e Amélia em frente a ele. A sua direita, estavam lady Haston, Sarah e ela, e a sua esquerda, Lucien e lady Mansfield.

O jantar esteve repleto de deliciosos pratos e conversa banal. Lady Haston falou de suas relações com a aristocracia de Londres, e da vida de certas amizades que parecia ter em comum com Amélia. Lilian também conversou animadamente sobre a última moda e a quantidade de eventos aos quais tinha comparecido no último mês. Embora fizesse pouco tempo que ficara viúva, seu finado marido lhe pedira antes de morrer que não guardasse luto durante muito tempo, já que era muito jovem e era seu dever desfrutar da vida.

— Amélia comentou que irão dentro de umas semanas a Londres. É uma pena que nós já não estejamos, pois devemos voltar para casa. Ali temos responsabilidades e devemos também passar uma boa temporada na sociedade escocesa.

— Sem dúvida, Harriet, será realmente uma pena. — Comentou Amélia. — Entretanto, esperemos que nossa apertada agenda mitigue essa perda.

A Emma e ao resto dos que a conheciam, não passou despercebido o tom irônico com que havia dito a frase. Fez Sarah engasgar com a água, Christopher tossir e lady Haston franzir o cenho. Lucien se limitou a olhar Amélia com um brilho risonho nos olhos.

— Você também irá com eles, senhorita Greyson? — Perguntou lady Mansfield, enquanto deslocava com a mão o prato com bolo de framboesa que tinham servido de sobremesa.

— Sim claro, posto que vão as crianças, eu também irei.

— Vão as crianças? — Perguntou lady Haston assombrada.

Christopher levantou a cabeça de seu prato para olhá-la com atenção.

— Sim, parece-te estranho que queira que meus filhos me acompanhem?

Lady Haston fez uma careta de desagrado.

— Não, mas é incomum. No meio da temporada..., não sei o que vão fazer as crianças em Londres. Seria melhor que ficassem aqui com a preceptora, não acha?

— Não, não acho. — Respondeu o Marquês de Stamford com um sorriso que não pressagiava nada de bom.

— E você, lorde Fitzpatrick de Clare, tem pensado desfrutar do que restou da temporada? — Perguntou Lilian, inclinando-se de tal maneira para ele que parecia poder cair da cadeira a qualquer momento.

"A ideia é tentadora", pensou Emma para si mesma.

Lucien olhou Lady Mansfield com um brilho irônico no olhar.

— Sim, essa era minha intenção. — Disse lhe devolvendo o sorriso.

— Imagino que estará ocupadíssimo. Todas as anfitriãs estarão desejosas de que vá a suas festas. — Continuou lady Mansfield, flertando já descaradamente.

— Céus... — Soltou Emma mais alto do que desejara.

— Disse algo senhorita Greyson? — Perguntou lady Mansfield olhando-a como se ela fosse um sapo em meio a um charco.

Emma não queria responder, mesmo que a tentação a estivesse matando por dentro.

— Não, nada. Só estava limpando a garganta. Lamento ter interrompido sua interessante conversa.

Lucien conteve uma gargalhada.

— Não se preocupe nada poderia me distrair de falar com Lucien, mesmo algo tão insignificante como você.

"Chega", disse-se Emma, enquanto se preparava para dizer umas coisinhas a essa insuportável criatura. O insulto que havia por trás de suas palavras estava bem claro.

— A senhorita Greyson é uma mulher de altos princípios, nobre, inteligente e muito charmosa. Asseguro-lhe que é tudo, menos insignificante. — Afirmou Lucien lady Mansfield em um tom que não admitia discussão.

Christopher ficou olhando seu irmão, enquanto que Sarah e Amélia aplaudiam em silêncio sua defesa a Emma. Lady Mansfield parecia haver ficado muda, enquanto que sua mãe olhava a preceptora como se fora uma harpia.

Emma simplesmente ficou aturdida. Olhou para Lucien, que devolveu o olhar e a deixou, com esse gesto, sem respiração. A força que via em seus olhos, algo que ela não podia determinar, assustava-a e a excitava. Parecia querer apropriar-se dela como se lhe pertencesse, despindo-a até chegar a sua alma. Emma afastou o olhar enquanto bebia um pouco de água.

— Espero que não me tenha interpretado mal. Jamais ousaria dizer que a senhorita Greyson é insignificante. — Disse lady Mansfield com fingida consternação. — Senhorita Greyson, espero que não tenha se ofendido.

— Não se preocupe. Entendi perfeitamente o sentido de suas palavras. — Disse Emma sorrindo.

— De toda maneira, lorde Fitzpatrick de Clare, tenho que elogiar sua fervorosa defesa da senhorita Greyson. Não é todo dia que um homem de seu status tem essa atitude com uma preceptora. — Disse lady Haston claramente irritada.

Lucien endureceu a mandíbula por uns segundos para depois

voltar a sua postura normal. Aparentemente relaxado, sem que nada ou ninguém viesse a perturbá-lo.

— Limitei-me a dizer a verdade. Além disso, a senhorita Greyson não necessita minha defesa. Mas, foi para seu próprio bem-estar que me pronunciei, lady Haston.

— Não entendo. O que quis dizer com isso?

Amélia soltou uma risadinha, enquanto Sarah tentava manter a compostura.

— O que quer dizer meu irmão, é que nós tratamos à senhorita Greyson como a um membro da família. Afinal, é ela quem cuida de meus filhos. E agora se nos der licença, meu irmão e eu nos retiraremos à biblioteca enquanto vocês passam ao salão.

Emma se desculpou uns minutos enquanto subia para ver as crianças. Quando ficou a sós, ainda não podia acreditar que não tivesse aberto a boca enquanto falavam dela. Definitivamente esse homem a estava deixando tola.



Mais tarde, quando todos se retiraram para dormir, Emma estava inquieta em seu quarto, decidiu ir à biblioteca e pegar um livro. Vestiu um roupão rosa que a cobria até o pescoço e saiu de seu quarto o mais discretamente possível. Era estranho, mas desde que chegou a aquela casa tinha dormido bem durante todas as noites. Isso se devia em parte por se sentir segura e em parte pelo cansaço com que chegava à cama depois de trabalhar todo o dia sem parar. As crianças tinham muito mais energia do que ela poderia imaginar.

Acabara de descer as escadas quando viu a luz procedente da biblioteca. Ao aproximar-se mais para saber quem a ocupava escutou várias vozes. Uma era a de Lucien e a outra a de uma mulher. Se não se enganava, era a de lady Mansfield. Deu meia volta para retirar-se a seu

dormitório. O que faziam os dois há essa hora na biblioteca não era de sua alçada. Entretanto, ao por o pé no primeiro degrau uma pontada de ciúmes oprimiu seu peito. Isso era absurdo. Sempre criticara as mulheres ciumentas para terminar sendo uma delas. Não tinha nenhum direito sobre Lucien, nem havia nenhum tipo de promessa entre ambos. E mais, fora ela mesma quem tinha cortado qualquer possibilidade de uma maior aproximação, agora o que esperava? Que ele não olhasse a nenhuma outra mulher? Estava sendo uma tola. Lucien era um homem muito atraente e segundo os rumores, uma lenda com as mulheres.

Sua condição de mulherengo não era nenhum segredo, nem o rastro de corações destroçados que deixava atrás de si.

Moças, mulheres e inclusive mães, suspiravam por ele.

Subiu outro degrau antes que a curiosidade vencesse a sua razão. Sem saber como, em menos de um segundo estava de novo junto à porta olhando pela abertura que deixava entrever o interior da sala.

— Repito que lamento muito esta interrupção. Francamente, não esperava que houvesse alguém desperto há essa hora, mas, como vê, não podia dormir. Sinto-me inquieta. Depois da morte de meu marido penso que estou completamente sozinha, sobretudo as noites, sabe a que me refiro lorde Fitzpatrick.

Emma não pôde ver a expressão de Lucien, que nesse momento se levantava detrás da escrivaninha para aproximar-se de lady Mansfield.

— Um livro pode ajudá-la a conciliar o sono. Não há nada melhor do que ler quando estamos insones. É esse o motivo pelo qual desceu, não?

— Sim, claro. Embora agora que estou aqui e descubro não ser a única a não conseguir dormir, acho que talvez possamos fazer algo a esse respeito.

Emma pôde ver como a mulher se aproximava de Lucien, diminuindo a distância que havia entre os dois e apoiando uma mão sobre o peito dele. Viu como ficava nas pontas dos pés para roçar seus lábios com os dele. Quando já levantava os braços para lhe rodear o pescoço, Lucien afastou-a sem muita força, mas com determinação.

— É muito amável, mas sinto dizer que declino da sua oferta. Estou acostumado a escolher as minhas companheiras de cama. O que você deseja não é uma noite, mas um novo marido, e eu não gosto de ser manipulado.

— Hora. — Disse-lhe lady Mansfield, enquanto se soltava dele. — Estou certa de que não teria desprezado meu convite se não estivesse pensando nessa sua professorinha ruiva.

Lucien se apoiou na mesa enquanto cruzava os braços à altura do peito.

— Sugiro que não siga por esse caminho. Tenho muito pouca paciência e menos ainda quando alguém tenta adivinhar meus pensamentos.

— Acredita que não vi como a olha? É revoltante que prefira a uma simples empregada a mim.

Lucien se aproximou, até ficar a escassos centímetros da mulher.

— Emma Greyson é uma dama em toda concepção da palavra. Não posso dizer o mesmo de você. E agora saia desta sala.

A expressão de Lucien fez lady Mansfield sair depressa da biblioteca. Emma se escondeu no vão da escada no momento em que ela saía. Quando sentiu que podia voltar para seu quarto sem medo de ser descoberta, subiu devagar as escadas. Ao fechar a porta de seu dormitório viu pelo espelho que tinha um sorriso nos lábios. Possivelmente esse homem jamais a amasse, mas agora sabia com certeza que a considerava importante.

Capítulo 19

Na manha seguinte, Emma levantou mais cedo que de costume. Quando descia para tomar o café da manhã viu que lady Haston e sua filha estavam na porta com as malas feitas, dispostas a sair nesse momento. O Marquês de Stamford e Amélia estavam despedindo-se delas. O'Connell se apressava em levar as coisas de ambas ao coche que esperava frente à casa. O velho criado sofria de artrite e sempre lhe custava realizar alguns exercícios, mas nessa manhã tinha uma agilidade excepcional.

Como tinham organizado sua partida em segredo e com tanta celeridade, Emma suspeitava o motivo. Sem dúvida, a cena que tinha presenciado a noite anterior foi a causa de uma partida tão rápida. Quando lady Mansfield ia cruzar a porta para sair, olhou para as escadas e a viu. Seu olhar se converteu em puro gelo, a tal ponto que Emma poderia imaginar sem esforço como era a vida dos pinguins.

A vida voltava à normalidade e todos estiveram extremamente ocupados. Lucien tinha partido cedo para sua propriedade, da qual não esperava chegar tarde. Amélia saíra com Sarah para fazer compras no povoado. Ela tinha as aulas das crianças e Christopher, que estava plenamente recuperado, iria falar com vários de seus arrendatários depois de dar uma olhada na contabilidade. Assim chegou a tarde e, todos imersos em suas obrigações, não perceberam o tempo passar.

Esse dia Emma havia se divertido com as crianças. Principalmente quando Anthony começou a imitar lady Haston e, embora soubesse que deveria repreendê-lo por esta demonstração de falta de respeito, não o fez, pois as travessuras do menino tornaram impossível manter a seriedade.

Só a tarde decidiu ter um momento de solidão. Saiu ao jardim e pôs-se a andar sem rumo fixo. Sentia saudades dos longos passeios

pelas ruas de Veneza, pelo burburinho da Praça de São de Marcos e as lojas que davam cor à Ponte do Rialto. Entretanto, a vasta extensão de bosque e o belo manto verde que seus olhos não podiam abranger eram uma verdadeira delícia para seus sentidos. Tornara esses passeios uma necessidade, esperando por esse momento como um verdadeiro presente.

Essa tarde algo a tinha impulsionado a sair da casa. Seus pensamentos voltavam uma e outra vez a mesma questão, sobre a mesma pessoa. E todas às vezes chegava à mesma conclusão: estava perdidamente apaixonada por Lucien. Ele apropriou-se de cada um de seus atos, pensava e reagia em função disso. Se presenciava um belo entardecer, pensava em como seria maravilhoso compartilhá-lo com ele. Se dava aulas aos meninos, via-o no sorriso de Anthony, no sobrecenho franzido de Margareth ou no olhar inquieto de Lizzy. Quando se deitava, sonhava com ele e quando se levantava seu primeiro pensamento era dele. Tentava ser realista, prática; queria dominar esse sentimento que a fazia sentir um aperto no estômago, que deslocava para seu coração que, como um tambor, batia mais forte. Reconhecia que a cada beijo havia visto foguetes. Ainda bem que ele não parecia ter consciência de como a afetava. Sentiu um calafrio só de pensar nisso. Se tivesse a menor ideia... Deus como esquecê-lo? Não podia mentir a si mesma.

Precisava pensar em seu plano. Já tinha decidido o que fazer com respeito a sua fuga. Lucien partiria em alguns dias, antes do resto da família, que se reuniria com ele na cidade. Ela partiria depois de Lucien. Pensara voltar a Londres, mas não podia ir com eles. Antes devia ter certeza se seu pai continuava procurando-a, se sua vigilância não estava tão férrea e se existia a possibilidade de embarcar em um navio para Veneza.

Concentrada em seus assuntos não se deu conta de que a tarde estava bem avançada e que se afastou bastante da casa até que quase

caiu no chão ao colocar acidentalmente o pé em um terreno baixo no caminho. Fez uma careta de desgosto diante de sua distração. Sua tia sempre a tinha repreendido por isso. Sorriu ao recordar suas palavras: "Se continuar assim, um dia vai cair em um canal", e devia reconhecer que tinha razão. Não se ferira, mas podia ter quebrado o tornozelo.

Apressou o passo. Não queria voltar muito tarde. Amélia e Sarah já poderiam ter retornado do povoado, logo começariam a preocupar-se. Eram extremamente protetoras. Soltou uma gargalhada diante desse pensamento, porque Christopher e Lucien não ficavam atrás. A sobrancelha elevada e o sobrecenho franzido era uma técnica polida pelos irmãos.

Era muito terno ver a preocupação por seu bem-estar nos olhos desses dois homens tão duros e fortes. Começou a sentir que seu tornozelo a incomodava. A dor que sentiu no primeiro momento parecia amena, só para disfarçar sua verdadeira face. Agora a dor pulsava com força e fazia que seu passo fosse errático e doloroso. “Que mais podia acontecer?” Logo que terminou de pensar essas palavras escutou um som a suas costas. Ao olhar para trás viu um cavaleiro ao longe que parecia vagamente familiar.

— Não pode ser. — Disse entre dentes.

Mas sim, o dia não havia terminado e ainda faltava à última brincadeira, era Lucien. Quem, senão? Se alguém tinha que vê-la assim, tinha que ser precisamente ele.

Lucien a viu quando tentava afastar-se do caminho. Que demônios fazia Emma ali? Parecia estar mancando, embora dessa distância não pudesse estar seguro. Urgiu Bucéfalus a ir mais depressa. Ultimamente se pegava muitas vezes pensando nela, um costume que estava se convertendo em algo perigoso.

— O que faz por aqui sozinha? – Perguntou, enquanto desmontava para aproximar-se dela. Sua voz tinha um tom duro e

reprovador.

Emma tentou se manter o mais erguida possível, apesar da pontada de dor que atravessou seu pé.

— Saí para dar um passeio, de qualquer forma não tenho que te dar explicações. Tenho a tarde livre e o que faço não é da sua conta.

Emma sabia que tinha sido muito dura, mas não suportava que a repreendesse como se fosse uma menina. O tom com que havia perguntado era de reprovação. Lucien levantou uma sobrancelha diante da resposta. Arrependida, Emma pensou que deveria ter mordido a língua.

— Sinto ter respondido dessa maneira, mas me olhava como se tivesse cometido um crime e, quanto ao tom que usou, parecia estar repreendendo uma menina. Eu não sou um de seus sobrinhos.

— Isso salta aos olhos. Eles são mais sensatos que você.

Emma fez uma careta com a boca antes de tentar partir.

A exclamação de dor que soltou quando tentou andar não fez de sua retirada uma das mais elegantes.

Lucien a segurou pela cintura antes que a perna cedesse e caísse ao chão.

— O que aconteceu? — Perguntou consternado.

— Torci o tornozelo.

— O que esteve fazendo? Deixe-me ver.

Emma exclamou um: "Não posso acreditar, é um cretino!", que Lucien escutou claramente. Apesar disso sorriu. Essa mulher o zangava e o divertia em partes iguais. Nesse instante estava linda.

— Antes morta que deixá-lo ver minha perna.

— Ou as mostra ou a coloco sobre meus joelhos e levanto a saia. Então pode ser que faça algo mais que ver sua perna.

— Não se atreveria.

O brilho que cruzou os olhos de Lucien a convenceu.

— Já me sinto melhor. Quase não dói.

— Não sabe mentir bem.

Lucien a olhava de um modo que intimidaria ao guerreiro mais experiente. Emma elevou o queixo tentando manter a compostura.

— Oh, está bem.

Lucien levantou a barra do vestido. Tomou o pé com delicadeza e o examinou. Emma soltou um suspiro pelo contato de seus dedos. Apesar da dor só podia ser consciente de suas mãos.

— Não parece quebrado, mas já está inchando. Não pode caminhar até que o inchaço diminua.

E antes que ela tivesse tempo de responder, levantou-a em seus braços e a montou sobre Bucéfalos, acomodando-a diante dele. Tomou as rédeas com uma mão enquanto lhe rodeava a cintura com a outra a aproximando mais, até que suas costas descansassem sobre o peito dele.

— Assim está melhor. E agora relaxe, pois está mais rígida que um pedaço de pau.

— Muito, mas muito engraçado mesmo. — Ironizou enquanto tentava, sem êxito, inclinar para frente para não se apoiar nele.

— Como se machucou? — Inquiriu com um toque de ternura.

Emma sentiu que sua pele estremecia quando sua respiração roçou-lhe o pescoço.

— Não vi o buraco no terreno e coloquei o pé nele. A princípio não doeu muito, mas depois era quase impossível dar um passo.

— Foi uma sorte que eu passasse por aqui. Como se distanciou tanto da casa? Não se deu conta de que logo seria noite? E ainda por cima sem poder andar! Imagine o problema em que estaria metida se não a tivesse visto? É perigoso.

"Adeus à ternura". Pensou. Lucien se enfurecera a medida que falava, terminando com uma maldição.

— Sinto muito, mas não acredito que seja para tanto. Ninguém pode prever quando vai se machucar, foi um acidente.

— Que ninguém pode prever? Por Deus, Emma! Desde que a conheço esteve flertando com o perigo. Era questão de tempo para que uma de suas ideias malucas provocasse uma confusão.

— Sou uma professora, milorde. E professoras não têm ideias malucas.

Emma sentiu que Lucien aproximava a boca de seu ouvido.

— Oxalá eu tivesse tido uma preceptora como você. Não pode me enganar. Quer se fazer passar por uma mulher sensata e responsável, mas nada está mais longe da verdade. Digo que fracassou totalmente, porque é incapaz de ocultar sua rebeldia e sua natureza apaixonada.

Emma sentiu todo seu corpo arder. Deveria mudar de assunto. Ele acreditava conhecê-la muito bem e isso a assustava, porque em seu interior sabia que podia ter razão.

— Teve um bom dia?

Lucien soltou uma gargalhada.

— De acordo, se é assim que quer... Sim, tive um dia excepcional.

— Não vai me contar nada mais, certo?

— Minha vida não é muito interessante, entretanto, fascina-me tudo o que tenha a ver com você.

— Agora quem é o mentiroso? Não pode me convencer de que sua vida é rotineira, insossa. De verdade, lorde Fitzpatrick, está querendo insultar minha inteligência.

— Jamais. Se há algo que mais respeite em você é sua inteligência.

— Ah... Certo. — Resmungou.

— Sabe? Acho que está zangada comigo e não tem nenhum motivo para isso. Lady Mansfield não significa nada para mim.

— Está insinuando que eu estou zangada com você porque estou com ciúme? É o cúmulo! Como pode ser tão presunçoso?

Lucien soltou outra gargalhada. Sua risada fez a irritação de Emma desaparecer. Era fascinante escutá-lo rir.

— Adora me provocar, não?

— Dá para se notar?

— Sim, salta à vista o quanto aprecia isso.

Lucien sorriu, enquanto a apertava mais contra seu peito. Seus lábios roçavam a nuca dela, enquanto seus sentidos se afogavam no aroma de flores frescas que desprendia do seu cabelo. Tudo nela o fazia reagir fisicamente. Desde quando permitia que uma mulher ocupasse todos seus pensamentos?

— Dentro de poucos dias poderá livrar-se de mim.

— Quando vai? — Indagou ansiosa.

— Poderia dissimular um pouco. Isso não é nada alentador para o ego de um homem.

— Não me importa o que pensa ou faz. É indiferente para mim.

— Realmente estou comovido.

— Não interprete mal minhas palavras. Eu não disse que estava desejando perdê-lo de vista.

— Isso espero, porque dentro de uma semana voltaremos a nos ver em Londres.

Emma ficou tensa como uma corda.

— Há algo que a preocupa? Não pude deixar de notar que sempre que menciono Londres você salta como uma mola.

— Não sei de que fala. Estou confortável aqui. Nunca gostei de cidades. Isso é tudo.

— Tem algo a ver com o que me contou de seu emprego anterior?

— Não.

Lucien não estava tão certo disso. Sabia que Emma temia essa viagem e que isso nada tinha a ver com suas preferências. Sabia que não era uma mulher de se assustar com facilidade, havia algo em Londres que a perturbava. Não podia deixar de pensar que esse medo era produto da experiência sofrida em seu antigo emprego. Se descobrisse que tinha razão, esse maldito ia pagar caro. Na noite em que lhe contou a historia, propusera-se a descobrir o nome do canalha. Agora só faltava saber em que medida o faria pagar o dano que fizera a Emma.

— Você tem vontade de ir a Londres?

— Não vou por prazer, Emma.

— Quem diria!

— O que quer insinuar?

— Todos sabem que é muito requerido nas festas durante a temporada.

— E por isso devo gostar desse ambiente? Você pode não acreditar, mas gosto mais do campo. Apesar da imagem que tem feito de mim, sou um homem de gosto singelo. Mas nem sempre se pode ter o que se quer.

— Mas você pode. Tem uma propriedade, uma posição...

— Isso há pouco tempo. Antes era o segundo filho de um Marquês que devia procurar uma forma de ganhar a vida. Estive muitos anos fora, longe de minha família. Não estava aqui quando meu pai morreu, nem quando meu irmão se casou ou nasceu Margareth. Minha vida não é tão frívola como pensa.

— Sinto muito, não insinuei isso. Bom, sim insinuava, mas não pensava realmente. Sei que é um homem de honra e, embora tente dissimular, tem um coração nobre.

Lucien pensou que Emma reagiu como se tivessem tirado um molar. Havia sido franca ao lhe dizer que não o considerava um

imprestável. O efeito que produziram suas palavras nele foi inesperado. Não sabia por que era tão importante que Emma não pensasse o pior dele. Isso nunca tinha acontecido antes. Mas alimentara essa impressão durante longos anos. Isso lhe servira para alcançar tudo o que obtivera. Tanto Richard como ele, tinham lidado com assuntos e pessoas com a quais era melhor não se cruzar. Que o temessem, era essencial para seguir adiante. Não sobreviveriam nem uma semana se não tivessem sido duros e imensamente desconfiados. Por isso não podia acreditar que todas essas defesas que constituíam uma segunda pele para ele estivessem caindo como dominó, rapidamente, sem sequer lhe dar tempo para reagir. O que tinha essa mulher? Desejava-a mais do que podia suportar. Tomava banho com água fria duas vezes ao dia. A esse passo se não morresse por desejo insatisfeito, acabaria morrendo de pneumonia.

Lucien estreitou mais a mão de Emma. Ela a tinha posto sem dar-se conta sobre a dele, e entrelaçou seus dedos. Que doce era! Tinha que reconhecer que ela, às vezes, tinha um gênio de mil demônios e não tinha medo de enfrentá-lo de igual para igual, coisa que o assombrava e fascinava. Entretanto, debaixo de toda essa força que emanava de seu interior, vislumbrava uma mulher terna e apaixonada capaz de fazê-lo perder ainda mais a cabeça.

— Não estava com ciúme. — Ouviu-a dizer em um murmúrio, mais para si mesma do que para ele.

Lucien sorriu enquanto roçava os suaves cabelos dela com os lábios.

— Eu sim, estou com ciúme.

Emma girou tão rápida a cabeça para olhá-lo que o golpeou no queixo e Lucien soltou um gemido de protesto.

— De quem?

Emma não continha a ansiedade de conhecer a resposta. A

afirmação de Lucien a deixara surpresa.

— De todos os homens que serão apresentados a você. De todos aqueles que desfrutarão de sua companhia e de seu tempo. Estou ciumento por lançar seus olhares, pelo gesto de seus lábios quando se zanga, enfim, de não ser o destinatário de sua paixão, que está presente em cada centímetro de seu corpo e de sua afiada língua, sabendo que outros a apreciarão em minha ausência.

Lucien lhe tocou o lábio inferior com o polegar, lentamente. Tinha os olhos fixos em sua boca. Emma pôs fim a seu sofrimento e se aproximou dele para beijá-lo. A mão de Lucien se enredou em seu flamejante cabelo, bebendo lentamente dela. Sua boca era doce e deliciosa e o estava enlouquecendo. Decidiu tomar a iniciativa antes que Emma, com sua inocente entrega, fizesse-o perder o controle. Beijou-a lenta e inexoravelmente como se o tempo não tivesse importância. Emma se apertou mais a ele lhe rodeando o pescoço com os braços. Um gemido rouco de satisfação surgiu da garganta de Lucien enquanto a estreitava entre seus braços como se jamais a deixasse partir. Introduziu a língua em sua boca saqueando-a sem trégua, sem piedade. E ela não ficou atrás. Foi ao seu encontro como se esperasse esse momento durante toda sua vida. As mãos de Lucien se moveram por seu corpo enquanto excitavam cada uma de suas terminações nervosas. O mundo exterior tinha desaparecido por completo, só restara Lucien, seus lábios, suas mãos, seu aroma, seu sabor. Ele era seu nesse momento e isso era mais do que se atrevia a sonhar.

Lucien sabia que em instantes seria impossível deter-se. Sua vontade se fazia em pedacinhos como sempre, se Emma estivesse por perto. Jamais havia sentido um desejo tão absoluto, uma necessidade tão extrema nem um desejo tão profundo. Separou-se dela e comprovou com assombro que suas mãos tremiam levemente. A face de Emma estava ruborizada e os lábios inchados pelos beijos que acabavam de

compartilhar. Seus olhos brilhavam e seus cabelos se soltaram.

— Sinto muito, mas não pude evitar. — Disse Emma ruborizando ainda mais.

Lucien lhe levantou o queixo para que o olhasse diretamente nos olhos.

— Jamais lamente ser você mesma. É uma mulher apaixonada. Não tema demonstrar sua sensualidade comigo. Desejei beijá-la a cada minuto destas últimas semanas. Salvou-me.

— Salvei? — Perguntou tragando saliva com certa dificuldade.

— Sim, de enlouquecer de desejo.

Lucien voltou a beijá-la. Desta vez o beijo foi duro e carnal. Explorou sua boca com fome feroz, devorando seus lábios, enquanto as línguas dançavam a um ritmo selvagem e primitivo. A respiração dela acelerou ao ouvi-lo emitir gemidos de prazer. Rodeou a cintura de Lucien com os braços, desejosa do tê-lo junto a seu corpo. Lucien soltou um gemido rouco enquanto sua mão percorria os seios dela e sentia como o mamilo endurecia sob seus dedos. Emma se arqueou contra ele sem sentir nada mais que um prazer insuportável, a mais absoluta felicidade.

— Emma, se não nos detivermos agora a farei minha aqui mesmo.

— Em cima do cavalo? – Perguntou, abrindo desmesuradamente os olhos.

Lucien soltou uma gargalhada, enquanto a apertava mais forte contra si.

— Lucien... Não tem graça.

Lucien sufocou a risada ao escutar seu nome em seus lábios. Disse com tanta naturalidade, com tanta doçura que tinha despertado nele uma ternura que pensava não possuir.

— Querida, podemos fazer amor agora e aqui mesmo.

Emma sorriu sem saber por que. Nos braços desse homem sentia-se mais segura e protegida que nunca. Desejava ficar ali para sempre. Era um sentimento maravilhoso e aterrador. Afligia-a como seu corpo reagia diante dele, mas perdê-lo a assustava mais. Nesse momento só queria permanecer entre seus braços.

A casa já poderia ser vista ao longe quando Lucien deteve Bucéfalos agitando brandamente as rédeas.

— Estamos perto.

Emma levantou a cabeça para olhá-lo, desfazendo de seu abraço.

— Não posso ser um cavalheiro, Emma. Não nisto. Neguei meu desejo desde que me pediu para me afastar de você, mas não posso continuar. Você deseja o mesmo. Posso ver em seus olhos. Seu olhar não pode me ocultar isso.

Lucien lhe roçou a bochecha com a mão.

— É verdade que desejo estar contigo, embora só Deus saiba o porquê. — Afirmou Emma em um sussurro e Lucien sorriu, enquanto levantava a sobrancelha esquerda em sinal de interrogação.

— Está bem. Não temos que discutir isso agora. Estão preocupados com você.

— Não era minha intenção preocupá-los.

— Sei, mas é impossível que não pensem em você, minha temerária preceptora.

Beijou-a com ternura e prosseguiram o caminho pensando nas consequências de seus próprios sentimentos.

Essa noite Emma não desceu para jantar. Como disse Lucien,

Sarah e Amélia tinham posto o céu abaixo quando notaram que ela não tinha retornado. Mas ao vê-la entrar nos braços de Lucien, expressaram sua profunda preocupação tratando-a como se fosse uma menina levada para depois mimá-la até não poder mais. Emma rira interiormente da expressão em seus rostos ao vê-la chegar daquele jeito e Christopher não ficou atrás. Quando entravam, já descia as escadas decidido a procurá-la, depois de que os demais criados o informaram que não a viram pelos arredores. Com o cenho franzido, exclamou:

— Se voltar a fazer algo parecido, mato-a. — compreendeu que também lhe tinha dado um bom susto.

Emma tentou tranquilizar a todos explicando o que ocorrera e que, acidentalmente, torceu um tornozelo. Isso não adiantou muito. Levaram-na ao dormitório, chamaram o médico, apoiaram seu pé sobre uma almofada e a fizeram beber uma xícara de chá para acalmar seus supostos nervos. Emma não quis desiludi-los dizendo que se sentia bem, para não contrariá-los se deixou cuidar sob o atento olhar de Lucien que, com divertimento, via a expressão que adotava ante a inundação de cuidados. Sentiu-se outra vez como quando tinha dez anos e sua tia a repreendia e cuidava dela depois de alguma de suas travessuras, e, na verdade, estava emocionada. Sabia que todo esse escândalo se devia ao carinho que dedicavam a ela.

Quando o médico lhes comunicou que não tinha nada grave, todos começaram a falar de uma vez. Lucien e ela se olharam rindo sem poder evitar. Amélia, Sarah, Christopher, o médico e Lucien permaneciam no quarto. Aquilo parecia mais uma conferência que o dormitório de uma mulher. O médico disse que só necessitava um pouco de descanso e que no dia seguinte estaria como nova.

Depois disso, não a deixaram fazer nada. Levaram o jantar ao quarto, as crianças estiveram com ela um bom tempo contando como todos se preocuparam menos eles, porque sabiam que Emma podia

cuidar-se sozinha. Que não se parecia com nada às demais professoras e que estavam contentes por ser deles. Emma se derreteu ao escutar essas palavras, tanto que sentiu umedecer os olhos. Estava muito comovida, ela nunca chorava. Quando chegou Sarah para levar as crianças à cama. A pequena adormecera com a cabeça em seu colo. Mais tarde, Sarah voltou e ficaram conversando até que a viu bocejar e a deixou descansar. Pensava que tudo estava bem até que Amélia lhe disse que descansasse o pé, porque no dia seguinte estavam todos convidados à festa da senhora Trent.

Capítulo 20

No dia seguinte Emma levantou-se com dor de cabeça. Seu pé parecia estar normal, embora ainda incomodasse um pouco. Apesar do que havia dito a Amélia na noite anterior, não podia ficar quieta durante todo o dia na cama. Vestiu- se e desceu até a saleta do café da manhã, devagar para não forçar o tornozelo. Era mais tarde que de costume e parecia que todos já tinham tomado o café da manhã.

— Senhorita Greyson, não deveria estar deitada?

Emma se sobressaltou ao escutar a voz grave de O'Connell da soleira da porta.

— Assustou-me.

— Pois nos assustou muito mais ontem.

Emma se sentiu culpada ao pensar nisso.

— Onde estão todos?

— A senhorita Sarah levou as crianças para um passeio com o Marquês de Stamford e lady Bruce foi visitar a senhora Fairbank. O Conde de Ashford está no escritório. Todos acreditavam que você descansaria hoje como o médico indicou.

Emma observou o sobrecenho franzido do velho mordomo.

— Está me recriminando, O'Connell?

— Jamais ousaria fazer algo semelhante. Apenas estou fazendo uma observação que espero que a senhorita siga. Não queremos que sua saúde se decline.

— Você é um homem muito sábio, O'Connell. – Disse, enquanto esboçava um sorriso.

— Menos mal que alguém se dê conta...

Emma riu abertamente.

— Que deseja para o café da manhã? — Direi a Chloe que faça algo especial, já sabe, para recuperar as forças.

— Ficaria muito agradecida.

— Não tem por que, senhorita.

Emma se refestelou com bolo de framboesa e um delicioso chá, saiu da saleta com intenção de ir à biblioteca; apanharia um bom livro e descansaria o pé sem que o dia parecesse eterno. No momento em que se dirigia a entrada, a porta se abriu.

Emma não teve tempo de retirar-se antes que Lucien a visse.

— Posso saber o que faz fora da cama?

Aí estava o encanto da família em todo seu esplendor.

— Não podia ficar o dia todo de braços cruzados em meu quarto. — Disse desafiando-o com o olhar que a contradissesse.

Sem que pudesse piscar duas vezes, ele a tomou nos braços e a levou para dentro do escritório.

— O que está fazendo? Solte-me agora mesmo!

Assim que fechou a porta atrás de si, levou-a até uma das poltronas que havia em frente à mesa e a depositou com cuidado nela.

— Agora vai me escutar. — Ordenou olhando-a fixamente.

— Como se pudesse fazer outra coisa...

— Tem que descansar o pé se não quer que ele piore.

— Já não dói.

Lucien se sentou em frente a ela inclinando-se para poder estar mais perto.

— Já sei, mas é muito impulsiva.

— Eu, impulsiva?

— Sim, ou já não se lembra de quando me beijou?

Emma avermelhou até as pestanas.

— Não é nada cavalheiro me recordar isso.

— Eu nunca disse que era um cavalheiro. E eu adoro que me beije. Já te disse que não deve esconder sua sensualidade comigo.

Emma apertou suas costas contra o respaldo da poltrona.

Tendo-o tão perto sentia que sua lógica se desvanecia. Uma mecha castanha dourada de seu cabelo lhe caía sobre a fronte, e o impulso de pegá-la com os dedos e colocá-la em seu lugar era irresistível. Estava vestido com calças de montar de cor bege e a camisa branca aberta informalmente, deixava entrever a parte superior do peito. Emma sabia que os pensamentos provocados por vê-lo assim não eram muito decentes, mas não podia evitá-los.

— Entendo que se preocupem, mas não posso ficar o dia todo deitada. Terei um ataque. — Afirmou Emma enquanto recordava o cuidado de O'Connell.

— Então fique sentada, lendo um livro ou falando comigo.

— Acredito que estar contigo é muito mais perigoso que me pôr a correr por aí.

Lucien sorriu com expressão voraz.

— Não é minha culpa que cada vez que a tenho perto não consigo dominar o desejo de tocá-la.

Emma sentiu um calafrio percorrer as costas. A verdade é que essas palavras não a ajudavam a refrear seus pensamentos.

— O que estava fazendo? — Perguntou-lhe com fingida inocência.

— Um dia teremos que falar dessa sua tendência de trocar de assunto.

— Não estou trocando de assunto, estou tentando manter uma conversa decente.

— De acordo, se deseja enganar-se... Estou lendo os informes que meu administrador me deu ontem sobre meus negócios.

— Que tipo de negócios?

— Agora terei que acrescentar "curiosa" à lista de suas qualidades.

— E eu terei que acrescentar "mal educado".

— E eu que acreditava que estava ganhando pontos. — Gemeu com gesto teatral enquanto levava a mão ao peito como se lhe doesse de verdade.

— É um palhaço. — Disse Emma sem poder conter o sorriso.

Emma já pensava que não ia contar nada quando começou a falar.

— Sou o dono da metade de uma companhia naval, sócio em uma empresa têxtil e também em algumas minas na Escócia. Está satisfeita sua curiosidade?

— Completamente, e como pode ver não te aconteceu nada por me contar isso. Não caiu um raio, nem desfaleceu no chão.

Lucien tentou não sorrir, mas desde que conheceu Emma, cada vez mais era difícil irritar-se.

— Não sei por que me fascina tanto sua fachada de sabedoria. Pode ser porque me faz desejar beijar seus lábios e me embriagar com toda essa paixão com a que impregna cada uma de suas palavras.

Emma tragou saliva antes de falar.

— Você adora me deixar sem palavras, não?

— Eu adoraria mais se estivesse entre meus braços.

— Jamais pensei que fosse tímido. — Provocou ela. Lucien soltou uma gargalhada, que fez tremer os joelhos de Emma.

— *Touché*, embora se a pessoa faz um desafio como esse tem que estar disposta a pagar o preço.

— Eu jamais falto a minha palavra.

— Jamais pensaria o contrário. — Afirmou Lucien antes de aproximar-se dela e beijá-la.

— Oh, querida, você recorda-me a alguém, embora agora não saiba quem. — Disse a senhora Trent enquanto dava um pequeno passo a frente.

A senhora Trent era tudo o que lhe haviam dito e mais. Mulher de um barão, e viúva fazia uma década, mudou-se para o campo para descansar da ocupada vida na cidade. Só ia a Londres ver suas filhas, todas casadas e visitar suas antigas amizades. Daí que Emma ainda não a tivesse conhecido. A senhora Trent tinha retornado da cidade há alguns dias atrás. Essa mulher era um terremoto. Gesticulava com a mesma rapidez com que falava, porém em seu olhar havia uma suavidade que reconfortava e era apreciada por todos à sua volta.

— Não diga tolices, Gladys, a quem irás recordar. Esta moça é única. — Exclamou Amélia lhe piscando um dos olhos.

— Sim, é obvio isso e não discuto Amélia. Imagino que tem um montão de pretendentes.

— Na verdade não. — Falou Emma com um sorriso.

— Estes moços de hoje em dia são um pouco lentos, não Amélia?

— Sim, são todos uns burros.

Riram sem poder conter-se. Desde que chegaram Emma tinha que reconhecer que estava se divertindo. A festa era alegre, cheia de gente, tanto dos arredores como de Londres, a quem a senhora Trent tinha convidado a sua casa para passar o fim de semana.

— Bom, deixo-lhes por alguns momentos. Devo atender ao resto dos convidados. Amélia, por que não vem comigo e me ajuda?

Amélia a olhou com o sobrecenho franzido antes de soltar um suspiro de resignação.

— De acordo, mas não diga que todo o mérito foi teu.

As duas amigas foram discutindo, enquanto Sarah e ela as olhavam.

— Sua tia é uma mulher incrível.

— Sim, é. Às vezes me dá vontade de estrangulá-la, mas é maravilhosa.

Emma viu que Sarah franzia o cenho enquanto apertava seu leque com muita força.

— Não é por nada, Sarah, mas o leque é um adorno, não uma arma. Dá a sensação de que quer bater em alguém com ele.

Emma seguiu o olhar do Sarah até que descobriu a razão de seu aborrecimento. Christopher tinha vindo a uma festa, pela primeira vez desde sua enfermidade, e estava rodeado de duas damas. Ficava claro que estavam desdobrando todo seu encanto. Emma entendia perfeitamente a sua amiga.

— De acordo, eu me encarrego da morena e você da outra.

Sarah a olhou com estranheza antes de entender suas intenções.

— Por Deus, Emma, não é o caso. — Respondeu esboçando um sorriso — Creio que não tenha vontade de aceitar sua proposta.

— Deveria ser você a estar ali com ele.

— Diga-me como. Esta manhã saiu comigo e as crianças para um passeio e estivemos discutindo todo o tempo.

— Sobre o que?

— O mesmo assunto que discutimos nas últimas semanas. A minha apresentação em Londres. Ele acha que ainda sou uma menina.

— Sim, esse deve ser um traço comum entre os dois irmãos. Mas sabe uma coisa? Não vamos ficar de braços cruzados. Vamos.

Emma entrelaçou seu braço com o de Sarah e lentamente começou a mover-se através do salão até onde se encontrava Christopher.

— Emma, se esta for uma de suas ideias.

— Não se preocupe. Tudo sairá bem.

O Marquês as olhou um momento antes que elas chegassem. Emma pôde ver como seus olhos brilharam ao pousar em Sarah. Estava certa de que o Marquês sentia algo por ela. Só de ver como a olhava e como sua expressão se suavizava cada vez que sua amiga estava perto dele.

As duas mulheres que estavam ao seu lado as olharam com malévola tensão.

— Viemos reclamar a valsa que prometeu a Sarah senhor Marquês.

As duas mulheres abriram a boca, escandalizadas e Sarah a olhou surpresa. Ambas sabiam que não tinha prometido nada.

— É obvio. — Disse Christopher, enquanto olhava a Emma com curiosidade.

— Não sei como pude esquecer. Se me desculparem, senhoras.

Tomou Sarah pela mão e a conduziu até a pista de dança, onde as primeiras notas da valsa começavam a ouvir-se.

Emma se despediu com uma inclinação de cabeça das duas harpias, que levantaram o nariz lhe dando as costas antes de voltar seu olhar para contemplar o salão. Sarah estava muito bonita essa noite com seu vestido azul marinho, com um decote profundo, que a fez sorrir ao recordar, tinha provocado o cenho franzido de Christopher ao vê-la. O Marquês também estava muito atraente. Recuperado da enfermidade, ganhara um pouco de peso, o que tinha suavizado suas feições e o fazia parecer mais jovem. O brilho de seus olhos nessa noite fazia que as mulheres se sentissem atraídas por seu olhar. Entretanto, o homem mais atraente que Emma vira essa noite foi Lucien. Sua camisa branca atada com um singelo, mas elegante nó era o destaque sobre o traje

negro, que remarcava seu corpo atlético e extremamente masculino. O cabelo lançava brilhos dourados sob as luzes do salão e a fazia desejar introduzir os dedos entre eles.

— Muito hábil Emma.

Emma se sobressaltou quando escutou a voz de Lucien a seu lado. Sorte ele não saber no que tinha estado pensando.

— Não sei do que está falando.

— Sempre tem que discutir tudo quando sabe perfeitamente ao que me refiro?

— Porque assim é mais interessante e porque eu adoro ver como salta a veia do seu pescoço.

— É terrível. — Ironizou Lucien como se na verdade estivesse zangado.

— Milorde, isso é o pior que pode dizer a uma professora responsável e séria como eu.

Lucien soltou uma gargalhada enquanto a olhava encantado. Essa mulher era preciosa e essa noite estava linda. Com o vestido turquesa e seu cabelo recolhido com várias mechas caindo pelas costas podia levar qualquer homem à loucura. Tinha tido que controlar com o olhar vários homens essa noite para que entendessem que teriam problemas ao se aproximar dela.

— Quero que me prometa todas as danças até o final da noite.

— Sabe que isso é impossível. Mais de duas valsas e estaria desonrada. Sim, já sei que deseja me punir, mas se tentar darei o troco.

— Tem certeza de que é uma professora? Não trabalhou antes como estivador em algum porto?

— Oh, isso doeu. — Arreliou Emma pousando sua mão ao lado do coração, o que fez Lucien fixar-se em seu decote e sua respiração começar a acelerar.

— Lança-me minhas próprias palavras. Isso é jogar sujo,

senhorita Greyson. Agora não terei mais alternativa senão cumprir minha ameaça.

— Isso nem em sonho, no entanto, hoje me sinto generosa, será sua a próxima valsa.

— Estou estupefato por tal honra. Poderia me deixar também beijar o chão que pisa?

— É uma questão para se pensar, lorde Fitzpatrick. — Arrematou Emma enquanto lhe oferecia o mais doce dos sorrisos.

— Dá-se conta de que está brincando com fogo, mocinha?

— Faço por que sei que não deixará que me queime.

Essas singelas palavras, cheias de sentimento, fizeram-no compreender que Emma estava brincando porque confiava nele. Com essa frase deixara claro que se sentia segura ao seu lado. Isso fez que um estranho calor se estendesse por seu peito.

— Se eu estivesse em seu lugar não estaria tão segura.

— Arriscar-me-ei. — Afirmou Emma olhando-o fixamente nos olhos.

— Sempre gostei de mulheres valentes e destemidas.

O tom de admiração que detectara em suas palavras fez Emma corar.

Ambos ficaram se olhando, mal ocultando o desejo, quando Amélia se reuniu a eles.

— Não dançam nenhum dos dois? Se eu fosse mais jovem teriam que me tirar da pista arrastada.

— Não nos fará acreditar que já está velha demais para dançar, senhora? — Perguntou Lucien enquanto a olhava sedutoramente.

— Bem, se quiser podemos descobrir.

— Será um prazer.

Lucien acompanhou Amélia até a pista de dança não sem antes lembrar a Emma que a valsa seguinte seria dele.

Sarah sentia que flutuava pela pista. Nos braços de Christopher parecia mais leve que nunca. Tinha a sensação de que seus pés não roçavam o chão e que a mão dele em suas costas a queimava a fogo lento. Não podia olhá-lo nos olhos, temia que pudesse ler neles, tentava deter o vertiginoso bater de seu coração, que pulsava acelerado.

— O que estão tramando?

Sarah levantou a cabeça ao escutar a pergunta.

— Não tramamos nada.

— Então para que inventaram aquela mentira?

Sarah tentou pensar depressa.

— Emma e eu pensamos que talvez você estivesse cansado de tanta conversa e como parecia não ter escapatória...

— Decidiram assim me resgatar?

— Sim. Fizemos mal?

— Não, absolutamente. Na verdade aquelas mulheres estavam tornando a conversa desagradável.

Sarah sorriu e Christopher sentiu que a sala se iluminava.

— Está lindíssima esta noite. — Disse-lhe, sentindo um estranho prazer ao ver como a face de Sarah ruborizou.

— Obrigada.

— Não sei como vou fazer para conter a fila de pretendentes que terá em Londres.

Sarah sentiu que o mundo se afundava a seus pés.

— Então é esse seu propósito? Vender-me ao melhor lance.

Sarah não pensou em suas palavras antes de pronunciá-las. Sentiu como Christopher ficava rígido diante delas e como lhe estreitava com mais força a mão em um ato protetor.

— Não posso acreditar que pense isso de mim, Sarah.

— Sinto muito, falei sem pensar, enfurece-me quando pensa que sabe o que mais me convém.

— É que sei o que mais lhe convém.

— Como? Acaso me perguntou?

— Sim, e não me deste nenhuma boa razão para cancelar nossa viagem a Londres.

— Já disse que não quero ir, e isso devia ter sido suficiente.

— Não quando essa negativa está apoiada em uma ideia absurda de se esconder do mundo para o resto de sua vida.

Sarah o olhou furiosa.

— Não me conhece.

— Pois eu a conheço o suficiente. Importa-me, Sarah e muito, não quero vê-la desperdiçar as oportunidades que lhe oferece a vida.

— E o que me diz de você?

— Não estamos falando de mim, mas se quer saber, eu já tive minha oportunidade. Conheci a mulher de minha vida e a perdi. Meu caso é diferente.

— Não, seu caso é igual. Você diz que eu me escondo da vida em sua casa e eu te digo que você se esconde atrás de um fantasma.

Christopher a olhou com fúria pouco contida. Dançaram o restante da valsa em silêncio. Sarah sabia que suas palavras a tinham sentenciado, pois ele jamais a perdoaria.

— Sarah, o que aconteceu?

Emma tentou fazer Sarah dizer algo entre os soluços que escapavam de sua garganta. Depois que Christopher a deixou junto dela, Sarah sussurrou uma desculpa e desapareceu pelas portas que davam ao jardim. Emma a seguiu e a encontrou aos prantos.

— Por favor, diga-me o que aconteceu, esta me assustando. Aconteceu algo com Christopher?

Ao mencionar seu nome, Sarah soltou um soluço mais forte. Já

sabia de onde provinha o problema.

— Está bem, fique tranquila e me conte o que ocorreu.

— Joguei e perdi! Tinha que ter visto como me olhou. A um inseto contemplaria com mais afeição.

— Não pode ter sido tão terrível, Sarah.

— Disse a ele que se escondia atrás de um fantasma para não viver a vida.

Emma soltou um assobio pouco feminino que fez Sarah voltar a chorar.

— Menina, quando você se decide a falar o faz muito bem.

— Oh, Emma, não está me ajudando.

— Entendo que se sinta mal, mas não é para tanto. Só disse uma verdade que todos sabem, mas que ninguém se atrevia a dizer. Talvez não tenha escolhido o momento oportuno ou as palavras apropriadas, mas a mensagem é correta. Se ele for um homem inteligente, cedo ou tarde compreenderá que tinha razão e que se o disse foi por se importar com ele.

— Ele jamais me perdoará. Você não viu com que frieza me olhou. Era como se estivesse diante de uma estranha.

— O que não entendo é como a conversa chegou a esse extremo. A última vez que os vi estavam dançando.

— Estivemos conversando enquanto dançávamos. Veio com o assunto de minha apresentação em Londres, eu me zanguei. Ele falou que me escondia em sua casa e eu retruquei que ele se escondia atrás de um fantasma, e então me olhou como... Como..., OH, Emma, não vai me perdoar nunca.

— Não se preocupe. Isso foi à surpresa pelo que lhe disse. Conhecendo-a, não acredito que pensasse que fosse externar esta verdade.

— Por que não?

— Porque é uma mulher muito...

— Previsível?

— Não. — Disse Emma com um sorriso. — Ia dizer é que é uma mulher muito doce, que prefere morder a língua antes de desagradar a alguém.

— Então sou idiota.

— Não, Sarah, é uma mulher maravilhosa.

— Diz-me isso por que estou chorando.

— Digo isso porque é a verdade, porque é minha amiga. E... Sim, também porque está chorando.

Sarah não pôde conter um sorriso.

— Obrigada.

— De nada. E agora vamos entrar; senão, dentro de uns minutos teremos à cavalaria nos buscando.

— Está bem.

Quando cruzaram a porta que dava ao salão, tentaram passar despercebidas até que Sarah se tranquilizasse. Mas a sorte não estava do seu lado.

— Oh, querida, está muito pálida, tudo bem?

"É pedir muito que ninguém faça perguntas?", pensou Emma. A senhora Fairbank as parou. Não a vira em toda a noite e justo no pior momento fazia seu ato de presença. Amélia e a senhora Trent vinham atrás dela. Emma pensou que só faltara vender entradas.

— Está passando mal, Sarah? — Perguntou Amélia com o cenho franzido quando chegou junto a elas.

Emma olhou Sarah, que ficava cada vez mais pálida. Se não dissessem algo logo, as três damas começariam a suspeitar de alguma coisa.

— Sarah está um pouco indisposta e me pediu que saísse com ela ao jardim.

— O que sente? Dói algo? — Perguntou Amélia preocupada.

— Não se preocupe tia, é só um pequeno enjoo. Talvez se pudesse descansar um pouco...

— É claro, querida. — Disse a senhora Trent. — Como não pensei nisso antes? Venha, levá-la-ei a um dos quartos para que possa se deitar.

Amélia e ela a acompanharam sendo seguidas pela senhora Fairbank, que parecia não querer perder nada. Quando já estavam perto da porta, Sarah soltou um gritinho.

— O que foi? — Disseram todas de uma vez, menos a senhora Fairbank, que deu um pulo como se tivesse visto um camundongo.

— Meu Deus, agora também terei que me deitar um momento. — Disse a pobre mulher enquanto tentava recuperar o equilíbrio.

— Me... Meu leque, não está comigo, e é o que Meredith me deu de presente, meu Deus, não posso perdê-lo.

Emma viu que Sarah parecia a ponto de chorar de novo.

— Não se preocupe, eu o buscarei, lembra-se da última vez que o viu?

— Sim, quando saí ao terraço o levava.

— Então não será difícil encontrá-lo. Já volto.

Emma desceu as escadas pensando que oxalá tivesse razão.

Procurou por alguns minutos quando, por fim, viu o leque em um canto do terraço. Sentiu um alívio imenso ao saber que Sarah não o tinha perdido.

— Hora, hora, mas é um prazer voltar a vê-la.

Emma sentiu que arrepiavam os cabelos da nuca. Esse homem parecia não ter entendido seu ponto de vista.

— A última vez que nos vimos lhe prometi que continuaríamos nossa conversa, e eu nunca decepciono a uma mulher.

Eric Fairbank saiu das sombras sigilosamente. Emma não sabia

que estava na festa. Tinha uma expressão zombeteira que contrastava com seu olhar de predador.

— Eu creio que as coisas ficaram bem claras, senhor. — Avisou Emma tentando fazer com que suas palavras fossem o mais cortante possível.

— Pois temo que não, querida. Uma ousadia como a sua não pode cair no esquecimento. Não pense que ignoraria nossa despedida. Uma criadinha qualquer que não sabe fechar as pernas e ataca um cavalheiro? Isso não pode ficar impune.

— Está bêbado ou demente e pensando bem nenhuma das duas opções é de meu interesse. E agora se me perdoar devo entrar. — Disse furiosa.

Emma tentou agir com rapidez, mas Eric estava preparado. Apanhou-a antes que ela pudesse dar um passo ou que alcançasse sua adaga. Apertou-a entre seus braços para que não pudesse virar e lhe dar um chute.

— Solte-me, bastardo.

— Vejo que já começa a utilizar o vocabulário de rameira.

Emma jogou a cabeça para trás dando-lhe uma cabeçada. Fairbank soltou um uivo de dor ao receber o forte golpe no nariz, que começou a sangrar imediatamente.

— Vai me pagar caro por isso.

Arrastou-a para o jardim, onde a luz era mais tênue e o barulho da festa, mais longínquo. Emma sabia que se a levasse até ali suas possibilidades de escapar seriam ínfimas. Abriu a boca para gritar quando a mão dele tampou-a, asfixiando-a. Emma mordeu e ele a soltou, embora rasgasse o ombro do vestido.

— Pequena estúpida. — Gritou Eric enquanto lhe dava um bofetão que a jogou no chão, deixando-a aturdida.

— Isto não tem que ser assim. Só quero o que aos outros dá com

tanta facilidade. Eu poderia até lhe agradar.

Emma o olhou com fúria.

— Se me tocar o mato.

Fairbank soltou uma gargalhada.

— Quando acabar com você, só desejará que te dê mais. — Fairbank caiu sobre ela enquanto Emma se debatia com toda sua força. Doía o queixo e começava a sentir-se tonta. Quando pensava que não poderia escapar, um grito de fúria rasgou a noite.

Em um instante, Emma se sentiu livre das mãos de Fairbank. Lucien o puxou pelas costas e o jogou no chão. Antes que Fairbank tivesse tempo de pestanejar, Lucien se lançou sobre ele lhe dando um murro atrás de outro, castigando-o sem piedade. Fairbank começou a suplicar que parasse, mas Lucien parecia não ouvi-lo.

— Por favor, pare. — Pediu Emma.

Sua doce voz chamando o fez voltar à realidade. Fairbank estava chorando. Lucien o soltou antes que a fúria que corria por suas veias o fizesse perder a razão. Estava procurando Emma no salão quando não a encontrou saiu para os jardins, um gemido o pôs em alerta. Assim que presenciou a cena seu coração quase parou. Quando a viu caída, lutando com um homem que tentava abusar dela, quis matar o maldito.

Deixou Fairbank inconsciente no chão e aproximou-se dela para certificar que estava bem. Tremeu ligeiramente a mão quando afastou várias mechas de cabelo soltas. Sem poder conter-se nem um minuto mais abriu os braços, o que fez Emma se lançar a eles sem pensar. Ele a embalou contra seu peito.

— Machucou-te?

— Não, chegou a tempo.

Lucien sentiu que um nó o golpeava no estômago. Só em pensar no que poderia acontecer se ele não tivesse saído para buscá-la fazia gelar o sangue. Sentiu como Emma começava a tiritar.

— Vamos, vou tirá-la daqui agora mesmo. – Disse, enquanto tirava sua jaqueta e a cobria com ela.

Tomando-a pela cintura a ajudou. Quando ficou frente a ele, fechou o casaco. Desse modo, impedia que sentisse frio e que vissem o estrago no vestido que deixava os seios quase descobertos. Ao olhá-la atentamente viu como um imenso hematoma ia se formando no queixo. Emma soube que algo ocorria quando as mãos de Lucien, tenras e protetoras, esticaram-se sobre seus braços como tenazes. Olhou nos seus olhos e o que viu neles lhe cortou a respiração. Seus olhos estavam frios como aço e neles havia raiva mal contida.

— Machucou-a. Esse desgraçado a machucou. — Disse enquanto dava a volta para ir atrás de Fairbank outra vez. Emma correu atrás dele.

— Lucien juro que estou bem. Se voltar a bater nele, vai matá-lo.

Lucien a afastou para seguir seu caminho. Emma o abraçou pelas costas detendo-o por um instante.

— Por favor, Lucien, estou bem. Deixe. Por favor.

Lucien se virou.

— Por favor, deixe-o.

A súplica que havia em seus olhos fez parte de sua raiva aplacar. Sabia que estava assustada, mesmo tentando dissimular. Vê-la assim despertou nele a necessidade de protegê-la, mimá-la e beijá-la até que esquecesse por completo o que acabava de ocorrer.

— Está bem. Vamos. – Disse, enquanto observava com nojo a Fairbank.

— Se souber que voltou a olhar ou a tocar um só fio de cabelo de alguma outra mulher sem seu consentimento, deixará de respirar. Fui claro?

Dito isto, Lucien rodeou a cintura de Emma com força, como se temesse que ela desaparecesse, e a conduziu pela parte lateral da casa

até onde estavam os coches.

— Não podemos sair assim. — Avisou quando viu que o cocheiro abria a porta.

— Não se preocupe. Entrarei um momento e falarei com Christopher. Ele terá que se arrumar com Amélia e Sarah.

— Maldição. — Reclamou Emma entre dentes. — Sempre saio dos bailes da mesma maneira. A este passo vou implantar uma nova moda.

Lucien teve que sorrir. Essa mulher o assombrava cada vez mais. Acabava de passar por uma experiência terrível e ali estava ela, serena, brincando a respeito da situação. Admirou-a como não admirara nunca a nenhuma mulher. Não queria deixá-la só nem sequer por um instante, assim escreveu uma nota a seu irmão e fez que a entregassem.



Emma se limitava a olhar pela janela do coche enquanto estavam a caminho de casa.

— Não está tão bem como quer me fazer acreditar. Comigo não precisa fingir.

Emma o olhou nos olhos tentando decidir o que fazer. Era verdade que não estava tão tranquila. Todo o corpo tremia e o medo que não havia sentido até então, agora corroia seu interior com absoluto despotismo.

Lucien decidiu por ela, levantou-a para que sentasse em seu colo, Emma se aconchegou contra seu peito enquanto lhe esfregava as costas com ternura.

— Foi Fairbank quem a atacou da outra vez, não?

Emma sabia que Lucien não estava tão despreocupado como

pretendia parecer. A tensão de seus músculos quando fez a pergunta indicava.

— Sim.

— Emma, por que não me disse?

— Porque naquela ocasião me defendi bem e acreditei que tinha deixado bem claro que não desejava que voltasse a aproximar-se de mim. Mas parece que me enganei.

— Sim. Prometa-me que se alguma vez algo semelhante ocorrer me dirá.

— Eu...

— Prometa Emma.

Não era uma sugestão, era uma ordem, que não deixava lugar a discussão.

— De acordo, prometo.

Emma sentiu que ia relaxando pouco a pouco. Os braços de Lucien eram como um bálsamo para seus sentidos. Sentia-se segura e mimada, e isso nesse momento era a única coisa que importava. Inspirou o perfume de sândalo de sua colônia e outro aroma próprio dele que era ainda mais sedutor e masculino.

Lucien lhe levantou o queixo com cuidado para não roçar a ferida.

— Deveria ter feito picadinho desse bastardo.

— Temo que tenha feito exatamente isso. Acredito que terá que tomar sopa durante um bom tempo.

Lucien não pôde conter um sorriso. Essa mulher era incrível.

— Por que sorri assim? — Perguntou Emma.

— Porque jamais conheci uma mulher tão formosa, valente, sábia e maravilhosa.

— Isso foi a coisa mais linda que alguém já me disse, embora que chamar-me de sábia tenha quebrado um pouco o efeito.

— Mas a sabedoria é o que mais gosto em você. – Arrematou, enquanto se aproximava lentamente para beijá-la.

Só foi um suave toque nos lábios, mas Emma sentiu seu corpo estremecer. Depois voltou a beijá-la, mas de maneira diferente. Beijou-a com ânsia, como se o beijo anterior só tivesse sido o começo de algo muito maior. Estreitava-a com força entre seus braços, sentindo o batimento acelerado do coração dela, que igual ao seu exigia que se rendessem ao inevitável. Desgraçadamente, esse não era o lugar mais adequado e ainda menos quando faltavam alguns minutos para que chegassem em casa.

— Estamos quase chegando. — Advertiu Lucien detestando a ideia de deixar de tocá-la.

Seus corpos moldavam-se perfeitamente, como se fossem duas partes complementares. Devolveu-a com delicadeza ao seu assento. Viu como ela tinha as faces rosadas e os lábios inchados por seus beijos, e pensou que era a mulher mais bela que conhecera. Todo seu corpo respondia a ela com uma intensidade desconhecida. Só em escutar seu nome algo despertava em seu interior e isso o desconcertava. Dizia a si mesmo que era desejo, mas o desejo era um velho amigo que nunca tinha jogado com essas cartas. Talvez a diferença fosse a presença constante de Emma, ou possivelmente por que essa mulher rompia todas as suas regras. Estava ardendo de desejo por uma preceptora que aparentava ser bastante inocente, que adorava discutir e subir em árvores para salvar gatos em perigo. Se isso não era uma loucura, poucas outras coisas seriam; entretanto, não podia renunciar a ela. Era muito egoísta para deixá-la partir.

Capítulo 21

Emma entrou na biblioteca depois de Lucien. Este indicou que se sentasse na poltrona que ficava em frente à lareira enquanto servia uma taça de conhaque.

Emma adorava esse lugar. Grandes prateleiras cheias de livros até o teto, a lareira, sobre a qual descansava um belo relógio dourado com um mecanismo que deixava ver o movimento de seu interior. O grande tapete Aubusson sobre o qual descansava seus pés e a poltrona com estampas de flores em malva e marrom. Cores que a faziam sentir-se cálida e confortável.

— Beba. — Ordenou Lucien aproximando a taça de suas mãos.

— Quer me embriagar? — Perguntou quando compreendeu que o conhaque não era para ele.

Os olhos de Lucien cintilaram e sua boca se curvou um pouco para cima no que parecia um intento para não sorrir.

— Só pretendo que relaxe um pouco e deixe de tremer, E... Bem, agora que mencionou pode ser que também tente te embriagar.

Emma riu abertamente.

— É um verdadeiro diabo, Lucien Fitzpatrick de Clare.

— Isso dizia meu pai.

Por segundos pareceu ver um brilho de dor em seus olhos.

— Como ele era?

Lucien sabia por quem perguntava. Fazia anos que não falava com ninguém de seu pai. Logo após a sua morte tinha resolvido suas diferenças com seu irmão. Então retornou para casa e nem sequer a Christopher contara tudo o que tinha acontecido entre eles. Isso pertencia ao passado e ali devia ficar.

— Era um homem com muito caráter. Bastante firme em suas convicções, às vezes chegava a ser inflexível.

Emma sabia que não devia perguntar mais. Sentira em seu tom de voz o desconforto de falar disto. Havia um pouco de ressentimento em suas palavras. Algo que, sem dúvida, carregava há muitos anos no peito. Jamais o tinha visto com essa expressão.

Lucien se aproximou mais dela. Seus joelhos quase se tocavam.

— Às vezes é melhor deixar as coisas como estão.

Emma o olhou nos olhos, entendia-o muito bem.

— Sim, mas isso não significa que devemos esquecê-las... – Afirmou, enquanto apoiava sua mão em cima da de Lucien.

— É muito intuitiva.

— Às vezes também me intrometo onde não me chamam.

Lucien sorriu.

— Disso já me dei conta.

Emma fez uma careta que provocou em Lucien uma gargalhada. Tinha deixado de tremer e um agradável calor se estendia por seu corpo até deixá-la relaxada e tranquila.

— Vai me manter aqui a noite toda até que lhe conte exatamente o ocorrido com Fairbank, não?

— Parece que sou previsível...

— Sua expressão de "não creia que irá escapar" não deixa margem a dúvidas.

Emma soltou um suspiro indicando que se rendia.

— Não há muito que contar. Queria que eu fosse mais amável com ele do que estava disposta a ser. Parece que tem problemas para aceitar uma negativa.

— No concerto foi a primeira vez que a incomodou?

— Sim.

Lucien a olhou sem dizer nada, isso a deixou nervosa.

— Agora, a verdade.

— O que o faz pensar que não falei?

— Seus olhos. É uma janela aberta para suas emoções.

Emma ficou com a boca aberta. Nunca gostara de mentir, mas reconhecia que, quando mentia, fazia-o muito bem. Entretanto, Lucien com somente um olhar, podia saber se era sincera. Isso era incrível e aterrador.

— Não quero que falemos mais do assunto. Estou bem.

— Responda a minha pergunta.

— Não foi a primeira vez. — Confessou Emma.

Lucien amaldiçoou em voz baixa, enquanto apertava com força o braço da poltrona.

— Quando?

Emma sabia que estava perguntando quando fora a primeira vez.

— Quando veio nos convidar a esse concerto. Acompanhei-o até a porta e me fez uma insinuação. Parece que teve uma impressão equivocada de mim.

— Quão equivocada?

— Nada fora do normal. Sabemos que nessa profissão, muitos supõem coisas sobre você pelo simples fato de não ter dinheiro suficiente, nem a posição adequada.

— Insinuou que era amante de algum de nós?

Emma olhou para o outro lado. Dada a recente habilidade de Lucien de lê-la como um livro aberto, não queria que visse a resposta em seus olhos. Tentou acalmá-lo.

— Não acredito que Fairbank volte a incomodar a alguém. Não depois do que lhe disse. E afinal não aconteceu nada de que pudesse me lamentar.

— Acha difícil deixar que alguém cuide de você, não?

A pergunta tomou-a de surpresa e Lucien soube, ao ver passar por seus olhos um sem-fim de emoções.

— Sempre gostei de ser eu a cuidar dos outros. É minha maneira de ser.

— Sei. Desde que chegou está tentando cuidar de todos. Das crianças, de Amélia, sentando com ela durante as tardes enquanto toma chá e fala de suas antigas amizades. De Sarah, fazendo-se de cupido...

— Quem, eu? — Disse ela com cara de assombro. Lucien arqueou uma sobrancelha, e Emma teve que deixar de fingir inocência.

— Pode ser que tenha me intrometido um pouco. Mas Sarah é uma mulher extraordinária e ele parece que não se dá conta...

— A mim não tem que convencer. Eu estou de acordo contigo.

— Sim?

— Sim. Mas tem que entender que meu irmão é muito teimoso.

— Deve ser um traço de família. — Sussurrou Emma.

— Ouvi esta. — Arreliou Lucien enquanto se aproximava mais dela. Tanto que sua boca só estava a alguns centímetros. Emma sorriu ao ver sua expressão.

— Queria que me escutasse. — Insinuou Emma enquanto sua respiração ficava cada vez mais rápida.

— Mentirosa. — Disse ele sem afastar o olhar de seus lábios.

— Presunçoso.

Antes que pudesse terminar, Lucien a estava beijando. Sentou-se junto a ela sem deixar que seus lábios quebrassem o contato. Estreitou-a entre seus braços mantendo-a presa a seu corpo. Emma sentiu que lhe faltava o ar. Quando separou seus lábios, Lucien introduziu a língua entre eles roçando-os de maneira deliciosa, para depois saquear lentamente cada canto de sua boca. Ela soltou um gemido de prazer enquanto se agarrava a ele com seus braços. Enredou seus dedos no cabelo de Lucien, que grunhiu com evidente satisfação. O beijo se tornava mais selvagem, mais apaixonado. Emma já não sabia

onde acabava sua boca e começava a dele, só sabia que desejava que aquilo não terminasse.

Lucien cobriu o seio com a mão, e sentiu como seu mamilo se endurecia imediatamente; segurou o tecido do vestido em um intento de arrancar o escudo que o separava de suas tenras carícias. Emma se arqueou contra essa mão, incapaz de controlar as ondas que percorriam seu corpo e isso devia ser o desejo. A urgência de alcançar algo que sequer sabia o que era e a necessidade de tocar Lucien com suas mãos, de sentir sua pele contra a dele. Um calor abrasador que a consumia começou a estender-se por seu ventre. Sem perceber o que ele tinha feito, sentiu o ar nos seios, que estavam descobertos. Não experimentou nem um átimo de acanhamento ao ver o olhar de Lucien pousar neles. Sentiu-se bela e estremeceu ante o brilho de desejo que viu em seus olhos. Lucien os acariciou brandamente deleitando-se em sua textura, em sua perfeição, tomando entre os dedos os topos, que se ergueram ao contato de suas mãos. Aproximou sua boca do mamilo para chupá-lo, lambê-lo, sem que se saciasse disso. Prendeu entre os dentes e Emma soltou um gemido de prazer e se arqueou contra ele, desesperada por terminar seu sofrimento. Lucien alcançou seu outro seio com a mesma devoção até fazê-la suplicar.

— Emma. — Gemeu com a respiração agitada. — Devemos parar agora ou depois não serei capaz de me deter. Desejo-a muito.

Emma sabia o que devia dizer, mas isso era algo muito distinto do queria fazer. Sabia o que sentia, sabia há muito tempo. Estava apaixonada por Lucien. Amava-o como jamais tinha amado a alguém. Não voltar a vê-lo, perdê-lo, ia ser uma tortura a que enfrentaria quando chegasse o momento, e quando isso ocorresse queria poder olhar para trás e recordar essa noite. Jamais imaginara estar com alguém desse modo até conhecer Lucien. Desejava estar com ele. Desejava-o com toda sua alma.

— Não quero que pare. — Desafiou Emma enquanto retirava com os dedos uma mecha que cobria a fronte de Lucien.

Esse gesto cheio de ternura fez Lucien reter o ar por uns instantes. Emma fazia todo seu autocontrole desaparecer. Sempre dominara seu desejo, seus impulsos, sem deixar que em nenhum momento eles se apoderassem dele. Fazia-o desde muito jovem. E assim estava agora, sentindo-se outra vez como um rapazinho que desejava tanto algo que nem sequer podia dominar suas emoções.

— Desejo-te mais do que possa imaginar... Mas é inocente Emma, e não acredito que... Maldição. — Resmungou.

— Eu também o desejo e jamais imaginei estar assim com alguém até agora. Não é um capricho, nem estou sob os efeitos da paixão. Bom, isso sim...

Lucien sorriu e Emma sentiu que seu coração quase parava.

— Eu... — Tentou continuar Emma.

— Shh... — Disse Lucien enquanto se aproximava dela. — Se disser uma palavra a mais, não sairá desta sala durante décadas.

Emma soltou uma risada antes que Lucien voltasse a beijá-la com paixão, com ternura, tomando todo o tempo do mundo. Voltou a acariciar seus seios e a fez soluçar novamente de desejo. Emma desabotoou sua camisa para colocar as mãos debaixo dela e passar por suas costas, tocando sua pele e músculos que se endureciam ao toque de seus dedos. Lucien a beijou no pescoço, enquanto seu quadril se movia contra o dela e a fazia desejar mais. Emma sentia sua crescente excitação sobre seu ventre e o impulso de tocá-lo era cada vez mais intenso. Lucien foi baixando pouco a pouco de seus seios até o umbigo, beijando cada centímetro de sua pele. Foi levantando lentamente a saia de seu vestido até que suas coxas estiveram descobertas. Passou a mão pela parte interior de sua coxa, até chegar ao centro de sua feminilidade. Emma se sobressaltou ao sentir os dedos dele tocando-a

nesse lugar oculto. Jamais pensou que pudesse sentir tanto prazer, sentia falta de ar e suas extremidades esticavam por algo que cada vez desejava mais e que nem sequer sabia identificar. Apertou-se contra sua mão sem poder conter um gemido de prazer que fez Lucien sorrir abertamente. Tocou o montículo de pele que coroava seu sexo enquanto Emma repetia seu nome sem cessar. Queria lhe dar todo o prazer do mundo, embora isso acabasse matando-o, porque seu desejo por ela estava queimando, fazia todas suas terminações nervosas sensíveis a qualquer reação da bela mulher que tinha entre seus braços. Sentiu-a úmida e disposta, mas queria mais. Queria que tremesse sob suas mãos. Introduziu um de seus dedos no estreito caminho e Emma se agarrou mais como se quisesse fundir-se a ele. Ao sentir seus seios sob seu peito e seus mamilos que lhe queimavam a pele, Lucien teve que se controlar para não penetrá-la nesse mesmo instante. Estava ficando louco. Beijou-a desesperadamente enquanto introduzia um segundo dedo em seu interior. Emma exclamou em sua boca cravando as unhas nas suas costas. Lucien grunhiu de prazer, incapaz de suportar por mais tempo essa tortura. Quando Emma começou a sentir os primeiros espasmos, acreditou que morreria. Lucien a apertou mais entre seus braços enquanto ela sentia que se fragmentava em milhares de pedaços. Ondas de prazer se expandiram por cada canto de seu corpo. Nem sequer teve consciência de quando Lucien desabotoou as calças até que sentiu sua dureza no mesmo lugar onde antes tinha estado à magia de seus dedos. Lucien se acomodou lentamente nela até que topou com a barreira de sua virgindade. Embora soubesse que provavelmente era inocente, surpreendeu-o. Olhou-a nos olhos, cheios de paixão que o fitavam com intensidade.

— Emma, farei que seja o menos doloroso possível, mas...

— Shh... — Disse Emma pondo um dedo nos lábios. Depois se abraçou por completo a ele. Sabia que a primeira vez doeria. Sua tia

Francesca tinha falado sobre isso. Isso era o bom de sua tia, com ela tinha falado abertamente de temas que muitas jovens jamais imaginariam falar.

Lucien investiu de maneira rápida para atravessar a barreira em um instante e ficar completamente em seu interior. Emma mordeu o lábio para não soltar o grito que se formou em sua garganta. Lucien se apoiou nos antebraços para poder olhá-la. Sabia que lhe tinha feito mal, mas isso era inevitável. Agora a única coisa que desejava era que Emma voltasse a soluçar de prazer entre seus braços. Vê-la alcançar o clímax uma vez mais. Emma começou a sentir que a dor cedia e que uma estranha sensação se instalava em seu lugar. Olhou-o nos olhos, quando ele se afastou um pouco para analisá-la. Seu rosto refletia certa preocupação, e suas feições estavam tensas. Sua fronte estava perolada de suor e seu olhar..., isso fez com que Emma sentisse nascer de novo essa doce sensação em seu ventre. A paixão, o desejo que viu neles abrasou-a por completo até fazê-la sentir-se a mulher mais formosa e amada que havia sobre a terra. Lucien se moveu lentamente sobre ela, enquanto Emma retinha a respiração ao sentir como seus mamilos se endureciam pelo calor da pele dele. Lucien saiu lentamente dela para voltar a entrar profundamente. Emma sentiu uma pontada de prazer que a fez soltar um gemido e quando Emma se arqueou contra ele movendo seus quadris, Lucien perdeu o pouco controle que tinha. Começou investir cada vez mais rápido, enquanto Emma o rodeava com as pernas. Emma copiou cada um de seus movimentos até levá-lo a beira do abismo. Quando sentiu que Emma gritava seu nome, rendeu-se ao delicioso prazer que transbordou cada um de seus sentidos.

Emma jamais imaginou poder voltar a sentir o que tinha experimentado momentos antes entre seus braços, mas fora infinitamente melhor. Senti-lo dentro dela, estar tão unida a alguém, saborear o prazer e a felicidade que a tinha feito experimentar era mais

do que acreditara possível. Ouviu-o dar um grunhido de satisfação a cada vez que ela gritava seu nome, para depois ficarem abraçados em um profundo silêncio. Só a respiração agitada de ambos se ouvia na noite.

— Está tudo bem? — Perguntou-lhe Lucien.

— Foi incrível. — Disse Emma, percebendo como ficava vermelha.

— Sim. — Respondeu Lucien com uma expressão estranha nos olhos.

— Você sentiu... Bem...? — Emma morria de vergonha, mas Lucien lhe dera um prazer imenso e não sabia se ele sentira o mesmo. Não sabia por que, mas isso era algo muito importante para ela nesse momento.

Lucien sorriu, enquanto se aproximava dela para dar um doce beijo em seus lábios.

— Esteve a ponto de me matar, Emma.

Emma soltou uma risada que esquentou o peito de Lucien novamente.

— Jamais imaginei que esta noite terminaria desta maneira. — Falou Emma enquanto com os dedos arrumava a mecha de cabelo que caía para frente.

Lucien se queixou de repente.

— O que foi?

— Não fechei a porta.

Emma deu um salto que a fez cair da poltrona.

Christopher, Sarah e Amélia poderiam chegar a qualquer momento.

Sem poder conter-se, começou a rir quando se deu conta de que os dois corriam como loucos tentando recompor seu aspecto. Lucien deixou de abotoar o vestido quando a escutou rir, e sem poder evitar

uniu-se a ela. Provocava risada o aspecto que tinham e a expressão que estavam. Não podiam deter as gargalhadas. Depois de um momento, Lucien a rodeou com seus braços roçando brandamente seus lábios.

— É uma mulher extraordinária, Emma Greyson.

— Jamais ousaria te desafiar nisso, lorde Fitzpatrick de Clare.

Lucien sorriu, sentindo que parte do cinismo que o tinha acompanhado durante os últimos anos se desvanecia. Isso era algo perigoso e alentador. Possivelmente ainda não estivesse tudo perdido para ele, possivelmente ainda podia voltar a acreditar no amor.



— Como é Paris, senhorita Greyson?

— Quem quer ver Paris? — Perguntou Anthony com o sobrecenho franzido, enquanto olhava a sua irmã Margareth como se houvesse dito a maior estupidez do mundo. — Eu gostaria de ver o Caribe, ver algum navio pirata, ou ir ao Egito e contemplar as Pirâmides.

— Todos esses lugares são maravilhosos.

— Em quantos países esteve? — Perguntou Anthony com curiosidade.

— Algum tempo atrás viajei como dama de companhia de minha tia, e tive a sorte de ver muitos lugares. — Explicou Emma odiando-se por não dizer toda a verdade. — Vi quase toda a Europa, estive no Egito, na Índia, e também naveguei pelo Caribe.

— Então é muito velha. — Condoeu-se Lizzy, enrugando seu narizinho.

Emma soltou uma risada que fez a menina rir também.

— Bom, suponho que comparada a você, sou uma anciã. —

Arreliou enquanto se aproximava dela e lhe dava um beijo na bochecha.

— Assim que tiver idade suficiente irei ver esses lugares. — Afirmou Anthony com determinação.

— Não se apresse, esses lugares estarão esperando por você o tempo que for necessário.

— Eu gostaria de conhecer Paris. Lembro-me uma vez que papai e mamãe fizeram essa viagem. Ao voltar, mamãe estava radiante e dizia que aquilo era precioso.

Emma viu como Margareth sorria ao recordar sua mãe. Até a pouco tempo isso não seria possível. Alegrava-se em saber que agora as crianças falavam dela com mais frequência, seus rostos se iluminavam com as lembranças que já não pareciam turvadas pela culpa que carregaram durante tanto tempo.

— Eu estive em Paris duas vezes. A primeira vez tinha quinze anos e me apaixonei por essa cidade. Fascinaram-me suas pequenas ruas, as Tullerías, Versalhes e a Ópera.

— Foi a Ópera? — Perguntou Margareth entusiasmada.

— Sim, fui à estréia de *Os Puritanos*. Lembro-me que era janeiro, porque fazia muito frio.

— Deve ter sido uma viagem enriquecedora.

— Sim, foi. — Disse Emma recordando como antes do terceiro ato sua tia repelira ao prestigioso banqueiro Villon por tentar seduzi-la.

— Bom, acredito que por hoje seja o suficiente. — Afirmou Emma, enquanto se aproximava da janela para admirar o magnífico dia. O sol brilhava, despindo o céu com sua luz. "Essa não é a melhor comparação possível", pensou Emma estremecendo ao recordar a noite anterior.

— Está bem, senhorita Greyson? Ficou vermelha como um tomate... — Disse Anthony, enquanto a olhava com preocupação. — Acredito que ainda não se recuperou da queda que sofreu ontem.

Emma havia dito aos meninos que o arroxeado em seu rosto tinha sido produto de uma queda. Os outros sabiam o que na verdade tinha ocorrido. Nessa manhã, ao descer para tomar café, encontrara todo o clã reunido na saleta aguardando sua chegada. Queriam conhecer toda a história detalhe por detalhe. Lucien tinha ficado ali para ajudá-la, porque em mais de uma ocasião Christopher esteve a ponto de procurar Fairbank para estrangulá-lo. Sarah tinha empalidecido e Amélia soltou vários impropérios nada aconselháveis para os ouvidos de uma dama. Em resumo, não fora tão mal, além disso, ela não dera muita atenção as suas demandas, porque assim que entrou na saleta e o viu foi como sentir um golpe no estômago. As pernas fraquejaram e lhe faltou o ar. Os olhos de Lucien brilharam quando a viram e o desejo voltou a aparecer. Todo o ardor que corria em suas veias se fez presente com a lembrança sem palavras de tudo o que tinha acontecido entre os dois na noite anterior. Emma desejara sair dali com ele e encerrar-se em um quarto durante horas. Talvez esse não fosse um pensamento decente, mas estar entre seus braços era o que mais desejava no mundo. Emma os tinha tranquilizado assegurando que estava bem, embora ninguém fizesse muito caso, já que estavam todos muito ocupados pensando em como dar a Fairbank o castigo merecido. Lucien solucionou o problema lhes dizendo que depois da noite anterior estava certo de que Fairbank não voltaria a fazer nada parecido. Sua expressão ao dizer tais palavras disse tudo, já que Christopher assentiu como se entre os dois houvesse uma conversação que ninguém mais tinha presenciado.

Mais tarde Emma foi dar aula às crianças. Não sem que, durante toda a manhã desde que viu Lucien, tivesse podido apagar de seu estômago a sensação de borboletas voando. Quando o via, seu coração se descontrolava e suas pernas tremiam. Só pensar nele fazia–a sentir-se mais viva do que nunca.

Não foi até depois do almoço quando Emma pôde, enfim, conversar tranquilamente com Sarah. Desde a noite anterior quando saíra precipitadamente da festa, não havia estado a sós com ela para poder falar com tranquilidade e lhe perguntar como estavam as coisas com Christopher. Apesar de tudo, encontrara o leque, colocara-o entre suas roupas e pedira a Lucien que o devolvesse.

Encontrou-a na estufa sentada sobre o banco de pedra que havia atrás das orquídeas. Parecia estar muito compenetrada lendo um livro.

— Sarah?

— Olá, Emma. Obrigada por ter recuperado meu leque, sinto que tenha sido em circunstâncias tão penosas. Como está?

— Estou bem e você? Ontem à noite não pude terminar de falar contigo e me perguntava se Christopher e você tinham esclarecido a conversa que mantiveram durante o baile.

— Não, Emma, não falamos. Depois de receber o bilhete de Lucien, buscou-nos. Amélia lhe disse que eu estava indisposta e que a senhora Trent tinha me acompanhado a um dos quartos para que descansasse um momento. Quando estava melhor, desci. Ele me olhou com o cenho franzido, perguntou se eu estava bem e depois voltamos para casa. E não nos falamos mais. Já lhe disse que não me perdoaria.

— Pois se não o faz é por ser um perfeito imbecil.

— Emma!

— Não, Sarah, é a verdade. Entendo que se zangue. Não foi muito diplomática na hora de dizer o que pensava, mas tinha razão, e se for inteligente, quando pensar com calma se dará conta de que não pretendia feri-lo, só ajudá-lo. Se a culpar por se preocupar com ele, então não a merece.

— Emma, isso não é justo. Ele é um homem maravilhoso. Tinha que vê-lo quando Meredith vivia. É normal que não possa voltar a amar

a ninguém mais. Fui estúpida.

— Não, Sarah, as coisas não são assim. No coração não se manda, ele decide a quem devemos amar, embora não seja a pessoa adequada ou o momento perfeito. Só podemos tentar ignorá-lo e acredite que isso não adianta muito. Quanto a Christopher, é um homem jovem com toda vida para frente. Não acredito que não possa haver espaço para ninguém mais em sua vida. Nunca esquecerá Meredith. Só necessita de tempo e alguém como você que lhe demonstre que pode ser feliz.

— Fala a sério?

— Totalmente a sério.

Sarah sorriu levemente com os olhos úmidos pelas lágrimas.

— Bem, e você o que me diz?

— Sobre o que?

— Sabe perfeitamente. Acha-me inocente e que não percebo nada que está a minha volta, mas vi como Lucien e você se olham.

— Deve ter um problema na vista, Sarah.

— Não confia em mim? Eu te contei tudo o que sinto por Christopher. Acreditei que fôssemos amigas.

Emma sabia que tinha razão e uma parte dela tinha estado desejosa de dizer o que sentia por Lucien há muito tempo, embora sempre que tinha pensado em fazê-lo, algo a detinha. Sabia o que a impedira até então: o medo de dizer em voz alta tal sentimento e, se tornasse realidade, convertendo-se em algo tangível impossível de negar. Mas já não podia refugiar-se atrás disso, não depois da noite passada. Na noite anterior realizara seu desejo, apesar de saber que teria que pagar por isso. Esses momentos juntos a acompanhariam durante toda sua vida. Essa lembrança seria seu tesouro mais precioso.

— Claro que confio em ti, Sarah. Não posso negar que sinto algo por Lucien, mas não posso alimentar algo que é apenas ilusão.

— Emma, não é uma ilusão. Eu vi como ele a olha e asseguro que jamais o vi contemplar a uma mulher dessa maneira.

— E se isso continuar, o que haverá mais? Uma preceptora e um Conde? Sabe melhor que eu que isso não tem futuro.

— Lucien não é um homem comum, Emma.

— Não, mas tampouco é um louco.

— Maldição! — Disse Sarah, enquanto mordia o lábio inferior.

— O que disse? — Perguntou Emma sem poder conter um sorriso.

— Disse "maldição" — Voltou a dizer Sarah com cara de poucos amigos.

As duas puseram-se a rir ao mesmo tempo.

— Interrompo a conversa?

Emma e Sarah deram um salto quando escutaram a voz de Lucien.

— Não, não, eu já estava de saída. — Disse Sarah em um intento pouco dissimulado de deixá-los a sós.

Sarah a olhou piscando o olho, enquanto um sorriso travesso aparecia em seus lábios. E antes que pudesse detê-la já tinha saído da estufa.

— Jamais vi Sarah tão desejosa de sair de um lugar. — Disse Lucien arqueando uma sobrancelha.

— Suspeita que haja algo entre nós.

— Disse "nós", isso é um passo. — Afirmou Lucien, enquanto a olhava com tal intensidade que Emma pensou que ia derreter ali mesmo.

— Por que diz isso?

— Porque temi que depois de ontem à noite voltasse a se esconder.

Emma ruborizou ao escutá-lo mencionar a noite anterior. Lucien

pensou que estava mais formosa que nunca. Jamais imaginou sentir o que sentia nesse momento. Levou muito tempo para admitir o que Emma significava para ele. Seu cinismo se voltava contra ele agora, Emma não era somente uma aventura de uma noite, nem uma mulher a mais em sua vida. Tinha amaldiçoado em voz baixa a cada dia e cada noite, para finalmente rir de si mesmo quando se surpreendia procurando-a com o olhar, sentindo ciúmes de todos que a olhavam. Também havia tentando deter essa necessidade urgente de protegê-la e de cuidar dela que em cada momento se apropriava dele, entretanto, tinha sido em vão. Emma o olhou nos olhos fazendo com que a desejasse com desespero.

— Não vou esconder-me. Se o fizesse não poderia estar com você. – Afirmou, enquanto um sorriso brincalhão aparecia em seus lábios.

Lucien sentiu uma cálida sensação no peito.

— Isso que escutei é verdade? Estou sonhando...

Emma assumiu uma expressão de aborrecimento, embora por dentro fizesse todo o possível por não sorrir.

— Acredito que por um momento sofri uma alienação passageira. Não sabia o que dizia. — Arreliou Emma com expressão arrependida, o que fez os olhos de Lucien reluzirem.

— É uma pena. – Falou, para depois calar-se de modo misterioso.

Emma aguentou só trinta segundos antes que sua curiosidade a dominasse.

— Por que é uma pena?

Lucien soltou uma gargalhada que fez Emma franzir a sobrancelha.

— Amor, fica linda quando se zanga.

Emma sentiu que seu coração quase parou ao escutá-lo chamá-

la de amor. Teria se dado conta do que havia dito? Antes que pudesse reagir, Lucien a estava beijando com uma paixão abrasadora que a fez gemer. Emma lhe devolveu o beijo com igual ardor enquanto devorava seus lábios em uma dança que carecia de pudor. Após a noite anterior, todo seu corpo estava extremamente sensível a sua presença, as suas carícias, e a fazia tremer de desejo.

— Quis fazer isto desde que a vi esta manhã. — Gemeu Lucien quando ambos se separaram com esforço e com a respiração agitada.

— Então por que demorou tanto?

Lucien voltou a rir sem poder evitar. A sinceridade dela era como um sopro de ar fresco que o enfeitiçava com absoluta fascinação.

— Minha pequena feiticeira de olhos verdes, o que me fez?

Emma não soube o que responder. A forma com que Lucien a olhava, a suavidade de seus olhos, a ternura que via neles deixou-a sem palavras, assim pousou as pontas dos dedos sobre os lábios dele roçando sua boca. Essa maravilhosa boca que lhe tinha feito descobrir mais prazer do que acreditava permitido.

— Jamais pensei que diria isto, mas o amo.

Emma se deu conta, muito tarde, de que tinha pronunciado essas palavras em voz alta. O olhar de Lucien se tornou mais intenso, e seus olhos brilharam de um modo perigoso.

— Sinto muito. Não deveria ter dito nada. — Murmurou

— Não se atreva a retirar suas palavras. — Disse Lucien com veemência.

Emma ficou assombrada. Era a primeira vez que o via vulnerável.

— Não posso negar algo que é verdade, só que não deveria ter dito.

— Por quê?

— Porque todos os que o conhecem sabem o que pensa sobre o

amor.

— E acha que têm razão?

Lucien a olhava como um professor que espera do aluno uma resposta certa.

— Sim. — Disse com pesar.

Para sua surpresa, Lucien sorriu enquanto segurava seu rosto com ambas as mãos.

— Então é melhor fazê-la mudar de opinião. — Disse antes que seus lábios roçassem os dela com ternura.



Enquanto tentava ler um livro para dormir, não podia deixar de voltar uma e outra vez a essa tarde. Dissera a ele que o amava. Sentia uma grande satisfação por dizer essas palavras. Sempre fora muito impulsiva, como dizia sua tia Francesca e desta vez não tinha sido diferente. Lucien a beijara com ardor e uma intensidade que tinha enviado vários calafrios por seu corpo. Entretanto, o que não deixava de ressoar em sua cabeça eram as palavras dele quando disse: "Então é melhor fazê-la mudar de opinião". Isso significava que estava disposto a ter algo mais com ela, algo mais que uma aventura? Infelizmente isso não saberia nunca, e era o que a angustiava. Despediram-se à tarde na estufa, já que Lucien partiria no dia seguinte para Londres. Beijara-o com todo o amor que sentia, controlando as lágrimas que ameaçavam surgir. Lucien riu de sua expressão de tristeza, pois acreditava que se devia ao tempo que estariam separados. Disse que se ela sentiria sua falta, não tinha nem ideia do inferno que esses dias seriam para ele e algo mais sobre vários banhos com água fria que não conseguiu entender porque estava muito ocupada tentando memorizar cada um de seus traços. Como conseguiu se apaixonar pela primeira vez nessas

circunstâncias? Emma balançou a cabeça tentando concentrar-se no próprio plano. Fugiria na noite seguinte. Já estava tudo preparado. Iria a cavalo até o caminho principal, onde vários coches passavam com direção a Londres. Teria que se disfarçar, já que estava certa de que a procurariam. Odiava ter que partir daquela maneira, sobretudo porque tinha se apegado a aquela família e a todos os que viviam na casa como se fosse sua própria gente. Pensara em deixar uma carta, embora estivesse certa de que isso não os deteria na hora de tentar encontrá-la. Ao lembrar-se da noite que passou com Lucien, pensou que isso bastaria para suportar uma vida sem ele, agora sabia, com absoluta certeza, que nem sequer isso conseguiria consolar seu coração.



— Bom, a que hora vai amanhã? — Perguntou seu irmão, enquanto se sentava na poltrona com uma taça de conhaque na mão.

— Ao amanhecer. Quero chegar cedo a Londres.

— Quando vai dizer-me o que está acontecendo?

— Do que fala? — Indagou Lucien. Sabia que a seu irmão nunca escapava nada.

— Sei que Richard veio vê-lo quando estive doente e a última vez que recebeu correspondência dele, seu rosto expressava preocupação. Fechava-se no escritório, para depois sair com outra carta que mandava com urgência. Lucien sei que são sócios, mas não sou tão inocente.

— Às vezes é um verdadeiro intrometido, já lhe disse isso alguma vez?

— Sim, desde que era menino e me perseguia a toda parte.

Lucien fez uma careta de desgosto que fez Christopher sorrir.

— Não é nada que possa preocupá-lo.

— E não pode me contar para que eu julgue?

Lucien o olhou com seriedade. Sabia que o irmão era um homem duro, capaz de enfrentar muita coisa. Quando esteve fora durante vários anos, houve vezes que as coisas que deixava entrever em suas cartas o preocuparam em demasia, mas não podia evitar. Era seu irmão e lhe queria bem, apesar de ser um teimoso.

— Entende que cedo ou tarde saberei.

— É um intrometido mesmo.

— Isso é o que todo irmão espera escutar.

Lucien sorriu a contragosto.

— Está bem, nestes últimos meses sofremos várias sabotagens nos navios. Nada muito importante, mas deixaram nossos clientes nervosos.

— E descobriram alguma coisa?

— Richard está investigando com o detetive que contratei antes de sua chegada.

— Se soubesse que tinha problemas não o teria retido aqui durante tanto tempo. Não precisaria contratar alguém e, possivelmente, agora saberia o autor das sabotagens.

— Deixa de se fazer de vítima. Você não me reteve. Eu era mais necessário aqui. E quanto ao culpado, só teve um pouco mais de tempo, mas isso vai acabar logo.

— Tome cuidado.

— Sempre me cuidei, resmungão. Quero que me faça um favor enquanto estiver fora.

— Qualquer coisa.

— Quero que cuide de Emma. Sei que Fairbank não voltará a aproximar-se dela, mas...

— Não se preocupe. Estará bem. Eu me ocupo disso. Isso significa o que eu acredito?

— Isso significa que já me tirou informação suficiente por uma

noite.

— Quem disse que eu era um resmungão?

Lucien soltou uma gargalhada.

— Boa noite, irmão.

— Até dentro de alguns dias.

Após Lucien sair da biblioteca, Christopher ficou olhando as chamas da lareira enquanto pensava em como se encaixavam as coisas. Sem ir muito longe, ele estava com um humor de cão. Sabia por quê. As palavras de Sarah ainda ecoavam em sua cabeça. "Esconde-se atrás de um fantasma". Essas palavras o enfureceram. E o que era pior ainda, enfureceu-se porque talvez fossem verdadeiras.

Capítulo 22

Londres, uma semana depois.

— Como desapareceu? — Perguntou Lucien enquanto tentava manter a calma. Seu irmão e o resto da família tinham chegado nessa manhã. Ele tinha passado o dia fora investigando o paradeiro de um dos tripulantes de sua companhia naval que podia estar envolvido nas sabotagens. Ao retornar para casa, encontrou-se com a surpresa de vê-los, já que a chegada estava programada para daqui a dois dias. Sua primeira reação foi de alegria, já feliz por voltar a ver Emma. Não tinha deixado de pensar nela um só minuto. Entretanto, ali estava ele, sentado na biblioteca com Amélia, Sarah e seu irmão, tentando descobrir o que acontecera, porque Emma tinha desaparecido deixando atrás de si uma carta sem sentido.

— Só posso dizer o que sabemos. Sarah encontrou esta carta em cima de sua escrivaninha. Dizia que devia partir. Que lamentava não poder despedir-se de nós, mas que se o fizesse lhe faríamos perguntas que não podia responder. Que doía ter que nos deixar porque só recebera carinho de nós e que recordaria esses dias como os mais felizes de sua vida. Depois que Sarah me mostrou a carta, subimos ao seu quarto e verificamos que não deixou nada. Parece que partiu durante a noite. Saí para procurá-la, mas ninguém a viu.

— Averiguou se alguém a viu tomar algum coche?

— Sim verifiquei.

— Maldição, não pode ter desaparecido assim. — Disse Lucien, furioso e preocupado.

— Parece-me tão estranho. Não nos disse nada. No dia anterior seu comportamento foi o de sempre. — Comentou Sarah, com os olhos úmidos.

— Acalme-se, Sarah, descobriremos onde foi e por que. — Afirmou Amélia com seriedade.

Lucien tentou imaginar o que levara Emma a fugir daquela maneira. Possivelmente o que houvera entre os dois a tinha feito tomar essa decisão precipitada, embora se recusasse a pensar isso. Quando a deixou, Emma se despedira dele com um sorriso nos lábios. Olhara em seus olhos e neles não vira medo ou indecisão. Emma era impulsiva, mas não uma covarde. Jamais fugiria dele para não enfrentar qualquer obstáculo.

— Não notaram nada estranho nela? Alguém a visitou ou recebeu alguma mensagem? — Perguntou Lucien olhando-os atentamente.

— Que nós saibamos, não. — Respondeu Amélia.

— Esse dia foi como qualquer outro. Esteve com as crianças pela manhã e pela tarde conosco. Não saiu, nem sequer para dar o passeio que tanto gosta, e quando perguntamos a O'Connell, ele nos disse que ninguém havia chegado nesse dia com alguma mensagem para Emma.

— O que me parece impossível é que ninguém recorde tê-la visto. Alguém tem que lembrar-se dela. Emma não passa despercebida. Está certo de que perguntou a todos os que vivem nos arredores?

Christopher endureceu a mandíbula antes de assentir com a cabeça.

— Acredite-me, Lucien, perguntei a todos que moram a quilômetros da casa. Fui até a estrada principal e à estalagem do Harold. Só passaram três coches nessa noite. Dois a Londres e um a Bath, e em nenhum deles subiu ninguém com suas características.

Lucien levantou o olhar de repente, ao escutar as últimas palavras de seu irmão.

— Mas talvez não seja uma moça de cabelo vermelho que estamos procurando.

— O que quer dizer? — Perguntou Sarah um pouco confusa.

Amélia e Christopher olharam Lucien e entenderam imediatamente.

— Já não se lembra de como Emma chegou a Cravencross?

Christopher amaldiçoou em voz baixa.

— Não pensamos nisso! — Exclamou Amélia golpeando o joelho com a mão em evidente frustração.

— Disseram-lhe quais viajantes tomaram esses coches?

Christopher olhou a seu irmão. Lucien estava mais alterado do que pretendia demonstrar. Não o culpava e menos ainda se seu irmão sentia por Emma o que supunha.

— Bath fica descartado. Era um homem o que subiu e nem mesmo Emma pode disfarçar-se assim. E dos dois que foram a Londres um passou a meia-noite.

— E o que?

— Emma esteve conosco até as onze e meia. É impossível que tivesse tempo para chegar até o caminho principal e muito menos a noite.

— E o que me diz do outro? — Perguntou Lucien.

— O outro passou de madrugada e subiu nele uma mulher bem mais velha. Não puderam dar mais detalhes. Ao que parece não chamou nenhuma atenção.

— Devia ser Emma.

— Como sabe?

— Porque é nossa única pista. — Argumentou Lucien enquanto fechava a mão em punho.

Nesse momento a porta da biblioteca se abriu e Darrows, o sobrinho de O'Connell e mordomo da casa da família em Londres, apareceu com ar solene.

— Lorde Fitzpatrick, lorde Bruce acaba de chegar e solicita vê-

los.

— Meu irmão? — Perguntou Amélia surpreendida.

— O próprio. — Disse Alan Bruce da porta.

— Que surpresa! Quando chegou? — Inquiriu Amélia enquanto se levantava com a rapidez de uma jovenzinha para aproximar-se de seu irmão.

Os olhos de Alan, de um verde intenso, encheram-se de suavidade quando abraçou sua irmã e a beijou carinhosamente na face. Era um homem que, mesmo pesando a sua idade, conservava-se em plena forma. Seu cabelo avermelhado, que se tinha escurecido com os anos, estava salpicado de mechas nas têmporas e o fazia parecer ainda mais interessante.

— Parece mais jovem. — Disse ao ouvido da irmã, o que fez Amélia soltar uma gargalhada.

— E você mais bonito.

— Eu adoro escutá-la dizer essas coisas, embora saiba que as diz seu coração de irmã e não seus olhos.

Depois disso, levantou o olhar procurando Christopher com clara preocupação. Tinha passado os últimos dois meses no continente, visitando uns velhos amigos e até que retornou a Escócia não soube da enfermidade de seu genro.

— Como está, filho? Vim assim que li a carta de Amélia. Antes passei por Cravencross. O'Connell me disse que todos estavam em Londres e então compreendi que o pior tinha ficado para trás.

Christopher sorriu a seu sogro. Sua relação tinha sido mais que cordial. Podia dizer-se que, durante os anos que estivera casado com Meredith, ambos tinham chegado a ser bons amigos.

— Como vê, estou aqui. Com sua irmã, sua sobrinha e o teimoso de meu irmão cuidando de mim todos os dias, seria difícil não me recuperar. — Disse com uma careta, o que fez lorde Bruce soltar uma

gargalhada.

— Imagino.

— A verdade é que foi um doente insuportável. — Afirmou Lucien, adiantando-se para apertar a mão do recém-chegado.

— Isso é fácil de acreditar. Sarah está lindíssima. — Disse à sua sobrinha, enquanto esta se aproximava dele.

— Com quantos pretendentes terei que brigar?

Sarah soltou um belo sorriso que fez seu tio sorrir também.

— Bom, onde estão meus netos?

— Estão no piso superior, mas assim que souberem que chegou não vão deixá-lo em paz.

Lorde Bruce olhou a seu genro com um olhar brincalhão.

— Estou desejando isso mesmo, essas crianças é meu ponto fraco. — Alan se sentou na poltrona de brocado verde com flores de cor cinza pérola, junto a sua irmã e sua sobrinha.

— Não queria parecer intrometido, mas quando entrei me pareceu que todos estavam extremamente sérios. Há algo em que possa ajudar?

— Agradecemos Alan, mas realmente... — Começou a dizer Christopher.

— Emma desapareceu. — Disse Amélia.

— Quem é Emma?

— Emma é a preceptora das crianças. — Informou Lucien, apoiando-se na mesa enquanto cruzava os braços sobre o peito.

— E como desapareceu?

Amélia lhe contou de maneira abreviada tudo o que tinha acontecido. Desde que Emma chegou a Cravencross até como foi ganhando o carinho de todos e como depois desapareceu em estranhas circunstâncias, deixando somente uma carta sem muito significado.

— Isto é muito estranho, entretanto, tampouco a conheciam o

bastante para saber se tinha algum problema que não lhes contou.

— Se a tivesse conhecido, saberia que Emma não faria nada grave. Deveria ter confiado em nós. — Disse Sarah com aflição.

— Descobriram algo?

— Chegamos à conclusão de que tomou um coche com destino a Londres na madrugada da sexta-feira. Amanhã cedo irei falar com a companhia para poder interrogar ao condutor a ver se pode nos dar alguma outra informação.

Alan olhou Lucien enquanto falava. Conhecia-o há muitos anos, mas só travara amizade nos dois últimos. Apreciava-o, era um homem de honra e um dos poucos nos que se podia confiar. Era uma pena que o pai de Lucien, seu velho amigo, o falecido Marquês de Stamford, não tivesse repensado a tempo e feito às pazes com seu filho. Agora já era muito tarde. Lucien era um homem endurecido pela vida e isso se via no olhar, que parecia bastante perigoso. Todos estavam afetados pelo desaparecimento da professora, mas se seu instinto não falhava, ele estava mais que afetado. Parecia uma fera tentando dominar seus impulsos.

— Se quiserem, ajudarei em tudo o que estiver ao meu alcance. Ficarei em Londres durante um mês, assim estou à disposição.

— Obrigado, Alan. — Disse Lucien assentindo levemente com a cabeça.

— Não tem por que. Na minha idade agradeço por ainda ser útil.

— Na sua idade? Mas se só tem cinquenta e cinco anos... — Falou Amélia franzindo o cenho. — Quando diz essas coisas me faz sentir velha.

— Carinho. Para você o tempo não passa.

— Agora me adoça. — Ralhou Amélia entre dentes.

— Onde está hospedado? — Perguntou Christopher.

— Tinha pensado em alugar uma casa em Mayfair.

— E por que não fica aqui conosco? Todos gostariam e seus netos mais que ninguém.

— Não queria incomodar...

— Tolices. — Disseram todos de uma vez, o que fez lorde Bruce sorrir sem poder evitar.

— Está bem, não terão que insistir muito mais. Será um prazer estar perto de minha família.



Emma tentou não perder o equilíbrio ao subir as escadas com os dois vestidos que acabava de engomar. As garotas já estariam vestindo-se. Eram nove horas e logo aquela casa se encheria dos cavalheiros mais abastados da Inglaterra, na verdade nunca imaginou que passaria o último mês trabalhando em um lugar como aquele, mas as coisas tinham saído assim e não podia queixar-se.

Quando chegou a Londres, depois de deixar Cravencross de madrugada, soube que acabara de zarpar um navio para a Itália. Tinha outras possibilidades, mas viajar pelo continente com o pouco dinheiro que ficaria depois de pagar a passagem não era a melhor opção. Em um mês sairia outro navio e nele esperava ir.

Enquanto isso se dedicou a procurar alojamento. Algo que fosse econômico, mas que não a levasse para a pior parte da cidade.

Pensava nisso quando, em um beco perto do Hyde Park, escutou o grito sufocado de uma mulher. Um homem estava atacando uma jovem que se defendia com unhas e dentes, mas a força daquele homem a impedia sequer de respirar. Emma a ajudou acertando-o pelas costas com a bolsa de viagem. Ainda recordava a cara de assombro daquele canalha que mostrou todos os dentes ao vê-la. Depois soltou uma gargalhada ao comprovar que se tratava somente de uma mulher mais

velha, já que Emma estava disfarçada. Mas apagou o sorriso de sua cara quando sentiu o frio metal da adaga de Emma na garganta. Quando soltou à moça e se foi, Emma deu um suspiro de alívio.

Aquela mulher era uma das garotas de Madame Vale, a proprietária de um dos prostíbulos mais famosos de Londres. Em agradecimento por ter salvado sua vida, Grace, como se chamava, apresentou-a a Madame Vale, que lhe ofereceu emprego na casa como ajudante pessoal de suas moças. Emma pensou em não aceitar, mas que melhor lugar para esconder-se que aquele, onde teria comida e cama grátis e um pouco de dinheiro extra? Era o esconderijo perfeito.

Emma percorreu o luxuoso corredor que levava aos aposentos e chamou à penúltima porta.

— Entre. — Disse uma voz suave de dentro.

— Trouxe os vestidos para que decida qual vai usar.

— Oh, obrigada, Lida. — Disse Grace, enquanto lhe dava um abraço.

Emma havia dito que se chamava Lida e que era alemã, embora morasse há muitos anos na Inglaterra. O acento com o que pronunciava suas palavras era contundente.

— Esta noite usarei o verde. Não quero parecer muito atraente a esse francês, com maneiras de açougueiro.

— Se for um bruto, como é que entra aqui? Acreditava que esta casa era uma das mais seletas da cidade.

— E assim é, mas este homem é sócio ou parente de um dos clientes mais antigos de Madame Vale ao qual não quer desagradar. As garotas têm medo, mas é um velho amigo de Valha.

Valha era o verdadeiro nome de Madame Vale e, embora diante dela, nenhuma das garotas ousasse chamá-la por ele, em particular se referiam a ela desse modo.

— E deste homem, também têm medo?

— Lacroix é também perigoso a sua maneira. Tem o olhar frio e suas maneiras são... Bom, pouco refinadas, mas não tem feito mal a nenhuma de nós, entretanto, o amigo de Valha, esse homem importante do qual lhe falei, tem o costume de bater nas garotas. Excita-o ver o medo nas mulheres.

Emma não podia nem imaginar como aquelas garotas podiam suportar aquela vida, e, embora Grace parecesse resignada a isso, inclusive feliz, a verdade é que às vezes podia ver a tristeza em seus olhos.

— De qualquer forma não há nada a temer e menos ainda estando você por perto, certo? É meu anjo da guarda...

— Moça, eu sou tudo menos um anjo. — Advertiu Emma com a voz mais rouca para parecer maior. Seu disfarce, o cabelo escurecido com algumas mechas, sua maquiagem e os óculos faziam o resto. Grace soltou uma gargalhada.

— Algum dia, Lida, terá que me contar sua história. Principalmente quando tinha a minha idade.

— Uff, isso foi há muito tempo. E agora depressa se quiser que a penteie.

Grace se deixou pentear. Emma ajeitou o cabelo espesso que era de por si uma preciosidade. Era uma moça miúda com os olhos da cor do mar e o cabelo negro como o azeviche. Seu rosto era muito doce para ter vivido tanto em tão pouco tempo. Gostava de Grace. Era alegre e tinha bom coração. Uma pena que tivesse de suportar algumas situações como a que acabava de contar, embora soubesse que nada a convenceria a deixar aquela vida.

Não foi até mais tarde quando esteve a ponto de sofrer uma apoplexia. Era uma da madrugada quando Madame Vale a chamou para que arrumasse um dos aposentos do piso superior. Quando terminou, dispôs a retirar-se descendo pelas escadas de serviço que

davam ao piso inferior e foi então quando o viu. Naquele momento ficou paralisada como se todos e cada um de seus músculos se convertessem em pedra. Ali estava seu pai, vestido com um casaco negro e um sorriso nos lábios saudando Madame Vale.

Quando se obrigou a respirar novamente, os dois já tinham desaparecido atrás de uma porta. Emma sabia que devia se esconder em seu quarto e permanecer ali até a manhã seguinte, mas quando segundos mais tarde viu chegar Grace com um homem e acompanhá-lo até a mesma porta, sua curiosidade foi maior que seu sentido de cautela. Escondeu-se entre as sombras que havia atrás das escadas e os observou. O homem que acompanhava Grace devia ser esse tal Lacroix. Seus olhos frios, negros como a noite, não deixavam de olhá-la, atentos a ela que fingia um sorriso que a fazia parecer ainda mais jovem.

Deu uns toques na porta que se abriu quase imediatamente. Madame Vale saudou o acompanhante de Grace e logo o convidou a entrar. Depois fechou a porta atrás de si e deixou a ambos os homens dentro, enquanto elas se dirigiram de novo à sala principal. Aquilo parecia uma reunião, e se esse era o tal Lacroix, então o que fazia reunindo-se com seu pai? Sabia que não voltaria a seu quarto sem tentar saber o que acontecia atrás daquela porta. Havia um pequeno quarto contiguo. Fora parte de uma velha sala que mais tarde, quando remodelaram a casa, deixaram como armazém. Ela tinha entrado ali várias vezes e sabia que havia uma porta que conectava com aquele cômodo. Por experiência sabia que poderia escutar a conversa. A última vez que foi procurar uns tecidos escutou, sem querer, a Madame Vale chamar a atenção de uma das garotas por não ter agradado de todo ao cliente. Chegou a descrever o que desejava esse homem que fizesse, isso fez Emma corar mesmo sob toda sua maquiagem. Sem pensar duas vezes deslizou até o interior do pequeno quarto com muito cuidado para

não fazer nenhum ruído que pudesse revelá-la. As vozes chegavam ali perfeitamente e ainda mais quando colou a orelha à fina madeira.

— Tudo está preparado para a sexta-feira e o Conde de Ashford, Flanaghan e a companhia naval terão passado para a história.

— Assegure-se de que não haja nenhuma falha. Não posso permitir que algo dê errado.

— Está falando comigo, lorde Bright, não com um idiota valentão.

— Lembre-se, Lacroix. Pago para que seja invisível e eficaz. — Avisou Andrew Bright olhando-o com dureza.

— Paga-me para afundar uma companhia naval e também matar aos donos.

Emma teve que conter-se para não soltar um grito de dor. Os joelhos tremiam e sentia que o medo se estendia a cada um de seus nervos. Entretanto, essa sensação só durou uns segundos, pois de repente esse temor foi convertendo-se em uma raiva difícil de controlar. Seu pai queria matar Lucien e seu sócio e tinha algo a ver com sua companhia naval. De qualquer maneira, não permitiria que fizessem mal a ele. Tinha cinco dias para evitar. Nesse tempo devia descobrir a localização de Lucien e avisá-lo. Tinha tempo de sobra, mesmo não sendo tão simples. Como se apresentaria diante dele depois de ter fugido daquela maneira? E pior ainda, como contar o que descobrira sem ter que dizer toda a verdade?

O som da porta do cômodo se abrindo a tirou de seus pensamentos. Instintivamente se aproximou mais à parede daquele quarto sumindo na escuridão como se aquilo desse maior segurança, depois de escutar os passos dos dois homens desaparecerem pelo corredor, Emma esperou vários minutos tentando normalizar sua respiração agitada. Quando esteve segura de que se foram, abriu com cuidado a porta do armazém, deslizou pelo corredor com o maior

cuidado. Já em seu quarto pôde soltar o ar que estivera contendo.

Capítulo 23

Lucien chegou a casa após a hora do jantar. Essa manhã tinha ido à empresa de coches e depois de falar com o dono soube que o condutor que procurava estava fazendo de novo a rota e só poderia interrogá-lo daí a dois dias. Depois, Richard e ele tinham encontrado Flint, o marinheiro e provável causador de uma das sabotagens. Não tiveram que se esforçar muito para que contasse a verdade. Bastaram somente uns olhares e uma ameaça velada para que cantasse mais que uma soprano. Entretanto, depois de dar a descrição do homem que o tinha contratado não poderia fazer muito mais. Tinham deixado um bilhete a um de seus contatos para que falasse com ele. E Richard iria ver Lemin, o dono de um botequim perto do porto que sempre estava a par do que ocorria na zona baixa da cidade.

Quando Darrows lhe abriu a porta, disse que a família estava reunida no salão. Lucien dirigiu-se para lá.

— Conseguiu algo? — Indagou seu irmão ao vê-lo.

— Não, desgraçadamente não poderei interrogar ao condutor dentro de um par de dias.

Christopher viu que seu irmão tentava esconder sua frustração. Era um perito na hora de guardar seus sentimentos, mas sabia, com certeza, que Emma afetava-o muito mais do que demonstrava.

— Hoje mandei uma carta à lady Ostler. Irei visitá-la amanhã. Se há alguém que pode descobrir onde Emma trabalhou antes, essa pessoa é ela. — Afirmou Amélia com ar resoluto.

— Não contou nada a respeito de seu passado? — Perguntou lorde Bruce.

— Realmente nada. — Disse Sarah a seu tio tentando forçar a memória.

Darrows abriu a porta do salão e entrou com expressão um

pouco angustiada.

— Ocorre algo, Darrows? — Perguntou Christopher levantando uma sobrancelha.

— Sim, senhor, há uma dama que quer vê-lo. Diz que é a tia da senhorita Emma Greyson. Avisei que a hora não era...

Darrows retrocedeu um passo quando o olhar de Lucien se obscureceu. O mordomo não pôde fazer nada mais a não ser encolher-se ante o respeito que produziu esse olhar.

— Faça-a entrar.

— Sim, senhor.

Momentos depois, uma mulher formosa entrou na sala. Seus olhos de um azul cobalto continham uma fúria velada.

— Onde está minha sobrinha?

Christopher se levantou antes que Lucien a abordasse. Sabia que seu irmão estava alterado e a entrada intempestiva daquela dama, dura como o gelo, seria mais que suficiente para fazê-lo perder a paciência.

— Permita-me que nos apresente. Sou o Marquês de Stamford, meu irmão Lucien, Conde de Ashford, lady Amélia Bruce, sua sobrinha Sarah e lorde Alan Bruce, duque de Abercorn.

Francesca guardou silêncio, enquanto tinha lugar aquela atípica apresentação. A verdade era que não estava para normas sociais ainda mais quando sua sobrinha desaparecera, sem deixar rastro.

Quando a verdadeira senhorita Greyson chegou a Veneza e contou o plano que Emma tinha levado a cabo, quisera ter perto a sobrinha para poder estrangulá-la.

Encarregou-se da senhorita Greyson, instalou-a em sua casa e tomou medidas necessárias para que estivesse bem atendida por seu médico de confiança. A carta de Emma tinha sido direta e extremamente preocupante. A estadia na casa de seu pai tinha dado

como resultado sua fuga no meio da noite para não se ver obrigada a casar com um homem quatro vezes mais velho que ela. Francesca sabia que, com certeza, houvera mais. Greyson mencionara os hematomas que sua sobrinha tinha no queixo e que a maquiagem não ocultara completamente. Depois disso não pôde ficar de braços cruzados sem saber nada dela. Como saberia que seu plano de fazer-se passar por preceptora, durante um tempo na casa do Marquês de Stamford, ia ser bem sucedido? Quem garantiria que não se veria sozinha e sem um lugar aonde ir, com seu pai espreitando-a em cada esquina e impedindo a saída do país com sua contínua vigilância nos portos?

Assim preparou tudo e zarpou no primeiro navio rumo à Inglaterra. Sabia que Emma estava tratando de protegê-la ao não contar toda a verdade porque sentia medo de que fizessem algo a ela e isso era o cúmulo! Se esse canalha acreditava que ia manipular a sua sobrinha ameaçando a ela ou que ia obrigar Emma a destruir sua vida como fez com a de sua mãe, estava muito equivocado. A Francesca Buorini não derrotaria tão facilmente e menos ainda quando estava em jogo à vida de sua sobrinha, que era como sua própria filha.

Logo após chegar à costa inglesa depois de uma longa viagem cheia de angústia, alugou um coche e foi à residência do Marquês de Stamford perto de Bath. Quando chegou ali, apresentou-se como a tia da senhorita Emma Greyson para descobrir que a família estava em Londres e que a senhorita Greyson não viajara com eles. Aquele velho mordomo tinha elevado uma sobrancelha quando ela tentou interrogá-lo como se fosse o suspeito de algum crime. Entretanto, o homem não se alterou. Com ar solene comunicou que sua sobrinha tinha desaparecido deixando somente uma carta, dias antes que a família partisse. Que deixara a todos extremamente preocupados e que não podia dizer qual era o conteúdo da dita carta.

Depois daquilo, Francesca sentiu que o nó em seu estômago que

sentia desde que saiu de Veneza se apertava ainda mais, com um pressentimento inquietante. Assim não perdeu nem um minuto. Pediu o endereço da família em Londres e viajou durante o dia para procurar respostas. Eles deviam saber algo, porque se não fosse assim ficaria louca de preocupação. Confiava que Emma era uma mulher hábil, mas também sabia do que era capaz Andrew Bright, e isso era o que mais temor inspirava. Removeria céus e terra se fosse necessário para encontrar Emma. Inspirou profundamente. Sabia o que devia fazer. Tinha que se arriscar com essas pessoas, se quisesse encontrar Emma.

— Meu nome é Francesca Buorini, e Emma é minha sobrinha. Disseram-me que tinha trabalhado para vocês durante um tempo, mas quando fui a Cravencross seu mordomo informou que desapareceu sem mais nem menos.

— Sem mais nem menos, não. Deixou uma carta. – Disse Lucien, com um olhar felino que deixava entrever o esforço que fazia para esconder suas emoções.

— Na carta nos dizia que devia partir e que doía ter de nos deixar, e talvez ao se despedir de nós faríamos perguntas que não poderia responder. — Informou o Marquês de Stamford com seriedade.

— Sabe quais as perguntas, senhora Buorini? Porque nós só sabemos que um dia estava conosco animada e contente e no dia seguinte partiu, sem dizer nada a ninguém. — Disse Lucien apertando a mandíbula.

Francesca olhou às pessoas ali reunidas. Notara preocupação nos rostos. Devia tomar uma decisão e optou pela mais difícil.

— Vocês conhecem o Conde de Kensington? — Perguntou Francesca, enquanto todos a olhavam.

— Não muito bem. — Respondeu Christopher. — Não frequentamos os mesmos círculos, embora pessoalmente tenha que dizer que nunca me inspirou confiança.

Amélia assentiu com a cabeça não só pelas palavras de Christopher, mas sim porque já não havia dúvida de sua suspeita.

— É sua filha? – Perguntou, olhando Francesca diretamente nos olhos.

No rosto de Francesca pôde ver surpresa, mas só foi por alguns segundos.

— Do que estão falando? — Perguntaram Christopher e Lucien ao mesmo tempo.

— Como soube? — Perguntou Francesca a Amélia.

— Querida, sua sobrinha é a imagem viva de sua mãe, a quem tive o prazer de conhecer.

Nesse momento, enquanto pronunciava essas palavras, olhou de esguelha a seu irmão Alan, que parecia extremamente interessado na conversa.

— Não deve temer. Nós não temos relações com lorde Bright, que francamente sempre considerei um canalha.

Francesca pareceu duvidar por um momento, mas aqueles que a conheciam sabiam que sempre chegava até o fim quando tomava uma decisão. Sentou-se em uma das poltronas livres que havia perto do sofá e os olhou com ar decidido.

— Como já disse, meu nome é Francesca Buorini, e minha irmã se chamava Vittoria. Casou-se muito jovem com um Conde inglês, lorde Bright. Emma é sua filha.

— Está dizendo que Emma é a filha de um Conde? — Interrogou Sarah.

— Sim, exatamente.

Lucien sentia que estava a ponto de assassinar a alguém, dirigiu-se a Francesca com tom duro.

— E como diabo acabou trabalhando em nossa casa de preceptora? Era alguma espécie de jogo?

— Oxalá se tratasse disso.

— Terá que nos contar muito mais se quiser que acreditemos em algo do que está dizendo. — Disse o Marquês de Stamford, com o sobrecenho franzido.

— Se o fizer, estarei pondo a vida de Emma em suas mãos e isso é me pedir muito.

— Isto já não é uma petição. — Assinalou Lucien com um brilho perigoso nos olhos.

— Nós chegamos a ter um grande afeto por ela. — Disse Amélia para tentar aliviar a tensão que se instalou na sala.

— Não faríamos nada que pudesse prejudicá-la, ao contrário. O Marquês esteve procurando-a durante vários dias e o Conde de Ashford não descansou até encontrar alguma pista que nos possa dizer aonde foi. Creia, por favor, quando dizemos que queremos o melhor para ela e que faremos o que esteja ao nosso alcance para ajudá-la.

Lorde Bruce, que até então tinha permanecido calado, olhou a Francesca de uma maneira estranha e intensa.

— Prometo que ninguém fará mal à filha de Vittoria.

Francesca olhou lorde Bruce, tentando descobrir por que sua irmã não tinha contado nada a aquele homem. Reconheceu ao vê-lo. Não só pelo nome, mas também pelo rosto tão parecido ao pequeno retrato que Kate lhe confiou quando chegou com a pequena a Veneza.

— Muito bem. — Disse Francesca enquanto tentava ordenar a história em sua cabeça.

— O que vou lhes contar, não poderá jamais sair desta sala. É uma história pessoal e muito dolorosa, e que pertence a alguém muito querido para mim que desgraçadamente morreu há anos. A mãe de Emma, Vittoria, e eu ficamos órfãs muito jovens. Minha irmã sentiu a perda de uma maneira especial. Tornou-se uma jovem retraída e vulnerável e lorde Bright se aproveitou disso. Eu devia ter notado, mas

quando me dei conta já era muito tarde. Ele estava na Itália visitando uns amigos e ali a conheceu. Seduziu-a com falsas maneiras e cuidados, e Vittoria, tão carente de carinho, caiu em suas mãos como uma menina. Casaram-se e foram viver em Londres. Não sabia nada dela, só recebia esporádicas cartas nas quais me pedia que não fosse vê-la porque Andrew estava muito ocupado e não queria ter mais problemas com ele. Eu respeitei sua decisão muito a contragosto, porque pensava que sua felicidade estava acima de tudo. Alguns anos depois, sem prévio aviso, Kate, que era sua criada pessoal e uma criança se apresentaram em minha casa. Nem sequer sabia que tinha uma sobrinha. — Francesca teve que parar por alguns momentos já que ainda a emocionava recordar o rostinho de Emma, com seus belos olhos verdes olhando-a como se ela pudesse consertar tudo.

— Tome, beba um pouco. — Disse Lucien se aproximando com uma taça de conhaque.

— Sinto muito. — Soluçou Francesca.

— Não se desculpe querida. Nota-se que é algo doloroso para você. — Falou Amélia dando um tapinha em sua mão como um gesto de consolo.

— Obrigada. Como dizia, foi uma surpresa para mim e mais ainda quando Kate me contou por que estavam ali. A vida de minha irmã se tornou um inferno. Não demorou muito tempo para descobrir que o Conde de Kensington se casou com ela pelo dinheiro de sua herança. Mas a herança não durou muito e lorde Bright demonstrou o verdadeiro canalha que é. — Disse entre dentes tentando conter a fúria.

— Descobriu uma maneira mais fácil de conseguir dinheiro. Ameaçou matar minha irmã e a avisou que encontraria uma maneira de me ferir se não fizesse o que ele queria. Foi obrigada a flertar e seduzir determinados homens para obter informação política ou pessoal, que depois ele utilizava. Obrigava minha irmã a vender-se por essa

informação e, segundo Kate, isso quase a destruiu. Entretanto, durante esse tempo conheceu um homem pelo qual se apaixonou perdidamente.

Enquanto pronunciava essas palavras, seus olhos pousaram em lorde Bruce, que a olhava com perigosa intensidade.

— Entretanto, teve que renunciar a ele porque sabia que se lorde Bright descobrisse, poderia fazer algo, inclusive matar a esse homem e ela não podia suportar que ocorresse algo a ele por sua culpa. Semanas depois, descobriu que estava grávida. Lorde Bright sabia que não era o pai, mas isso não importava, enquanto pudesse continuar utilizando minha irmã para seus próprios fins. Além disso, o nascimento dessa criança foi sua arma definitiva para controlá-la. Quando Emma tinha cinco anos, já despontava como uma verdadeira beleza, minha irmã começou a temer que seu marido a utilizasse para os mesmos fins assim que chegasse a adolescência. Finalmente, o convenceu a mandá-la para ficar comigo durante alguns anos, dizendo-lhe que assim poderia dedicar-se exclusivamente a ele. Confiou sua filha a Kate e as mandou a Itália sabendo que, muito possivelmente, não voltaria nunca mais a vê-la. Ninguém sabia, mas naquela época minha irmã estava doente. Quando morreu, meses depois, eu pensei que lorde Bright reclamaria à menina, mas o tempo passou e não recebi notícias dele até poucos meses atrás. Passaram-se muitos anos e o fantasma desse crápula sobrevoou nossas vidas durante tanto tempo que acabou por fazer-se realidade. Kate foi atriz de teatro, ensinou a Emma tudo o que sabia e lhe contou a história tal como eu estou contando. Desde que era uma menina a preparamos para enfrentá-lo, se fosse necessário, rezando para que isso não chegasse a acontecer nunca. Viajou comigo por toda a Europa, aprendeu cinco idiomas, estudou tudo o que caía em suas mãos e, pelas minhas costas, aprendeu esgrima com o melhor professor de toda a Itália. Sempre foi uma menina inquieta e impulsiva que me fazia rir com suas ideias malucas. — Sorriu ao recordar.

— Sabem que uma vez se disfarçou de um Conde francês quando tinha quinze anos e se meteu em uma festa na Bélgica onde estava a flor e a nata da sociedade? Deus, ela pode ser bem imprevisível.

Seu sorriso desapareceu ao recordar o dia em que receberam a carta de lorde Bright intimando o retorno de Emma.

— O que ocorreu depois? — Perguntou Lucien com um tom de voz menos duro.

— Faz alguns meses recebemos uma carta. Nela lorde Bright ordenava que voltasse a Londres, dizia que já era hora de reunir-se com sua família e cumprisse com seu dever. Pelo amor de Deus! Ele sabe que não é seu pai, mas diante da lei é. Sabíamos que não podíamos nos negar, já que Emma estava ainda sob sua tutela, além disso, ela temia por mim. Assim me convenceu de que seria fácil. Que tinha um plano e que em menos de um mês estaria de volta em casa. E eu, que não podia fazer nada, quis acreditar.

— Qual era esse plano? — Perguntou de novo Lucien enquanto se inclinava ligeiramente para frente.

— Kate a ensinou a disfarçar-se, a criar um personagem, e francamente o faz muito bem. Uma anciã com acento alemão, um Conde francês amaneirado, uma professora madura e experiente..., a lista é longa. Assim decidiu que se seu pai a tinha chamado para usá-la como à sua mãe, este encontraria uma desagradável surpresa. Não soube o resultado da encenação até que uma inglesa chamada Emma Greyson chegou a minha porta. Trazia uma carta de Emma em que me explicava o que tinha acontecido. Parece que o Conde de Kensington não se importou muito com o aspecto desastroso de Emma, pois já a tinha prometido ao duque de Weston, que só tem interesse em produzir um herdeiro.

Lucien insultou entre dentes, enquanto pensava nesse velho

sem escrúpulos que tinha assassinado as duas esposas.

— Emma se negou, e lorde Bright a trancou depois de esbofeteá-la.

Lucien sentia vontade de matar o Conde de Kensington. Se fosse verdade que tinha posto um só dedo em cima de Emma teria que responder a ele.

— Não sei como, mas minha sobrinha conseguiu escapar. Decidiu ir à Escócia, onde vive nosso amigo. No caminho ficou em uma estalagem e por acaso conheceu outra hóspede.

— A senhorita Emma Greyson, não? — Exclamou Amélia, que tentava controlar a ideia que ia formando-se em sua cabeça de maneira mais firme, ao mesmo tempo em que Francesca ia contando sua história.

— Exato. Emma Greyson estava naquela estalagem, desesperada, sem saber o que fazer. Dirigia-se a sua casa, senhor Marquês, para trabalhar como preceptora. Mas guardava um segredo que em pouco tempo sairia à luz e que a faria perder seu posto, sua reputação e qualquer possibilidade de trabalho futuro.

— Estava grávida. — Afirmou Lucien como se não fosse óbvio.

— Assim é. — Confirmou Francesca.

— Quando minha sobrinha a conheceu teve uma ideia que poderia ajudar as duas. Enviou Greyson a Veneza com a metade do dinheiro que possuía. Sabia que eu já ajudara antes moças que se encontravam na mesma situação e ela assumiu seu posto como professora em sua casa. Isso era melhor que ir a Escócia sem saber se nosso amigo estava ali, e sem saber se seu pai estaria vigiando os caminhos como fez com os portos. Pensou que seria o esconderijo perfeito até que pudesse sair do país sem perigo.

— Mas se foi assim, por que nos deixar, por que fugir dessa maneira? — Perguntou Sarah confusa.

— Talvez pensasse que a tinham descoberto. — Opinou Francesca.

— Sim, mas você disse que veio disfarçada e todos que a viram em Londres não sabiam como sua aparência realmente era. Quando esteve conosco, depois dos primeiros dias, descobrimo-la sem o disfarce.

— O que quer dizer?

— Que descobrimos seu disfarce e depois disso não voltou a utilizá-lo.

— Então tinha mais razão. Se alguém que conheceu Vittoria a tivesse visto, não teria dúvidas em relacioná-las. Eram muito parecidas.

— Sim, só que Emma é ruiva e tem os olhos verdes. — Afirmou Amélia sentindo como seu irmão cravava o olhar nela de tal forma que sentiu como se fosse transpassá-la.

— Não acredito que tenha sido isso. — Falou Lucien com determinação. — O problema foi que vínhamos a Londres. Cada vez que alguém tocava no assunto ficava tensa e um medo que se apressava a ocultar refletia em seus olhos. Temia que em Londres alguém pudesse reconhecê-la, assim fugiu e veio à cidade, mas disfarçada de novo. Queria saber se continuavam procurando-a e que possibilidades tinha de poder sair do país.

— Vejo que conhece muito bem a minha sobrinha. — Argumentou Francesca entreabrindo os olhos.

— O suficiente para matá-la assim que caia em minhas mãos. — Lucien estava furioso. Foi enganado e, embora entendesse seus motivos, não podia esquecer que não tinha confiado nele apesar do ocorrido entre eles.

— O importante é encontrá-la o quanto antes. Só sabemos que está sozinha em Londres, disfarçada de quem sabe o que e com a sombra desse maníaco sobre suas costas. — Disse Alan Bruce com

rudeza.

— Vou ao porto para ver se alguém perguntou por algum navio que saia para Veneza. — Disse Francesca fazendo um gesto para levantar-se.

— Você não fará nada. — Afirmou Lucien em um tom que não admitia discussão alguma. — Eu me encarregarei disso e enquanto isso você ficará aqui.

— Eu não.

— Estará melhor conosco e assim poderá nos ajudar. — Incentivou Christopher usando um tom de voz mais suave.

— Concordo. — Disse Francesca, que começava a sentir o cansaço da viagem.

— Só uma pergunta mais. — Indagou lorde Bruce enquanto todos o olhavam. Você sabe o nome do pai de Emma?

— Sim. — Disse Francesca olhando-o com intensidade.

— Qual era o nome?

— O seu, milorde.

Após Francesca lhe dizer que ele era pai de uma jovem que nem sequer sabia que existia, sentiu muitas emoções juntas para poder assimilá-las nesse momento. Após o silêncio que se instalou na sala depois daquelas palavras, o som de sua voz retumbou como uma chicotada.

— Se for verdade que tenho uma filha terá que me responder muitas coisas. — Avisou olhando-a duramente.

— Talvez seja melhor que os deixemos a sós. — Sugeriu Christopher olhando Sarah e seu irmão.

Sarah se levantou imediatamente para abandonar o cômodo, mas Lucien não moveu nem um músculo. Seu olhar era duro como o aço e não admitia discussão alguma.

— Lucien. — Disse tocando o ombro.

Seu irmão o olhou deixando muito claro o que pensava. Não sairia daquele lugar enquanto o assunto fosse Emma.

Amélia o olhou com uma súplica nos olhos, enquanto com os lábios formou a palavra "depois". Isso pareceu convencer Lucien, que com relutância saiu atrás de Sarah e de seu irmão, fechando a porta atrás de si.

Agora que estavam sozinhos, o silêncio era entristecedor e a tensão flutuava no ambiente como se fosse névoa.

— O que quer saber? — Perguntou Francesca sabendo que aquele homem tinha todo o direito do mundo de estar zangado.

— Como sei que está dizendo a verdade, que essa jovem é minha filha?

Amélia tomou a mão de seu irmão e o olhou nos olhos.

— É a viva imagem de Vittoria, mas tem seus olhos verdes e o cabelo vermelho de nossa família. Eu não tenho nenhuma dúvida. Inclusive tem nosso temperamento. — Arrematou com um sorriso.

— Tem uma marca de nascimento. Minha irmã escreveu na carta que foi entregue a mim, dizia que é igual a que você tem no ombro esquerdo.

Alan sentiu que uma fúria incontrolável corria por suas veias.

— Por que Vittoria não me revelou o nascimento da criança?

— Não soube que estava grávida até depois do caso de vocês terminar. Ela o deixou porque tinha medo de que Andrew soubesse. Sabia do que era capaz esse homem. Quando descobriu que estava grávida decidiu não dizer a você, sabia que isso seria perigoso. Segundo a lei, o pai legítimo era lorde Bright. Podia lhe tirar à menina ou fazer algo pior se ela viesse a desagradá-lo. Kate me contou que minha irmã sofreu muito por isso. Sabia que você era pai de uma menina pequena e que, nesse momento, a essa menina só restara você, que já era viúvo. Não queria que Andrew suspeitasse da paternidade de Emma e depois o

prejudicasse. Esse homem sempre foi capaz de tudo.

— E depois que ela morreu, enquanto Emma vivia com você. Por que não fui informado?

— Na carta minha irmã suplicava meu silêncio. Nem sequer Emma sabe quem é seu verdadeiro pai. Só usa um medalhão. Um presente que você deu a minha irmã. Há um retrato dela e o escudo de sua família, milorde.

Alan recordou o dia que deu a ela de presente esse medalhão e uma faísca de tristeza nublou seus olhos por uns segundos. Tinha amado Vittoria intensamente. Ela o tinha salvado de cair no desespero por ter perdido a sua esposa. Ajudara-o a ver que a vida continuava e que não se honrava os seres queridos dando as costas à felicidade.

— Minha irmã o amou profundamente, lorde Bruce. Suas palavras não deixavam lugar a dúvidas. Ter Emma deu a ela força necessária para seguir. Kate me contou que para minha irmã era como ter um pedacinho de você com ela. Amava aos dois mais que a própria vida.

Alan engoliu com dificuldade, afetado por essas palavras. Sentia fúria diante do fato de não ter sua filha junto a ele, de ter perdido tantos anos sem saber dela, era uma emoção que o embargava por completo.

Nada pôde fazer para salvar sua filha Meredith, mas agora nada o impediria de proteger Emma desse canalha sem escrúpulos que era Andrew Bright.

— Se algo acontecer será culpa desse maldito, e juro que o mato. — Disse Alan apertando os punhos.

— Querido, creio que terá que entrar na fila. — Disse Amélia com um sorriso.

Francesca assentiu com a cabeça em total acordo.

— Nisso não há dúvida, milorde.

— Vejo que minha filha soube ganhar o carinho da família.

— É impossível não amá-la, Alan. É boa, generosa, doce e paciente, embora...

— Embora? — Indagou Alan levantando uma sobrancelha.

— Tem um gênio de mil demônios. — Afirmou Francesca levantando as mãos.

— Sim. — Disse Amélia, soltando uma risadinha.

— O Conde de Ashford pode dar fé disso.

Lorde Bruce arqueou uma sobrancelha em sinal de interrogação.

— Lucien? — Questionou com voz dura. Seu olhar intimidaria a qualquer homem, mas não a sua irmã, que o conhecia muito bem.

Apertou o braço de Alan querendo apaziguar o leão que libera as unhas em defesa de seu filhote, e isso ainda sem conhecer Emma.

— Sim, Alan, escutou muito bem, disse o Conde de Ashford.

— Há algo que eu deva saber? — Perguntou Francesca. — Minha sobrinha e esse tal Conde de Ashford, há...?

Amélia suspirou levantando as mãos, para deter a avalanche de perguntas que ambos pareciam dispostos a fazer.

— Só direi o que sei. Sei que ambos sentem algo um pelo outro. Isso qualquer um pode ver. Sei que Lucien é muito protetor com ela e desde que se conheceram não têm feito outra coisa que não seja discutir e buscar a companhia um do outro sem cessar.

— Meu Deus! — Exclamou Francesca. — Estão apaixonados!

— Isso é o que eu acredito.

Lorde Bruce se mexeu inquieto na poltrona para no final olhar Amélia. A dúvida refletia em seus olhos.

— Amélia, sabe que aprecio a Lucien, mas não é homem que se comprometa com nenhuma mulher. Sua reputação não deixa lugar a dúvidas. — Francesca franziu o sobrecenho.

— É um libertino? — Perguntou cada vez mais alterada. —

Temia que isso viesse a acontecer. — Disse finalmente com um toque de resignação.

— Não é um libertino. Só um pouco mulherengo, mas tem suas razões.

— Amélia... — Disse Alan olhando-a como se estivesse totalmente enganada.

— Não faça caso, Alan. Ele a ama. Ama-a mais do que se imagina.

Alan olhou a sua irmã por um longo momento, antes de assentir com a cabeça.

— De acordo, mas isso não é o que importa agora. Primeiro temos que encontrá-la e comprovar que está bem e a salvo. — Francesca negou com a cabeça.

— Isso será difícil. Minha sobrinha sabe esconder-se muito bem.

— E eu, minha senhora, sempre encontro o que procuro. — Sentenciou Alan, com o que ambas as mulheres sentiram que estavam mais próximas de encontrar Emma.



— Quando puser as mãos em cima dela vou trancá-la no quarto pelo resto da vida. — Ameaçou Lucien enquanto olhava através da janela da biblioteca. A rua estava deserta e só as luzes dos lampiões, apenas visíveis entre a névoa, deixavam ver a sombra de algum coche em sua corrida pela cidade.

Christopher olhou a seu irmão com uma faísca de humor nos olhos.

— Não acredito que isto seja considerado muito civilizado.

— Não me importa se é civilizado ou não.

— Jamais imaginei que o veria perder seus nervos de aço por uma mulher.

— Chris, não é uma mulher, é uma praga.

Christopher soltou uma gargalhada que fez seu irmão franzir o cenho.

— Deus, está apaixonado dos pés à cabeça!

— Não diga asneiras. O amor não tem nada que ver com isto.

— Ah não? Então é mais cego do que eu pensava, sabia? Quanto antes o aceitar, melhor.

— Aceitar o que, que amo uma mulher mentirosa, impulsiva, teimosa, metida e esperta como uma dor de dente? Não seja imbecil, pois claro que a amo! E isso está me enlouquecendo.

Chris soltou outra gargalhada desta vez mais forte e seu irmão o olhou com vontade de estrangulá-lo. Christopher desfrutava vendo como seu irmão perdia sua famosa compostura.

— Não tem graça, Chris.

— Eu acho que sim. Tanto falou que nunca se apaixonaria que isso era para os tolos e aqui estou; escutando-o falar de uma mulher pela qual baba sem poder ocultar.

Lucien o golpeou no braço, mas, seu irmão voltou a sorrir. Inquieto, Lucien se sentou na poltrona em frente a do irmão.

— Não sei onde está e sabemos que muitos homens a procuram a serviço de lorde Bright. Se ele lhe fizer algo, juro que não viverá um dia mais para contar.

Christopher olhou seu irmão agora sem nenhum traço de diversão em suas feições.

— Não se preocupe. Nós a encontraremos antes desse canalha.

Capítulo 24

Emma estava nervosa e não só por estar em um coche em plena madrugada por Londres, mas sim pela pessoa a quem ia ver. Escapuliu pela porta de trás da casa de Madame Vale, quando esta disse que não necessitava mais seus serviços por essa noite. Tinha tomado um coche e dera ao condutor o endereço da casa do Marquês de Stamford. O condutor a olhara com ironia e um sorriso torcido. Na verdade não podia culpá-lo. Com seu traje, ainda disfarçada como estava na casa, o homem pensaria que era uma lunática, porque se não fosse, como se explicava que uma mulher como aquela queria ir à casa de um Marquês em plena madrugada?

Quando chegaram, Emma o pagou e ele não esperou nem dois segundos antes de abandonar o lugar. Emma olhou a fachada daquela bela casa. Era impressionante. Vários degraus a separavam da porta de cor negra com uma aldrava de bronze. A fachada branca com duas colunas tornava-a elegante e majestosa. Algumas janelas iluminadas no piso inferior sugeriam que parte da família ainda não se recolhera. As mãos suavam quando bateu na porta. Escutou passos rápidos do outro lado antes que abrissem e o rosto um pouco assombrado de um mordomo aparecesse detrás da porta.

— Que deseja? — Perguntou com claro desdém.

— Desejo ver lorde Fitzpatrick de Clare.

— Não há nada que possamos fazer por você, e agora se for tão amável de partir... — Disse enquanto tentava fechar a porta de novo.

— Espere. — Empurrou Emma introduzindo seu corpo pela abertura da porta, com o que fez o mordomo cair para trás.

— Isto é ridículo. — Disse o mordomo zangado, enquanto se levantava e se aproximava dela para tirá-la dali. Estava claro que aquele homem não tinha intenção de informar a ninguém de sua chegada.

Estava convencido de que era uma vagabunda e Emma não estava disposta a ser jogada para fora sem antes cumprir seu propósito. Tirou a adaga de seu vestido e apontou para o mordomo. O pobre ficou pálido, e gaguejou com intenção de aplacá-la.

— Não saio daqui até que chame lorde Fitzpatrick de Clare, a não ser que queira me ver nervosa.

— C... Claro, S... Senhora.

— Emma?

— Mas que demônios...?

Emma abriu os olhos ao ver sua tia Francesca. Que fazia ali? E quem era esse homem que tinha amaldiçoado ao vê-la?

— Por Deus, Emma, deixe de ameaçar ao pobre Darrows se não quer que morra de susto. — Disse Amélia saindo de detrás desse homem. Adeus a sua intenção de passar discretamente. Sua tia a tinha descoberto debaixo do disfarce e agora não podia fazer nada para negar. Guardou a adaga antes de desculpar-se com o sobressaltado mordomo, que parecia espantado.

— Estivemos a sua procura por toda parte. — Falou sua tia enquanto a abraçava. — Onde esteve? Por que fugiu?

— Sim, jovenzinha, o que fez foi muito feio. Devia ter confiado em nós. — Ralhou Amélia.

— Não tive alternativa. Mas... Por que está aqui? — Perguntou a sua tia.

— Acho que seria melhor se déssemos a ela tempo para refrescar e trocar-se antes de obter algumas respostas. — Disse o homem imponente que não fazia mais que olhá-la fixamente, de uma maneira estranha.

— Sim, acredito que isso será o melhor.

— Certamente. — Falou uma voz masculina a suas costas. Era uma voz que ela conhecia muito bem e que fez suas pernas tremerem.

Seus olhos frios e duros a olhavam com fúria.

Lucien se aproximou dela lentamente até ficar a um metro de distância.

— Preciso falar com você. — Disse Emma tentando fazer sua voz soar clara e sem nenhuma emoção.

— E vai, disso não há dúvida.

Emma sentiu-se zangada, esse homem arrogante...

Ambos ficaram olhando-se em um silêncio quase insuportável.

— Quero-a aqui embaixo em quinze minutos.

— Virei quando tiver acabado de me trocar.

Uma risada proveniente do homem desconhecido fez Emma olhá-lo.

— Use o tempo que precisar. — Aparteou Christopher.

Emma não o tinha visto até esse momento.

— Obrigada. — Agradeceu com um sorriso.

Amélia acompanhou a Emma e a sua tia ao piso superior. Aquela noite ia ser muito longa. Nunca pensou que as coisas sairiam assim. Fora avisar Lucien e depois partiria, jamais imaginou que toda a família estaria de pé para lhe dar as boas-vindas.

Sarah saía de seu quarto quando viu as três mulheres no corredor.

— Mas quem é...? — Sarah ficou paralisada. Esses grandes olhos verdes só podiam pertencer a uma pessoa. Correu para ela e a abraçou até deixá-la quase sem respiração.

— Estava tão preocupada, e estou muito zangada com você. Como pôde nos deixar desse jeito e só com uma carta de despedida?

Sarah franzia o cenho, mas seu sorriso desmentia sua irritação.

As quatro entraram no quarto enquanto a bombardeavam de perguntas. E ali, com todas as perguntas e reprimendas das quais estava sendo alvo, só podia pensar em uma coisa: que a amavam, por

isso se preocupavam com ela. Isso a emocionou profundamente.

— Onde esteve? — Perguntou Amélia pela quarta vez.

— Em um bordel. — Respondeu Emma como se fosse nada.

Isso fez com que todas parassem abruptamente. Sarah deixou cair às toalhas que pegara para o banho de Emma, sua tia Francesca quase caíra da cadeira em que ia sentar e Amélia se segurou ao dossel da cama como se as pernas não pudessem sustentá-la. Três pares de olhos tão abertos a olhavam sem pestanejar.

— Emma Bright. — Avisou sua tia que parecia ter recuperado a voz. — Espero que isso tenha sido uma brincadeira.

— Não tia, não é uma brincadeira. Mas não como pensam, assim se tranquilizem.

— Tranquilizarmos? Diz que esteve em um bordel durante uma semana, pelo menos, e quer que nos acalmemos? Sarah vá procurar os sais.

— Esperem que explicarei isso, mas antes, por favor, eu gostaria de falar um momento com minha tia.

— Querida, sabemos de tudo. — Avisou Amélia levantando a sobrancelha esquerda.

Francesca assentiu com a cabeça.

— Não sabia nada de você, nem onde estava, nem se estava bem..., assim tive que tomar uma decisão.

Emma olhou aquelas três mulheres que expressavam no rosto toda sua preocupação.

— Está bem compreendo, sempre quis dizer a verdade — Afirmou Emma a Amélia e Sarah, que a olhavam atentamente. — Mas não podia e isso estava me martirizando por dentro. Sinto muito. Sinto haver mentido, mas...

— Não tem que dizer mais nada. — Disse Amélia com ar resoluto.

— Entendemos perfeitamente por que tomou essa atitude, embora não vou negar que nos doeu um pouco não ter confiado em nós. Não sabia se conhecíamos lorde Bright ou se tínhamos alguma relação com ele. Assim chega de desculpas e remorsos. O importante é que está aqui, conosco, e está bem, agora tome seu banho, porque depois terá que responder a todas as perguntas dos rapazes que a esperam lá embaixo. Depressa, estão impacientes por respostas.

— Agora que fala deles. Quem era aquele senhor imponente que estava com vocês?

Amélia trocou olhares com Francesca e ambas pareceram chegar a um acordo.

— É meu irmão, lorde Bruce. — Falou finalmente Amélia. — Veio passar uma temporada conosco.

— Era o pai de Meredith, não?

— Sim querida. — Confirmou Sarah com uma faísca de tristeza nos olhos.

— Esse tal Conde de Ashford parecia bem zangado com você. — Disse sua tia levantando uma sobrancelha.

Emma corou. Sua tia a conhecia muito bem e, embora tentasse contar uma mentira, seria impossível.

— Imagino que esteja zangado pelo modo como desapareci. — Argumentou tentando não olhar diretamente a nenhuma das senhoras presentes.

A água já estava na banheira, quente e apetecível, e Emma não queria continuar falando desse assunto. Sabia que teria de enfrentar Lucien quando descesse e o que menos precisava nesse momento era revelar a todas que estava loucamente apaixonada por ele.

— Pois me pereceu que sua raiva não se limitava somente pelo modo que desapareceu. — Argumentou sua tia, marcando as últimas palavras com certa ironia.

— Não sei do que esta falando. — Disse Emma, enquanto tirava as roupas do disfarce que a faziam parecer uma mulher roliça.

— Sua tia está querendo dizer que Lucien sente algo por você, então não diga que não sabe nada sobre o assunto.

Emma as olhou tentando expressar surpresa.

— Oh, não tente me enganar. — Ralhou Amélia cruzando os braços.

— E a mim tampouco, Emma, seus olhos não podem dissimular. Está apaixonada por esse homem, não é?

Emma olhou Sarah, que tentava não sorrir.

— Eu nem falei nada. — Riu ao ver como Emma franzia as sobrancelhas.

Emma se rendeu diante da força que constituíam essas três mulheres.

— A verdade é que não importa o que eu sinto.

— Oh, querida, claro que importa.

— Não, Amélia, não importa porque ambas sabemos como é Lucien.

— Eu sei como é, mas você não. Sabe por que tem essa atitude diante das mulheres e do compromisso?

Emma negou com a cabeça pensando que não sabia e nem queria que dissesse.

— Quando era muito jovem ele se apaixonou por uma mulher madura e experiente. Ela brincou com ele: fez uma aposta entre seus amigos. Tinha vários amantes e Lucien não sabia. Todos apostaram em quanto tempo levaria para Lucien entender que era o centro de um jogo, de um entretenimento para essa bruxa e seus amigos. Lucien não levou muito tempo para descobrir, não só os amantes, mas também a aposta, e planejou algo que essa harpia não esperava. Apresentou-se em sua casa e reclamou os lucros da aposta. Disse que tinha colocado seu

dinheiro, através de um agente, aos jogadores que apostaram em que seria ele a deixá-la. Nesse instante, comunicou que a abandonava para sempre. E reclamou seu dinheiro. Essa mulher se sentiu tão humilhada que foi falar com o pai de Lucien. Contou a ele uma série de mentiras maliciosas. Disse que seu filho tinha feito uma aposta sobre ela com seus amigos e que depois de seduzi-la a humilhou diante de todos. O Marquês de Stamford, em vez de questionar Lucien, acreditou na mulher e deu as costas a seu filho. Lucien ficou tão magoado que decidiu partir. Eles nunca se deram muito bem, pois Lucien sempre foi rebelde, não queria seguir o caminho que seu pai havia traçado para ele, mas aquilo os separou definitivamente.

Emma pôde imaginar o quanto ele sofreu. Era só um rapaz e descobriu que não só a mulher pela qual se apaixonou o enganara, mas também em consequência de suas mentiras tinha perdido a estima e o respeito de seu pai. Para alguém como Lucien, o fato de que seu pai acreditasse naquela mulher e não nele foi a pior das traições. Era normal que fosse precavido e desconfiado, além disso, sabia que durante todos esses anos fora do país só tinham reforçado essas qualidades. Agora entendia quando Amélia e todos que o conheciam, diziam que o jovem não se parecia em nada ao homem que retornou dez anos depois.

— Isso só reforça minha opinião, Amélia.

Amélia soltou um suspiro que expressava seu descontentamento.

— Está enganada. Sei que ele sente algo por você. Não parou de procurá-la. Esteve furioso e preocupado e, acredite, jamais o vi perder o controle dessa maneira. Entretanto, não vou insistir agora com isso. Tome um banho e se arrume. Direi a Darrows que prepare algo para você comer.

Emma sentia que as palavras de Amélia giravam em sua cabeça.

"esteve muito preocupado, não parou de procurá-la. Ele sente algo por você". Era muito perigoso acreditar que isso podia ser verdade, embora desejasse com toda sua alma, uma parte dela acreditava que era só um sonho. Além disso, não tinha tempo para pensar nisso, estava ali por algo muito mais importante.

— Tenho que pedir um favor. — Disse Emma, enquanto segurava a roupa que Sarah havia trazido.

— Preciso falar com Lucien a sós. É importante, algo que diz respeito a ele e preciso dizer-lhe o mais breve possível.

Amélia e Sarah se olharam franzindo o cenho.

— Aconteceu algo?

— Por favor, agora não me façam perguntas. Primeiro devo falar com ele.

— Está bem. — Falou Amélia. — Mas tenha certeza de que vou me inteirar do assunto.

Francesca soltou uma gargalhada antes de piscar para sua sobrinha.

— E você que pensava que eu era como um sargento.

— Tia, ao lado de Amélia até Napoleão é um santo.

— Ainda bem que sou surda, senão não teria alternativa que não fosse dar um bom puxão de orelhas, mas me alegro em tê-la aqui para ter isso em conta. Da próxima vez mocinha, não terá tanta sorte.

A contragosto, todas saíram do quarto e a deixaram com seu banho e muitas perguntas na cabeça.

Emma se olhou no espelho. O vestido que Sarah lhe tinha dado era um dos que deixara quando partiu. Era o azul marinho com mangas estreitas e decote meio pronunciado. Estreitava sobre seu busto mais generosamente do que ela teria desejado, mas reconhecia que, ao lado da roupa que usara durante os últimos dias, aquilo era uma bênção. Deixou o cabelo solto. Ainda não estava seco e a cabeça doía por usar

os prendedores e grampos dia e noite durante sua estada na casa de Madame Vale. Batidas na porta a avisaram de uma presença. Sabia que era Lucien. Amélia enviara a mensagem e, embora não fosse de bom tom que ele entrasse no quarto, o que tinha a lhe dizer antes de descer e encontrar-se com os outros era mais importante que convenções sociais.

Sentiu-o antes de vê-lo. Quando se virou, ele estava ali. Tinha fechado a porta e a olhava como se quisesse absorvê-la. Percorreu-a de cima abaixo em um exame tão exaustivo que não deixava lugar a nenhuma outra interpretação. Emma sentiu que corava por completo.

Sabia que estava furioso e notou que não tratava de ocultar. Não podia reprová-lo.

— Vejo que Amélia te disse que desejava falar com você a sós.

Lucien se apoiou no dossel da cama enquanto a olhava com dureza, o que fez Emma apertar a saia do vestido com a mão.

— Sim, e foi bastante misteriosa quanto a isso que é tão importante que tem para me dizer.

— Sei que está furioso.

— Seriamente? Acho que não faz ideia.

Emma engoliu em seco antes de continuar.

— Não espero que me perdoe,... Mas

— E? — Perguntou Lucien entre dentes.

— Vou contar por que vim e eu gostaria que me escutasse até o final antes de me expulsar ou estrangular, ou o que tenha em mente, e vejo que não é nada agradável. Parti de Cravencross porque não podia me expor em vir a Londres sendo eu mesma. Deveria ter confiado em você, mas, não pude, não fiz porque quis, mas sim por não saber como lhe contar sobre minha vida até aquele ponto.

— Mas não confiou.

— Não. Tive medo de que não acreditasse. Não sei. A verdade é

que quando cheguei a sua casa permaneceria só por algum tempo. Minha tia me disse que lhes contou tudo, assim não vou repetir a causa pela qual acabei me escondendo ali. Espero que não veja malícia em meus atos. O que importa é que, quando cheguei a Londres, ajudei a uma garota em apuros e em agradecimento me levou a sua casa. Essa casa, bem era o bordel de Madame Vale.

Um grunhido parecido ao rugido de um leão fez Emma dar um passo atrás. Lucien já não estava apoiado no dossel da cama, mas, a dois passos dela com as pernas abertas olhando-a com uma expressão que ela nem sequer queria decifrar.

— Antes quero que saiba, trabalhava lá tal e como me viu chegar. Madame Vale me deixou ser a ajudante das garotas. Esta noite vi meu pai chegar. Ele e outro homem chamado Lacroix, entraram em uma sala. Madame Vale os deixou ali. Eu sabia que ao lado havia uma saleta, que era utilizada como armazém, e que comunicava com esse cômodo. Senti curiosidade em escutar do que falariam e me escondi ali.

Nesse momento do relato, Emma olhou Lucien e se arrependeu de tê-lo feito. Tinha a mandíbula tão apertada que parecia que se faria em pedacinhos a qualquer momento.

— O importante é que os escutei falar de você e de seu sócio. Meu pai perguntou ao outro homem se já tinha tudo preparado e Lacroix respondeu que sua companhia se afundaria para sempre na sexta-feira.

Lucien estava fazendo um imenso esforço por conter-se. Quando Amélia disse que Emma queria vê-lo a sós, pensou que ela lhe explicaria a causa de sua fuga ou o motivo por não ter confiado nele, nunca teria imaginado tal relato. Esteve em um bordel exposta a quem sabe que perigos e depois se arriscou de uma maneira intolerável para descobrir o que tramava seu pai. Nesse momento tinha vontade de estrangulá-la por sua imprudência e por fazê-lo passar por um

autêntico calvário. Na verdade lhe dera uma informação muito valiosa, Richard e ele, jamais descobririam a armadilha antes de sexta-feira. Talvez ela tivesse salvado a sua vida, mas isso não mitigava a fúria que corria por suas veias ao imaginá-la escondida em uma sala, escutando uma conversa de homens que, se a descobrissem, não teriam nenhum escrúpulo.

— E o que fará depois de me contar tudo isso?

Emma sabia que o que ia dizer seria a gota que encheria o copo, mas ia ser sincera. Não queria mais mentiras entre eles.

— Vou partir. Em algumas semanas sairá um navio para Veneza e espero ir nele.

— É mesmo. — Disse Lucien com cinismo. — Então e o que aconteceu entre nós? Lembro-me que fizemos amor e você perdeu sua virgindade.

— Não precisa ser tão grosseiro. — Opinou Emma.

— Sinto muito, mas não posso descrever de outra maneira o que você parece encarar com tanta banalidade.

— Para mim foi muito importante. — Disse Emma carregada de emoção.

— E por isso pensava em fugir?

O tom sarcástico de sua pergunta fez Emma perder o controle.

— Não. Fui porque sabia que você não queria um compromisso e menos ainda com uma professora, e eu não suportaria estar perto de você sem...

Lucien foi até ela e a pegou pelos braços obrigando-a a olhá-lo.

— Sem...?

— O que importa agora?

— Importa e muito, Emma. Julgou-me e chegou a uma conclusão. Uma conclusão que, por certo, não me deixa em muito boa posição. Realmente acredita que sou assim?

Emma queria dizer que sim, mas algo em seu interior impedia. Desde que o conhecera nunca fez nada das coisas que o acusava. Talvez fosse cínico, mas ela vira outra faceta diferente. Tinha conhecido o irmão abnegado, o tio carinhoso, um homem terno e também apaixonado. Seria ela igual ao pai de Lucien? Em quem acreditar, nos outros ou no que seu coração dizia?

— Não, não acredito você seja. — Disse com os olhos carregados de lágrimas.

Lucien roçou sua bochecha com os dedos apagando os rastros de tristeza. Quando lhe levantou o rosto docemente para que o olhasse, Emma viu tanta ternura e desejo em seus olhos que não pôde evitar chorar novamente.

— É teimosa, Emma Bright, terrível e um autêntico vendaval e a amo por isso. É certo que nunca antes me imaginei dizendo estas palavras, mas também nunca me apaixonei. Nunca conheci a agonia de ter que viver sem a pessoa que necessito mais que o ar que respiro. Esta semana conheci esse sofrimento e digo a você que foi suficiente para toda uma vida. Não vou permitir que se afaste de mim nunca mais. Quero discutir contigo, rir contigo e fazer amor até que nossos corpos estejam exaustos. Quero estar dentro de você e me perder em sua doçura e despertar todas as manhãs contigo entre meus braços. E...

Emma tremia de alegria e emoção. Jamais imaginou que pudesse amar tanto a alguém e que essa pessoa corresponderia. Entretanto, não estava sonhando e todas as palavras de Lucien tinham sido gravadas a fogo no peito. Sentiu que as pernas apenas a sustentavam.

Pôs os dedos sobre os lábios de Lucien para que se calasse.

— Não penso ir a lugar nenhum. Não enquanto viver. – Disse, enquanto lhe rodeava o pescoço com os braços.

Lucien sorriu e o amor que desprendiam de seus olhos fez Emma se sentir a mulher mais bela do mundo.

— Sabe? — Replicou Lucien. — Acredito que me contagiei com a surdez de Amélia, não a escutei dizer que me ama profundamente, nem que sou o homem de seus sonhos, encantador, maravilhoso...

Emma soltou uma gargalhada que fez Lucien a olhar com intensidade. Jamais a vira tão formosa como nesse momento. Sentiu que as mãos tremiam ao abraçá-la.

— É um descarado, arrogante e teimoso, mas te amo mais que a minha vida.

Lucien a beijou. Toda a paixão se desatou em um instante, enquanto os dois tiravam do outro a loucura que os embargava. Lucien beijou sua boca com maestria até que os joelhos dela se dobraram. Então a estreitou mais contra ele, com um gemido rouco de satisfação. Emma o acariciou nas costas enquanto percebia a tensão em todos seus músculos, e desejou poder tirar a roupa e sentir a pele dele sobre a sua. Lucien interrompeu o beijo sem deixar de abraçá-la.

— Não há nada que deseje mais neste mundo que fazer amor neste momento, mas estão nos esperando e não acredito que Amélia tarde muito em subir para nos buscar.

Emma sorriu, apoiando a cabeça em seu peito. Sentia os batimentos do coração de Lucien tão rápidos como o próprio. Emma não pôde evitar recordar o que a levara ali a princípio.

— O que vai fazer com a informação que contei? — Perguntou.

Lucien viu o medo nos olhos dela e amaldiçoou lorde Bright entre dentes.

— Não deve preocupar-se. Tudo se arranjará.

— Não me trate como a uma menina pequena. Quero saber o que vai fazer. Não quero que lhe façam mal.

— Não me acontecerá nada. Disse para confiar em mim.

Apanharemos Lacroix antes que efetue o crime. E depois disso seu pai não terá escapatória. Não voltará a fazer mal a ninguém.

Capítulo 25

Quando desceram, esperava que todos estivessem na saleta, mas não foi assim. Só estavam Amélia e seu irmão, lorde Bruce, que a olhava de modo estranho. A ternura que havia em seus olhos fez que qualquer tipo de receio desaparecesse.

— Emma, venha, sente-se conosco. — Ofereceu Amélia com um sorriso trêmulo.

— Pensei que todos estariam aqui.

— Não querida, primeiro nós gostaríamos de falar com você sobre outro assunto.

— Minha irmã é distraída, esqueceu-se de nos apresentar. Sou Alan Bruce, e para mim é um prazer conhecê-la.

Emma esboçou um sorriso e lorde Bruce sentiu que uma grande suavidade se estendia por seu peito. Era a imagem de Vittoria, salvo os olhos e o cabelo, que eram iguais aos dele. Não havia dúvida de que era sua filha.

Alan Bruce estendeu a mão para estreitar a de Emma, e então ela empalideceu.

— Está bem, querida? — Perguntou Amélia preocupada.

Lorde Bruce ficou de pé para aproximar-se dela.

— Sente-se mal? Está pálida.

Emma não sabia o que dizer. Quando viu o anel de lorde Bruce reconheceu o escudo. Era o mesmo que levava em seu peito dentro do medalhão. O mesmo que, segundo sua mãe, pertencia a seu verdadeiro pai. Nesse momento desejou levantar-se e sair daquele cômodo, mas duvidava que as pernas a sustentassem. Então fez a única coisa que podia. Olhou-o diretamente nos olhos, uns olhos que eram iguais aos seus, e viu o que antes não havia compreendido. Essa sensação estranha, essa doçura. Estaria ali acaso por...? Fitou Amélia, cujos

olhos estavam um pouco umedecidos, e não houve dúvida. Levou as mãos ao pescoço e com lentidão desamarrou o medalhão. Abriu e mostrou-o a lorde Bruce que o pegou de sua mão e gentilmente tocou seu anel.

Amélia se levantou lentamente e lhe dando um beijo na bochecha saiu da saleta para deixá-los a sós.

— Jamais pensei que a vida me reservasse tão maravilhosa surpresa, mas só posso dizer que seria o homem mais feliz do mundo se pudesse chamá-la de filha.

Emma o olhou incapaz de conter por um momento a mais a emoção. Tinha perdido sua mãe e jamais tivera um pai, e agora ele estava ali, o homem com o qual sonhara por toda infância. Alguém sem rosto, mas que lhe dizia quanto a queria, que a escutaria e que sempre estaria ao seu lado. Assim o tinha imaginado e agora estava ali, a apenas um metro. Então fez o que tinha desejado fazer desde que era uma menina, jogou-se em seus braços e chorou entre eles.

Alan Bruce a abraçou com força, embora seus olhos o traíssem. Não pôde segurar as lágrimas de alegria que apareceram neles quando Emma procurou seus braços. Os dois tinham sofrido muito e necessitavam desse momento. Quando se recuperaram o suficiente para poder falar, fizeram-no durante um bom tempo. Riram e choraram juntos. Alan contou como conheceu Vittoria e o quanto a amou e que só há algumas horas descobrira o porquê ocultaram a paternidade. Contou-lhe como era sua filha Meredith e como sua vida pareceu acabar quando ela morreu. Emma estreitou a mão do pai ao compreender suas palavras. Contou-lhe como recordava a sua mãe, os anos vividos na Itália com sua tia e sua estadia na Inglaterra nessas últimas semanas. Quando acabaram, a luz da alvorada se filtrava pelas janelas da casa. Darrows se dirigiu a eles com supremo cuidado, sem deixar de olhar Emma com um pouco de receio.

— O Conde de Ashford pede que se reúnam a ele no escritório.

— Emma vá deitar-se, eu irei ver do que se trata. Está esgotada. — Afirmou seu pai franzindo o cenho.

— Estou bem, de verdade. — Respondeu com um sorriso.

— De acordo, mas não demoraremos muito.

Quando entraram no escritório, Lucien se aproximou deles. Olhou Emma com preocupação. Tinha sombras escuras sob os olhos devido ao cansaço.

— Vejo que se entenderam. — Disse a Emma, o que provocou nela um sorriso.

— Sei que isto é atípico, lorde Bruce, mas não podia esperar. Agora que Emma tem seu pai junto a ela, queria lhe pedir humildemente que me fizesse à honra de me conceder sua mão em matrimônio.

Lorde Bruce olhou a sua filha, e tomou sua mão.

— Aceita?

Emma olhou Lucien nos olhos, e viu como a tensão se apropriava dele à espera de sua resposta.

— Mais que tudo.

— Pois então só desejo a vocês a maior felicidade do mundo.

Lucien sorriu e estreitando a mão de seu futuro sogro, só pôde responder:

— Não esperava menos, milorde.

Nos dias seguintes ocorreram vários acontecimentos. Emma nunca havia sido tão feliz. Tinha consigo todos seus entes queridos, recuperara o seu pai, ia se casar com o homem ao qual amava e tinha encontrado uma nova família. As crianças a receberam com risadas e

prantos, e a pequena Lizzy estava como louca porque agora ia ser sua tia. Anthony não parava de fazer brincadeiras e Margareth se abraçou a ela com todas suas forças, falando durante horas sobre o fato de que sua mãe fora em realidade à irmã de Emma. Nesses dias tão felizes só houve algo que diminuiu sua alegria. Lucien e seu amigo Richard, com ajuda da polícia, detiveram Lacroix e este confessou.

Emma pôde relaxar, pois estivera aterrorizada diante da possibilidade de algo sair errado e Lucien acabar ferido. Parecia que tudo transcorrera bem até aquela manhã, Lucien chegou com o rosto tenso, com um olhar estranho. Emma soube imediatamente que algo ruim tinha ocorrido. Lucien a fez entrar na biblioteca e sentar no sofá.

— O que acontece? — Perguntou Emma nervosa.

— É sobre seu pai.

— Alan? O que aconteceu? — Perguntou sentindo que tremiam as mãos. Tinha-o visto de manhã cedo. Saíra para fazer umas compras.

— Não, Emma, Alan não, lorde Bright. Ele se suicidou ontem à noite.

Emma não sentiu dor, só um enorme vazio. Algumas lágrimas apareceram em seus olhos sem poder evitar.

— Emma, meu amor. — Disse Lucien enquanto a embalava entre seus braços.

— Não consigo sentir nada por ele, Lucien, e isso é horrível.

— Não carinho, isso é o que ele buscou.



— Bem irmão, se continuar com essa cara, ninguém se atreverá a aproximar-se de Emma mais de dois metros.

— Isso é o que pretendo. Não sabem que está comprometida?

Chris soltou uma gargalhada ao ver a expressão de Lucien.

Faltava uma semana para as bodas e seu irmão parecia cada vez mais impaciente. Tinham ido a três bailes e em todos ocorria o mesmo. Emma tinha deslumbrado à sociedade e aos cavalheiros, que a abordavam a cada passo. Chris tivera que segurar Lucien algumas vezes para que não provocasse um olho roxo em mais de um.

— Não sei onde acha tanta graça. Afinal, vejo Sarah também com sua legião de admiradores.

Chris apagou o sorriso do rosto.

— Não sei do que está falando. Supõe-se que para isso viemos. Para que Sarah desfrute da temporada e da possibilidade de fazer um bom matrimônio.

— Sabe o que disse outro dia a Emma?

— Não, e não me interessa.

— Pois deveria. É meu irmão e te quero muito bem, mas é teimoso. Sarah vai render-se, Chris. Vai fazer exatamente o que você queria que fizesse, procurar um marido, e sabe por quê? Porque está apaixonada por um imbecil que prefere deixá-la partir antes de admitir que a ama.

— Deveria te dar um murro por isso.

— De acordo, mas depois que resolva essa situação, e agora se me desculpar vou resgatar a minha prometida das garras desses cretinos.

Chris viu seu irmão afastar-se, enquanto pensava no que havia dito. Durante sua enfermidade tivera a oportunidade de pensar em muitas coisas e uma delas tinha sido em quão efêmera era a vida e como era difícil encontrar a felicidade. Ele tinha sido muito afortunado, tinha encontrado Meredith e a tinha amado com toda sua alma. Entretanto, ali estava: tentando rebelar-se contra seu maltratado coração. Este o tinha traído deixando entrar mais alguém, quando pensou que jamais poderia voltar a amar. Sarah entrara em sua vida,

em seu coração e em sua cabeça, e agora Lucien dizia que ela também o amava e que ia render-se. Jamais! Mesmo que ele tivesse de ir ao inferno para detê-la.



Sarah estava cansada de dançar e de fingir que tudo ia bem. Dissera a Emma que ia esquecer Christopher e tentar se interessar por outro homem, fora uma desculpa. Já tinha pensado no que fazer. Iria à Escócia com seu tio quando este voltasse depois das bodas de Emma. Amava muito Chris para tirá-lo de seu coração em apenas duas semanas. Olhou Emma, que nesse momento estava dançando com Lucien. Estava resplandecente com seu vestido turquesa e o cabelo que caía pelas costas. Lucien a olhava com paixão, e com a promessa de algo que ela não sabia identificar, mas que desejava encontrar algum dia nos olhos do homem que amasse. Via-os tão apaixonados que uma pontada de dor atravessou seu peito. Alegrava-se por eles, mais do que podia expressar, mas não podia evitar sentir que jamais conseguiria encontrar aquilo.

Sentia o ar muito carregado e decidiu sair para o terraço. O ar fresco da noite lhe roçou as bochechas e a tranquilizou. O aroma das rosas do parque de lady Kenton, famosa por seus jardins, mesclava-se com o ar da noite e fazia seus olhos se fecharem para poder aguçar os sentidos.

— Está uma noite linda, não acha?

A voz de Christopher ressoou em seus ouvidos e todo seu corpo reagiu a ela. Ao girar o viu aproximar-se com passos decididos.

— Sim, é perfeita.

— O que faz aqui fora? Está bem? — Perguntou ficando ao seu lado.

— Sim, perfeitamente. O ambiente no salão estava muito carregado e queria sentir um pouco de ar fresco.

— Esta noite você está maravilhosa.

Sarah sentiu um buraco no estômago ao escutar suas palavras. Tinha visto um brilho de admiração em seus olhos quando dissera ou sua imaginação estava de brincadeira?

— Obrigada. Você também está muito elegante. — Disse Sarah enquanto as faces se tingiam de vermelho.

Chris sorriu diante de tal amostra de inocência. Esse rubor o estava deixando louco.

— Tem todo seu cartão ocupado?

— Como? — Perguntou Sarah aturdida. Christopher a estava olhando como se quisesse..., não Por Deus, tinha que deixar de fantasiar de uma vez.

— Seu cartão de baile, está completo?

— Sim, agora tenho uma valsa com o coronel Frend.

— Pois acho que isso não será possível.

— Por quê?

— Porque a música já começou e o Coronel terá que encontrar outro par.

— Não acredito, se entrar agora... — Disse enquanto tentava passar ao seu lado.

Christopher a pegou antes que desse um passo e a segurou entre seus braços. Sarah abriu os olhos espantados e ele sorriu. Quando baixou a cabeça para beijá-la, Sarah o parou.

— Vai me beijar?

— Pois a verdade é que sim.

— Por quê?

— Porque desejo fazer isso há muito tempo.

— Não pode! — Exclamou Sarah nervosa.

— Sério? — Perguntou franzindo o cenho.

— Por que...

— Sarah. Fui um imbecil em não admitir o que sabia há muito tempo, estou apaixonado por você. Não diga que não sente o mesmo, embora mereça bem tal castigo. Espero que perdoe minha estupidez e me dê à oportunidade de te fazer feliz.

Sarah estava tentando não chorar, mas isso era quase impossível. Tinha esperado tanto escutar essas palavras que não ia deixar que aquilo se dissolvesse como um sonho.

— Chris.

— O que?

— Já pode me beijar. — Disse enquanto um sorriso iluminava seus olhos.

Chris soltou uma gargalhada.

— Isso é uma ordem?

— É um desejo.



As bodas foram celebradas em uma sexta-feira pela manhã na capela da família em Cravencross. Para cerimônia foram convidados somente os amigos íntimos. Richard, Amélia, Sarah e Chris, que se comprometeram a se casar um mês depois. Tia Francesca, com um lenço na mão para secar as lágrimas que dizia não ter, as crianças, que não pararam de rir e pular, e sua querida Kate, impossibilitada de viajar, enviara uma afetuosa carta.

Alan a acompanhou até o altar, não sem antes beijá-la, dizer quanto a amava e desejar toda a felicidade do mundo. Emma pensou que não podia ser mais feliz. Estava rodeada de toda sua família, de todos aqueles a quem amava, no dia mais feliz de sua vida.

Lucien segurou sua mão durante toda a cerimônia, roubando olhares cheios de promessas de uma noite inesquecível, o que fez Emma tremer por dentro. Estava imponente e extremamente atraente. Com calça cinza e jaqueta negra, estava mais elegante que nunca. Uma mecha dourada caía sobre a fronte, e Emma ansiava enredar seus dedos nela. Seus olhos, negros como a noite, olhavam-na com tanto amor que Emma pensou que morreria de felicidade.

Lucien não podia deixar de olhá-la. Desde que a viu entrar na capela ficou sem respiração pensando que era a mulher mais formosa que tinha visto. Estava preciosa com o vestido verde e o cabelo solto que caía pelas costas até a cintura. Necessitaria de toda sua força de vontade para suportar não tocá-la até a noite.

Depois chegou o banquete, e nele Emma teve ocasião de falar com sua tia.

— Estou muito feliz, Emma.

— Sei tia. — Disse abraçando-a com carinho.

— Oxalá sua mãe pudesse vê-la neste dia, mas sei que de onde esteja, celebrará sua felicidade.

Os olhos Emma encheram de lágrimas ante suas palavras.

— Ficará mais um tempo, não?

— Querida, devo voltar. Tenho obrigações e sinto falta de Ângelo. Acredito que é hora de aceitar sua oferta e me casar com ele.

Emma gritou de alegria. Sempre tinha querido muito a Ângelo e sabia que faria sua tia muito feliz.

— Espero que você vá visitar-me. Sentirei terrivelmente sua falta. — Disse enquanto procurava outra vez seu lenço.

Emma a beijou na bochecha enquanto dizia o quanto a amava. Ela também sentiria muito sua falta afinal sua tia fora sua segunda mãe.

Lucien desatou o cordão do corpete, enquanto Emma rodeava seu pescoço com os braços. Estavam por fim no quarto e sozinhos, depois de uma tarde cheia de intensos olhares e promessas sussurradas ao ouvido.

— Desta vez vamos muito devagar. — Avisou Lucien, enquanto a beijava no pescoço e a fazia estremecer.

— Não sei se poderei. — Gemeu Emma apenas em um sussurro.

— Que coisa?

— Ir devagar.

Lucien soltou uma gargalhada que a fez franzir o cenho.

— Acha engraçado?

— Não, meu amor é que tenho sorte de ter uma mulher tão apaixonada. Mas desta vez confie em mim.

Lucien a despiu pouco a pouco e Emma continha o ar cada vez que os dedos dele lhe roçavam a pele. Quando estava completamente nua, Lucien a levou até a cama e a deitou sobre os lençóis enquanto a olhava com intensidade.

— É preciosa. Realmente vai me enlouquecer. — Disse enquanto tirava a calça e deixava descoberta sua ereção.

Emma conteve a respiração admirando seu marido. Seu corpo era perfeito. Os músculos bem formados delineavam seu corpo como se de uma escultura se tratasse, e seu sexo grande e duro despertava sua curiosidade além do possível. E era todo dela.

— Se continuar me olhando assim, acabará com todo meu controle. — Avisou Lucien com um sorriso.

E Emma gostou de escutar aquilo. Saber que era capaz de provocar essa reação nele a fez sentir-se especial, maravilhosamente

bem.

Lucien se deitou a seu lado. Beijou-a com suavidade, enquanto a acariciava lentamente, abaixando sem pressa até seus seios, tomou um deles na boca para lambê-lo, passando a língua ao redor do mamilo até que Emma se arqueou contra ele em um intento de que o tomasse por completo na boca. Depois foi baixando, deixando uma trilha de beijos sobre seu ventre até o centro de sua feminilidade. Emma se sobressaltou quando compreendeu o que Lucien pretendia, mas ele não a deixou opor-se. A instigou a abrir-se para ele e a saboreou como se fosse um manjar. Acariciou-a com a língua fazendo coisas que Emma jamais imaginou que fossem possíveis. Quando pensou que não poderia suportar mais, uma onda de prazer a fez delirar. Lucien afogou seu grito beijando-a, tragando a exclamação de prazer que Emma não pôde conter. Quando os tremores que sacudiam seu corpo foram cedendo olhou Lucien, que estava entre suas pernas olhando-a com o mesmo fogo que tinha deslocado por suas veias. Penetrou-a com uma investida, dura e deliciosa, que a fez gemer novamente e cravar as unhas nas suas costas em um intento de conter essa maravilhosa agonia que voltava a nascer em seu ventre. Lucien a beijou, devorando sua boca ao mesmo tempo em que entrava e saía dela lentamente até fazê-la quase suplicar. Emma se aferrou a ele rodeando-o com as pernas, desesperada para mantê-lo em seu interior. Lucien começou a penetrá-la mais depressa e com cada investida Emma acreditava morrer. Baixou as mãos até as nádegas dele e apertou seus bem formados músculos para incitá-lo a ir mais depressa ainda. Saía ao encontro de cada investida com os quadris, o que fazia Lucien grunhir de prazer. Só quando Emma gritou seu nome, Lucien permitiu sua própria satisfação. Penetrando-a uma última vez, derramou-se dentro dela e ficou inerte entre seus braços.

Emma o segurou entre eles, saciada pelo imenso prazer que sentiu. Era a experiência mais gloriosa que tinha experimentado.

Lucien se afastou para um lado levando Emma consigo, para embalá-la entre seus braços. Jamais experimentara algo parecido. Tinha acreditado morrer de prazer, com a entrega absoluta e incondicional dela ficara emocionado mais que tudo no mundo. Jamais pensou que a felicidade pudesse ser tão completa.

— Foi maravilhoso. — Disse Emma enquanto acariciava seu peito. — Quando era vir..., bem já sabe, jamais imaginei que pudesse ser tão bom. Entretanto, aquela primeira vez contigo foi... Mas agora foi espetacular.

Lucien soltou uma risada que fez Emma o olhar com uma careta nos lábios.

— Não me olhe assim, pequena. É que eu pensava o mesmo, e isso é só o começo da noite.

Emma se ergueu sobre seus braços para olhá-lo com incredulidade.

— Isso significa que podemos repetir?

— Se deixar me recuperar um momento, sim, não só podemos como o faremos. Estive estas semanas desejando tanto isto que, minha senhora, não vou deixar que abandone esta cama até que sacie por completo os apetites desse seu luxurioso marido.

Emma sorriu com malicia.

— Bem, o sacerdote disse nas horas boas e nas más, assim terei que me resignar e ser uma boa esposa.

— Pequena bruxa. — Arreliou Lucien enquanto a beijava de novo com infinito ardor.

Depois de caírem exaustos pela segunda vez, Lucien a abraçou enquanto escutava as palavras mais elogiosas sussurradas em seu ouvido.

— Amo-te. — Murmurou Emma enquanto adormecia.

Lucien se assombrou ao sentir os olhos úmidos. O amor lhe dera

as costas durante muito tempo, pensou que não existia para ele até que uma preceptora, uma dama com um disfarce, entrou em sua vida e roubou aquilo que ele mais vigiara: seu coração. Agora dava graças a Deus por isso, por lhe dar o maior presente do mundo: o amor de Emma.

Do navio se via desaparecer a costa da Inglaterra enquanto o sol suspenso no horizonte se mostrava preguiçoso em sua retirada. Emma fechou os olhos recordando o dia em que vira essa mesma costa há meses atrás, incapaz de imaginar que pudessem acontecer tantas coisas. Conhecera seu pai. Um pai carinhoso que a queria a seu lado, que queria saber tudo sobre ela e quase de forma imperiosa a fez prometer que o visitariam na Escócia. Emma sorriu ao recordar esse momento.

Tinha uma nova família que a recebera de braços abertos. Amélia tinha chorado às escondidas no dia de seu casamento, abraçara-a forte e lhe havia dito o quão feliz era desde que entrara em suas vidas, e tudo isso com uma surpreendente recuperação auditiva. Ambas riram enquanto Amélia a fez prometer que não contaria a ninguém, durante muitos anos fora muito útil fingir essa surdez, sobretudo quando não queria escutar alguma conversa.

Depois havia Sarah, uma verdadeira amiga, e Christopher, que agora era também seu irmão. Desejava a eles toda a felicidade do mundo, ou pelo menos, a mesma que ela sentia naquele momento. E por último, as crianças, que se apropriaram de seu coração para sempre.

— No que está pensando?

Emma olhou a seu marido e sentiu que todo seu corpo estremecia. Jamais imaginou que pudesse sentir tanto amor. A princípio aquilo a tinha assustado, mas agora era uma força que desconhecia até então. Com ele a seu lado sentia que nada de mal podia acontecer, e que se o destino quisesse derrubá-los, juntos poderiam enfrentar tudo.

— Estava pensando em minha nova família e em você. — Falou

enquanto esboçava um pequeno sorriso.

Lucien a olhou nos olhos com uma intensidade que aprendera a reconhecer e a ansiar. Rodeou-a com seus braços e a apoiou contra seu corpo, enquanto ambos viam desaparecer a costa da Inglaterra. Começava sua lua de mel, que os levaria por vários países do continente para depois terminar em Veneza, bem a tempo para assistir ao casamento de sua tia Francesca.

— Sabe? — Disse Emma. — Quando o conheci pensei que era arrogante, presunçoso, ardiloso.

— Querida, ficou clara qual era sua opinião sobre mim. — Disse Lucien levantando uma sobrancelha, um gesto que Emma adorava.

Ela riu abertamente, o que fez Lucien a estreitar ainda mais entre seus braços.

— Sinto te dizer, mas, embora continue pensando assim, já não tem escapatória, senhora Fitzpatrick de Clare.

Emma rodeou o pescoço de Lucien com os braços enquanto olhava fixamente seus profundos olhos negros.

— Não há nenhum lugar no mundo onde deseje estar mais que aqui em seus braços. E, embora continue sendo um arrogante e presunçoso ardiloso, também é o homem mais generoso, nobre, atraente e maravilhoso que conheci em minha vida e o amo.

Lucien sentiu que nada do que vivera era tão importante como aquele momento. Essas palavras ditas com tanta paixão por Emma o faziam sentir-se mais vivo que nunca e imensamente feliz. Um amor que acreditava que ele jamais poderia sentir, mas com o que agora já não poderia viver se o arrebatassem. Amaria a sua esposa mais que a sua vida.

Emma viu no olhar dele o desejo que a devorava também por dentro.

Lucien a puxou para dirigir-se ao camarote quando Emma viu a

bolsa que estava a seu lado, e recordou porque tinha subido ali uns momentos antes.

— Lucien, espera.

Lucien se deteve frente a ela olhando-a nos olhos com preocupação.

— O que foi? — Disse brandamente.

Emma segurou sua mão, entrelaçando seus dedos com os dele.

— Ainda fica uma última coisa a fazer.

Sem dizer mais, procurou a bolsa, abriu-a e tirou seu vestido de preceptora e suas maquiagens.

— Seu disfarce. — Falou Lucien.

— Sim. — Respondeu Emma apertando ainda mais sua mão. — Durante toda minha vida necessitei usar um disfarce, até que você me descobriu. Fez-me enfrentar meus medos e a meus sentimentos. Deu-me o maior presente que jamais alguém deu. Fez-me saber quem sou eu. Jamais voltarei a usar isto. — Afirmou.

Jogou no mar aquele traje que lhe servira de escudo durante a maior parte de sua vida.

— Minha adorada e linda professora, minha muito amada velhinha, cada uma delas é minha esposa, que amo profundamente. — Afirmou Lucien enquanto a beijava com ardor.

— Acha que me vai gostar de me ter sem disfarces? — Questionou Emma com um sorriso nos lábios.

— A mim, agrada quando não usa nada. — Murmurou Lucien com ar malicioso.

— Continua sendo um presunçoso.

E antes que pudesse continuar, Lucien beijou seus lábios para sossegar desse modo os protestos da única mulher que tinha conquistado seu coração e roubado sua alma. Uma dama sem disfarces.

Fim

Josephine Lis *Um Disfarce para uma Dama*


Pegasus Lançamentos
Grupo Bate-papo
PL